

O. BILAC e M. BOMFIM



*Pratica da lingua portugueza*



# Atravez do Brazil

(NARRATIVA)

Livro de leitura para o curso medio das  
Escolas Primarias



ALVES & C<sup>la</sup>

NEIRO

VIDOR, 166

— 242, RUA AUREA, 1<sup>o</sup>

— HORIZONTE

— RUA, 1055

AILLAUD, ALVES & C<sup>la</sup>

PARIS

96, BOULEVARD MONTPARNASSE

SÃO PAULO

65, RUA LE S. BENTO, 65

**Atravez do Brazil**

Pratica da Lingua Portugueza

# Atravez do Brazil

(Narrativa)

Livro de Leitura para o curso medio  
das Escolas Primarias

POR

O. BILAC e M. BOMFIM



FRANCISCO ALVES & Cia	AILLAUD, ALVES & Cia
RIO DE JANEIRO	PARIS
166, RUA DO OUVIDOR, 166	96, BOULEVARD MONTPARNASSE
LISBOA. — 242, RUA AUREA, 1°	
BELLO HORIZONTE	SÃO PAULO
1055, RUA DA BAHIA, 1055	65, RUA DE S. BENTO, 65

1910

V.L.A.  
29/7/46

## ADVERTENCIA E EXPLICAÇÃO

---

Compuzemos este livro de leitura para o curso medio das Escolas Primarias do Brazil, afim de que elle seja o unico livro destinado ás classes d'esse curso; tal é, de facto, a indicação pedagogica seguida hoje : ás primeiras classes do ensino primario não deve ser dado outro livro além do livro de leitura.

Acreditamos que o conjunto d'estas paginas — *Atravez do Brazil* — corresponde a essa exigencia ou formula pedagogica.

Entretanto, este livro é uma simples narrativa, acompanhada dos scenarios e costumes mais distinctivos da vida brazileira; e, em verdade, a Escola Primaria deve ensinar muito mais do que o que aqui se contém, e muito mais do que o que se possa conter em qualquer livro de leitura. Quando a Pedagogia recommenda que as classes primarias elementares não tenham outro livro além do de leitura, não quer dizer com isso que nesse livro unico se incluam todas as noções e conhecimentos que a criança deve adquirir. Fôra absurdo e impossivel. Desde a primeira classe elementar, ha-de a criança aprender, além da leitura e da escripta, a grammatica e a pratica da lingua vernacula, noções de geographia e de historia, calculo, systema dos pezos e

medidas, lições de cousas — isto é: elementos de sciencias physicas e naturaes, e preceitos de hygiene. Como resumir tudo isso em um pequeno volume, em um simples livro de leitura, que deve ser accessivel á intelligencia infantil, e onde, por conseguinte, não será possível reduzir os ensinamentos e conhecimentos a simples formulas syntheticas e abstractas ?

E' um erro compôr o livro de leitura — o livro unico — segundo o molde das encyclopedias. Infelizmente, esse erro se tem repetido em diversas producções destinadas ao ensino, e que são verdadeiros amontoados didacticos, sem unidade e sem nexos, atravez de cujas paginas insipidas se desorienta e perde a intelligencia da criança: regras de grammatica misturadas com regras de bem viver e regras de arithmetica, noções de geographia e apontamentos de zootechnia, descripções botanicas e quadros historicos, formando um todo disparatado, sem plano, sem pensamento director, que sirvam de harmonia e base geral para a universalidade dos conhecimentos que a Escola deve ministrar. Como fonte de conhecimentos, a verdadeira encyclopedia do alumno nas classes elementares é o professor. *E' elle quem ensina*, é elle quem principalmente deve levar a criança a aprender por si mesma, isto é: a pôr em contribuição todas as suas energias e capacidades naturaes, de modo a adquirir os conhecimentos mediante um esforço proprio.

Segundo este modo de entender o ensino, o nosso livro de leitura offerece bastantes motivos, ensejos, oportunidades, conyeniencias e assumptos, para que o professor possa dar todas as lições, sugerir

todas as noções e desenvolver todos os exercicios escolares, para boa instrucção intellectual de seus alumnos do curso medio, de accordo com os programmas actuaes e com quaesquer outros que se organizem com a moderna orientação da Pedagogia.

Completaremos esta explicação mostrando como se podem tirar d'estas paginas ensejos e motivos para diversas lições.

• •

Convém notar, porém, e lealmente o declaramos: se este livro de leitura fosse apenas o desenvolvimento de uma narrativa, offerecendo motivos para differentes lições do programma, elle não preencheria devidamente os seus fins, e não chegaria a ser um bom livro de classe. Além de servir de oportunidade para que o professor possa realizar as suas lições, o livro de leitura deve conter em si mesmo uma grande lição. E acreditamos que isso se dá com o nosso trabalho. Estamos certos que a criança, com a sua simples leitura, já lucrará alguma cousa: aprenderá a conhecer um pouco o Brazil; terá uma visão, a um tempo geral e concreta, da vida brazileira, — as suas gentes, os seus costumes, as suas paizagens, os seus aspectos distinctivos. E por isso escolhemos como scenario principal as terras do São Francisco, — o grande rio essencialmente, unicamente brazileiro.

E tambem quizemos que este livro fosse uma grande lição de energia, em grandes lances de affecto. Suscitar a coragem, harmonizar os esforços, e cultivar a bondade, — eis a formula da educação humana. Os heroes principaes d'estas simples aventuras, não os apresentamos, está claro, para que

sejam imitados em tudo, mas para que sejam amados e admirados no que representam de generoso e nobre os estímulos que os impelleram, nos diversos transe por que passaram. Não se pode influir eficazmente sobre o espirito da criança e captar-lhe a atenção, sem lhe falar ao sentimento. Foi por isso que demos ao nosso livro um caracter episodico, um tom dramatico — para despertar o interesse do alumno e lhe conquistar o coração. A Vida é acção, é movimento, é drama. Não deviamos apresentar o Brazil aos nossos pequenos leitores, mostrando-lhes aspectos immotos, apagados, mortos. E quizemos ser sinceros e leaes : por isto, descrevemos cousas e scenas, que talvez pareçam crueis. São reprovaveis, sim ; e para que sejam reprovadas, sinceramente as apresentámos. O professor, de intelligencia culta e de coração bom e justo, saberá mostrar e accentuar o que ha de triste e condemnavel nesses costumes, a fim de que as crianças os abominem.

Preferimos destinar os primeiros capitulos do livro ao desenvolvimento dramatico, deixando mais para o fim a successão dos scenarios ; sendo sempre a narração mais captivante para o espirito infantil, a atenção da criança começa desde logo a prender-se á leitura, e passa depois a aceitar facilmente as descripções, e a segui-las com interesse ; ao passo que, se começassemos amontoando descripções, cançariamos inutilmente o animo do pequeno leitor.

Justamente porque procurámos apenas um pretexto para apresentar a realidade, preferimos

illustrar este livro sómente com photographias; se ha nestas paginas alguma fantasia, ella serve unicamente para harmonizar numa visão geral os aspectos reaes da vida brazileira; d'este modo, as gravuras correspondem perfeitamente ao texto.

Parece-nos ocioso mostrar como, a proposito da leitura de qualquer texto ou pagina d'este livro, ou de qualquer outro, — se pode dar qualquer lição de portuguez, theorica ou pratica. Imagine-se que se trata da primeira pagina, e que o professor quer ensinar as primeiras noções de morphologia: nada mais facil do que, mediante a leitura da pagina, fazer reconhecer as palavras *variaveis*, distinguindo-as das *invariaveis*: e a observação d'este facto — que certas palavras variam de forma, e outras não — levará naturalmente o alumno a comprehender que a razão de taes variações é a modificação da ideia correspondentente. Desenvolvendo mais a lição, o mestre chegará a ensinar a classificação das palavras, de que a leitura lhe dá copiosos exemplos — substantivos, adjectivos, artigos, pronomes, verbos, adverbios, etc.; e, como fecho, virão os exercicios de vocabulario.

Veamos a lição de instrucção moral. E' mister começar o curso fazendo a criança observar a sua situação moral no seio da familia, — os laços e deveres de affecto que ligam as pessoas de uma mesma familia. Diz o livro de leitura na primeira pagina: « Era a primeira vez que se separava dos filhos depois da morte da mulher... » Ahi o professor estudarà com a criança as condições d'essa familia em particular, e as condições da « familia » em geral; mostrarà as duas accepções em que o termo é usado, — para significar o conjunto das

peessoas que vivem na mesma casa, sob um mesmo tecto e sob a direcção moral de um chefe, — e o conjunto de todos os parentes; estudará os deveres reciprocos dos diversos membros de uma familia — deveres nascidos de sentimentos naturaes, tão intensos, que levam muitas vezes os individuos á pratica de verdadeiros sacrificios, como os que os paes fazem commummente pelos filhos, — e como os que os dois pequenos heroes d'este livro fazem por amor do pae.

Agora, uma lição de historia. E' preciso principiar explicando de um modo sensivel as condições do Brazil antes da colonização. Fala por exemplo o livro de « sertão bruto, onde havia... indios... » E' um excellente pretexto para dizer quem são esses indios, que antigamente aqui viviam sósinhos: os brancos e pretos vieram depois, e com elles veio a colonização. E então o professor appellará para a observação da criança, para que ella note a differença entre o estado selvagem e as industrias, instituições, obras e costumes que caracterizam a civilização; mostrará que essas instituições e industrias faltam ainda em grande parte a algumas terras do interior, onde a civilização ainda não penetrou. Esta lição, desenvolvida de forma accessivel á mentalidade do alumno, e apellando sempre para o seu proprio raciocinio e para a sua propria observação, ha-de leval-o facilmente a fazer uma ideia do que era o Brazil selvagem.

Uma lição de geographia... A primeira lição do programma: terras e mares, accidentes geographicos. No segundo capitulo, o livro fala em *mar*: « o mar ficou lá atrás .. », — ao passo que o trem avança para o *interior* do *continente*, entre *monta-*

*nhas, rios, etc.* Aproveitando essas indicações, o professor ensinará que a superficie da terra comprehende terras e mares : as linhas de encontro são as *costas*, os *litoraes*, linhas irregulares, formando *cabos, bahias, peninsulas*, etc.; depois, é facil indicar os outros accidentes geographicos : *rios, valles, ilhas, lagos, etc.*

Supponhamos agora que é preciso iniciar o ensino de « lições de cousas », — noções de cosmographia e de sciencias physicas e naturaes, « o dia e a noite », « estados dos corpos », seres vivos e seres inertes ou mortos... Logo no primeiro capitulo do livro se lê : « O sol nascera cercado de nuvens de fogo... » Essa phrase será o pretexto para a primeira lição de cosmographia. A proposito das « baforadas de fumaça da machina », virá o estudo dos trez estados dos corpos; e, aproveitando os « blocos de pedra », os « campos » e os « bois », de que trata o mesmo capitulo, o mestre levará a criança a reconhecer que todos os seres se distribuem em duas categorias, perfeitamente distinctas : seres vivos e seres inertes.

D'este modo, sob a sugestão das mesmas paginas, todo o programma póde ser ensinado. Qual a vantagem ? É que todo o ensino fica assim harmonizado, como irradiação ou desenvolvimento de uma só leitura; e essa leitura é bastante, a todo o momento, para evocar os conhecimentos adquiridos, que d'essa forma se assimilam muito mais facil e naturalmente.

Neste livro se encontram e entrelaçam, por meio de mutua sugestão, todas as noções que a criança póde e deve receber na Escola; e, ao mesmo tempo, a sua leitura representa por si mesma uma visão

geral do Brazil, um conhecimento concreto do meio no qual vive e se agita a criança; e d'este modo se consegue isto, que é a grande aspiração do ensino primario : — que a Escola ensine a conhecer a natureza com a qual a criança está em contacto, e a vida que ella tem de viver e da qual já participa.

Juntámos ao volume um pequeno lexico, em que damos a significação de alguns termos empregados, dos menos familiares ás crianças. Em geral, procurámos dar a estas paginas o tom singelo e a linguagem natural que mais convêm á intelligencia infantil; é este um dever rigoroso em trabalho d'esta natureza; mas seria impossivel evitar sempre o emprego de uma ou outra palavra menos trivial. Nem tanto se exige dos livros didacticos; se, em suas leituras escolares, a criança sómente encontrar palavras muito conhecidas, como poderá ella desenvolver o seu vocabulario? Nos livros de classe podem ser empregados termos menos usuaes, comtanto que estejam dispostos de modo a poder ser facilmente comprehendidos com uma ligeira explicação. Essa explicação certamente será sempre dada pelo professor competente e solícito; mas, como é possivel que a criança seja tentada a ler o livro fóra da classe, longe da vista e do auxilio do professor, o nosso pequeno lexico póde prestar-lhe bons serviços.

OS AUTORES.

## MA NOTICIA

Eram dois irmãos, — Carlos e Alfredo, o primeiro de quinze annos de idade, e o segundo cinco annos mais moço. Não tinham mãe. Havia dois annos que a tinham perdido.

Estavam ambos em um collegio, no Recife. O pae, que era engenheiro, fôra obrigado a deixal-os ahí, afim de trabalhar na construcção de uma estrada de ferro, no interior do Estado. Era a primeira vez que se separava dos filhos, depois da morte da mulher; sempre fôra muito carinhoso e meigo; principalmente depois de enviuar, tornara-se de uma bondade excessiva, como querendo compensar com um redobramento de ternura a falta dos cuidados maternos de que via os filhos privados. Era simples e affectuoso, preferindo ser attendido e amado a ser obedecido e temido. Não castigava nunca os filhos: era para elles um amigo, um camarada, um companheiro.

A separação foi para os trez um golpe doloroso. Mas não era possível evital-a; e o engenheiro, no momento de partir, abraçando os dois rapazes, fez-lhes esta recommendação: « Vocês devem ser sempre muito amigos, muito unidos, tendo um só cora-

ção e uma só vontade. Nós não temos parentes por aqui. Todos os nossos parentes vivem longe, no Rio Grande do Sul. Se eu morresse, ficariam vocês sósinhos; e, se não fossem muito amigos e muito unidos, a desgraça seria terrível... »

Havia já dois mezes que o pae partira. Carlos e Alfredo, no collegio, estudavam e tinham um



RECIFE. — Ponte Buarque de Macedo.

pelo outro uma amizade que nenhuma divergencia alterava. O que era de um era do outro; o que um pensava, tambem o outro o pensava. Não havia entre elles segredos, nem desconfianças, nem brigas. Ligados pelos laços do sangue, eram ainda mais ligados pelos laços do affecto. Comprehendiam a responsabilidade da sua condição, e esperavam com confiança um futuro melhor.

Em certa manhã de domingo, quando iam sair

a passeio, receberam um telegramma. O pae estava doente. Doente « sem gravidade », — dizia o telegramma. Os dois meninos, porém, num sobresalto, imaginaram logo uma desgraça: « O pae estava tão longe, num lugar quasi deserto, num sêr-tão bruto, onde ainda havia, talvez, indios ferozes, — e estava entre estranhos, sem um amigo!... Que molestia seria a sua? e se o seu es-



PERNAMBUCO. — Afogados

tado se aggravasse, — se elle morresse, assim, sósinho, abandonado, sem ter o consolo de poder dar a ultima bençãam aos filhos?... »

Carlos, o mais velho, disse logo, com os olhos rasos d'agua:

— Sabes, Alfredo? não me resigno a esta incerteza! Vou para junto de papae... E vou já! Nem previno o director do collegio, porque receio que não me deixe partir. Tenho ainda algum dinheiro do que papae nos deixou; vou vender o

relogio, e sempre hei-de poder pagar a viagem.

— Tambem eu quero ir! — exclamou Alfredo —  
leva-me contigo!

— Mas tu és pequeno, a viagem é longa, o  
dinheiro é pouco...

— Venderei tambem o meu relogio...

Carlos não teve a coragem necessaria para se  
oppôr á vontade do irmão. Foram logo d'alli pre-  
parar a jornada, que era penosa, — um dia em  
caminho de ferro, e ainda uma porção de leguas a  
cavallo.

O trem só partia no dia seguinte, ás seis horas e  
meia da manhã. Para economizar o pouco dinheiro  
que possuíam, os meninos nada compraram; e, não  
querendo voltar ao collegio, onde receiavam a op-  
posição do director, resolveram não dormir. Fo-  
ram até Afogados, onde tinham uma familia conhe-  
cida, com a qual jantaram; depois vagaram longa-  
mente pelas ruas da cidade, cançados, pensando  
no pae. Alta noite, dirigiram-se para os lados da  
estação, e ficaram por lá, á espera da madrugada,  
encostados ás portas, lutando com o somno. Ás  
vezes, Carlos sentava-se, encostava a cabeça do  
irmão nos joelhos. Mas lá vinha um vulto, — um  
soldado, ou um transeunte, — e os dois assusta-  
vam-se, temendo ser presos e reconduzidos ao  
collegio. Levantavam-se e continuavam a sua  
triste peregrinação.

Assim passaram a noite, anciosos pelo dia.  
Tinham vendido os relogios, e não podiam saber  
a hora. De instante a instante, Carlos levantava a  
cabeça, e olhava o céu, para ver a altura do Cru-  
zeiro do Sul, ou para verificar se a estrella d'Alva  
já apparecia.

---

Por fim, depois de uma longa espera torturante, viram o céu tingir-se de um ligeiro rubor. Começaram a animar-se as ruas. Passaram as primeiras carroças, levando pão, carne e verduras para a cidade...

Amanheceu.

---

## NA ESTRADA DE FERRO

Às seis e meia, partiu o trem, — e lá se foram os dois, num carro de segunda classe, muito juntos, — e abatidos, não só pela afflicção que levavam consigo, como pela fadiga d'aquella noite de vigilia.

Era uma linda manhã de Setembro, fresca e radiante. Alfredo, que ia junto á janella, começou a olhar a paisagem, e entrou em breve, com a sua curiosidade de criança, já um pouco esquecido do desgosto que o opprimia, a interessar-se por aquelle espectáculo que nunca vira. Nunca viajara em estrada de ferro, e tudo aquillo era novo para os seus olhos e para a sua intelligencia. Mudo e pasmado de admiração, contêmplava o sol que nascera cercado de nuvens de fogo, e o céu azul, e as arvores orvalhadas, e os immensos campos aqui e alli cobertos de neblina.

— Oh! Carlos! que belleza! mas só vejo campos e mattas... Onde está o mar?

— O mar ficou lá atrás; — respondeu o irmão — nós nos vamos affastando d'elle.

— E que é aquillo ao longe, aquella altura?

— E' uma serra.

Alfredo não se cançava de contemplar a montanha, que apenas vagamente se desenhava ao longe, com uma côr verde, quasi azul, enfumaçada.

O trem ia devagar, subindo uma rampa. Numa volta, o pequeno olhou para a frente, e viu a loco-

motiva que ia bufando, num esforço, expellindo pela chaminé grossas baforadas de uma fumaça muito branca, listada de faixas mais escuras.

Pobre Alfredo! estava embebido nessa contemplação, quando sentiu dentro de um dos olhos um argueiro, um pedacinho do carvão da machina.



PERNAMBUCO. — Estação Central.

Com a dôr, o pequeno fechou os olhos, e correu para o irmão, que estava em um dos outros bancos do carro; mas foi tão infeliz que pisou, em cheio, sobre um embrulho que estava no chão. Era a matalotagem de um passageiro que dormia. Com o ruído, o homem acordou, e, vendo o embrulho machucado, levantou-se furioso contra o menino. Alfredo desculpou-se; mas o bruto a nada attendia, nem ás explicações de Carlos, que, vindo em

socorro do irmão, inostrava a causa da sua queda. O pequeno, de facto, tinha um dos olhos vermelho e lacrimejante... Em vão! o homem esbravejava, e dispunha-se a espancar os meninos, quando um outro passageiro interveio:

— Hein! bater nestes dois pirralhos?! Você não se envergonha de dizer tal cousa, homem? Você, um homem forte, a fazer-se de valente para duas crianças!

A esse protesto juntaram-se logo os dos outros viajantes, — e o malcriado, corrido de vergonha, foi outra vez encafuar-se no seu canto.

O interessante foi que, com o episodio da altercação, Alfredo esqueceu o argueiro, e, quando pensou nelle, já não o sentiu.

O trem parou. Era a hora do almoço. Enquanto os viajantes saiam, e iam ao *restaurante* da estação, Carlos desembrolhou dois pedaços de pão, com uma fatia de carne cada um, — que comprára antes de tomar o trem.

Alfredo, sempre curioso, mordia o pão e a carne, — e não tirava os olhos da casinhóla da estação, do movimento da gente, da montanha que já apparecia mais perto, dos grandes blócos de pedra que se amontoavam á margem da estrada, do carvão que os carregadores levavam para a machina. Mais longe, estendiam-se valles cobertos de matto, e campos immensos e ondeados, tapetados de um curto capim verde-amarello. E Alfredo admirava os bois que pastavam, fartando-se no capim, e com os grossos cachaços reluzindo ao sol.

Soou o apito, e o trem pôz-se de novo em movimento.



### III

## A VELHA AFRICANA

De espaço a espaço, o trem diminuia a marcha, e parava numa estação, onde ficava alguns minutos. Havia uma lufa-lufa de passageiros que entravam e saíam, despedidas ruidosas entre os que ficavam e os que partiam; carregavam-se e descarregavam-se bagagens; e o comboio seguia de novo, correndo pelo leito da estrada, entre barrancos e matos verdes.

Ao meio dia, chegou o trem a Palmares. Ahi houve baldeação : os viajantes passaram-se todos para os carros de uma outra estrada de ferro, e a viagem continuou. Agora, ia a linha beirando um rio. Da janella do trem, Alfredo via-o e admirava-o. Em certos pontos, as aguas muito claras, batidas de sol, corriam encachoeiradas, entre pedras, borborinhando e espumando; em outros, fluíam mansamente, e o leito do rio alargava-se, formando pequenas enseadas; e, de espaço em espaço, via-se uma ilha coberta de verdura, ou uma ilhota secca, de pedra, onde a agua batia raivosa. Aqui, as margens eram altas, cobertas de arvores frondosas; e Alfredo, de cima, via o rio lá em baixo, negro e fundo, formando um abysmo temeroso. Mais adiante, as ribas tornavam-se baixas, e esten-

diam-se em frescas vargens cobertas de capim e de junco.

Carlos, absorvido na sua ideia fixa, a molestia do pae, — ia calado e pensativo, com a fronte enrugada, sem olhar para os aspectos da natureza; mas Alfredo não se fartava de gozar o espectaculo. Em certa altura, o trem passou junto, quasi rente de um velho casarão em ruinas, com um alpendre na frente, e com as paredes velhas, esburacadas e negras, quasi caindo.

— Que é isto; Carlos? — perguntou o pequeno.

— Deve ser um engenho...

— E porque está assim tão feio?

— Porque é muito velho.

— E deve ser realmente muito velho! — disse Alfredo. — Esta casa deve ter mais de mil annos!

— Que mil annos!? — exclamou Carlos, rindo.

— Não tem?

— Está claro que não! não ha casa no Brazil que tenha mil annos! pois se ha pouco mais de quatrocentos annos que o Brazil foi descoberto...

— Ah! sim! não me lembrava!

Nesse momento, reinou repentinamente a escuridão dentro do carro. Tudo ficou inteiramente negro. Com um rumor muito mais forte, a machina offegava na treva. Alfredo, assombrado, agarrou-se ao braço do irmão :

— Não é nada! — disse-lhe este. — Estamos atrave-sando um tunel; sairemos já, não te assustes !

De facto, instantes depois, o trem libertava-se da escuridão; e a luz do dia irradiou outra vez, illuminando a paizagem. Dentro do carro, a athmosphera estava quasi irrespiravel, carregada

de fumaça espessa. Uma pobre preta africana, já muito velha, sentada a um canto do carro, gemia e arfava, suffocada. Carlos correu para ella, e abriu a portinhola para que ella respirasse um pouco de ar fresco e puro. A velha contemplou-o com carinho, agradeceu-lhe o serviço, e instintivamente, num impulso de gratidão, estendeu-



PERNAMBUCO. — Cachoeira Urubú.

lhe uma das mãos, com um punhado de amendoins torrados. Carlos não aceitou o presente, mas Alfredo, com um grito de alegria, deu-se pressa em recebê-lo.

- E seu irmão, yôyô? — perguntou a preta.
- E!
- Para onde vão?
- Para Garanhuns.
- Ah! é a minha terra! Ainda falta muito.

Carlos e a velha começaram a conversar. O menino, sempre pensando no pae, aproveitou o ensejo, que se lhe offerecia, de obter algumas informações. Mas a preta velha pouco sabia. Sabia apenas que tinham apparecido na cidade uns engenheiros; mas já não estavam lá : andavam pelos mattos, construindo uma estrada, a muitas leguas de distancia, no sertão bravo. Para chegar lá, seria preciso alugar animaes fortes, que pudessem resistir á caminhada. Carlos, ouvindo as explicações da velha, pensava tristemente que só lhe restavam cinco mil réis... Era todo o dinhe que possuia! Como havia de fazer, com tão pouco dinheiro, tão longa viagem!?

A preta falava, sem interrupção, numa tagarellice infundavel, contando a historia d'aquelles lugares, e d'aquellas gentes... Vira nascer quasi todo o povo que alli vivia... Mas Carlos não escutava o que ella lhe dizia. Olhava com tristeza o irmãosinho, que já devia sentir fome. Como o alimentaria? como o levaria consigo, por aquelles mattos a fóra? e onde iriam dormir, quando chegassem a Garanhuns?... Pensando nisso, quasi desanimava : mas o desejo de ver o pae era tão vivo, que lhe restituia a coragem.

A africana continuava a falar : de vez em quando, mettia a mão num pequeno sacco, e dava a Alfredo um punhado de amendoins torrados. A tarde caíu. O crepusculo entristeceu o céu. Eram seis e meia.

O trem parou na estação de Garanhuns.

## IV

### GARANHUNS

Na estação da modesta cidade, Carlos e Alfredo ficaram parados por algum tempo, sem saber o que deviam fazer... Foram depois andando, ao acaso, pelas ruas quasi desertas, adormecidas em silencio, mal illuminadas, marginadas de casinhas pobres e baixas. Aquella hora, quasi ninguem estava fóra de casa; apenas alguns animaes pastavam livremente, catando a herba que crescia entre as pedras. Carlos voltava-se, ancioso, para um e outro lado, procurando ver alguem, a quem pudesse perguntar onde era o escriptorio da Estrada de Ferro de Aguas-Bellas. Emfim, á porta de uma casa, viu um velho, que lhe deu a informação desejada. Não era longe o escriptorio. Os dois meninos, reanimados, estugaram o passo; o mais velho ia cheio de esperança, architectando planos risonhos: ia saber noticias do pae, — e era quasi certo que lhes dariam pousada, por aquella noite, quando soubessem que eram filhos do engenheiro. Mas quando, ao chegar á casa indicada, viu fechada a porta, sentiu frio no coração. Bateu, tornou a bater... em vão. Por fim, um visinho, abrindo a janella, indagou a causa do rumor.

— Não é aqui o escriptorio da Estrada?

— E. Mas ahi não dorme ninguem.

— E não me sabe dizer onde mora o engenheiro-chefe?

O homem deu indicações minuciosas, — e os dois seguiram. Mas, na casa do engenheiro-chefe, esperava-os nova decepção. Um criado, hespanhol, disse-lhes que o patrão não estava: tinha partido, na vespera, para uma viagem. O pobre Carlos, cansado, enfraquecido, tonto de somno, ficou attonito e tremulo, no meio da rua, no silencio e na treva, sem uma ideia. Que fazer? que havia de ser d'elles, — e, principalmente, do irmãosinho, tão criança, sem ter o que comer nem onde dormir? Lembrou-se de procurar um hotel: mas, se gastasse o pouco dinheiro que tinha, como poderia alugar os animaes? — Pensava tristemente nisso, quando deu pela falta do irmão. Procurou-o por todos os lados, afflicto, e ia gritar, chamar por elle, quando o viu sair, correndo, de dentro de uma padaria. Trazia dois pães...

— Onde achaste esses pães? — perguntou Carlos.

— Quando passavamos pela padaria, lembrei-me que guardára cem reis, e comprei o nosso jantar. Toma um pão!

— Não! guarda-o para ti, amanhã...

— Para amanhã? Amanhã, ainda está longe... E como queres que o guarde para mim, quando sei que tambem tens fome?

Andaram um pouco mais, comendo os pães; Carlos ia com a morte na alma, vendo que o irmão tropeçava nas pedras do caminho, já extenuado. Pararam no extremo da rua em que estavam. Já

alli rareavam as casas. Viram um casebre humilde, fechado, com uma larga cobertura baixa, de sapê. Acolheram-se a esse abrigo providencial, aconchegaram-se, e adormeceram logo.

Rompia a manhã, quando Carlos ouviu que o chamavam :

— Yôyô! yôyô!... Coitadinhos!

Era a velha preta, que já haviam encontrado no trem :

— Porque não bateram á porta? Vamos, vamos para dentro! Coitado do outro! Como está encolhidinho!

A boa velha levou-os para o interior do casebre. Era uma choupana rustica, mas asseada, com paredes de barro preto, e chão duro, batido, de torrões. A um canto o fogão, ao centro uma meza de madeira tosca; alguns bancos de páu, e o catre, em que dormia a dona da casa, completavam a mobilia. A velha trouxe-lhes logo um grande pedaço de cúz-cúz, e um mingáu saboroso, especie de papa molle, feita de milho azedo. Os dois rapazes comeram, com vivo prazer, aquellas boas cousas, que lhes parecia terem cahido do céu. O pequeno Alfredo, fazendo honra ao banquete, não deixava de olhar toda a casa, examinando tudo, — a mobilia, as cordas onde seccava a roupa, e os «registos» de santos pregados ás paredes. Mas o que mais lhe prendia a attenção era o quintal, entrevisto através da porta do fundo. Assim que acabou de comer, correu para lá. De um lado ficava uma pequena horta, onde, em canteiros bem tratados, alinhavam-se as couves, os quiabos, as ervilhas; do outro lado ficava o cercado da criação : havia gallinhas, patos, perús, um porco, e uma

cabrita. Tudo aquillo revelava um cuidado constante ; tudo estava limpo e varrido ; e, contra o muro, enfileiravam-se as enxadas, os regadores, as vassouras, as foices... Foi Carlos quem foi arrancar o irmão d'alli. O dia ia alto, e era tempo de seguir viagem.

Abraçaram a boa preta, agradecendo-lhe a hospitalidade generosa. Alfredo ainda levou um grande embrulho com amendoins torrados, — ultimo presente da caridosa africana. Seguiram a caminho do escriptorio. Mas, antes de lá chegar, houve um episodio que os interessou. Cairam no meio de uma compacta multidão, que cercava dois homens em luta. Eram dois homens do povo, engalfinhados, rolando no pó, esmurrando-se. Ouviram-se apitos, e appareceram soldados. Alfredo, atordoado, deixou cair no chão o sacco dos amendoins, e poz-se a tremer.

— Não te assustes! Que é isso?! — disse-lhe o irmão.

— Não nos vão elles prender, Carlos!

— Estás louco? Pois não vês que elles não têm o direito de nos prender?... Pois, se não fizemos nada... Deixa-te de tolices, e vamo-nos embora!

— Mas porque foi que prenderam aquelles homens?

— Porque estavam brigando, e podiam matar-se ou ferir-se.

— E quem os mandou prender?

— As autoridades, naturalmente...

## A CAVALLO

Quando chegaram ao escriptorio da *Estrada de Ferro de Aguas Bellas*, Carlos e Alfredo encontraram um moço, engenheiro e desenhista, que substituia o engenheiro em viagem. Chamava-se Cunha, era amigo do pae dos dois rapazes, e recebeu-os com amizade e carinho.

— E' bem exacta, infelizmente, — disse elle a Carlos — a noticia que receberam. Seu pae, o Dr. Menezes, está doente. Fui eu mesmo quem lhes passou o telegramma... Está doente, e bem longe d'aqui : se não fosse isso, já eu teria ido visital-o, e teria vindo com elle para Garanhuns, onde ha mais conforto. Mas como posso ir até Boa Vista, á margem do rio São Francisco, quarenta legoas acima do extremo da Estrada de Ferro de Piranhas?

— Tão longe assim? — perguntou Carlos, com espanto e magua.

— Sim. O chefe do serviço quiz mandar a Boa Vista uma pessoa de confiança, e seu pae foi o escolhido. Assim que chegou, adoeceu. Comunicaram-nos logo a noticia, por carta : e, como poderia tratar-se de cousa grave, não hesitei em passar-lhes o telegramma que receberam.

— Bem! — disse Carlos, depois de um segundo de reflexão. — Iremos a Boa Vista!

— E seu irmãosinho?

— Eu tambem irei! — exclamou Alfredo.

— Impossivel, meu filho! — objectou, compadecido, o engenheiro. — A viagem é longa e penosa. E' preciso viajar 25 legoas a cavallo até Piranhas, seguir por estrada de ferro até Jatobá, e d'ahi subir, em canôa, 40 legoas até Boa Vista. Isso não é viagem para uma criança.

— Seja como fôr, quero ir! — teimou o menino, já com os olhos cheios de agua.

O Dr. Cunha comprehendeu que nada conseguiria insistindo. Foi logo dár as providencias para a viagem: arranjou dois cavallos mansos, contratou, para acompanhar os dois viajantes, um homem conhecedor dos caminhos, e entregou ao mais velho dos irmãos o dinheiro necessario para as passagens e as despezas miúdas. Deu-lhes além disso uma carta de apresentação para o major Antonio Bento, que em Jatobá lhes forneceria os meios de subirem o rio em canôas.

Eram duas horas da tarde, quando a pequena caravana partiu de Garanhuns. A principio, tudo correu bem. O guia era falador, e tagarelava sem cessar, respondendo ás perguntas dos meninos. A tarde era linda e fresca. Alfredo divertia-se extraordinariamente com aquelle modo, para elle novo, de viajar: deliciava-se com o balanço do andar do animal, e ia encantado, fazendo perguntas sobre perguntas. O proprio Carlos parecia menos triste, menos preocupado com a doença do pae... Mas, depois de duas horas de viagem, Alfredo começou a sentir-se fatigado:

doiam-lhe as costas e as pernas; voltava-se, ora para um, ora para outro lado, procurando uma posição mais commoda. Carlos comprehendeu o seu soffrimento, e tentou distrahir-o :

— Sabes para onde vamos ?

— Não. Para onde ? — perguntou o pequeno, já com os olhos accezos de curiosidade.



Armas e adornos dos Indios.

— Vamos para o Estado de Alagoas, e na direcção do Estado da Bahia. Não te lembras da capital da Bahia, por onde passámos ha cinco annos ? E' a cidade mais velha do Brazil. Foi na Bahia que viveu o Caramurú.

— Que Caramurú ?

— Caramurú — começou Carlos a narrar — foi o nome que os indios deram a um certo Diogo Alvares, portuguez, que naufragou na Bahia alli por volta de 1510. Aprisionado pelos indios, Diogo Alvares ia ser por elles comido...

— Comido ?

— Sim. Os selvagens do Brazil eram anthropophagos, isto é: comiam os seus prisioneiros. Diogo Alvares ia ser comido, quando teve a feliz idéa de fazer fogo, com a espingarda que trazia; sobre um passaro. Ouvindo o estrondo da arma, que não conheciam, vendo o passaro cair fulminado, e attribuindo tudo isso a um poder sobrehumano, os indios prostraram-se por terra, e adoraram o naufrago portuguez, a quem deram o nome de *Caramurú*.

— Mas que quer dizer essa palavra ?

— Dizem uns que, na lingua selvagem, *Caramurú* queria dizer *senhor do raio, filho do trovão*; e dizem outros que com esse nome designavam os indigenas uma especie de peixe electrico, uma enguia, cujo contacto fazia estremecer a mão que a tocava. Seja como fôr, Diogo Alvares salvou-se, e viveu muito tempo entre os indios, casando-se com uma rapariga da tribu, Paraguassú, que, depois de baptizada, recebeu o nome christão de Catharina. Quando, em 1534, Martim Affonso chegou á Bahia, ainda encontrou Caramurú, que teve muitos filhos, e prestou grandes serviços á colonização do norte do Brazil.

— Que historia interessante! — exclamou Alfredo.

— Houve tambem um portuguez, que naufragou mais para o sul, em 1512, em São Vicente, onde é hoje a cidade de Santos, no Estado de São Paulo. Tambem esse, que se chamava João Ramalho, escapou de ser devorado pelos indios, e chegou a dominal-os de tal modo que com elles viveu até idade avançada, constituindo familia e sendo

encarregado mais tarde, por Martim Affonso, do governo da colonia ou villa militar de Piratininga, que foi a origem da actual cidade de S. Paulo.

— Mas parece impossivel que os indios pudessem comer carne humana! Que cousa horrivel, Carlos!

— Ah! a vida dos selvagens era muito differente da nossa, em tudo...

— Como viviam elles? — perguntou o pequeno cada vez mais interessado.

Carlos não quiz deixar de continuar a distrahir-o; e, enquanto os animaes trotavam, falou d'este modo:

20692  
1946



## A VIDA SELVAGEM

— Os primitivos habitantes do Brazil formavam muitas tribus, disseminadas pelo interior e pelo littoral do paiz, e que estavam quasi sempre em guerra umas contra as outras. Viviam da caça e da pesca. Caçavam, ás frechadas, os porcos do matto, as pacas, e as aves; para pescar, empregavam tambem as suas frechas certeiras, ou usavam umas rêdes pequenas a que davam o nome de *puçás*, e uma especie de cesto afunilado, chamado *giqui*. Emquanto os homens andavam pescando, caçando ou guerreando, as mulheres ficavam em casa, fabricando uma bebida forte, denominada *cauim*, tratando das sementeiras e das plantações, e preparando a farinha, que era um dos principaes alimentos dos selvagens.

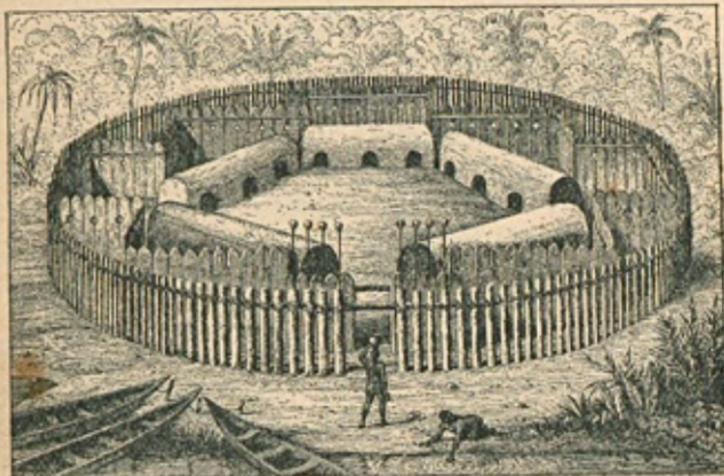
— E tinham casas, como as que temos? — perguntou o pequeno.

— Tinha casas que não eram tão bem feitas como as nossas, mas que serviam perfeitamente para abrigal-os. As aldeias dos indios chamavam-se *tabas*, e compunham-se de varias *ócas*, ou barracas feitas de páus e barro, sem divisões interiores, e tendo apenas esteios, onde se penduravam as redes. Em torno da taba, levantavam

uma paliçada, feita de troncos ou de espiques de palmeira, e que servia de defeza.

— E andavam vestidos como nós ?

— Qual! Andavam nós, apenas com alguns ornatos feitos de pennas. Na cabeça tinham communmente uma especie de diadema, *acanguape*; em torno dos rins, traziam uma tanga, *enduape*; e



Taba india.

usavam ainda collares e pulseiras, algumas vezes formados por enfiadas dos dentes que arrancavam da bocca dos inimigos mortos na guerra. Homens e mulheres costumavam untar todo o corpo com uma tinta oleosa, que extrahiam de certas plantas. Alguns usavam furar os beiços, as narinas, as orelhas, encaixando nos furos pequenos batóques de madeira.

— E como eram as guerras ?

— Ah! eram terriveis! eram verdadeiras guer-

ras de exterminio. Algumas tribus odiavam-se tenazmente, com um rancor que só desaparecia quando uma d'ellas era totalmente destruida pela outra. Os prisioneiros eram comidos ou escravizados. As armas eram variadas. Havia os grandes arcos, por meio dos quaes atiravam as longas frechas, cuja ponta formada por ossos ou dentes afiados era algumas vezes envenenada; havia as grandes lanças de páu-ferro, que eram arremessadas com uma certeza de pontaria admiravel; havia as *tamaranas* ou *tangapemas*, que eram pesadas clavas ou maçãs de madeira; e havia as *esgaravatanas*, tubos ôcos, com os quaes, por meio do sopra, atiravam-se settas finas a grandes distancias. Essas armas eram todas fabricadas pelos selvagens, cuja industria relativamente adiantada ainda se revelava no fabrico de varios utensilios domesticos, como cestos, redes de pesca, vasilhas para cozer a mandiôca, e talhas ou igaçabas, que serviam para guardar a agua, o cauim, a farinha, o peixe moído, e dentro das quaes algumas tribus enterravam os seus mortos. Como instrumentos de musica, tinham os indios trombetas, das quaes a mais usada era a *inubia* ou bozina de guerra; o *memby* que era uma gaita feita com um osso de coxa humana, um femur escavado; e o *maracá*, especie de chocalho, constituido por uma cabaça cheia de pequenos ossos e pedras.

Alfredo ouvia com grande attenção o que o irmão lhe dizia. Mas não lhe saía da cabeça, particularmente, a ideia horrivel dos banquetes de carne humana...

— Elles, então, devoravam-se mutuamente? — perguntou.

— Devoravam os prisioneiros de guerra, como já te disse. Algumas tribus chegavam a engordar os seus prisioneiros, tratando-os com todo o desvelo, alimentando-os com fartura, até o dia marcado para o sacrificio. Nesse dia, havia uma grande festa no terreiro central da *taba*. As mu-



Indios guarany's civilizados.

lheres dançavam e os homens embebedavam-se com o *cauim*. A victima era amarrada com cordas de mussurana a um poste. Um executor, depois de varias ceremonias, aproximava-se d'ella, dava-lhe uma pancada na cabeça com a tanga-pema, e atirava-a morta ao chão. O corpo era alli mesmo retalhado, a carne moqueada ao fogo, e o horrendo festim começava...

Alfredo estremeceu :

— Que barbaridade! E ainda ha muitos indios no Brazil?

— Ha ainda alguns, no interior do Amazonas, do Pará, de Matto Grosso, de Goyaz, Espirito Santo, São Paulo, Paraná, Santa Catharina, Maranhão, conservando a sua vida independente e os seus costumes ferozes. Mas, perto das povoações, já todos elles se vão convertendo á vida civilizada...

— Patrãozinho! — disse neste ponto o camarada — acho melhor arrancharmos um pouco neste lugar, para comer alguma cousa.

Os trez viajantes tinham chegado ao pé de um correjo. Apearam-se e amarraram as redeas dos cavallos ás arvores. Havia muitos mosquitos, voando e zumbindo. Bemvindo, o camarada, para afugental-os, juntou uns gravetos no chão, deitou-lhes fogo, com o auxilio de um phosphoro; abanou com o chapéo a pequena fogueira; e, d'ahi a pouco, as chammas crepitaram, vivas e alegres. Sentaram-se, e começaram a jantar.

---

## ESTRADA A FORA

Comeram calmamente. O farnel, fornecido pelo sub-chefe, continha uma excellente gallinha assada, um pedaço de rosbife e pão. O camarada Bemvindo trazia uma boa porção de carne secca, que os dois rapazes tambem quizeram provar, com aquelle valente apetite que lhes haviam dado o movimento e o ar do campo. Estavam do lado da estrada, á sombra de uma grande arvore, cuja copa de folhagens abundantes os raios do sol não conseguiam atravessar. O chão era batido, — liso e limpo como o de uma casa. Via-se bem que aquelle logar era um ponto habitualmente escolhido para repouso pelos viajantes que por alli jornadeavam. Um pouco adiante, corria o riacho, atravessando o caminho. Ouvia-se bem o leve rumor das aguas deslizando entre as pedras. E só esse rumor e o de alguma folha que caía perturbavam o silencio do sitio quieto, a essa hora de calor ainda forte.

Alfredo, quando acabou de comer, correu para o riacho, e foi mergulhando as mãos na agua, para laval-as. Mas exclamou logo, ingenuamente :

— Oh! sujei a agua!... Como havemos de beber?

— Ora, patrãozinho! não vê que a agua está correndo sempre? — disse rindo o camarada. — A agua suja vae embora, e a que vem está sempre limpa!

O pequeno riu da sua propria tolice; mas, nisto, ouviu-se o toque, ainda affastado e fraco, de uma campainha. Alfredo dirigiu o olhar para todos os lados, e, não comprehendendo que som era aquelle, voltou-se para o camarada, que estava arreando os animaes.

Bemvindo era um caboclo reforçado, moço ainda, — peito largo, pescoço musculoso, olhos negros e vivos, cabellos luzentes e anelados caíndo sobre a testa. Tinha as mangas da camisa e as calças arregaçadas, e viam-se-lhe, ao sol, os braços e as pernas de musculos grossos e tendões rijos e salientes. Era um bello exemplar do robusto sertanejo nortista. A presteza com que arreava os animaes, e a força de que dava prova, apertando as correias, attestavam uma longa pratica d'aquelle serviço.

— Que toque é este de campainha, *seu Bemvindo*?

— Com certeza é alguma tropa que vem da villa, patrãozinho. Não tarda a apparecer... Olhe! ahi vem ella!

Alfredo voltou-se, e viu na estrada, do outro lado do riacho, um sequito de burros, uns atraz dos outros, em fila. O da frente trazia uma campainha no pescoço: todos os outros o seguiam docilmente, guardando a mesma distancia entre si. Vinham carregados de couros; cada um trazia

dois rolos enormes, um de cada lado da cangalha; era tão pesada a carga, que os animaes tinham o lombo derreado, e caminhavam de vagar, como apalpando o solo com as patas. Atraz, no couce



Uma tropa de burros de carga.

da tropa, vinham dois homens a pé, e um menino a cavallo.

Os burros, assim que chegaram ao riacho, correram todos para a agua, sequiosos. Como eram muitos, sujaram logo a agua com as patas. E Alfredo notou, com interesse, que todos, ao mesmo

têmpo, voltavam a cabeça para o lado de cima, á procura do liquido que vinha limpo :

— Tambem elles sabem que a agua que corre vem sempre limpa... — disse consigo mesmo o pequeno, sorrindo.

Mas o Bemvindo, tendo reconhecido os dois tropeiros, exclamava :

— Oh! José! Oh! Justino! vocês de onde vêm? como vão vocês?

— Oh! Bemvindo! por aqui?... Nós vimos de Agua Branca. E você está bom? como está a velha?

— Boa. Vocês passaram pelo arraial?

— Passámos. E você para onde vae?...

— Vou levar estes moços a Piranhas, e queria saber se o capitão Paulo está no « sitio »...

— Acho que está! — disse o mais velho dos dois tropeiros — quando passámos por lá estava na varanda uma pessoa: pareceu-me que era elle...

Aparearam-se o José e o Justino, e começaram a conversar com Bemvindo. Eram amigos do camarada, conhecidos antigos, e davam mostras de estimal-o muito. O mais velho, de face escura, quasi preta, era mais forte do que o outro, caboclo como Bemvindo. Ambos tinham physionomia sympathica, e trataram com carinho os irmãos que se dirigiam a Piranhas; desejando-lhes boa viagem.

— E quem é esse menino que vae com vocês? — perguntou Bemvindo.

— E' meu mano — respondeu o Justino: — vou leval-o para a cidade; já está com os seus oito annos, e vae entrar para a escola.

A conversa não esfriava. Mas Carlos, vendo que se estava fazendo tarde, chamou a attenção

---

de Bemvindo, que se despediu dos amigos, pedindo-lhes que dessem lembranças á sua velha mãe, em Garanhuns.

Montaram, e puzeram-se a caminho. Eram cinco horas da tarde. O ar ia refrescando; o sol era menos vivo, e podia-se olhar livremente para todos os lados, sem ser preciso levar a mão aos olhos, para abrigal-os do ardor solar...

---

## VIII

### NA FAZENDA

A essa hora, já a viagem era mais agradável. Corria uma viração suave. Animavam-se os campos; e viam-se, de quando em quando, ao longo do caminho, rebanhos pastando. A cada instante, da relva que atapetava a senda, ou das arvores que a bordavam, voava um passaro, espantado com a aproximação dos animaes.

Agora, os viajantes, depois de subir uma pequena ladeira, chegaram a um taboleiro alto, plano, extenso, por onde a estrada se estendia quasi em linha recta. A subida fôra por um terreno aspero, avermelhado, semeado de pedrinhas brancas, alisadas e redondas, como as que foram o leite dos rios. De distancia em distancia, via-se uma moita mais elevada, um capão de matto, algumas arvores seccas: tudo mais era capim rasteiro, enfesado, de folhas duras e pelludas. Os animaes marchavam num passo seguro e igual; e o bater das suas ferraduras no chão duro produzia um ruido cadenciado.

Iam calados os trez viajantes. Bemvindo esticava o pescoço, e olhava para a frente, como quem quer descobrir alguma cousa. Alfredo, entretido, contemplava o campo, e o céu coberto de

nuvens vermelhas. Carlos, pensando sempre na molestia do pae, ia concentrado e apprehensivo.

Foi o camarada quem, de repente, rompeu o silencio :

— Estamos perto !

O sol acabava de desaparecer no horizonte. Os viajantes acharam-se defronte de uma cancella ou *porteira de bater*. Bemvindo adiantou o animal, abriu-a, e ficou a segural-a, enquanto os dois irmãos passavam.

— Estamos no pasto do capitão Paulo, — disse elle. — Alli, naquella casa, é que vamos pousar.

A casa ficava a uns trezentos metros de distancia, bem visivel, ao fundo do terreno chato.

Logo ao entrar, Alfredo assustou-se, e não pôde disfarçar o susto. O terreno estava cheio de bois, uns deitados, outros de pé, ruminando. Mas os animaes ficaram como estavam, limitando-se a acompanhâr os recém-chegados com os seus grandes olhos pensativos e mansos. Dez minutos depois, os trez viandantes batiam á porta da casa. Era um casarão de aspecto feio, largo e baixo, com um telheiro ao lado, e um *copiar* na frente. Apareceu uma criada, que, reconhecendo Bemvindo, foi logo chamar o dono da casa, que se não demorou, — um homem de physionomia franca e agradável, apesar da sua apparente severidade, — e ainda robusto, apesar dos cincoenta e tantos annos que devia ter. Entrou, dando as boas-noites, e, olhando Carlos, pareceu logo reconhecel-o. O rapaz, por sua vez, assim que o viu, exclamou :

— Oh ! senhor Silveira ! o senhor não é pae do Ramiro e do Affonso ?

— Sim, sim... Agora reconheço que já o vi no

Recife... O senhor não é um mocinho que o Ramiro me apresentou, em Março, quando estive no collegio?

— Sou eu mesmo. Sou muito amigo do Ramiro.

— E é seu irmão, este? E que é que fazem por aqui?

Carlos contou-lhe então toda a dolorosa historia da sua viagem. Mas antes que elle acabasse, já o capitão Paulo da Silveira tinha mandado recolher os animaes, e déra todas as providencias para que os rapazes e o camarada fossem bem hospedados. Mostrando uma verdadeira sollicitude, um grande interesse, chamou a mulher, e a filha já moça, e apresentou-lhes os rapazes:

— São collegas e amigos dos meninos... Vocês hão-de ter fome, vamos comer alguma cousa.

Por mais que allegassem falta de appetite, Carlos e Alfredo tiveram de sentar-se á mesa farta, onde ficaram conversando. A mulher do capitão, assim que soube que elles não traziam bagagem, e vinham sem outra qualquer roupa além da que vestiam, foi procurar, entre os vestuarios dos filhos, alguns que lhes pudessem servir. Felizmente, Ramiro e Affonso eram quasi da mesma idade de Carlos e de Alfredo: de maneira que cada um d'estes recebeu duas mudas de roupa.

O aspecto sério e tristonho de Carlos inquietava o capitão que começou a conversar com elle, como se conversasse com um homem feito, — impressionado pelo seu bom senso e pelas suas maneiras polidas. Pedia-lhe noticias dos filhos, informava-se sobre o seu adiantamento e sobre o seu proceder. Ficava satisfeito com as novas que

Carlos lhe dava : via-se bem que tanto elle, como a mulher, estavam cheios da saudade dos pequenos. Enquanto conversavam os dois, Alfredo, que nunca até então se mettera em cavallarias altas de viagem, já cabeceava, tomado de fadiga e somno. Mas, de repente, estremeceu, e espertou, ouvindo o som de uma viola, e logo depois o



MACAÉ. — Praça da Matriz.

ruido de um pandeiro e vozes que cantavam.

— Que é isto ? onde é ?

— E' algum *samba* que o Bemvindo já está arranjando lá em baixo! — disse o capitão. — O Bemvindo morre por um *samba*... Querem ver ? vamos até lá. Eu confesso que não gosto muito d'isso, porque é brincadeira que ás vezes acaba em barulho... Ainda ha pouco tempo, teve de vir aqui um delegado da Limeira, para fazer o *corpo de delicto* num rapaz que saiu ferido do *samba*... Mas, coitados! é o unico divertimento que elles têm!

E levou comsigo os dois meninos.

Por traz da casa da fazenda, corria uma fila de casinhas de taipa, com uma só porta. Em frente a ellas, num terreiro batido e limpo, estavam reunidas umas vinte pessoas, quasi todos homens, — pretos, caboclos e mulatos. Formavam circulo, uns sentados no chão, outros sobre os calcanhares, ou firmando na terra os joelhos e as pontas dos pés. No centro do circulo, o Bemvindo, sentado sobre uma pedra, empunhava a viola. Ao lado, de pé, um mulato, talvez de vinte annos de idade, rufava o pandeiro. Os dois cantavam em desafio. Uma grande fogueira, accessa a pequena distancia, espancava as trevas, e alumiaava a scena pittoresca.

O mulato cantou :

Já chegou, já está cantando:  
Canta no secco e na lama;  
Caboclo, tome sentido!  
Quero ver a sua fama!

Bemvindo respondeu logo, na mesma toada :

*Quero ver a sua fama,*  
Diz você; pois ha-de ver :  
Mulato, chegou seu dia,  
Você tem de padecer.

E o mulato continuou, torcendo-se todo, caindo para um e outro lado, e acompanhando com o corpo o compasso do pandeiro :

*Você tem de padecer...*  
Quem de nós padecerá?  
Caboclo a mim não me espanta,  
Nem mesmo do Ceará!

— Oh! José! — gritou o capitão. — Então vo-

cês não dançam? Dansem um pouco, que estes moços querem ver!

— Fôrma a roda! — bradou o José — fôrma a roda!

— Quem tira? — perguntou um outro.

— Thereza! Thereza, tira o *samba*!

Levantaram-se todos. O Bemvindo accommodou-se a um lado, com a sua viola. Formaram uma larga roda. No meio, appareceu uma creoula, moça e franzina, bonita, e começou a cantar com uma vozinha fraca, mas afinada :

Eia, negro *ateimoso* :

O boi é preto, *valeroso*, *guadimá*,

Fui ao matto, tirei páu, fiz um bodoque,

Mandei balas a galope

No peito do sabiá...

Todos responderam, em côro, cantando a mesma trova. A creoula cantava e dansava, dentro da roda, sapateando, com um passinho miúdo, acompanhando o rythmo da musica, dando voltas e reviravoltas e castanholando com os dedos. Quando ella acabava de cantar uma trova, o côro a repetia. Depois a dansarina approximou-se de um dos parceiros da roda, dansando sempre, chamando-o, vindo os dois dansar no centro do circulo, um defronte do outro, — e retirou-se, cedendo o lugar a outra pessoa.

— Bem! — disse Carlos. — Já vimos bastante. Vamos dormir, Alfredo, que temos de partir cedinho...

Dormiram. E, quando nasceu o sol, já estavam prompts para partir, levando roupas, um farto farnel, e muitos abraçoi e desejos de felicidade, prodigalizados pelo capitão Paulo e toda a sua familia.

Mãe

## IX

### PIRANHAS

Por quatro horas a fio, os nossos trez viajantes seguiram por um caminho secco e ligeiramente accidentado, subindo e descendo morros baixos, quasi totalmente despidos de vegetação. O sol ardia e fulgurava, reverberando sobre os calháus da estrada, de onde saltavam faíscas de ouro. A poeira cegava.

A principio, ainda se via uma ou outra casinha, com uma pequena plantação á roda, — favas, mandioca, algodoeiros, bananeiras ou cannas. Mas logo depois começou o campo deserto, duro e secco. Poucas arvores havia, mirradas, retorcendo no ar os galhos desfolhados. Os dois rapazes soffriam cruelmente. Alfredo, ás vezes, olhava o irmão, com os olhos angustiados. Mas Carlos fingia não comprehender : era impossivel parar alli, onde não havia agua nem sombra.

— Arre! patrão! — exclamou Bemvindo. — Felizmente, está acabando este maldito carrascal! Alli em baixo passa uma *aguinha*, e moram uns conhecidos meus. Vamos descançar um pouco, enquanto passa o ardor do meio-dia. E depois, temos de puxar pelos animaes, se quizermos ir dormir para lá do rio. Vamos ver se

chegamos a Piranhas amanhã pelas quatro horas da tarde!

Não falharam os planos do camarada. Depois de um curto descanso, continuaram a jornada; e a noite, ao cair, apanhou-os junto do rancho de um vaqueiro, duas leguas além do rio. O



ALAGOAS. — Feira da louça em Penedo.

homem recebeu-os bem, como podia. O seu casebre era tão pequeno, que os dois irmãos dormiram fóra, sob o alpendre, mettidos ambos numa só rede. Carlos lembrou-se da casinha da preta velha, em Garanhuns... Era a mesma. a pobreza, e era a mesma, a boa vontade. E, abençoando a hospitalidade e a bondade da rude gente do norte, adormeceu serenamente, ao lado

de Alfredo, que, de cansado, dormia tão bem como se estivesse deitado numa cama de penas.

Antes da madrugada, beberam uma forte dose do excellente leite que lhes offereceu o vaqueiro, e puzeram-se a caminho. Quando o sol nasceu, já tinham caminhado meia legua. A estrada, sempre plana, sempre despida de arvoredo, era castigada barbaramente pelo sol. A's nove horas da manhã, já o calor era intoleravel. Havia lugares em que as ferraduras dos animaes batiam em rocha viva, tirando fagulhas. Cada vez augmentava mais o calor. Não soprava a mais leve aragem; o ar pesava dentro dos pulmões; os animaes arfavam, banhados de suor.

— Nós hoje temos tempestade, com certeza! — disse Bemvindo.

De facto, ás duas horas das tarde, o disco do sol foi adquirindo uma côr avermelhada, e, depois, pardacenta; o céu nublou-se; para o lado do sul, começou a fuzilar.

— Seremos apanhados pela trovoada? — pensavam aterrados os dois meninos.

Apressaram o passo dos animaes, e tanto se esforçaram, que, antes de desabar a chuva, apearam-se á porta de um pequeno hotel da cidade de Piranhas.

— Vamos jantar! — disse Bemvindo.

O hotel era modesto, mas a mesa era farta. Comeram carne de sol assada, e peixes, — uns excellentes piáus do rio São Francisco.

— Se fossemos ver o rio? — disse Alfredo — E' um rio grande, o São Francisco?

— É immenso! — explicou o irmão. — Atra-

vessa dois Estados do Brazil, servindo de divisa entre trez.

Assim que acabaram de jantar, partiram para o porto.

— Lá está o Estado de Sergipe! — exclamou Bemvindo.

— Onde?

— Lá, na outra banda! Este rio separa Sergipe de Alagôas.

— E' exacto! — disse Carlos ao irmão. — Aquelle já é o territorio de Sergipe. Nós, nestes ultimos dias, já atravessámos todo o Estado de Alagôas.

— Ah! Era por Alagôas que estavam viajando? — perguntou o pequeno ao camarada.

— Era. Viemos de Pernambuco, e entrámos em Alagôas quando chegámos á fazenda do capitão Paulo. A fazenda já fica para o lado de cá da divisa. Alli acaba Pernambuco e começa Alagôas; agora, aqui, acaba Alagôas e começa Sergipe.

— E vamos para Sergipe?

— Não, patrãozinho! Nós viemos nesta direcção, mas agora vamos tomar outro rumo. Vamos subir o rio. Isto é... vamos, é um modo de fallar, porque devemos separar-nos aqui. Agora os senhores vão seguir até Jatobá, e ahi o major Antonio Bento, para quem o Dr. Cunha lhes deu uma carta de apresentação, ha-de indicar-lhes o meio de chegar até Boa Vista.

— E' verdade! — disse Carlos com tristeza. — Já tinha esquecido que nos devemos separar aqui! Já estávamos tão habituados a viajar juntos!

Voltaram ao hotel, e dormiram. No dia se-

guinte, de manhã, as despedidas foram tristes. Bemvindo, commovido, ao abraçar os dois rapazes, quasi se decidiu a acompanhá-los até Jatobá.— Alfredo desejava ardentemente essa solução. Carlos, porém, oppoz-se tenazmente ao sacrificio do excellente camarada : — Não, Bemvindo, não! Antes de tudo, o dever : você tem o seu trabalho em Garanhuns... Já não foi pequeno o incommodo que lhe demos! Dê muitas lembranças ao Dr. Cunha, ao capitão Paulo, e áquella boa preta que tão nossa amiga se mostrou.

Às sete horas, partiu o trem. Bemvindo acompanhou-o com os olhos até que o viu desaparecer na primeira curva da estrada. E os dois rapazes encetaram a nova phase da sua fatigante viagem, num carro de segunda classe, muito agarrados um ao outro, e entregues agora a si mesmos.

A paisagem era a mesma que tinham visto até então : chão pedregoso, poucas arvores, retorcidas e nodosas, morros de aspera pedra negra, pastagens raras e fracas.

No carro em que viajavam os dois irmãos, ia um moço, brasileiro como elles, expansivo, olhando-os constantemente, com um manifesto desejo de entabular conversa. Depois de alguma hesitação, não se conteve, e apresentou-se. Era o representante de uma grande casa commercial da Bahia, e tinha uma conversa agradável e instructiva, porque gostava de contar as suas viagens por todos os Estados do Brazil.

— Os senhores nunca viajaram?

— Muito pouco; — disse Carlos. — E infe-

lizmente não é uma viagem de recreio a que fazemos.

— Pouco importa! — disse o moço. — Viajar é sempre util. Em geral, os brasileiros são sedentários, e não conhecem o seu paiz. Eu viajo ha quasi dez annos, e ainda não estou farto.



SERGIPE. — Palacio do Governo em Aracajú.

Neste ponto da conversa, o trem parou. Tinha chegado á estação de Sinimbú.

— Aqui, — explicou o amavel viajante, — descem ós que vão visitar a famosa cachoeira de Paulo-Affonso. Nunca vi tão bello espectaculo, em toda a minha vida, e não creio que haja, em toda a terra, uma tão grande maravilha da Natureza!

## A CACHOEIRA DE PAULO AFFONSO

— Ah! — exclamou Carlos — a cachoeira de Paulo-Affonso! Vel-a é um dos meus sonhos mais ardentes! Sei de cór os versos em que Castro Alves a cantou :

\* ... Mas subito da noite no arrepio  
Um mugido soturno rompe as trevas...  
Titubantes — no álveo do rio —  
Tremem as lapas dos titães coevas !...  
Que grito é este sepulcral, bravio,  
Que espanta as sombras ululantes, sevas ?...  
É o brado atroador da catadupa,  
Do penhasco baten-lo na garupa !... »

— Mas — disse o moço, sorrindo — por mais talento que tenha um poeta, por mais que saiba exprimir em seus versos a grandeza de uma scena, não poderá jamais descrever o que é aquelle asombro ! Aquillo é indescrível !

— O senhor já viu a cachoeira de perto? — perguntou Alfredo.

— Já fiz duas vezes a viagem a cavallo, só para admirar-a. E se Deus me der vida e saude, hei-de voltar.

— Conte ! conte o que viu ! — exclamou o pequeno, batendo palmas.

— É difícil contar... Imaginem os senhores que o rio São Francisco se despenha, com toda a sua massa formidável de água, de uma altura de 81 metros! O salto dá-se justamente uns trezentos e dez kilometros acima da foz do rio.

— Trezentos e dez kilometros! — disse Al-



Cachoeira de Paulo Affonso.

fredo. — Mas isso deve ser uma distancia enorme!

— Ora! — disse Carlos. — O rio São Francisco é um dos maiores do globo : o seu percurso é avaliado em 2.900 kilometros! Mas vamos ouvir este senhor que já teve a fortuna de ver a cachoeira...

— Quando o rio chega a esse ponto, — continuou a dizer o viajante, satisfazendo a curiosidade dos dois meninos — as suas ondas passam

apertadas entre duas altíssimas muralhas de rocha. Obrigadas a passar por essa garganta, as águas avolumam-se, esmagam-se, atropellam-se, atiram-se vertiginosamente por uma rampa de granito, e desabam da altura de 81 metros, formando quatro canaes, de muitos metros de largura... Mas o mais admirável é que, sendo curvos os canaes, as correntes de água encontram-se em certo ponto, num choque tremendo, cujo barulho se escuta a muitas leguas de distancia. O viajante ainda vem longe, longe... e já ouve o mugir soturno da cachoeira.

— Mas quando se está perto é que o espectáculo deve ser bello! — disse Carlos.

— Não é sómente bello: é amedrontador! Toda a terra estremece... parece que ha, ao mesmo tempo, a erupção de varios vulcões rugindo. As águas crescem, confundem-se, brigam, separam-se, tornam a chocar-se numa peleja titanica, com um fragor que ensurdece. Em torno da cachoeira, todo o espaço fica toldado de um nevoeiro denso, formado pelo vapor da água que espadana em espuma. E imaginem agora o sol atravessando esse vapor, e accendendo nelle varios arco-iris em que brilham topásios, rubis, esmeraldas e saphiras! Ah! não se pode dizer o que é aquillo!

Carlos e Alfredo ouviam extaticos a narração de seu amavel companheiro de viagem. Mas, nesse momento, o trem, com um estrondo mais forte, de ferragens entréchocadas, atravessou uma ponte.

— É a ponte do rio Moxotó. Estamos entrando no Estado de Pernambuco! — disse o viajante.

— Mas então não estamos longe de Jatobá...

— Estamos perto. O Moxotó é a divisa entre Alagôas e Pernambuco.

— Mas quem foi que marcou essas divisas? — interrogou Alfredo, que nunca perdia o costume de mostrar a sua curiosidade.

— Todas essas divisas são antigas, e foram sendo marcadas á medida que se foi explorando o territorio das capitánias em que o rei de Portugal D. João III dividiu o Brazil, — disse-lhe Carlos.

— O governo portuguez, reconhecendo a necessidade de povoar o Brazil, e receioso do desenvolvimento que o commercio francez ia tendo, resolveu ceder grandes porções de territorio a alguns favoritos, encarregados de povoal-as e administral-as. Essas *capitánias* eram doze, e já tinham limites vagos, que se foram depois precisando e marcando com segurança. Ainda hoje a precisão não é absoluta : ainda ha discussão sobre os verdadeiros limites de alguns Estados, em certos pontos do seu territorio...

— Jatobá ! — gritou o chefe do trem.

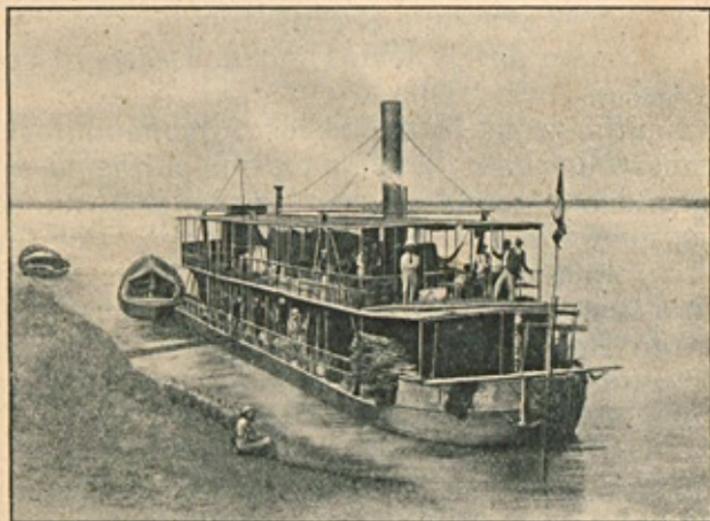
---

## ORPHÃOS...

Felizmente o major Antonio Bento estava na villa. Recebeu com carinho os viajantes, e no mesmo dia forneceu-lhes o que pediam. Agazalhou-os, deu-lhes de jantar, e deixou-os ás tres horas da tarde, numa excellente canôa, confiados a um canoeiro perito, para quem as aguas do São Francisco já não tinham segredos. Leval-os-ia a canôa até á casa do capitão Tavares, um velho amigo do major, seu antigo companheiro na campanha do Paraguay; e d'ahi seguiriam na mesma conducção até Boa Vista.

Por sete dias viajaram assim os dois rapazes, rio acima, no fundo da estreita canôa que ora navegava impellida pelos remos e pelas varas, ora corria tangida pelo vento que lhe enfunava o panno das pequenas velas. Só durante uma noite dormiram em terra firme, em casa do amigo do capitão Antonio Bento, — um bom velho que contava historias do Paraguay e fazia a todo o instante a apologia da vida militar. Mas, nas outras noites, dormiram allí mesmo, no fundo da canôa, sem commodidade, alimentando-se mal, e contando de minutos em minutos as horas longas e morosas que os separavam do termo da viagem.

Nos dois primeiros dias, ainda os divertia o espectáculo do rio. Uma viagem fluvial é sempre interessante para quem a realiza pela primeira vez. A jornada é monótona, mas tem, a principio, o encanto da novidade pittoresca. Os rapazes contemplavam o curso do rio São Francisco,



O vapor *Joazeiro*, da Empresa « Viação do S. Francisco ».

— ás vezes manso e largo, espreado como um mar, — outras vezes acachoeirado, dividido em canaes, formando ilhas e ilhotas, estas cobertas de vegetação opulenta, aquellas inhospitas e rochosas, oppondo-se ás vagas que as batiam em furia. Das ribanceiras ou das pontas das ilhas partiam muitas vezes bancos de areia gròssa e branca, planos, como aterros feitos pela mão do homem. Em certos pontos, via-se o gado, que vinha nelles pousar, tão serenamente como se estivesse em

terra firme. As margens do rio mostravam-se cobertas de mattas : viam-se alli os troncos brancos das embaúbas, os altos jacarandás, as bauhinias espinhosas, as palmeiras tucuman.

— De onde vem este rio? — perguntou uma vez Alfredo.

— Vem de Minas...

— Como é grande o Brazil!

— E como nós já temos andado! — accrescentou Carlos, com tristeza.

Os ultimos dias foram tristes. Aquella uniforme extensão de aguas, aquella mesma paizagem selvagem desdobrando-se sem variedade, davam aos dois meninos uma negra melancolia. Por fim, numa quinta-feira, ás duas horas da tarde, chegaram a Boa Vista. Havia dōze dias que tinham partido do Recife! Saltaram da canōa, com uma soffreguidão delirante, gozando o prazer de pizar a terra firme e anciando por abraçar o pae...

— Aqui não ha hotel, — disse o canoeiro. — Com certeza, o pae de vosmecês está hospedado em casa do escrivão, que é onde pára toda a gente boa que passa aqui.

Correram á casa indicada, e tiveram uma decepção :

— Seu pae já não está em Boa Vista, — disseram-lhes. — Esteve aqui oito dias, doente; e, como não melhorasse, seguiu para Petrolina... Seguiu ha uns dez dias.

Os dois meninos entreolharam-se, com lagrimas... Contavam abraçar o pae, e apenas ficavam sabendo que elle estava peor!

Durante meia hora, Carlos permaneceu num triste abatimento, sem ideias... Mas a sua energia

não estava exgotada. Contou o dinheiro que lhe restava, e verificou que apenas tinha no bolso tres mil reis... Mas narrou a sua angustia ao es-  
crivão, e pediu-lhe que o aconselhasse.

— Se o senhor quer ir a Petrolina, — disse-lhe o homem, depois de uma curta reflexão, — o que posso fazer é arranjar-lhe uma boa embarcação. E' uma lancha a vapor, que navega do Joazeiro para cima, e que veio até aqui; deve partir hoje mesmo. Podem ir de graça até Petrolina.

Partiram. A lancha navegou todo o dia, mas ao cair da tarde parou : era arriscado viajar, com a escuridão da noite, por entre as pedras do rio. Mais essa demora!... Na manhã seguinte, a viagem continuou.

— Às dez horas estaremos em Joazeiro, que é o mesmo porto de Petrolina; — disse o commandante — Petrolina e Joazeiro defrontam-se, nas duas margens do São Francisco.

O vaporzinho, arfando, vencia a correnteza, ora tomando o meio d'ella, ora desviando-se para uma e outra margem, fazendo voltas, fugindo das pedras, evitando as corredeiras. Seriam nove horas da manhã. Carlos e Alfredo, sentados sobre uns saccos, á prôa da lancha, estavam tão desanimados que não trocavam uma só palavra. Que viagem! já lhes parecia que estavam no fim do mundo, que tinham percorrido toda a terra de um a outro extremo. Quando terminaria aquella angustia?!

De repente, em uma das voltas do rio, avistaram uma canôa, que vinha em sentido contrario. Quando enfrentou com a lancha, a pequena embarcação aproximou-se um pouco, e parou.

— Você vem do Joazeiro? — perguntou o commandante.

— Venho, sim.

— Que ha de novo por lá?

— Nada... Ah! é verdade! você conheceu um doutor, um engenheiro que estava doente em Petrolina?

Ouvindo isso, Carlos e Alfredo puzeram-se de pé, anciosos...

— Não... — disse o commandante. — Porque pergunta?

— Esse engenheiro morreu, coitado! Enterrou-se hontem em Joazeiro...

Ouviram-se dois gritos, e depois um soluçar agoniado. Os dois meninos choravam abraçados, confundindo as suas lagrimas. O commandante e os tripulantes da lancha, comprehendendo tudo, olhavam commovidos aquella scena horrivel... E o resto da viagem foi triste, tão triste como se alli fosse realmente um cadaver.

.....

Duas horas depois, a lancha aportava em Joazeiro. Tontos, sem saber para onde iriam, tão allucinados de dôr que nem podiam ter uma ideia, Carlos e Alfredo desembarcaram como dois automatoss... Andaram sem destino, mudos, aterrados, e foram ter ao cemiterio. Pediram que lhes mostrassem a cova em que o engenheiro fôra na vespera enterrado, e ficaram ajoelhados junto d'ella, chorando longamente...

## SÓS...

Alli ficaram longas horas, e ficariam todo o dia, se o porteiro do cemiterio não tivesse ido procural-os.

Ergueram-se ainda chorando, e saíram. Para onde iriam agora? Carlos tinha no bolso trez mil réis : era essa toda a sua fortuna. Pensando nisso, mediu toda a miseria da sua situação. Eram trez horas da tarde; e ainda não haviam almoçado... Carlos viu que o irmãzinho, abalado pela desgraça terrivel; e debilitado pela viagem e pelo jejum, mal se podia ter em pé.

Compraram a uma quitandeira ambulante um pouco de peixe assado. Enquanto comiam, — o mais velho dos dois irmãos, com a energia moral que felizmente não o abandonava nunca, encarou de frente o futuro, e procurou o meio mais facil de sair de tão critica situação.

Lembrou-se logo de recorrer aos seus parentes do Rio Grande do Sul, communicando-lhes pelo telegrapho a morte do pae, e pedindo-lhes algum auxilio. Eram as unicas pessoas que ainda podiam interessar-se pela sorte dos dois orphãos. Mas aquelle minguado dinheiro que lhes restava mal bastaria para cobrir a despeza com o telegramma... Como viveriam, enquanto esperassem uma resposta? que seria d'elles, naquella cidade desconhecida, no meio de gente estranha? teriam de pedir esmola...? Justamente, nesse instante, Carlos viu passar um pobre velho, descalço

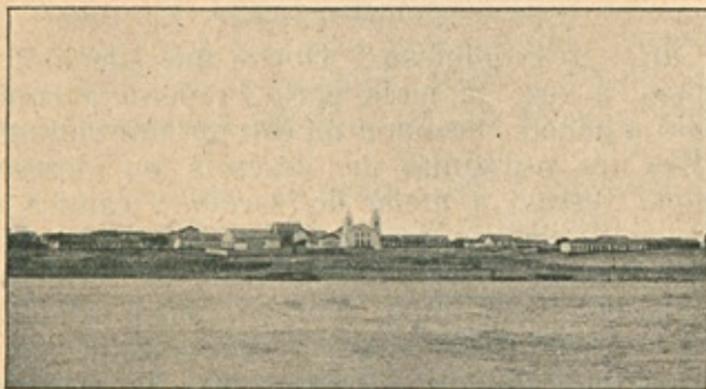
e maltrapilho, abatido pela doença e pela miseria, estendendo a mão ás pessoas que encontrava. Muitas seguiam o seu caminho, sem olhar para elle, negando-lhe a esmola implorada...

Não! o melhor seria guardar esse pouco dinheiro, com que sempre poderiam alimentar-se, ainda que mal, durante alguns dias, e tratar de sahir de Joazeiro quanto antes. Havia dois partidos a escolher ou voltar para o Recife, ou descer para a Bahia : em qualquer d'essas cidades encontrariam conhecidos e amigos do pae, que os soccorreriam, facultando-lhes o meio melhor de se communicarem com os parentes do Rio Grande do Sul, e dando-lhes — quem sabe? — algum dinheiro com que para lá pudessem immediatamente seguir, se não preferissem ficar á espera da resposta. Voltar ao Recife seria quasi uma loucura : não poderiam fazer frente ás despesas de tão longa e penosa viagem. Para a Bahia, a viagem era mais facil. Se tivessem dinheiro bastante, tomariam a estrada de ferro... Mas, sem dinheiro, era preciso vencer a pé vinte e cinco leguas até Villa Nova da Rainha, onde mais facilmente arranjariam passagem até a Bahia...

Carlos não hesitou mais. Decidiu partir, e partir sem demora, sem querer perder tempo em pensar no immenso sacrificio d'essa jornada a pé, por um sertão bravio, sem pouso certo, sem auxilio de qualquer especie. E, ás quatro horas, estavam a caminho. O mais velho carregava o embrulho das roupas, e o mais moço conduzia o pequeno farnel, adquirido com uma rigorosa economia, e constituido por bolachas, biscoutos, e um pouco de carne secca.

— Tudo é preferível — disse Carlos a Alfredo — á indecisão. Não nos deixemos abater pela desgraça, e procuremos salvar-nos do apuro em que nos vemos.

Alfredo ganhou coragem : e os dois orphãos entraram a caminhar com resolução, confiando no acaso. Mas, ao cabo de dois kilometros, o



PERNAMBUCO. — Petrolina.

pequeno foi obrigado a parar, extenuado de fadiga e de sede.

O lugar era deserto e secco : nem sombra, nem agua. Alfredo não se pôde conter, e desatou a chorar. Carlos sentou-o ao seu lado, preza de uma afflicção terrível : parecia-lhe que o irmão-sinho ia morrer alli, ao desamparo...

Mas uma voz cantou ao longe :

Foram-se os tempos felizes,  
Mas outros dias virão ;  
E eu cantarei mais alegre,  
Ao lembrar o meu sertão...

## UM NOVO COMPANHEIRO

Carlos reanimou-se... Houve um silencio, e, depois, a voz, já mais perto, repetiu a copla. D'ahi a pouco, assomou na estrada um viajante.

Era um rapazinho de dezeseis ou dezeseite annos, vestido á moda do sertão : camisa de algodão grosso branco, paletó e calças de algodão riscado, sapatos e chapéo de couro vermelho. O typo era sympathico, moreno, entre caboclo e mulato, — de rosto largo, bocca rasgada, olhos vivos e intelligentes. Alfredo quasi ficou assustado, quando o viu perto de si ; mas o tom de voz do viajante logo dissipou todos os receios :

— Que é isso ? o menino está doente ? — perguntou elle a Carlos.

— Não. Está muito cansado, e com muita séde. Não haverá aqui perto uma casa, um abrigo qualquer, — ou ao menos uma fonte ?

— A falar verdade, não sei, porque não conheço estas paragens, e nunca por aqui me perdi : mas é impossivel que não more alguém por ahi fora... Quanto a agua, ainda tenho um bocado na cabaça...

E, tirando a cabaça, que trazia ao hombro, presa á extremidade de um cacete, entregou-a a Carlos. E continuou, indicando o sul :

— Olhe! alli para aquelle lado ha uma quebrada coberta de matto... não vê? pois, alli deve haver agua... Vosmecês para onde vão?

— Para Villa Nova da Rainha.

— Ah! então, vamos fazer juntos a viagem, porque eu tambem vou para lá.

— Nós não conhecemos o caminho...

— Isso não que dizer nada! « Quem tem bocca vae a Roma... » Agora, precisamos sahir d'aqui, porque este sol é que está fazendo mal ao seu irmãosinho. Vamos andando para a frente, a ver se encontramos alguma moradia por aquelles lados!

— Mas, senhor... — disse Carlos, hesitando, por não saber o nome do novo companheiro.

— Chamo-me Juvencio...

— Mas, Sr. Juvencio, se as casas não estiverem á beira do caminho, passaremos por ellas sem as ver...

— Isso não! Se houver casas, ha-de haver algum caminho que venha ter á estrada, — disse o novo companheiro.

E, voltando-se para Alfredo:

— Dê-me o seu embrulho; vosmecê está tão cançadinho que mal pode comsigo.

Tomou o embrulho, e suspendeu-o ao páu, que levava ao hombro, juntamente com uma trouxa e a cabaça d'agua. E puzeram-se a caminho.

— Vosmecês não são d'aqui?

— Não. Somos do Recife.

— E que é que andam fazendo por aqui?

Carlos hesitou um momento sobre se devia contar ou não a sua historia áquelle desconhecido. Mas a physionomia d'este era tão franca, e o seu

olhar denotava uma tão rude e boa sinceridade, que o menino não se conteve, e narrou-lhe os acontecimentos que o tinham trazido até alli. Juvencio ouvia-o com interesse e compaixão; e, enquanto o ouvia, ia examinando a estrada, de um lado e de outro. Em certa altura, exclamou :

— Olhem! aqui está uma batida que desce. Quem sabe se alli em baixo não ha uma casa?

Carlos e Alfredo attentaram, e viram que o que elle chamava « uma batida » era um trilho estreitissimo, quasi invisivel, como um caminho de formigas. Dirigia-se para a esquerda, e ia ter a um capão de matto. Seguiram por elle, esperanças. O terreno era mais fresco, a vegetação mais viçosa. Pouco adiante, o trilho enveredou por dentro do matto, entre arvores grossas e altas, de troncos direitos.

Iam a um de fundo. O rapaz seguia na frente, muito animado e communicativo, conversando sempre. De repente, estacou, pousou no chão os embrulhos e a cabaça d'agua, e desfechou com o páu uma forte pancada no sólo.

— Que é? — gritou Alfredo.

— Uma cobra... uma cascavel — disse o rapaz, com naturalidade.

O pequeno recuou assustado.

— Não é nada! Isto aqui pelo matto é assim mesmo. Quem anda pelo matto encontra cobras... Mas quem está acostumado já não se espanta. Tudo está em ter a gente muito cuidado, e ver onde piza. O perigo está em bater em uma d'ellas com o pé : estas cobras geralmente só attacam a gente quando são tocadas...

## O RANCHO

Logo adiante, acharam uma casinha.

Em frente, havia um curral, já meio arruinado; do outro lado, uma roça inculta.

A casa era verdadeiramente uma chóça miserável, — um rancho de sapê, com paredes de páu a pique, esburacadas. A porta estava aberta, mas o matto crescido que por alli se via, o silencio que reinava, o ar de abandono que se notava — tudo indicava que não morava viva alma naquella palhóça. Em todo o caso, quando chegaram á porta, os trez viajantes gritaram, bateram; como não apparecesse ninguem, foram entrando sem mais cerimonia.

Dentro do rancho, o abandono era o mesmo. Havia dois compartimentos, communicando por uma porta, rasgada a um lado da parede divisoria: ambos estavam desertos.

— Eh! — exclamou Juvencio — aqui não móra ninguem... Mas, já agora, temos de pousar aqui mesmo; d'aqui não saio nem por ordem do rei!

Alfredo, já mais animado com a perspectiva do descanso que ia gozar, não pôde deixar de rir :

— Qual rei! não ha mais rei no Brazil! agora quem pôde dar ordens é o presidente da Republica!

— Pois seja lá quem fôr! — disse, rindo também, o rapaz. — Não saio d'aqui hoje!

— E se vier o dono? — objectou Carlos.

— Qual dono! Isto é com certeza o rancho de algum vaqueiro, que anda agora por longe, e que só pousa-aqui quando traz o gado para estes lados: quando o gado muda de *comédia*, elle muda também de rancho. Não vêm vosmecês como está tudo isto? aqui não entra gente ha mais de dois mezes...

Dizendo isso, o rapaz percorria todo o rancho, que estava, de facto, deserto. Em um dos compartimentos, via-se um cêpo de madeira, e, a um canto, uma forquilha de trez ramos; no outro, havia um couro secco pendente da parede.

— Bom! arranjemos a nossa vida! — disse o caboclo.

Pôz sobre a forquilha a trouxa e a cabaça, e, saíndo para o matto, cortou trez ou quatro ramos de uma herva rasteira, formando uma vassoura, com que limpou o chão do rancho.

— Agora, vamos arranjar um foguinho, para espantar os bichos.

Carlos e Alfredo saíram á procura de lenha, e voltaram logo com uma boa porção de gravetos. Juvencio tirou do bolso uma caixa de phosphoros, riscou um d'elles com cuidado, e abrigando a chamma com a mão espalmada, para livral-a do vento que entrava pela porta do rancho, accendeu um molho de palhas seccas, e metteu-o por baixo da lenha: d'ahi a pouco a fogueira crepitava.

— Agora, o que nos falta é agua, — disse o rapaz. — A da cabaça está quasi acabada. Mas aqui perto ha agua, com certeza. Ninguem se lem-

braria de construir um rancho em logar privado de agua. Alli em baixo, bem perto, deve brotar alguma fonte, ou passar algum corrego. Vosmecês esperem por mim, que vou ver...

— Mas como ha-de você acertar com o riacho ou com a fonte, agora, se nunca andou por aqui?

— Oh! é muito simples! perto da fonte, deve haver no matto a vereda que lá vae ter, — caminho de gente, e caminho de bicho : tudo está em prestar attenção ao terreno e saber ver...

D'ahi a pouco, Alfredo e Carlos ouviam Juvencio gritar, a uns vinte passos de distancia do rancho, escondido pelas hervas:

— Eu não disse? Cá está o caminho!

Alfredo, apesar de mais animado, estava encolhido num canto da choça, denotando no abatimento da physionomia o canção que o prostrava.

— Bom rapazinho, este, hein? — perguntou-lhe Carlos.

— E verdade. Quem será elle?

— Havemos de saber-o. O que é certo é que foi para nós uma grande felicidade o encontro. Nem sei como nos arranjaríamos sem elle, — ignorantes do caminho e de tudo, perdidos nesta solidão.

Ouviu-se uma voz, que se aproximava cantando :

— Ahi vem elle...

Era de facto Juvencio que cantava alegremente, como se estivesse na situação mais feliz da vida. Mas a melopéa da toada era tão lugubre, a hora era tão melancolica, que a cantiga, ouvida pelos rapazes, ainda abalados pela sua grande desgraça, entristeceu-os, enchendo-lhes delagrimas os olhos.

## O SERTÃO

— Prompto! aqui está a agua! — disse Juvencio entrando, lepidido e alegre.

Trazia o rosto, as mãos e os pés lavados... Vendo Carlos e Alfredo, naquella attitude desanimada e lacrimosa, condoeu-se d'elles :

— Não chorem! vamos comer alguma cousa... Depois, hei-de contar-lhes a historia da minha vida, e vosmecês hão-de ver que eu tambem tenho muitas razões para ser triste, apesar d'este meu ar alegre... Vamos comer.

Tirou da trouxa um naco de carne-de-sol, um peixe assado, e um pouco de farinha. Assou a carne ao calor da fogueira, aqueceu o peixe, e fez a distribuição. A refeição foi completada com os biscoitos que os meninos traziam. Carlos e Alfredo, sentados no chão, e o rapaz, de cócoras, ao pé do fogo, comeram com appetite. Enquanto comiam, conversavam :

— Não ha ninguem no mundo, — disse Juvencio, — das pessoas que conhecem vosmecês, capaz de imaginar que vosmecês estejam no sitio em que estão... Quando imaginariam que haviam de andar por este sertão, a pé, comendo no chão, bebendo agua em cabaça, dormindo assim sem commodidade, num ermo como este, dentro de um rancho tão pobre? Tudo, no mundo, é para o bem da gente... Vosmecês ficam conhecendo a sua terra... Eu, por mim, gosto muito

d'estas cousas, e já não estranho os incommodos das viagens. Era capaz de ir de um « polo ao outro », como dizia o meu mestre!

— Ui! — gritou Alfredo.

Ouviu-se de repente um ruído rapido e surdo, e viu-se um vulto atravessar o espaço cortando o ar, e sumindo-se pela porta do rancho. Dir-se-ia, pelo tamanho, uma pomba-rôla.

— E' um morcego que estava dormindo ahi! — disse Juvencio.

— Um morcego! exclamou Alfredo — Dizem que esse bicho chupa o sangue da gente...

— E' muito raro. E as feridas que resultam da sua picada nunca são perigosas : sómente nas crianças recém-nascidas é que podem apresentar alguma gravidade. Os morcegos atacam de preferencia os animaes.

— E os animaes não se defendem?

— Não, porque são atacados durante o somno ; e, além d'isso, quasi não sentem a dentada, porque o morcego, quando morde, abana as azas e faz com a lingua, sobre a pelle, uma cócega ligeira, que disfarça a dôr...

— Então o morcego tem dentes, para morder?

— Tem. O morcego vôa, mas não é passaro. E' um animal como o rato, com o corpo coberto de pellos ; tem focinho e cauda, bocca e dentes.

— Como é que você sabe tudo isso? — insistiu Alfredo, com a sua eterna curiosidade.

— Porque já vi! matei um dia um morcego, e examinei-o bem.

A conversa continuou. Juvencio começou a falar das cousas e das gentes do sertão, dos animaes, das pessoas que nelle vivem. Contou

os costumes dos sertanejos, que vivem á custa das roças que cultivam e do gado que criam :

— A terra é muito rica, e nunca néga o sustento a quem sabe tratá-la : dá o milho, o feijão, a mandioca, o algodão, o fumo, a canna; e, além de alimentar os homens, ainda alimenta os bois, os carneiros, as cabras, os cavallos, que, bem tratados, são para o criador uma verdadeira fortuna. No tempo das chuvas, ha uma fartura geral : o gado engorda, as vaccas dão muito leite, com que se fabricam queijos e requeijões. Mas no verão, na epocha das seccas, quando se passam commummente seis e oito mezes sem um pingo de chuva, os campos mirram, as plantações morrem, os pastos ficam torrados, os rios e as fontes seccam, o gado em grande parte morre de fome e sede, e até os homens, para não morrer, andam ás vezes leguas e leguas, em busca de agua. Quando a secca dura muito, ha muita gente que morre, quando não emigra em tempo para outros lugares menos assolados pelo rigor do verão. Apesar de tudo isso, a gente toda que aqui nasce ama loucamente o seu sertão, e supporta com paciencia e coragem esses revezes.

— E' uma boa gente, não é, Juvencio?

— E' uma gente muito boa, muito honrada. O sertanejo é sempre serio e fiel. Pode ser desconfiado, mas gosta de praticar o bem. Toda a gente do sertão é hospitaleira e caridosa. Eu sei o que estou dizendo, porque já tenho recebido muitos beneficios de todo este povo.

— E' verdade! — exclamou Alfredo — você de onde é, Juvencio? Cumpra a sua promessa e conte-nos a sua historia!

## UMA HISTORIA

— Pois vou contar-lhes a minha historia, e hão-de ver que tambem é triste como a sua.

« Tambem eu não tenho pae nem mãe. Meu pae, que era vaqueiro numa fazenda perto de Cabrobó, morreu, caído do cavallo que montava, quando saltava um barranco. Minha mãe morreu pouco depois, de bexigas. Eu tinha então anno e meio de idade, e fui recolhido á casa de meu padrinho que era o sacristão da igreja de Cabrobó. Esse homem, João Ignacio, era casado, mas não tinha filhos : recebeu-me como a um verdadeiro filho, e minha madrinha foi para mim uma verdadeira mãe dedicada, extremosa. Assim que completei sete annos, aprendi a ler, a escrever e a contar : e meu padrinho, querendo fazer de mim um homem, quiz que eu começasse a estudar um « officio ». O officio escolhido foi o de alfaiate.

« Logo nos primeiros dias, desgostei-me d'essa profissão. Não me agradava ficar sentado durante todo o dia, com a agulha na mão, como uma mulher. O meu desejo era poder andar, agitar-me, mover-me, — empregar-me em qualquer trabalho que me permittisse sair e bracejar. Além d'isso, antipathizei logo com o mestre. Era um

homem máu, teimoso, birrento. Dava-me tarefas enormes; e, vendo que o que mais me aborrecia era o trabalho de casear calças, dava-me justamente esse trabalho. Quando a obra não ficava prompta á hora marcada, o malvado dava-me « bolos » de palmatoria, e ás vezes levava a crueldade ao ponto de açoutar-me.

« Perto da casa do alfaiate, havia uma officina de ferreiro. Eu, sempre que podia fugir, ia até lá, e ficava embevecido contemplando aquelle trabalho forte e movimentado, que me encantava. Um dia, o mestre alfaiate pilhou-me em flagrante, e deu-me uma sóva tremenda. Cheguei a casa com as costas feridas; minha madrinha condoeu-se de mim, e pediu ao marido que me deixasse mudar de aprendizagem. Elle consentiu, e eu fiquei contentissimo. Foi esse o tempo mais feliz da minha vida. O trabalho agradava-me, e empenhei-me nelle com tanta diligencia, que ao cabo de um anno já era um bom limador.

« Um dos serviços de que mais gostava era o de fazer carvão. De oito em oito dias, iamos, dois aprendizes e um official, preparar as provisões de combustivel para a forja. Saíamos de madrugada, em direcção ao matto, levando foices e machados. Cortavamos a lenha, fazíamos a *coivára*, e á noite, depois de um dia de rude trabalho, voltavamos com dois animaes carregados de carvão.

« Mas a minha felicidade não durou muito. Meu padrinho morreu; e, onze mezes depois, minha madrinha praticou a loucura de casar com um malandro, que só cobiçava a casa e o dinheiro que o defunto legára á viuva. Era um vadio, e

um bebedo. Preguiçoso e grosseiro, abominava o trabalho, e passava o dia inteiro na venda, bebendo e palestrando. Um mez depois de casado, já maltratava a minha pobre madrinha, e até a esbordoava. Essa triste situação foi piorando de dia em dia, — e eu, que já tinha os meus quinze annos de idade, fui obrigado a intervir, para defender a santa mulher que me servira de mãe, e a quem eu estimava tanto como se fosse seu legitimo filho.

« Era um domingo, e almoçavamos. O miseravel passára toda a noite fóra de casa, e entrára ao amanhecer, de máu humor, procurando pretextos para uma rixa. Começou a « resingar », a criticar a comida, a achar que tudo estava máu. Passou a dirigir as mais pesadas injurias á mulher; depois de insultal-a muito, arremessou-lhe um prato ao rosto, e avançou para ella, com o punho fechado, para espancal-a.

« Não me pude conter mais, e levantei-me, revoltado, protestando contra aquella brutalidade. Elle estacou, como uma féra, espantado pela minha ousadia. Olhou-me demoradamente, com os olhos vermelhos e máus, e gritou, com rancor :

— Sáe da minha frente! sáe, ou arreberto-te a cabeça!

« E levantou a mão. Eu senti-me tomado de colera, e respondi :

— Não saio! Não saio, e não admitto que o senhor espanque essa mulher! O senhor é um miseravel e um covarde! só faz isso, porque vê que ella é uma mulher, e que eu sou uma criança!

« Elle suspendeu o braço, e atirou-me uma bofetada. Torci o corpo, e evitei a pancada. Perdi

a cabeça : nem reflecti que o malvado era muito mais forte do que eu ; apanhei um banco de páu, e atirei-lh'o bem no alto da cabeça. O bruto cambaleou, mas não caiu : urrando de dôr, agarrou-me pelo pescoço, e fartou o seu odio. Quando me tiraram das mãos d'elle, eu estava pisado, coberto de sangue, quasi morto...

— E elle não foi preso? — perguntou Alfredo.

— Qual preso! — continuou Juvencio — era amigo da gente do governo : nem o juiz, nem o delegado se incommodaram com o caso. Fiquei na cama quinze dias...

« Assim que me pude levantar, minha madrinha separou-se do miseravel, e foi morar em casa de uma irmã, levando-me comsigo. Nesse tempo, já eu ganhava algum dinheiro, e dava-o á minha madrinha. Mas o marido não me perdoava, e queria vingar-se de mim. Obteve do juiz ser nomeado meu tutor, e um bello dia, apresentou-se na officina, para se apoderar de mim... »

---

## XVII

### UMA CAMA IMPROVIZADA

Neste ponto da narrativa, Juvencio notou que Alfredo, apesar de ouvi-lo com attenção, estava como contrafeito, agitando-se continuamente :

— O senhor está com somno... Vamos tratar de dormir, e amanhã continuarei a minha historia.

— Não ! — exclamou o menino — eu estou fatigado, mas não tenho somno : prefiro ouvir já o resto da historia.

— E' melhor ! — apoiou Carlos — além d'isso, assim mesmo, sentados, é que teremos de passar toda a noite...

— Isso é que não ! — objectou Juvencio — eu vou mostrar-lhes já como se arranja num momento uma cama. Temos alli aquelle couro: vamos estendel-o no chão, e arranjar diante d'elle um travesseiro, com a trouxa da roupa. Vosmecês dormirão muito bem nessa cama improvisada.

— E você?

— Eu estou acostumado a dormir em qualquer parte. Estiro-me no chão, e durmo como um principe.

— Nunca! — exclamou Carlos — porque é que havemos de dormir com mais commodidade do que você? já basta o que você tem feito por nós!

— Pois não seja essa a duvida! — disse Juvencio. — Havemos de caber os trez dentro do couro!

Alfredo ergueu-se, e, chegando á porta do rancho, espiou a noite :

— Ih! como está escuro!

Era uma noite sem luar. Mal se divizavam os vultos negros das arvores mais proximas. Mas o céo estava cheio de estrellas. O sitio permanecia quieto, silencioso, adormecido, numa serenidade infinda. De longe, vinha uma viração fresca e suave, que acariciava a face do menino. Carlos e Juvencio, que tinham seguido Alfredo até a porta, ficaram alli apreciando aquella calma da noite.

— Sim! — disse o rapaz sertanejo — a noite está escura, mas tranquillá e estrellada. Felizmente para nós! se fosse uma noite de tempestade, é que teriamos de soffrer horrores, aqui, sósinhos, neste deserto! E as trovoadas por aqui são medonhas... Eu já vi chover pedra, — cada pedra do tamanho de um ovo de pomba. Depois as pedras desmancham-se em agua; — mas, quando cáem, quebram telhados, e arruinam plantações inteiras...

— E são pedras verdadeiras?

— São pedras de gelo. Vamos para a nossa cama, ou antes para o nosso couro! D'aqui a pouco, hei-de contar-lhes como passei uma noite d'essas, sósinho, no meio do matto.

A cama foi improvisada em minutos; reforçaram e ataçaram a fogueira, ajuntando-lhe mais

lenha; e Juvencio continuou a contar a sua historia :

« Quando vi apparecer o malvado, dizendo que era meu tutor, fiquei frio. Tive impetos de atirar sobre elle a tenaz em braza que segurava, mas contive-me, e, dizendo que ia despedir-me do mestre, dirigi-me para o interior da officina, donde saí pelos fundos. Corri até a casa de minha madrinha. Ella, como já disse, morava com a irmã.

« A casa ficava longe, retirada, no extremo da villa. Naquelle lugar, tinha havido antigamente uma aldeia de indios, de que ainda se viam vestigios.

« Quando cheguei, contei o caso a minha madrinha, e disse-lhe terminantemente que não me submetteriam a viver com aquelle malvado. Ella concordou; e, depois de procurarmos durante muito tempo, eu, ella e a irmã, o meio de salvar-me, combinámos que eu iria á casa de um conhecido d'ellas, um pouco affastada d'alli, e lá ficaria durante algum tempo á espera de uma solução. Abracei-as, e saí. O que eu deveria ter feito era seguir logo para o meu destino, mas não quiz deixar de despedir-me do mestre, e voltei á officina. Foi a minha desgraça!

« Assim que cheguei, vi-me cercado por dois soldados, e um official de justiça. O malvado tambem lá estava... Vendo-me perdido, não me pude mais conter, e, levantando a voz, disse-lhe tudo quanto pensava da sua maldade. Disse-lhe que elle só fazia aquillo para obrigar a minha madrinha, privada do meu auxilio, a voltar para a sua companhia; disse-lhe que o que elle queria

era viver á custa d'ella... Levaram-me. Fiquei em casa d'elle, preso num quarto, durante oito dias, comendo farinha secca, e, de dois em dois dias, sendo castigado a açoites e bolos.

« No fim dos oito dias, soltou-me, e ordenou-me que fosse trabalhar, não na casa do ferreiro, mas na do alfaiate, e disse-me : — Se tu não voltares á noite, eu saberei achar-te, e ficarás preso um mez, sendo castigado todos os dias !

« Não me intimidei com a ameaça : assim que me vi na rua, voei para a casa de minha madrinha...

---

## CONTINÚA A HISTORIA

« Minha madrinha abraçou-me chorando — proseguiu Juvencio — e quiz que eu partisse immediatamente. Mas tranquillizei-a, dizendo-lhe que eram apenas onze horas da manhã, e que sómente á noite o desalmado me procuraria. Era um engano! por volta de meio-dia, ouvi a voz d'elle : — Está aqui, sim! está aqui! não negue! — Minha madrinha, pallida de terror, só me pôde gritar : — Ganha o matto, Juvencio !

« Voei pelo quintal, como um foguete. Por traz da casa, estendia-se um catingal : caí nelle, e corri, sempre para a frente, durante uns dez minutos. Parei, e verifiquei que ninguem me seguia. Arrependi-me logo de ter fugido : reflecti que o miseravel talvez se vingasse de mim, espancando a mulher... Dei uma volta, e ganhei a estrada. D'ahi, avistei o meu perseguidor, que voltava para o povoado, em companhia de dois soldados. Escondi-me, para que não me vissem, e, quando calculei que já deviam estar longe, voltei á casa : não tinha almoçado, e estava caindo de fome. Enquanto eu comia alguma cousa, minha madrinha e a irmã resolveram ir á villa, á procura

de informações sobre o que o meu inimigo contava fazer.

« Voltaram ás quatro horas da tarde, muito contentes. Falaram ao delegado, e este dissera-lhes que estava tudo acabado, que ficassem tranquilas, que eu não seria preso....

« Não acreditei nisso, pois bem sabia que o odio do meu tutor era implacavel. O que me tranquillizava é que, devendo haver eleições no dia seguinte, o delegado, os officiaes de justiça e os soldados estariam muito occupados, e não pensariam em mim. Em todo o caso, deliberei partir logo ao raiar do dia. Jantei, e deitei-me cedo. Pelo meio da noite, ouvi a voz de minha madrinha, que me chamava : — Acorda, Juvencio! acorda, que o maldito está ahí!

« Tinha-se formado uma grande tempestade; e entre o ruido da queda da chuva e o rumor forte dos trovões, ouvi a voz de meu tutor, que bradava : — Abra! abra! senão metto a porta dentro! — Enfiei as calças ás pressas, e corri para a porta do fundo. Mas, ouvindo vozes, comprehendí que estava cercado. Fui á cozinha, onde o telhado era tão baixo que a mão facilmente o alcançava, affastei duas telhas, subi para o tecto da casa, saltei para o catingal, e desatei a correr como um louco, tomando o rumo do sul, que era a direcção opposta á da villa.

« Um pouco adiante, alcancei a estrada. Mas a chuva caía sem cessar. Era um verdadeiro diluvio! Descia pela estrada, numa cachoeira; e tudo estava tão escuro, que eu só via onde punha o pé quando um relampago alumiaava o céu. Molhado inteiramente, com a roupa pegada ao corpo,

eu corria sempre, para o lado da matta. Era o que me valia : era esse o lado que eu mais conhecia. Quando já me pareceu ter andado uma legua, parei, e tentei achar um abrigo. Foi em vão. Chovia cada vez mais, e as arvores, sacudidas pela ventania, escorriam agua. Continuei a caminhar. Andei mais meia legua. A tempestade abrandou. A chuva foi cessando, e appareceram os primeiros clarões do dia. Entrei no matto, e encostei-me a uma pedra, para descansar um pouco. Encolhido, regelado até os ossos, adormeci.

« Quando acordei, devia ser meio-dia. O sol estava a pino, quente como fogo. Mas eu tremia, sacudido por uns tremores, como os calefrios das sezões. Doíam-me a cabeça, o peito e as cadeiras. Sentia ancias. Veio-me uma tosse secca, e comeci a sentir uma dôr muito forte, muito fina, sob as costellas. Não podia respirar, e parecia-me que a minha cabeça andava á roda. Olhei em torno e reconheci que estava justamente no ponto do matto, tão meu conhecido, onde vinha sempre fazer carvão. Quiz levantar-me, mas as pernas doíam-me tanto, que fiquei quieto.

« Ah! vosmecês não podem imaginar o que senti então! Via-me alli perdido, desamparado, sentindo que ia morrer, sem esperar soccorro! e pensava : — se fico aqui, morro abandonado, sem ter quem me dê um gole d'agua : se saio para a estrada, prendem-me, e vou soffrer as maldades d'aquelle homem... eu que nunca fiz mal a ninguem!...

« Fiz um esforço desesperado, levantei-me, andei uns dez passos, e dei com uma picada, um

caminho de *arrastão de madeira*. Verifiquei que estava perto da casa de um velho serrador, onde eu e os meus companheiros da oficina descansávamos ás vezes, quando vínhamos fazer carvão. Animei-me, e arrastei-me para lá. Mas as pernas não me podiam levar. Deixei-me cair no chão, — e, por felicidade, avistei o velho serrador, com as suas grandes barbas brancas de missionario. Elle reconheceu-me, aproximou-se, tomou-me ao collo...

« Perdi os sentidos...

---

## FIM DA HISTORIA DE JUVENCIO

---

« Quando voltei a mim, estava estendido sobre uma cama, na casa do serrador. Abri os olhos, e vi que o velho estava ao meu lado, mirando-me com attenção, interessadamente. Quiz fazer um movimento, voltar-me na cama : mas o velho deteve-me. Notei então que elle mantinha, fixado sobre o lado direito do meu peito, um objecto, — uma especie de pequeno copo de vidro. Era uma ventosa. Pouco a pouco os meus olhos foram distinguindo o que viam, e eu fui comprehendendo o que me acontecia. O bom velho me havia feito a applicação de ventosas sarjadas : atirada ao chão, estava uma toalha ensanguentada, — e, na minha camisa, havia largas nodoas de sangue.

« Fiquei horrorizado, e quiz falar. O bom velho, porém, com a mão que tinha livre, tapou-me a bocca, e disse-me com carinho :

— Fique quieto ! não se assuste ! Eu vi que você estava muito « anciado », com muita febre, e tossindo muito : comprehendi que tinha qualquer cousa no peito, e, pelo sim, pelo não, appliquei-lhe essas ventosas. Não se sente melhor ?

« — Muito melhor.

« Realmente, já não me atormentavam as dores de ha pouco. Tinha o peito mais desafogado, e a cabeça menos tonta. Além d'isso, ani-

mava-me a confiança que depositava no velho serrador. Esse bom homem era a providencia d'aquelles sitios : não havendo medico por alli, era elle quem se encarregava de tratar de todos os doentes. Recebia-os, a todos, com affecto, examinava-os, fornecia-lhes os remedios gratuitamente, e muitas vezes ainda lhes dava dinheiro para as despezas da dieta. Sentia-me entregue a um homem verdadeiramente bom... Pedi-lhe um pouco de agua, que bebi com soffreguidão, e adormeci.

« Quando acordei, eram já quatro horas da tarde. Fui despertado pelo meu enfermeiro e salvador. Tomei um remedio, que elle mesmo preparára. E, sentindo-me forte e bem disposto, comecei a contar o que me acontecera : os soffrimentos de minha madrinha, a minha intervenção no conflicto domestico provocado pelo marido, o odio e as perseguições d'este. O serrador ouviu-me com indignação, e tranquillizou-me :

— « Descance! elle não poderá adivinhar que você está aqui, — e hoje as eleições estão preocupando toda a gente. Vou mandar chamar sua madrinha, e combinaremos a melhor maneira de salvá-lo.

« Logo no outro dia, chegou á choça do velho minha madrinha, afflicta, pezarosa, dando-me noticias que me amedrontaram : o malvado jurava que havia de descobrir o meu esconderijo, e que se havia de vingar da minha desobediencia ; e dizia ainda que me mandaria preso, para o Rio de Janeiro. Eu, que não sou tolo, julguei, reflectindo um pouco, que tudo isso não passava de uma bravata : como poderia elle mandar-me preso,

para o Rio de Janeiro, se eu não commettera crime? Disse isso a minha madrinha, para tranquillizal-a. Mas a pobre estava aterrada, e duvidava do que eu lhe dizia :

« — Olha, Juvencio ! você, assim que se sentir melhor, deve partir para longe d'aqui. Eu tambem não fico... Vou recolher-me á casa de uns contraparentes de minha irmã, no sertão da Serra Negra : aquelle malvado ainda é capaz de matar-me !

« Alli fiquei durante cinco dias. Quando já me sentia bem, soubemos que meu tutor se dispunha a vir buscar-me em casa do velho. Minha madrinha quiz que eu a acompanhasse á Serra Negra. Mas reflecti que ahi não ficaria livre da perseguição, e, cansado de tanta luta, deliberei sair de Pernambuco. Sabia que em Alagoinha, no Estado da Bahia, vivia um padre que me conhecia bastante, pois fôra durante muitos annos vigario de Cabrobó. Resolvi ganhar o sertão, descer até Joazeiro, e d'ahi seguir até Alagoinha. Despedi-me de minha madrinha e do velho serrador, — e aqui estou, em companhia de vosmecês.

— E agora ? — perguntou Carlos.

— Agora, quando chegar a Alagoinha, conto com a protecção do vigario, que de certo não me negará auxilio. Continuarei a exercer o meu officio de ferreiro, ou obterei qualquer trabalho, na Bahia ou em outro qualquer lugar. Quando a minha vida melhorar, minha madrinha virá ter commigo, e eu tratarei de tornar-lhe a existencia agradável e feliz. E eis ahi a minha historia ! Falei tanto, que já estou com fome outra vez... Vamos dormir ! »

## A CAMINHO

Os trez companheiros, quando acordaram, viram o casebre inundado de luz. Era em Outubro, e nesse mez o sol apparece mais cedo. Seriam seis horas e meia da manhã, e já fazia dia claro. A porta do rancho ficara aberta, e uma larga toalha de claridade entrava, estendendo-se até o couro.

Levantaram-se, e quizeram aproveitar as horas frescas da manhã, viajando. Deitaram um ultimo olhar á pobre casa que os abrigara, e partiram.

Iam animados, quasi alegres. A manhã era verdadeiramente bella. O céu limpo e azul, quasi sem nuvens, tinha, no lado do oriente, uma côr de rosa, levemente doirada; uma viração agradavel sacudia as folhagens; o matto exhalava um aroma selvagem. Saíram do capão, e entraram no campo. Ahi o olhar estendia-se á vontade, abrangendo um horizonte largo. Nem um floco de neblina velava a paizagem, nem um morro servia de obstaculo á vista: apenas, aqui e alli, algumas touceiras de vegetação baixa. Havia, em

tudo, uma grande animação: os passarinhos cortavam o ar. Os arbustos, as moitas, os tufos de hervas parecia que estavam povoados de ninhos. Saíam trinados de toda a parte; quando aqui se calava a voz de um passaro, duas e trez começavam a gorgear mais adiante. Todo o espaço estava cheio d'essa musica festiva, num concerto incessante.

Tinham andado uns cem metros, quando Juvencio parou, e voltou-se para os companheiros:

— Tenho uma ideia... Se tomássemos um banho na fonte? não ha nada como um bom banho frio, para restaurar as forças da gente...

— Vamos! — acudiram promptamente Carlos e Alfredo.

Enveredaram para o lado da fonte. Foi um verdadeiro regalo o banho áquella hora matinal! a agua era abundante e limpa, de uma pureza admiravel, correndo entre pedras lisas. Como não tinham toalha ou lençol, deixaram que o ar lhes enxugasse os corpos. Enfiaram as roupas, e puzeram-se a caminho, sentindo-se bem dispostos e fortalecidos. D'abi a pouco estavam na estrada real.

Eram dez horas da manhã, quando encontraram uma venda. Era uma casa rustica, com um vasto telheiro ao lado. Os viajantes, que já sentiam fome e canção, resolveram parar alli. Carlos lembrou-se de comprar algumas cousas de que tinha necessidade: uma faca, um pedaço de sabão, phosphoros, um pouco de carne e farinha. Gastou nisso o resto do dinheiro. Juvencio despendeu os dois mil reis que possuia, adquirindo uma boa provisão de café e assucar, e uma canéca. Perto,

em frente a uma choupana de sapê, dois homens *batiam* feijão.

— Mas como vae você preparar o café, se não tem um coador? — perguntou Alfredo.

— Já lhe mostro!

Dirigiram-se para o telheiro. Juvencio arranjou um bom fogo, numa trempe, formada por trez pedras. Pediu ao vendeiro uma panella, e ferveu dentro d'ella uma porção de agua. Deitou na agua algumas colheres de pó de café, e deixou a mistura repousar. O pó depositou-se no fundo da panella, e o café, servido na canéca, foi saboreado, com grandes elogios, pelos viajantes, que já a esse tempo tinham comido a carne e a farinha.

De repente, Carlos exclamou :

— Que cheiro de enxofre!

— E' naturalmente algum formigueiro que estão matando ahi perto, — explicou Juvencio.

Foram ver, e acharam um homem, agachado, junto da abertura do formigueiro, injectando nelle com o auxilio de um folle a fumarada do enxofre.

Era uma hora da tarde. Continuaram a marcha, mas logo adiante tiveram de parar. Chegaram a um braço de rio, não muito largo, mas profundo, atravessado por uma ponte de madeira. A ponte estava tomada por um carro de bois. O carreiro instigava os bois, dando gritos e mettendo-lhes a ponta da aguilhada, mas o carro não podia galgar uma differença de nivel, que havia entre o caminho e o taboleiro da ponte. Juvencio offereceu-se para ajudar o carreiro: tangeram juntos os bois, e safaram o carro.

O homem, vendo que Alfredo ia fatigado, propôz-lhe que subisse um pouco para o carro. O

menino, contentissimo, empoleirou-se sobre a lenha. Fizeram assim uma legua, gastando quasi trez horas, pela lentidão com que marchavam os bois. Mas conversaram muito com o carreiro, sujeito expansivo e amavel, e que, separando-se dos tres caminhantes, tudo fez para que elles aceitassem um quarto de requeijão fresco, saborosissimo.

O carro chegou ao seu destino, e os viajantes continuaram a sua marcha atravez do sertão.

---

## UM DESAPIEDADO E UM BONDOSO

Andaram mais uma legua, e chegaram a um *sítio*, a uma fazenda de criação de gado, á beira da estrada. Era quasi noite, e, sem discussão, resolveram dormir alli. A principio, pensaram em andar mais um pouco, e ir pedir pousada na casa da fazenda : mas estavam tão cançados, e a casa ainda devia ser tão distante, que deliberaram pousar no rancho deserto que encontraram : estariam mais em liberdade, e não incommodariam o fazendeiro.

Entraram, apanharam lenha, accenderam uma fogueira, e forraram com folhas seccas o chão do casebre.

Emquanto Juvencio e Carlos preparavam o jantar, Alfredo saiu, e adiantou-se alguns passos pelo campo. A essa hora, vinha o gado recolhendo. O céu ia pouco a pouco trocando a cor pallida do crepusculo pela cor escura da noite. As estrellas começavam a palpitar no firmamento. Alfredo, encantado, contemplava os bois, os bezerros, as cabras, os carneiros que passavam, com a cabeça baixa, num tropel cerrado e confuso. Atraz do rebanho, vinha o vaqueiro. Era um homem de feia

catadura, barbado. Avistando o menino, pafou, mirou-o durante alguns segundos, e chamou-o. Alfredo hesitou, acanhado, mas animou-se.

— Quem é você? — perguntou o vaqueiro, com voz rude.

— Sou... sou... — titubeou o pequeno.

— Sou... sou... hein? E' com certeza algum vagabundo. Não quero vagabundos aqui! affaste-se, affaste-se quanto antes!

Transido de medo, com os olhos cheios de lagrimas, Alfredo voltou ao rancho e contou aos companheiros o que lhe succedera.

— Que maldade! — exclamou Carlos — enxotar-nos d'aqui, a esta hora! que mal lhe faziamos nós?!

— Ora, paciencia! — disse Juvencio — vamos levantar acampamento! dormiremos no matto. A noite está boa...

Sairam, e enveredaram pelo negror da noite. Carlos ia acabrunhado, pensando na dureza da alma d'aquelle homem. Alfredo mal podia caminhar, e gemia. Cerca de trezentos metros adiante, avistaram uma luz, fixa e brilhante como a de um pharol.

— Alli ha uma casa. Vamos ver se nos dão pouxada, — disse Juvencio.



Um vaqueiro.

— Não, — protestou Carlos; — prefiro dormir no matto a sujeitar-me a ser expulso outra vez!

— Mas nem todos os homens são perversos como aquelle bruto! — retrucou o rapaz. — Quem sabe? talvez achemos alli gente de bom coração... Se nos repellirem, paciencia! mas o nosso dever é ver se arranjamos um pouso. Olhe que seu irmão está quasi caíndo de canção, e não está acostumado a dormir ao relento!

Esta ultima razão bastou para vencer a resistencia de Carlos. Felizmente, a casa não estava longe. Alcançaram-n'a com algumas passadas. Era uma construcção baixa e modesta, mas muito limpa, tendo ao lado um curral de cabras, e mais adiante uma roça bem cuidada. Bateram á porta; acudiu logo ao chamado um homem ainda moço, sympathico, que era o dono da casa. Juvencio não se enganára: tinham encontrado gente de bom coração. O homem acolheu-os com affabilidade, e tratou de agasalhar-os do melhor modo possivel, dando-lhes comida boa e abundante.

Quando estavam terminando a refeição, alguem bateu á porta, que se abriu para dar passagem a um visitante. Carlos, Alfredo e Juvencio não puderam conter um grito de alegre surpresa: o recém-chegado era aquelle mesmo carreiro, com quem se tinham encontrado de manhã. Era irmão do dono da casa, e vinha tambem pernoitar alli, depois de ter depositado a lenha num *sítio* proximo.

No dia seguinte, Alfredo acordou com os tornozellos vermelhos e inchados. Ser-lhe-ia impossivel continuar a viagem a pé, sem ter descansado mais algum tempo. O dono da casa declarou termi-

nantemente que não o deixaria sair naquelle estado: e a mulher começou logo a tratar do pequeno, lavando-lhe os pés com uma mistura de agua quente, aguardente e sal.

Depois do almoço, o dono da casa e o carreiro saíram para o trabalho. Enquanto Alfredo ficava em casa, repousando, Carlos e Juvencio foram a passeio, e internaram-se pelo matto proximo. Juvencio sentia-se alli dentro como em sua casa, movendo-se e dirigindo-se com facilidade naquelle intrincado de ramos e cipós.

— E se nos perdessemos por aqui... — lembrou Carlos.

— Qual! não vê como vou assignalando todos os lugares por onde passamos?

Effectivamente, de distancia em distancia, Juvencio quebrava ou torcia um ramo, marcando assim, quasi de passo em passo, o roteiro que seguia. O matto era rico de caça. O sertanejo, de vez em quando, mostrava a Carlos um rasto de animaes no chão, ou apontava um passaró grande pousado nos galhos altos de uma arvore:

— Ah! *seu* Carlos! — exclamava elle — quem me déra aqui uma boa espingarda! já não voltaríamos para a casa com as mãos abanando!

---

## PERDIDOS

Quando chegaram á casa, encontraram o Alfredo bem disposto e alegre, conversando com o Julio, filho do proprietario, numa intimidade de bons camaradas.

Carlos e Juvencio contaram o passeio, e falaram da abundancia da caça, que por alli havia :

— O que nos faltou hoje, foi uma boa espingarda!

— Papae tem uma... — disse Julio.

O dono da casa, que d'ahi a pouco chegou, pôz logo a arma, que era excellente, á disposição do rapaz sertanejo. Ficou combinado que ás trez horas da tarde sairiam os trez, — Carlos, Juvencio e o filho do dono da casa, — para a caçada. Alfredo ficaria em casa...

— Não! — protestou logo o menino — já estou bom; não sinto mais dôr nos pés, e posso ir com vocês.

Carlos tentou dissuadir o irmão d'esse proposito, que lhe parecia imprudente. Mas Alfredo teimou, e o Juvencio interveio :

— Não ha duvida... Vosmecê irá connosco até a entrada do matto, e ahi ficará até que voltemos.

Jantaram ás pressas, e partiram. Á beira da floresta, Juvencio limpou o chão, á sombra de uma bella arvore, e ahi accommodou o menino, recommendando-lhe que se não affastasse d'aquelle lugar. Para que elle não se aborrecesse, o sertanejo armou uma arapuca, e disse :



O matto.

— Vosmecê fique vigiando a armadilha : d'aqui a pouco, verá como vem cair dentro d'ella um passarinho...

¶ E embrenharam-se os trez pelo *matto*. Juvencio ia adiante, andando devagar e com cautela, pisando de leve, sempre com o dedo no gatilho da espingarda, e olhando com cuidado para um e outro lado, examinando a espessura da floresta. Alguns passos atraz, com a mesma cautela e at-

tenção, seguia Julio. O ultimo era Carlos, que, não habituado a excursões pelo matto, embaraçava os pés nos cipós, tropeçava nas raizes das arvores, caía, distanciava-se dos outros, perdia-os de vista, chamava-os. Juvencio voltava-se, punha um dedo nos lábios, impunha-lhe silencio.

Chegaram assim até perto de uma nascente de agua limpida. Juvencio parou um pouco, recomendou aos outros que se conservassem quietos, e sem affastar os olhos de uma certa arvore que se levantava a poucos passos de distancia, pouco a pouco e sorrateiramente se foi aproximando d'ella. Carlos, perplexo, olhava tambem a arvore, procurando o que nella havia, mas nada enxergava. Juvencio levou a espingarda ao hombro, e fez fogo. Assim que reboou o estampido do tiro, caiu do alto das ramagens um passaro escuro e grande, do tamanho de uma gallinha. Era um jacú. D'ahi a pouco, o rapaz matava outro jacú e uma cotia. Carlos, admirado, gabavá-lhe a pericia, a certeza da pontaria, a calma...

— Ora! vosmecê ainda não viu nada! Nós, que nascemos e vivemos no matto, nunca perdemos um tiro. Mas por hoje basta. Vamos procurar seu irmão, que já deve estar cansado de esperar..

Uma triste surpresa lhes estava reservada. Não acharam o menino no lugar em que o haviam deixado. Chamaram-n'o, gritaram por elle, — em vão. Com o seu faro de caçador, Juvencio examinou o local, para ver que rumo teria Alfredo tomado, e reconheceu que elle tinha penetrado no matto :

— Olhe! — disse a Carlos, — estas folhas aqui devem ter sido pisadas por elle. Vamos procural-o.

Em todo o caso, é bom que o Julio vá á casa : talvez seu irmão tenha voltado para lá...

Separaram-se de Julio, e internaram-se de novo no matto, gritando de vez em quando : — Alfredo! Alfredo!... Mas não recebiam resposta, e continuaram a andar.

De repente, Juvencio viu luzir, entre as voltas de um cipóal, o pello arruivascado de um bicho. Apontou a arma, e fez fogo. Aproximaram-se, e... que horror! viram uma onça suçarana, que estrebuchava, ainda com vida... Carlos tremia, — já não por si, mas pelo irmãosinho, que andava por allí perdido, expondo-se a ser devorado por qualquer animal feroz. O proprio Juvencio, apesar da sua calma, estava pallido, — tambem pensando nisso. Continuaram, gritando e chamando sempre. O peor é que não tardava o cair da noite : dentro do matto já reinava uma meia escuridão amedrontadora. Chegou um momento, em que foram obrigados a parar : já nada viam, e não poderiam caminhar senão ás apalpadellas...

Reconheceram que estavam tambem perdidos, sem saber que direcção haviam de tomar. Juvencio calava-se, afflicto, e Carlos sentia um verdadeiro desespero.

— Não ha remedio! — disse o sertanejo — devemos ficar aqui mesmo...

— E Alfredo? — perguntou Carlos, com angustia.

— Que havemos de fazer? Se estamos tambem perdidos... Vamos fazer fogo, e acampar. Talvez a gente da casa se assuste, e venha á nossa procura.. Juvencio riscou um phosphoro ; fizeram fogo, e ficaram junto d'elle, acabrunhados, sol-

tando de vez em quando altos gritos. Duas horas se passaram, nessa afflicção. Por fim, ouviram um grito longe, muito longe. Responderam. Ouviram o estampido de um tiro... Os gritos continuavam, de parte a parte. Os dos que vinham aproximavam-se cada vez mais, até que se ouviram distinctamente duas vozes, — a do carreiro e a do irmão... Eram elles, de facto :

— Vamos, rapazes! Vocês sempre nos déram um susto tremendo!... O menino está lá em casa: chegou com o meu Julio, — disse o fazendeiro. — O pequeno aborreceu-se, impacientou-se, e afastou-se da arvore junto da qual vocês o haviam deixado. Quiz entrar no matto, mas teve medo, e começou a procurar a estrada, andando á toa. Felizmente, Julio encontrou-o...

— Felizmente! — exclamou Carlos, com um suspiro de allivio.

---

## O PRIMEIRO DINHEIRO

No outro dia, cedo, depois de abraçar o dono da casa, o Julio e o carreiro, os nossos trez viajantes puzeram-se de novo em marcha. Estavam dispostos a avançar o mais possivel, anciosos por chegar a Villa Nova quanto antes. Não tinham já um vintem de seu; e a matalotagem que levavam só podia bastar para dois dias...

A's nove horas pararam, para descansar, numa eneruzilhada do caminho. Aproximou-se uma *tropa*, carregada de couros, tambem com destino a Villa Nova. Juvencio entrou logo em conversa com os tropeiros. Eram dois. Queixaram-se da falta que lhes fazia um companheiro, que fôra forçado a ficar em caminho. Juvencio offereceu-se logo para substituil-o, dizendo-se prompto a ajudar a conducção dos animaes. Carlos offereceu-se tambem. Os tropeiros aceitaram a proposta de ambos, com uma condição: os dois rapazes receberiam, além da alimentação, quinhentos reis por dia.

Seguiram. A *tropa* era grande — doze animaes, que foram repartidos em dois lotes, ficando cada

um d'elles a cargo de um dos tropeiros, ajudado por um dos rapazes. Alfredo continuou a caminhar ao lado do irmão; mas o tropeiro condeou-se d'elle, e autorizou-o a montar um dos burros da tropa. Foi uma fortuna para o menino, que, sem fadiga, pôde assim supportar as quatro leguas que a caravana percorreu nesse dia.



Fazenda de criação de gado.

No dia seguinte, venceram-se facilmente mais cinco leguas. Os viajantes conversavam, para « matar o tempo ». Os tropeiros falavam da sua vida trabalhosa, mas não se mostravam descontentes : o trabalho dava bom lucro, — mais do que muitos outros, sobrecarregados de dificuldades e de impostos.

Ao anoitecer do segundo dia de viagem, chegaram a uma fazenda de criação. Ahi devia parar

a tropa. Juvencio e Carlos receberam o seu salario, correspondente a dois dias de trabalho.

A' vista d'aquelle dinheiro, — era o primeiro que ganhava! — ficou Carlos contentissimo. E pensou logo em obter qualquer trabalho naquella grande fazenda, para arranjar mais dinheiro, com que pudesse fazer face ás despesas do resto da viagem. Os tropeiros recommendaram-n'o ao fazendeiro, que justamente estava procedendo á colheita do algodão, e precisava de trabalhadores. Ficou combinado que Carlos e Juvencio ajudariam a colheita, — e ganhariam na proporção do que colhessem. Os dois rapazes atiraram-se ao serviço com um ardor extraordinario. Nas horas de menos forte calor, tambem Alfredo os auxiliava, — muito orgulhoso, por poder dizer que tambem era capaz de trabalhar. O certo é que colhiam, cada dia, tanto quanto os outros trabalhadores, quê eram homens adultos e robustos. Até o fazendeiro estava admirado.

Tinham chegado á fazenda numa quarta feira. Na quarta feira seguinte, receberam doze mil reis, — uma verdadeira fortuna para elles, que ainda na semana anterior nada tinham de seu.

Terminada a colheita, dispunham-se a partir, quando souberam que, d'ahi a trez dias, no proximo sabbado, devia seguir uma boiada para Villa Nova. Propôz-lhes o fazendeiro que ficassem, para seguir com ella. Era um meio de ganhar mais dinheiro : Carlos aceitou a proposta com satisfação.

## SCENA TERRIVEL

No dia seguinte, quinta-feira, o fazendeiro mandou reunir o gado, para apartar as rezes que tinham de seguir. O serviço foi feito á tarde : reuniram-se umas quinhentas cabeças de bois, vaccas, novilhos e bezerros.

Era um gado gordo e bonito, de pello fino e lustroso, grandes chifres esgalhados e retorcidos. Os animaes vinham tangidos por seis vaqueiros, — uns a pé, outros a cavallo, todos vestidos de couro : perneiras, gibões, colletes e chapéos de couro.

— Porque é que os vaqueiros não se vestem como nós? — perguntou Alfredo a Juvencio.

— Porque têm de atravessar caminhos difficeis : e vestem-se de couro por causa dos espinhos que lhes romperiam quaesquer outras vestimentas. Quem viaja no sertão, onde não ha lagos, nem rios francos, nem estradas largas, mas sómente matagaes cerrados, precisa de vestimenta especial...

O gado foi todo recolhido a um « pastinho » que havia perto da casa da fazenda. O fazendeiro ordenou aos vaqueiros que comparecessem no outro dia, bem cedo :

— Amanhã apartaremos as rezes, e *ferraremos* os novilhos e garrotes.

As seis horas da manhã de sexta-feira, começou o trabalho. As vaccas e os bois, que deviam se-

guir, ficaram no « pastinho ». Para o curral vieram os animaes que iam ser ferrados.

Acendeu-sê uma grande fogueira de lenha; e os ajudantes puzeram nella os *ferros*, para aquecel-os. Eram hastes de ferro, tendo numa extremidade duas lettras tambem de ferro; a outra extremidade cravava-se num cabo de madeira. Alfredo notou que as lettras eram um J. e um P. unidos.

— Que querem dizer aquellas lettras?

— São as' iniciaes do nome do fazendeiro : João Pedroso, — explicou Juvencio.

Quando os *ferros* ficaram bem quentes, os vaqueiros foram buscar umas cordas fortes, de couro crú e torcido, tendo em uma das pontas uma argola de ferro, dentro da qual a corda corria, formando laço.

Um vaqueiro tomou logo uma d'essas cordas, enrolou-a em varias voltas, e, segurando a ponta livre do laço, atirou-o na direcção de uma das novilhas. A corda desenrolou-se no ar, e o laço foi cair certo sobre os chifres do animal, que ficou preso. O vaqueiro passou a corda em torno de um moirão, fincado no meio do curral, e foi puxando por ella. A novilha, assim que se sentiu laçada, começou a pular; mas o homem era forte, e o moirão estava bem firme no sólo. Os outros vaqueiros tangiam o animal, que pouco a pouco foi sendo trazido para junto do tóco, até ficar com a cabeça encostada ao moirão. Passaram-lhe a corda pelos chifres, ligando-os fortemente ao esteio, e, quando viram que a cabeça do animal estava bem segura, um dos vaqueiros prendeu-o pela cauda; outro foi buscar o *ferro*, que estava vermelho, em braza, e assentou-o

sobre o *quarto* direito da rez. Os pellos e a pelle chiaram, desprendendo uma fumarada negra e um cheiro de carne chamuscada. A novilha arfou, quiz saltar, e soltou um berro medonho, um urro de raiva e dôr. Depois de uns quinze segundos, retiraram o *ferro* : as letras J. P. appareciam, num sulco escuro, sobre a anca do animal.

O serviço continuou rapidamente, sendo marcadas varias rezes, até que foi laçado um novilho negro, de pontas alçadas e finas. Antes que o vaqueiro tivesse podido puxar o laço, o animal arremetteu furioso contra elle, sacudindo a cabeça, e desprendendo-se da corda. Ligeiro e agil como um *toureiro* de profissão, o homem desviou o corpo, e apadrinhou-se com o moirão. O animal arremetteu contra outro vaqueiro, que saltou fóra do curral. O bicho estava como uma féra ; e, vendo Alfredo, encostado á porteira, veio direito sobre elle. O menino, tomado de medo, conseguiu abrir a porteira, e deitou a correr ; o novilho seguiu atraz d'elle, como um raio. Carlos, soltando um grito de horror, partiu em soccôrro do irmão. Os vaqueiros todos o imitaram... Mas o animal já estava quasi alcançando o menino... Felizmente, Alfredo tropeçou e caiu : o novilho, cêgo de raiva, não pôde parar, com o impulso que trazia, e passou por cima d'elle... Mas, d'ahi a pouco, voltou, e, d'esta vez, arremessou-se sobre Carlos, que quasi foi apanhado pelas suas pontas aceradas. Todos os vaqueiros, porém, já tinham chegado : um d'elles, conseguindo segurar a cauda do animal, e dando-lhe um puxão violento, pôde atiral-o ao chão, — onde foi subjugado pelos outros homens...

## A CRUZ DA ESTRADA

Profundamente abatido pelas terríveis commoções d'aquelle dia, Carlos quiz desistir do seu projecto de acompanhar a boiada.

— Nada! — disse elle a Juvencio — já fiquei conhecendo bem os perigos a que a gente se expõe, neste officio de lidar com bois bravos... Quasi vi o Alfredo morto, e escapei tambem de ser estraçalhado pelos chifres d'aquelle novillo... Para que havemos de arriscar a nossa vida inutilmente? Não esperemos pela partida da boiada, e partamos hoje mesmo!

— Bem! — respondeu o rapaz sertanejo — não sigamos com a boiada, mas, em vez de partir hoje, partamos amanhã. Aproveitaremos o dia, para concertar as nossas roupas que estão rotas...

Assim fizeram. Remendaram e cozeram as roupas, e, no outro dia, despediram-se do *criador*, que lhes forneceu generosamente alguns viveres, e partiram.

Caminharam durante quasi todo o dia, vagarosamente, — para evitar a fadiga, — e parando de quando em quando.

A estrada era boa, mas desabrigada, sem arvores, cortando terrenos despovoados e seccos, muito castigados do sol. Os rapazes offegavam e suavam, com as faces afoqueadas pelo calor.

Ao cahir da tarde, entraram numa região mais fresca, mais coberta de matto, — e, ao mesmo tempo, mais cultivada. Sentia-se que havia habitações alli perto.

A' beira da estrada, encontraram, numa encruzilhada, num sitio baixo, sombreado e triste, um ranchinho de telha, aberto por todos os lados, abrigando uma cruz. Era uma cruz de páu tôsko, já ennegrecida pelo tempo, — mas enfeitada com flores e fitas de papel.

Pararam todos : e Alfredo lembrou-se de já ter encontrado, varias vezes, pelo caminho, outras cruces como aquella...

— Que quer dizer isto? — perguntou elle. — Desde Pernambuco, venho encontrando estas cruces...

— Estas cruces — explicou Juvencio — marcam quasi sempre os logares onde *mataram gente*. Tambem, ás vezes, marcam a sepultura de pessoas pobres, cujos corpos não puderam ser conduzidos para os cemiterios... Mas, em geral, quando se levanta uma cruz á beira da estrada, isso quer dizer que ahi foi assassinada uma pessoa. Antigamente, commettiam-se por aqui muitos crimes : por qualquer causa insignificante, um individuo tirava a vida a outro ; e naturalmente, os assassinos sempre praticavam as suas maldades em lugares ermos como este. Vinham esperar a victima, e matavam-n'a a tiro ou a facada...

— E a policia? — perguntou Alfredo.

— Ora! antigamente, quasi não havia policia por aqui. Era preciso que a victima fosse alguma pessoa importante ou rica, para que as autoridades se abalassem. Na maioria dos casos, os criminosos ficavam sem castigo. Enterrava-se uma cruz no lugar em que o desgraçado tinha caído morto, — e não se tratava mais do caso.

— Mas a cruz está enfeitada... — notou Carlos.  
— Quem a terá enfeitado?

— Foi o povo... Quando uma pessoa morie assim, victima da perversidade de um malvado, o povo acredita que a alma d'essa pessoa foi logo para o céu, e começa a fazer-lhe promessas: acende-lhe vélas e colloca flores no lugar em que se deu o crime; ás vezes até se levantam capellinhas, onde o povo vem rezar...

— Que vontade tenho de saber a historia d'esta cruz! — exclamou Alfredo.

— E' facil! — respondeu o sertanejo, — assim que encontrarmos alguém, saberemos a historia. Toda a gente, que vive por aqui, deve conhecê-la.

Continuaram a caminhar. Cem metros adiante, a estrada subia, costeando um morro. Apareceram algumas casas, na collina: e, em breve, os viajantes chegaram a um pequeno arraial, formado por pouco mais de uma duzia de habitações. A primeira casa do arraial era uma « venda ». Para ahi se dirigiram os rapazes, e pediram ao vendeiro que lhes permittisse aboletar-se debaixo de um telheiro que havia ao lado.

D'ahi a pouco, chegaram outros viajantes, boia-deiros, e Juvencio encetou conversa com elles. Alfredo não se conteve, e perguntou:

— Os senhores sabem a historia daquella cruz da estrada?

Um dos boiadeiros, homem velho e bondoso, disse logo :

— Ah! aquella cruz tem uma historia bem triste... Houve alli um crime horroroso... Se os senhores querem, posso contar-lhes esse caso...

— Conte! conte! — disseram todos.

O homem picou fumo, fez um cigarro, acendeu-o, e começou :

---

## HISTORIA DA CRUZ

— Foi isto ha mais de sessenta annos, contou o velho boiadeiro. Alli, atraz d'aquelle morro, morava um velho curandeiro, que era o homem mais querido d'estas redondezas. Não saía de cima de um cavallo dia e noite, a visitar quanto doente o chamava, e não recebia um vintem de ninguem. Vivia do que lhe davam, comtanto que não lhe dessem dinheiro, porque não pegava em dinheiro. Que santa creatura!... Só tinha esta mania : que dinheiro é o diabo; e benzia-se, quando lhe mostravam uma moeda de ouro. Nesse tempo corria muito ouro e prata por aqui...

Pois bem: o nosso curandeiro trequentava muito a casa de um fazendeiro que aqui havia, e que tinha um filho estudando na Bahia.

Por fim, morreu o fazendeiro, e o moço tomou conta da herança. E ouvindo todos os dias o velho curandeiro injuriar o dinheiro, não querendo siquer olhar para uma moeda, pensou que fossem historias e fingimentos; e resolveu tirar então a prova do caso. Num domingo em que o curandeiro sahiu da fazenda e tinha de passar por ali onde está hoje a cruz, e onde havia

um grande capão de matto, — o moço deixou-o partir, e logo montou a cavallo e veio esperal-o neste ponto. Despejou bem no meio do caminho, onde o pobre homem tinha de passar, uma grande porção de moedas de ouro, e foi esconder-se na matta para ver como procedia elle ao encontrar o dinheiro.

Era já por volta da tarde, e a estrada estava deserta. Vem o velho, e mal avista a dinheirama, recúa horrorisado como se visse uma cascavel. Benzeu-se tres vezes e voltou, cortando por dentro do matto. Quando chegou alli, no começo d'aquella subida, encontrou trez homens que vinham do arraial; e o moço, do lugar em que estava escondido, viu o velho falar-lhes, com os gestos de quem instava para que elles não fossem por alli; mas os sujeitos não fizeram caso e seguiram.

Chegando á vista do ouro espalhado, soltaram uma grande gargalhada: « Ora! o velho! não queria que passassemos por aqui, dizendo que tinha avistado o diabo!... e era o dinheiro, que elle queria vir apanhar!... pois não ha de achar nem a lembrança!... »

E abaixando-se, contaram as moedas — eram mais de cem! « Homem! — disse um delles, — um achado destes deve ser festejado! isto é quasi uma riqueza!... oh! Camillo, nós ficamos aqui guardando o thesouro, e você vá ao arraial comprar uma garrafa de aguardente! »

Partiu um dos companheiros e ficaram os outros dois.

O moço, de onde estava, ouvia e via tudo; e como o caso o interessava, quiz presencial-o até o fim. Não demorou meia hora, que o tal Camillo

despontou lá na ladeira; e avistando-o, um dos que o esperavam exclamou :

— Lá vem o Camillo! andou depressa! Está doido pelo dinheiro.

— É se nós o guardassemos para nós, hein? E trocaram um olhar terrível.

Approximou-se o outro e entregou-lhes a garrafa.

— Bebam! Bebam bem, que o caso vale a pena; eu por mim já bebi a minha parte.

Um dos sujeitos recebe a garrafa, enquanto o outro, puxando sornateiramente uma faca, vae por traz e crava-lh'a toda nas costas. A' vista d'isto, o moço levanta-se, dá um grito; e os assassinos avistando-o puxam de um clavinote, e dêsfecham-n'o sobre elle, fazendo-o cair.

O tiro apanhara-o em pleno peito, e o rapaz perdeu os sentidos; quando voltou a si, viu os dous malvados contorcendo-se em dores horri-veis; gritavam desesperadamente, dizendo que estavam envenenados. Acudiu gente, e pouco depois morriam os miseraveis. Foi o moço quem tudo contou. O outro desgraçado, indo buscar a cachaça, certamente teve o mesmo pensamento de matar os companheiros, afim de ficar unico possuidor do dinheiro; deitou veneno na aguardente...

O moço voltou a si, mas não escapou: morreu poucas horas depois, tendo antes feito testamento, no qual distribuia todos os seus haveres pelos pobres da comarca, encarregando d'essa distribuição o proprio curandeiro.

Então, o povo levantou uma cruz no lugar do horroroso crime...

## UMA PESCARIA

Terminada a historia, os viajantes dormiram tranquillamente, refazendo as forças exaustas pela caminhada da vesperá. De manhã, dispunham-se a partir, quando Juvencio lembrou :

— Não seria melhor ficarmos aqui hoje? Corre alli em baixo um pequeno rio... Aproveitaríamos a agua, e lavariamos as nossas roupas, que estão bem sujas.

Carlos concordou. Na falda do morro, em frente á casa, corria de facto um riacho, entre moitas de ingazeira. Juvencio, sempre jovial, ampliou a ideia primitiva :

— Vamos passar todo o dia á beira d'agua. Além de lavar a roupa, podemos fazer uma pescaria.

Alfredo applaudiu a ideia. Compraram sabão, anzões, — um pouco de carne secca, e dirigiram-se para a margem do riacho. A lavagem das roupas foi rapida : Juvencio molhava-as, ensaboava-as, e passava-as a Carlos, que as esfregava e torcia, batendo-as sobre as pedras; Alfredo, depois, estendia-as ao sol, sobre os galhos baixos das arvores.

O sertanejo escolheu, então, duas vergontes, duas varas finas e flexíveis, cortou-as, e atou á extremidade mais fina de cada uma d'ellas um fio de dois metros de comprimento, e na extremidade de cada fio prendeu um anzol. Depois, começou a cavar com a faca a terra humida da beira do rio.

— Que é que você procura ahí dentro? — perguntou Alfredo, interessado.

— Procuo uma isca...

Apanhou na terra remexida algumas dez ou doze minhocas, e enfiou uma d'ellas em cada anzol, de modo a deixar á ponta d'este escondida e invisível. Feito esse trabalho preliminar, encaminharam-se os trez para a ribanceira, e pararam num ponto onde as aguas eram mais calmas e o riacho parecia mais profundo. Juvencio e Carlos empunharam as varas, e deixaram cahir os anzoes, que se afundaram na agua em virtude do proprio peso. E os dois, quietos, de cócoras, deixaram-se ficar immoveis, segurando as varas, estendidas horizontalmente.

Alfredo começou a mover-se e a falar, ao lado d'elles, fazendo-lhes perguntas. Mas Juvencio impoz-lhe silencio. Carlos, inquieto, desageitado, mexia-se, agitava-se involuntariamente, distrahia-se. Mas o sertanejo era um verdadeiro pescador. A sua attenção não se desviava do trabalho. Em certo momento, o rapaz, attento, sentiu que o anzol tremia, e comprehendeu que o peixe estava beliscando a isca; moveu a vara ligeiramente, e, sentindo resistencia, deu-lhe um puxão rapido e forte, levantando-a. Carlos e Alfredo viram apenas luzir no ar um corpo pra-

teado, que foi bater em cheio no chão, e principiou a pular : era uma piabanha, de um palmo de comprimento.

Nesse mesmo instante, Carlos sentiu também que o seu anzol tremia. Açodado, fez o que vira o companheiro fazer, e puxou a vara com violência : mas o peixe tinha comido a isca, e fugira.

Carlos ficou um tanto envergonhado : e Alfredo ria gostosamente, vendo a cara espantada do irmão.

Juvencio poz-se então a explicar que as primeiras qualidades do bom pescador são a paciência e a tenacidade. E' preciso esperar o momento preciso em que se deve dar o safanão : do contrario, o pescador arrisca-se a perder, ao mesmo tempo, a isca e o peixe...

Conversavam sobre isso, quando ouviram vozes que se aproximavam. Eram vozes de mulheres... Voltaram-se os trez, e viram cinco mulheres que desciam a ribanceira carregando grandes trouxas de roupa na cabeça.

— Ah ! Carlos ! e eu estou sem calças ! — exclamou Alfredo.

— Que tem isto ? Deixa-te de tolices... Todos vêm que és uma criança.

As lavadeiras tinham ouvido a exclamação do pequeno. Uma d'ellas, já velha, vendo-o correr, e esconder-se atraz de uma arvore, deu uma risada, e disse por gracejo :

— Vejam lá que vergonha ! um homem assim, sem calças !

Outra, uma cabocla, de physionomia expansiva, perguntou a Carlos, vendo-o com a linha de pescar :

---

— Já pescou muito?

— Não! o meu companheiro apanhou um peixe, e eu nem sei o que hei-de fazer d'elle...

— Deixe ver! — disse a lavadeira — é uma piabanha! e que bonita! Se quer, vou assal-a...

E estabeleceu-se logo uma conversa cordial entre os rapazes e as lavadeiras, — mulheres simples, francas e hospitaleiras, como, em geral, todos os habitantes do sertão.

---

## XVIII

### AS LAVADEIRAS

Dentro em pouco, as cinco mulheres e os tres rapazes formavam um só grupo.

A velha, a que gracejára com Alfredo, tomou o peixe e escamou-o em dois tempos, com grande admiração do pequeno que nunca a supuzêra capaz de fazer aquillo tão depressa. Depois, a lavadeira accendeu fogo, arranjou um espeto e enfiou o peixe, temperado com um pouco de sal, levando-o ás brazas.

— Maria! — gritou ella para uma rapariga, que, pela idade e pelas feições, parecia ser sua filha — vae molhando essa roupa!

E, voltando-se para Carlos, perguntou:

— Aquellas roupinhas estendidas alli são de vocês?

— São.

— Estão *córando*?

— Creio que sim, — respondeu elle, com um ar de quem não entendia muito d'aquillo.

— Pois, vou mandar *enxagual-as*...

E, depois de alguns momentos:

— Vocês de onde são, e que estão fazendo aqui ?

Carlos não achou conveniente estar contando a sua historia a toda gente ; e, fazendo um signal a Alfredo para lhe indicar que não falasse, deu tempo a Juvencio, que respondeu :



As lavadeiras.

— Somos de Petrolina, e vamos até Villa-Nova, e talvez mesmo até a Bahia ; estes meninos têm familia na Bahia, uns parentes do pae, e querem ver se conseguem entrar para um collegio ; e eu quero ver se arranjo um emprego.

Assado o peixe, a velha entregou-o a Carlos que o não queria aceitar. Ella, porém insistiu :

— Aceite! nós todas já almoçámos bem. Ah! mas vocês não têm farinha... Oh! Maria!— gritou, voltando-se para a filha. — Vae á casa buscar um pouco de farinha.

— Não, não é preciso! — acudiram os trez rapazes.

— Vae, já te disse. E' alli! — continuou, falando para elles, e apontando uma casa que se via bem distincta, na encosta, defronte do ponto em que estavam.

Partiu a rapariga, e dez minutos depois estava de volta com uma cuia de farinha. Mas, ao mesmo tempo que ella descia, por um lado, descia, pelo outro, o dono da venda, que mal chegou á distancia de ser ouvido, gritou:

— Olá! rapaz! que estás fazendo ahi? — perguntou o vendeiro ao Juvencio.

— Lavando umas roupas, e apanhando umas piabanhas enquanto as roupas *córam* ao sol...

— Mas os teus companheiros não podem fazer isso sem o teu auxilio?

— Pódem... Porque pergunta?

— Porque eu preciso de alguém que me leve já uma carta aqui adiante, ao arraial do Riachinho, no caminho de Villa Nova, e tu bem me podias prestar esse serviço, ganhando alguma cousa.

— A carta tem resposta?

— Não.

Juvencio piscou um olho para Carlos, e respondeu ao vendeiro:

— Não ha duvida. Prepare a sua carta, que

irei levar-a agora mesmo. E fique descansado que não ha-de queixar-se do portador!

Assim que o homem se afastou, o rapaz disse aos companheiros:

— Um negocio magnifico, hein?

— Porque? — interrogou Carlos.

— Porque nós tínhamos de passar inevitavelmente por esse arraial, e, assim, aproveita-se a occasião para ganhar algum dinheiro.

— Mas — objectou Carlos — o homem diz que a carta deve seguir já, e nós não podemos partir d'aqui sem que as nossas roupas tenham seccado...

— Isso é o menos. Vosmecês ficam aqui. Eu sigo hoje, e dou conta do meu recado. Amanhã, quando tudo estiver prompto, vosmecês partem bem cedo, vão seguindo sempre o mesmo caminho direito, e encontram-se commigo em Riachinho.

— E com que roupa vae você?

— Vou com esta camisa velha, com esta calça molhada, que ha-de seccar com o sol, e com o paletó de Carlos. Vosmecês levam o resto da minha roupa.

— Bem! mas como havemos nós de achal-o lá no arraial?

— Ora! um arraial não é uma cidade; não é o Recife, nem o Rio de Janeiro... Olhe: deve haver lá uma igreja, uma capella...

— Ha, sim, — acudiu a velha, que o escutára.

— Muito bem! Amanhã, do meio dia para a tarde, ficarei á porta da igreja á espera de vosmecês.

— Está decidido!

— Elles só não irão, — interveio rindo a velha, — se eu os prender lá em casa; — e apontou para

a casinha. — E estou com muita vontade de fazer isto : quero guardar este vadio — e levou a mão aos cabellos de Alfredo — para o casar com uma velha que me criou...

Appareceu de novo o vendeiro, e entregou a carta ao Juvencio. Os rapazes abraçaram-se, e Juvencio, ao vêr os outros commovidos, disse gra-  
cejando :

— Que é isto ? a separação é tão curta ! Eu não vou para nenhum paiz estrangeiro...

Juvencio ainda cumprimentou com a cabeça as mulheres, apertou a mão ás duas que estavam no grupo, a mãe e a filha, e partiu.

---

## SEPARADOS

Vendo partir Juvencio, Carlos e Alfredo esqueceram as mulheres lavadeiras; sentiram-se sós e tomados de uma grande tristeza. O sertanejo fazia-lhes muita falta ao coração; amavam-n'o já como se fôra um irmão. Demais, Juvencio era a vida, a animação, a alegria do grupo. Tudo aquillo, agora, lhes parecia morto: o rio, o sol, as arvores, o céu, a corrente; — tudo, sem o companheiro, se lhes mostrava torvo e triste.

Foi a rapariga quem rompeu o silencio.

— Mas que é isto? Parece que saíu d'aqui um defunto: estão todos tão tristes! Porque tanta tristeza?!... Pois amanhã não se encontram todos, outra vez?... Ora, vamos d'ahi, vamos pescar...

— Sim, — ajuntou a velha — vae, Maria! eu tomo conta da roupa, e tu aproveita a linha e o anzol, e vê se apanhas algumas piabanhas, para o jantar. E vocês (para os dous rapazes) vão jantar lá em casa, dormem lá, e partem amanhã.

O resto do dia passou-se relativamente bem. As mulheres nunca estavam caladas, conversavam e cantavam sem descanço, contando historias

aos rapazes, que já as escutavam com prazer. A rapariga pescava. As outras batiam, ensaboavam, torciam, estendiam, borrifavam a roupa, e Alfredo acompanhava com interesse o trabalho das lavadeiras, com as braços nús, mostrando as veias salientes, e cobertos de espuma de sabão; elle divertia-se, vendo a roupa, que, antes de ficar molhada, fluctuava sobre a agua do rio.

Carlos, ao lado da rapariga, acompanhava as peripecias da pescaria. Ella preparou o outro anzol, e ensinou-lhe a maneira de fisgar o peixe:

— Quando sentir algum movimento no anzol, vá levantando e abaixando devagar a linha; e assim que sentir resistencia, dê o puxão. Vamos! experimente!

Carlos aproveitou tão bem a lição, que conseguiu apoderar-se de dois peixes, que, com os outros já pescados pela rapariga, deviam dar um farto e excellente jantar.

Alfredo viu a velha tirar alguns objectos de dentro de um sacco todo de couro, coberto de pellos espessos.

— Que sacco é esse? — perguntou.

— E' um surrão. — E, como percebesse que o pequeno não entendêra a resposta, explicou: — O surrão é um couro inteiro de bóde. Mata-se o bóde, corta-se-lhe o couro junto da cabeça, e vae-se puxando pouco a pouco, — como o mesmo geito de quem tira uma meia do pé. Corta-se depois o couro, junto dos pés do bóde, e elle sae inteiro; enche-se de palha, põe-se a seccar ao sol ou ao vento, e obtem-se um sacco como este; é só o que se usa no sertão.

— Mas esse sacco deve cheirar mal...

— Cheira mal a principio, quando está novo ; mas, depois de curtido o couro, o cheiro desaparece.

No correr da conversa, a velha, sabendo que Carlos e Alfredo tinham dormido na vespera sob o telheiro da venda, insistiu para que elles fossem passar aquella noite em sua casa, que ficava perto d'alli.

— Lá jantaremos ! — disse ella. — Vamos, que já trabáhamos bastante, e ganhámos bem o nosso dia.

As lavadeiras recolheram as roupas, e os rapazes seguiram com ellas.

O sol ia caindo... Longe, chiava um carro de bois. Uma aragem fresca sacudia as ingazeiras, e a agua do riacho corria com um murmurio suave a que se casava o canto dos passaros.

---

## DOENÇA

A velha lavadeira era casada. Já o marido a esperava em casa. Assim que entraram, ella explicou a presença dos dois rapazes :

— Estes mocinhos são de Joazeiro, e vão para o arraial do Riachinho.

O homem, que era de Joazeiro, entrou a pedir noticias de varios moradores de lá... Carlos, vendo que ia ser apanhado em flagrante mentira, foi obrigado a contar toda a sua historia. O homem ficou commovidissimo com a triste narração.

— E vosmecês arriscaram-se a fazer essa viagem tão longa?

— Ora! — acudiu Alfredo — porque não? eu até era capaz de vir sósinho!

— Deixa-te de basofias! — disse Carlos, sorrindo — queres mostrar-te valente, e ainda hoje choraste, de medo, quando te tiraram um bicho do pé!

— Porque doía muito! se você soubesse quanto doeu! e ainda está doendo!

De facto, nessa mesma manhã, Alfredo queixára-se de uma comichão no artelho; Juvencio vira que o pequeno tinha um bicho no pé, e procurara fazer com todo o cuidado a extracção.

Depois do jantar, os pequenos accommodaram-se. Já noite alta, Carlos percebeu que o irmão se agitava, choramigava, gemia. Apprehensivo, levantou-se e foi apalpar o corpo do pequeno, achando-o muito quente. Alfredo sentia dores vivas no pé. A ferida inflammára-se, o pé inchára e avermelhára-se.

Carlos, sem saber como havia de alliviar o irmão, esperou que amanhecesse, e passou o resto da noite entre sustos e reflexões tristes. Como resolver essa difficuldade? Alfredo, naquelle estado, ardendo em febre, não poderia continuar a viagem... com que recursos contaria elle, Carlos, para salvar o irmão, naquelle logar quasi deserto, sem medico, sem pharmacia? Ainda se o Juvencio alli estivesse... Porque, enfim, o Juvencio era expedito, experiente, decidido, e achava sempre uma solução para todos os casos difficeis... Justamente, uma das cousas que mais preoccupavam o espirito de Carlos, era o encontro marcado com o Juvencio no Riachinho. Que pensaria e que faria elle, quando não visse chegarem os companheiros?

Amanheceu. Entrou logo, no aposento em que Carlos e Alfredo tinham passado a noite, a velha lavadeira :

— Que é isto? o seu irmãosinho está doente?

— perguntou ella, a Carlos, sobresaltada.

Examinou a ferida, e tranquillizou-o :

— Foi porque não souberam tirar o bicho... Mas isso não é grave.

Lavou a ferida com aguardente camphorada, collocou sobre ella uma cataplasma de tapióca tambem camphorada.

O Sr. Bento, — o dono da casa — veio também ver o menino, mostrou-se extremamente penalizado, e disse :

— Não ha gravidade, felizmente. Mas, agora, o remedio que ha, é ficarem aqui um dia ou dois.

Carlos quasi lhe pediu que fosse ao tal arraial avisar o Juvencio, e dizer-lhe o motivo da demora. Mas não se animou a fazer o pedido, porque o homem disse logo que tinha de enfardar uma grande quantidade de algodão, já vendido.

Com a applicação dos remedios, Alfredo melhorou consideravelmente. As dores diminuíram logo, e a febre cedeu. O menino bebeu uma cuia de leite, e adormeceu.

Carlos acompanhado pela rapariga, Maria das Dores, passou o dia ao lado d'elle, mais socegado, mas ainda preocupado com as consequencias da demora. Era provavel que Juvencio voltasse, para saber o que era feito d'elles... Era provavel, mas não era certo. E se não voltasse? e se continuasse a viagem sósinho, — uma vez que não tinha o dever de se preocupar com a sorte de companheiros a quem mal conhecia? Esta ideia mortificou o espirito de Carlos : o Juvencio era um companheiro tão bom, tão intelligente, tão conhecedor dos caminhos! Além d'isso, aquella convivencia de poucos dias criara no coração de Carlos uma grande amizade por aquelle excellent rapaz, tão bravo, tão carinhoso e tão serviçal...

No meio d'essas cogitações, surpreendeu-o a voz da velha, que o chamava :

— Venha almoçar! seu irmãosinho está socegado e você já deve sentir fome...

## MARIA DAS DORES

Carlos considerou que era realmente melhor não acordar o irmão; deixou-o dormindo, e passou á sala, — que era ao mesmo tempo de visitas, de trabo e de jantar. A pesar da sua pobreza, esse aposento tinha um ar alegre; os moveis, antigos e já sem verniz, estavam cuidadosamente espanados; o lampião de metal reluzia, de tão bem areado; na janella, dentro de uma pequena gaiola, cantava um curió.

O almoço era farto: feijão, carne-de-sol assada, bananas; mas Carlos comia machinalmente, preocupado com a doença do irmão, e com as difficuldades com que ainda tinha de lutar até chegar á capital da Bahia, — difficuldades que maiores lhe pareciam agora, na ausencia do providente Juvencio.

Ia em meio o almoço, quando se ouviu a voz de Alfredo, que despertára. Carlos correu ao quarto, e teve a satisfação de ver que o doente estava, sem duvida, muito melhor.

— Então? Como te sentes?

— Muito bem! — respondeu o pequeno. — Já quasi não sinto dor no pé.

— Queres almoçar ?

— Quero, sim, que tenho bastante fome.

— Não te levantes. Eu vou buscar o teu almoço.

A dona da casa arranjou á pressa um almoço leve para o enfermo, — um pirão de farinha, um ovo estalado, — e disse á filha, Maria das Dores, que o fosse levar ao quarto.

Alfredo já vira, na vespera, a rapariga, á beira do rio. Mas, olhando-a entre tantas outras, não reparára bem nas suas feições. Agora, vendo-a entrar com o almoço, achou-a encantadora.

Maria das Dores era uma mocetona morena, quasi cabocla, mas muito corada e de traços regulares. Tinha olhos negros, labios finos mostrando uma fileira de dentes alvos e iguaes, rosto redondo e alegre, nariz pequeno ligeiramente arrebitado, testa estreita, cabellos muito lisos e pretos, atados no alto da cabeça. Tinha um ar de candura e de bondade, e, ao mesmo tempo, de simples e ingenua franqueza.

Entrou, deu o almoço ao pequeno, e começou a conversar com elle, que logo se sentiu attrahido pela sua bondade.

— Então, ainda não está bom ?

— Não estou bom, mas já estou muito melhor. Ora eu hontem, conversei tanto com você, e não lhe perguntei o seu nome!...

— Maria das Dores.

— Você não tem irmão ?

— Tive um que morreu pequenino, de sarampão.

D'ahi a pouco, ia tão animada a conversação entre os dois, que Carlos e a velha lavadeira ouviam lá dentro as risadas alegres de ambos.

— Aquella rapariga — disse a velha — é sem-

pre assim. Tem 16 annos, e parece uma criança de 8 ou 10. Está sempre falando, rindo, cantando. Nunca a vi triste... Saiu á avó, que era uma *tapuia* : quando tinha 70 annos andava tão alegre, tão risonha como uma moça.

Tentado por aquella alegria, cujo ecoar chegava á sala, Carlos foi ver o que a provocava.

Ao entrar no quarto, encontrou o irmão, bem disposto e com boas cores, sentado na cama, com o prato sobre as pernas cruzadas, ouvindo a rapariga, e rindo muito do que ouvia. Maria das Dores, sentada no chão, contava uma historia em verso. Não se vexou com a entrada de Carlos, e continuou :

No sertão de Cabrobó,  
Havia um sapo casado :  
Na secca de 34  
Quasi morreu de torrado...

.....

## Á ESPERA

Quando Maria das Dores acabou de contar a historia do sapo, Carlos, sentado á beira da cama do irmão, falou d'aquillo que mais o preoccupava :

— E o Juvencio, Alfredo? Que dirá elle, quando não nos vir chegar?

— Ha um remedio, — respondeu o pequeno. — Vá você hoje encontrar-se com elle : eu irei amanhã...

— Não póde ser...

— Não póde ser, porque? — perguntou Maria das Dores. — Seu irmão póde muito bem ficar aqui comnosco. Não lhe hão-de faltar cuidados!

— Não é isso! — explicou o mocinho — o que digo é que Alfredo não poderá ir sósinho até Riachinho. E quem sabe se amanhã já elle poderá caminhar? Não! mais vale ficarmos ambos aqui...

E continuou, pensando em voz alta, absorvido pela sua preocupação :

— Com certeza, o Juvencio não continuará sósinho a viagem. Espera-nos hoje... Mas, vendo que não chegamos, ha-de comprehender que aconteceu alguma cousa, e voltará para saber o que

houve. Talvez amanhã o tenhamos por aqui... Ah! lembro-me agora... E' natural que, se voltar, elle vá immediatamente procurar-nos na venda; e, como ninguem sabe que estamos aqui, é capaz de ficar sem noticias...

E, voltando-se para a rapariga:

— Por onde se vae para a venda? é longe d'aqui?

— E' muito perto. Já lhe mostro o caminho.

Maria das Dores levantou-se, e saiu, acompanhada de Carlos. Foram até á porta da casa. O dia estava lindo e quente. A soalheira ardia.

A casa ficava num declive, na parte mais baixa. Em frente, havia o morro, de terra vermelha, pedras e barro, coberto de um matto ralo, de arvores crestadas e capim escasso, onde algumas cabras pastavam. A' direita, havia matto fechado; á esquerda, uma extensa plantação de mamoneiras e algodoeiros. Defronte da casa, no sopé do morro, levantavam-se algumas paineiras, altas e copadas, que espalhavam em torno uma larga sombra.

— Olhe! — disse a rapariga, estendendo o braço — o senhor siga por este caminhosinho, suba o morro, e depois desça: ha-de achar duas veredas. Tome a da esquerda, que vae dar na estrada real. Siga sempre para a esquerda, que ha-de logo encontrar a venda; se quer, vou acompanhá-lo...

— Não, não é preciso, — disse Carlos. E pôz-se a caminho.

Maria das Dores voltou para junto de Alfredo. Este, assim que soube que o irmão fôra á venda, exclamou:

— Que tolice de Carlos! pensa que eu não sou

capaz de andar sózinho por essas estradas! como se eu não soubesse ir d'aqui ao Riachinho.

— Mas note que é longe...

— Que é que tem? De mais longe viemos nós... Viemos do Recife!

— Eu não conheço o Recife... — disse a rapariga.

— Ah! é uma bella cidade! quando saímos de lá, á procura de papae...

N'este ponto, Alfredo parou, e levou a mão á testa, cerrando os olhos.

— Que é? — perguntou Maria das Dores — está sentindo alguma cousa?

— Não! não é nada! — disse o pequeno, enxugando as lagrimas.

E' que, ao pronunciar o nome do pae, Alfredo lembrara-se da sua figura, tão nobre, tão sympathica, tão carinhosa, e sentiu que uma nuvem de pranto lhe toldava o olhar.

Passou-se esse dia, passou-se o segundo, passou-se o terceiro, sem que Juvencio apparecesse. Carlos ia á venda, á procura de noticias, e voltava sem ellas, apprehensivo e desanimado.

Uma ideia fixa o perseguia : « Quem sabe se aconteceu alguma desgraça? — pensava. — Quem sabe se o Juvencio não se viu envolvido em algum barulho? quem sabe se não está preso?... »

## A CLAREIRA

Vejam os que acontecera a Juvencio.

Tendo recebido os dez tostões para levar a carta á villa de Riachinho, o rapaz puzera-se a caminho sem perda de tempo. Era uma hora da tarde, quando partiu; ás seis devia estar na villa. Em caminho, parou um pouco, por volta das trez horas, á procura de agua com que matasse a sede. Não havia casas á vista : o logar parecia inteiramente deserto. Mas, para um sertanejo como elle, isso não era motivo para desanimo.

... Juvencio observou com attenção o local. A estrada seguia por um meio declive, e fazia uma grande volta, rodeando um matto, que lhe ficava para o lado de baixo, á esquerda do rumo que levava o rapaz. Do outro lado erguiam-se dois morros pellados. E Juvencio pensou : — « Se o caminho faz este rodeio é porque ahi dentro da matta existe algum obstaculo que o obriga a desviar-se, e esse obstaculo é, com certeza, um rio, um correjo, que passa bem perto talvez. » Continuou a marcha, reparando bem para o lado esquerdo, e pouco depois descobriu uma batida que entrava para o matto; enveredou por ella, e, umas cincoenta braças adiante, estava á beira de um ribeirão manso e profundo, de aguas frescas

e puras na sombra quieta do arvoredó. Era agradável o sitio, principalmente para quem vinha esaldando sob o sol das tres horas da tarde; e Juvencio, depois de fatar a sêde e refrescar longamente as mãos, o rosto e os pés na agua da corrente, acompanhou-a um pouco, entretido a ver as piabinhas que surgiam aqui e alli, á tona da agua, e a mirar as raizes grossas e nodosas que, descendo a escarpa da ribanceira, iam até o fundo do ribeiro. Teria elle feito uns vinte passos, e deu com uma clareira, larga e limpa, cujo relvado o sol brunia e destacava no sombrio do bosque. Ahí, o terreno descia suave para a corrente, as aguas se espraivavam, e via-se o fundo arenoso do correjo. Era um *passo*, era um ponto onde homens e animaes podiam facilmente atravessar a corrente. Mas o rapaz não tinha folga para fazer maiores explorações, e não pensou em transpôr a agua; cortou a clareira no mesmo sentido em que vinha, e deu com um outro trilho que partia para cima, para fóra do matto, mas numa direcção quasi opposta. Tomou por elle, calculando que iria dar na estrada real; e de facto, minutos depois estava de novo no caminho, que reconheceu perfeitamente por ver os morros pellados para o lado de cima. Succedeu com isto, apenas, que o rapaz veio sair uns 300 metros adiante do ponto onde deixara o caminho, e atalhou assim uma boa distancia. Foi isto o que elle percebeu; e continuou a sua viagem muito satisfeito.

A's seis e meia da tarde, estava Juvencio na villa do Riachinho, e não lhe foi difficil acertar com a casa do individuo a quem vinha destinada a carta. Era um negociante, juiz de paz do lugar.

## UMA BRIGA

Entregue a carta, Juvencio comprou um pão, jantou frugalmente, e, recolhendo-se sob um alpendre que havia na praça da Matriz, alli passou a noite.

Ao amanhecer, percorreu com descanço as duas ou trez ruas da villa, para matar o tempo, e ao meio-dia foi postar-se á porta da igreja á espera dos companheiros. Só se affastou d'ahi para jantar : jantou numa venda, alli perto, e, emquanto comia, não perdia de vista a igreja. Mas a espera foi baldada. Passou-se a tarde, passou-se a noite, e os companheiros não appareceram. Juvencio, aborrecido, andou passeando sem destino, e recolheu-se de novo ao alpendre, onde já passara uma noite.

— Que terá acontecido? — pensava. — Ter-se-ão elles perdido no caminho? talvez não... talvez a roupa não tenha ficado enxuta, e elles tenham adiado a viagem para amanhã.

A madrugada veio enconral-o já de pé. Não sabendo como matar o tempo, interessou-se pelo movimento das ruas. Assistiu á partida de uma tropa, e chegou a ajudar os tropeiros. Depois, foi

para a porta de uma escola publica, e presenciou a chegada dos alumnos, pobremente vestidos, mas limpos; levavam nas sacolas os livros e a merenda. Em seguida, foi ao mercado da villa, onde os vendedores de hortaliças se reuniam. A's onze horas, postou-se de novo á porta da Matriz; as horas continuaram a correr, monotonas e tristes...

Sentado num poial, o rapaz começava a cochilar, quando ouviu uma grande gritaria. Uma pobre velha atravessava a praça, perseguida por alguns desócupados, que a apupavam :

— Maluca! maluca!

A pobre velha nada dizia, e ia caminhando, offegante, com a cabeça baixa e os passos tropegos.

— Maluca! maluca! — berravam os garotos.

Um d'elles apanhou no chão uma pedra, e arrojou-a sobre a desgraçada. A pedra passou-lhe por cima da cabeça, e veio cahir a poucos passos de Juvencio. O sertanejo, indignado contra a covardia dos perseguidores, levantou-se e tomou a defeza da velha.

— Que é que você tem com isto, *seu* atrevido? — perguntou-lhe desaforadamente um dos vadios, rapaz de dezeseis ou dezeseite annos. Juvencio mirou-o, os seus olhos fuzilaram de raiva e desprezo :

— Você não se envergonha do que está fazendo? .. que mal lhe fez esta pobre mulher?... Você é que é um malvado e um covarde!

O rapazola, que era forte e sacudido, avançou e atirou-se para Juvencio, disposto a soval-o. Juvencio esperou-o, e desviando rapidamente o corpo, recebeu-o com um socco, que o atirou a

---

quatro passos de distancia. O valentão voltou á carga, meio tonto, e o sertanejo, agil como um gato, segurou-o pela cintura, por detraz ; mas o malvado era forte e os dois rolaram no chão, esmurrando-se. Nisto acudiu gente da venda fronteira, em auxilio de Juvencio, e o vadio aggressor teve de fugir, para não soffrer maior castigo.

Ao meio-dia, Juvencio, com a roupa rasgada, estava outra vez sósinho, á espera dos meninos. Sentia bastante ter estragado a roupa, que era a unica, mas ao mesmo tempo estava satisfeito por ter dado uma boa lição ao atrevido. A's trez da tarde, a sua preocupação augmentou : « Não ! não era natural aquella demora ! com certeza, alguma cousa tinha havido !... »

Quando anoiteceu, o sertanejo resolveu partir para o logar em que havia deixado Carlos e Alfredo. Não podia mais supportar aquella incerteza. A noite devia ser de luar, e a viagem era curta...

---

## LADRÃO !...

Reflectindo que era certo sentir fome durante a caminhada, Juvencio foi comprar um pão. Mas, quando metteu a mão no bolso, não achou um só vintem : os cinco mil réis, que eram toda a sua fortuna, tinham desaparecido... Com certeza, tinham caído do bolso, durante a luta.

O rapaz, desanimado e quasi chorando, afrouxou os dedos, e ia deixando o pão sobre a taboa do balcão da venda.

— Que é? — perguntou o vendeiro — perdeu o seu cobre?

— Perdi...

— Bem! leve o pão! não ha-de agora passar fome, além do desgosto de ter perdido o seu dinheiro! leve o pão, e traga o dinheiro amanhã.

Juvencio agradeceu a bondade d'aquelle homem, que nelle confiava sem o conhecer, e aceitou o favor. Esteve ainda algum tempo, ás apalpadellas, procurando o dinheiro no chão da praça, mas não o encontrou. Resignou-se, e poz-se a caminho.

Seriam, mais ou menos, nove e meia da noite, quando, já no meio da estrada real, tendo andado cerca de uma legua, o rapaz sertanejo ouviu atraz

um tropel de cavallos, cujos cascos soavam alto sobre as pedras do caminho; e, d'ahi a pouco, foi alcançado por elles. Vinham dois sujeitos montados; e, além dos cavallos que montavam, traziam mais dois, pela arreata. Quando avistaram Juvencio, saudaram-n'o, e perguntaram-lhe se não tinha encontrado outros viajantes por alli.

— Não, — disse elle — não encontrei viva alma.

— E para onde vae a esta hora?

— Vou alli adiante áquelle sitio, onde está a venda do Lima.

— Ah! nós tambem vamos para lá. Não quer montar um d'estes cavallos?

Juvencio aceitou com grande prazer a proposta. Apanhou o cabresto de um dos animaes, arranjou-lhe um barbicacho, quebrou um galho de arvore para empregal-o como chicote, e de um salto equilibrou-se sobre o cavallo.

Caminharam algumas quinhentas braças sem novidade. Mas, na primeira encruzilhada, saíram-lhes ao encontro trez individuos, tambem montados. Saltaram ao chão, e foram empunhando as garruchas que traziam a tiracollo.

Mas os dois meliantes deram logo de redea para traz, e desapareceram a galope, fugindo. Dois dos recém-chegados partiram a toda a brida, a perseguil-os: o outro atirou-se sobre Juvencio, dando-lhe uma pancada com o cabo do chicote na cabeça, e atirando-o ao chão. Depois, apeou-se, e amarrou fortemente os braços do rapaz com uma corda, apertando bem o nó, de modo a tolher-lhe todos os movimentos. Ao mesmo tempo, ia dirigindo-lhe injurias:

— Ah! ladrão! tão criança, e já ladrão! Tu não tiveste pae que te ensinasse o bom caminho, desgraçado?

O pobre Juvencio, aturdido com a pancada, apenas vagamente comprehendia o que lhe acontecera... Via que caíra numa cilada : os dois sujeitos eram ladrões de cavallos; estavam com medo de ser apanhados, e queriam andar depressa; por isso, pediram-lhe que montasse um dos animaes.

— Eu não sou ladrão! — gritou o rapaz.  
Ao longe, ouviam-se tiros de garrucha...

## FERIDO !..

— Eu não sou ladrão! — continuava o pobre a gemer. — Nem conheço aquelles homens!

— Deveras? — disse o sujeito, com ironia, apertando mais a corda.

— Ui! — chorou o rapaz — juro que não sou ladrão, e que nunca tinha visto aquelles homens. Nem sou d'aqui....

— Ah! eu bem sei que não és d'aqui : és da terra onde já se nasce gatuno....

Ouviu-se um tropel de cavallos, e reapareceram os dois homens que tinham seguido em perseguição dos ladrões.

— Os miseraveis fugiram; internaram-se pelo matto! — gritou um d'elles, ainda de longe.

— E que é do cavallo, que levavam pelo cabresto? — perguntou o que estava com Juvencio.

— O cavallo disparou. e não o vimos mais.

— Bem! enfim, sempre apanhamos um dos patifes, e o sr. coronel ha-de ficar contente! Elle disse que não fazia questão dos cavallos : mas que queria os ladrões, para lhes cortar as orelhas...

Juvencio estremeceu, ouvindo aquillo. Sabia bem quanto é terrivel, ás vezes, a gente do

sertão... E, voltando-se para o homem que acabava de falar, — um sujeito gordo, barbado, já meio idoso, — disse com voz firme :

— Juro ainda uma vez que não sou ladrão, e que não conheço aquelles homens!

— Sim? E como então se explica que o tenhamos encontrado com elles, montando um cavallo roubado?

Juvencio contou toda a historia do seu encontro com os ladrões.

— Ora! deixê-se de historias! — acudiu o homem. — Você vae seguir comnosco, e lá na fazenda se explicará!

— E ha-de ir a pé, para seu castigo, — acrescentou o outro; — a pé, e amarrado á cauda do meu cavallo!

— Não! isso, tambem, não! — acudiu o mais idoso — não lhe faça isso : é uma criança...

E riscou um phosphoro para ver melhor o rapaz.

— Que é isto? — exclamou.

Era o sangue que banhava toda a face de Juvencio : a cacetada abrira-lhe a cabeça...

— E' bem feito! — murmurou o velho, meio pezaroso, voltando o rosto — é para que vejas se é bom exercer o officio de ladrão!

— Mas eu nunca fui ladrão! — protestou mais uma vez o pobre, num arranco de raiva e de dôr.

— A caminho! a caminho!

Atiraram o rapaz ao lombo do cavallo, e amarraram-lhe as duas pernas, com uma corda forte, passando-a sob a barriga do animal. E tocaram pela mesma estrada por onde tinham apparecido. Um puxava o cavallo, e o outro tangia-o.

Era um martyrio cruel para o Juvencio aquella corrida, sobre o animal em pello, entre ramos e espinhos que lhe feriam o rosto. Nem se podia equilibrar ou segurar, porque os malvados tambem lhe haviam atado as mãos por traz das costas : ia alli, como um sacco, aos solavancos, quasi caindo. Correram assim, cerca de hora e meia, — e chegaram á fazenda do coronel.

O coronel estava dormindo, mas foi chamado, e levantou-se logo. Juvencio, ainda com as mãos atadas, foi levado á sua presença, — e um dos sujeitos, o mais velho, começou a relatar o que succedera.

O fazendeiro, ouvindo-o, não tirava os olhos de sobre o rapaz, — uns olhos duros, pardos, frios, sombreados por espessas sobrancelhas. Juvencio, olhando-o tambem, tremia de medo : aquelle homem tinha na face uma expressão de maldade feroz .. Era um velho sertanejo, queimado do sol, — cabellos grisalhos, duros e maltratados; uma barba rala e desigual, pelle enrugada como um couro franzido; e o nariz chato, a grossa bocca ainda lhe tornavam mais repellente a physionomia.

---

## NO TRONCO

O homem concluia o seu relatório :

— Os ladrões eram trez. Infelizmente, só pudemos apanhar este...

— Sim! — rugiu o patrão — E os cavallos? Nem os cavallos, nem os ladrões! É assim que vocês sabem cumprir as minhas ordens e cuidar dos meus interesses? Vocês são tão bons como elles!

— Fiz-mos o possível, sr. coronel! — disse atemorizado o que esbordoara o rapaz — e um dos ladrões está ferido... fiz fogo sobre elle, e ouvi um gemido. Fique tranquillo; havemos de apanhal-os! É este pequeno, que é filho ou não sei que de um d'elles, ha-de nos dizer onde os poderemos achar!

— Como não? — bradou o coronel — ha-de dizer tudo, ou ha-de morrer debaixo das palmatoadas e das chicotadas!

— Sr. coronel! — gemeu Juvencio — eu nem sei quem são aquelles homens!

— Veremos se você os conhece ou não, depois, quando o chicote e a palmatoria lhe desatarem a lingua! Levem este tratante para o tronco, e ponham-n'o encruzado, pé esquerdo e mão direita! Amanhã elle confessará tudo!

— Pelo amor de Deus! sr. coronel! eu juro que nem sou d'aqui!

— E de onde és, então?

Juvencio ia dizer a verdade, mas conteve-se. Se dissesse quem era, talvez o mandassem de novo para o poder do malvado padraсто... Teve medo, e preferiu mentir :

— Sou do Joazeiro.

— Do Joazeiro? Então. tambem já ha criação de ladrões de cavallos por lá?

— Eu não sou ladrão!

— E que és então? De quem és filho?

— Sou um pobre engeitado...

— Mentiroso! não queres dizer quem é teu pae!  
E quem foi que te criou?

Juvencio, sempre com a preocupação de não revelar o seu segredo, mentia cada vez mais. O fazendeiro, porém, não quiz perder tempo :

— Basta! para o tronco!

O tronco ficava num quarto, ao fundo da casa, junto á cosinha.

Esse instrumento de tortura é um aparelho de madeira, formado por duas traves de um metro e pouco de comprimento : uma d'ellas fica estendida e presa ao chão, com uma das extremidades ligada á outra peça, por meio de uma grossa dobradiça, de modo que as duas se podem unir, formando um só corpo. De espaço a espaço, ha uns entalhes em ambas as traves, uns maiores, outros menores. As outras extremidades das traves ligam-se por um argolão de ferro, que as mantém seguras. Pelas aberturas circulares, que resultam da coincidência dos entalhes, passa-se a perna, o braço, ou o pescoço de paciente.

Foi em um d'esses instrumentos que prenderam o Juvencio. Para lhe aggravar o martyrio, o fazendeiro ordenara que lhe prendessem no tronco o pé esquerdo e a mão direita, — de maneira que o infeliz ficava numa posição horrorosa, sem se poder sentar, nem deitar, com o corpo dobrado para a frente, repousando sobre um dos cotovellos. Ao cabo de meia hora, o soffrimento do rapaz já era intoleravel ; doía-lhe todo o corpo; a ferida da cabeça entrou tambem a doer; e uma sêde terrivel lhe requeimava a garganta. Assim passo u o misero toda a noite. Ao romper da aurora, o coronel entrou no quarto, acompanhado de dois homens, um dos quaes trazia uma palmatoria. As dores, a sêde que o devorava, o torpor de que se sentia tomado, — Juvencio esqueceu tudo, ao comprehender o que o esperava... Mas dominou o medo, e disse com voz firme :

— Eu já disse que não sou culpado! para que ha-de o sr. torturar-me? O sr. não tem filhos? Lembre-se que isto, que me acontece hoje, tambem pode um dia acontecer a qualquer d'elles!

O fazendeiro fitou-o com os seus olhos duros. Juvencio, suppondo que conseguiria abrandar aquella fera, supplicou :

— Não me maltrate mais!

— Velhaco! — foi a resposta do malvado.

O sertanejo arrependeu-se de se ter humilhado. Baixou a cabeça e cerrou os olhos, com horror, pensando : « Elle não me ha-de matar; já curti castigos peiores... e, haja o que houver, hei-de safar-me d'aqui! »

— Metta a palmatoria nesse tratante! — ordenou o fazendeiro.

## XXXVIII

### UM DIA DE MARTYRIO

Juvencio fitou longamente os dois criados : olhou-os sem odio, nem cobardia, disposto a affrontar, como um homem, o horror do martyrio.

Um dos sequazes do coronel abriu o tronco, e ergueu brutalmente o rapazinho, que, tendo passado toda a noite naquella posição forçada, tonteou, assim que o puzeram de pé. Sentiu que as pernas lhe fraqueavam, e procurou com a mão a parede, para se apoiar. O criado, que trazia a palmatoria, deu-lhe um empurrão violento, e fello-rolar no chão.

— Malvado! — rosou o outro criado, em voz baixa, ajudando o pobre a levantar-se.

— Vamos! vamos com isso! — bradou o patrão — já que este patife não quer confessar a verdade, é preciso arrancar-lh'a da bocca! Estenda a mão.

E ouviu-se o estalo forte dos bolos, acompanhados dos gemidos surdos da victima. Em certo momento, Juvencio, dominado pela dôr, encolheu a mão, e dobrou tanto a cabeça para a frente, que a palmatoria, tangida com toda a força, veio cair sobre a fronte, justamente sobre o lugar ferido. Foi tão terrivel o soffrimento, que o

desgraçado perdeu os sentidos, e caiu, banhado em sangue.

Mas o malvado fazendeiro não se commoveu :

— Ponham-lhe agua e sal sobre a ferida, e mettam-no outra vez no tronco, até amanhã!

O ardor da agua salgada, sobre a ferida, fez o rapaz recuperar os sentidos, com um longo gemido doloroso.

O homem da palmatoria já tinha saído com o patrão. Estava só no quarto o outro criado, que já uma vez tinha dado mostras de compaixão. Agachou-se junto de Juvencio, e falou-lhe com piedade :

— Coitado! Aquelle infame não se lembra que tambem tem filhos!... Está doendo muito?

— Muito! — gemeu o martyr, rompendo num pranto copioso. — Porque me fazem isto? que crime commetti eu?

— Olhe! — disse o criado — eu vou prendel-o apenas por um pé, porque não posso deixar de cumprir as ordens do patrão... Se eu pudesse fazer alguma cousa por você... Mas o patrão é um homem terrivel! logo á tarde, ou amanhã de manhã, você ha-de ser outra vez espancado, até que diga para onde foram levados os cavallos...

— Mas, se eu não sei...

— Então, como ha-de ser? Se eu pudesse, iria falar a uma filha d'elle, que mora na Tapéra... Mas é tão longe!

— Estou morto de sêde! dê-me ao menos um pouco de agua!

O homem saiu, e voltou logo com um caneco cheio. Juvencio, depois de matar a sêde, perguntou, ancioso :

— Mas, então, esse malvado ainda será capaz de me espancar?

— Se é!... Com certeza! aquillo não é homem : é o diabo! você ha-de passar fome e tormentos a valer. Emfim, sempre hei-de ver se lhe arranjo um pouco de comida.

E saiu.

Juvencio, ficando só, poz-se a pensar na sorte que o esperava : ser espancado todos os dias, até que se decidisse a confessar... A confessar o que? um crime que não praticára! Que ia ser d'elle, alli, desamparado, sem uma só pessoa que lhe valesse? Que fazer? Dizer quem era, e pedir que mandassem tirar informações, a seu respeito, na sua terra? Mas o padraço ficaria conhecendo o seu paradeiro, e viria buscá-lo : e seria, de novo, o captivo, a tortura, a desgraça...

O rapaz tanto pensou, que, de repente, uma ideia, vaga e indefinida a principio, e precisando-se e accentuando-se pouco a pouco, começou a formar-se no seu cerebro.

Juvencio concentrou-se, reflectiu, e não conteve um grito de triumpho : tinha achado o meio de se salvar!

---

## QUEM NÃO PODE, TRAPACEIA

Quando, d'ahi a pouco, voltou o compassivo criado, trazendo um pequeno pedaço de carne, um pouco de farinha, e uma banana, — já Juvencio estava completamente transformado, calmo, e quasi alegre. Espantou-se o criado, ao verificar aquella mudança, e ia abrir a bocca para interrogar o rapaz, quando este lhe disse, no tom mais natural :

— Ouça! diga ao seu patrão que estou disposto a confessar tudo. Elle que venha cá, se quer saber onde estão os seus cavallos.

— Mas, menino! exclamou o homem, indignado — você ainda agora não jurava que era innocente?! Ah! você bem mostra que é filho de ladrão de cavallos!

Doeu-se Juvencio, de se ver assim tratado por uma pessoa que se compadecera da sua sorte : esteve para contar o que pretendia fazer — todo o seu plano de salvação. Mas teve medo de se perder, e supportou com resignação a immerecida offensa.

Momentos depois, entrava no quarto o coronel, sempre a-pero e antipathico, mas com a physionomia denotando a mais viva curiosidade.

— Ah! velhaco! sempre te decidiste a confessar? Não ha nada, para tirar a teima de um teimoso, como um bom tronco e uma boa palmatoria! Ora vamos a isso! Então, os meus cavallos?

— Sr. coronel! — começou o rapaz, procurando dar á voz um tom natural — eu confesso tudo, mas o sr. ha de proteger-me, porque aquelles malvados, se sabem que eu os trahi, são capazes de matar-me...

— Não tenhas medo!

— Eu não sou filho de nenhum d'aquelles homens...

O coronel franziu a testa...

— ... Sou sobrinho de um d'elles.

— E estavas em companhia d'elles, quando me furtaram os cavallos?

— Não, senhor. Eu estava guardando outros dois cavallos, lá perto do Angico, e esperando um outro companheiro, que tinha ido a Villa-Nova.

O coronel, já interessado pelo que ia ouvir, ordenou que abrissem o tronco, e dessem liberdade de movimentos ao rapaz.

Juvencio sentou-se, encostado á parede, e proseguiu :

— Nós somos de Pernambuco. Já andamos por aqui trez vezes. Elles são quatro...

— São quatro? — interrogou, ancioso, o fazendeiro.

Juvencio, obedecendo ao plano que formara, continuou a contar o seu romance, todo inventado :

— São quatro. Quando aqui estiveram, das outras vezes, furtaram seis cavallos, passaram o rio São Francisco, abaixo de Joazeiro, e foram vender os animaes em Pernambuco, lá para os la-

dos do Triumpho. Agora, naturalmente, vão fazer o mesmo. Andámos por estas bandas ha uns dez dias...

E descreveu minuciosamente a viagem, de Joazeiro até alli, para provar que dizia a verdade. Depois :

— Chegando aqui, elles trataram de saber quaes os animaes que poderiam furtar. O primeiro animal furtado foi uma besta muito boa, que encontraram no Angico. Sairam com ella, mas a besta fugiu. Seguiram então dois, o Pedroso e o Texugo, para os lados de Villa-Nova. Viram bem o que podiam roubar ahi, e voltaram para combinar com os outros o ponto de encontro.

« Emquanto esses andavam por lá, meu tio e o Zé-Mano escolheram no matto um lugar em que pudessem armar um rancho; o lugar escolhido fica legua e meia para cá do Angico, junto do caminho que vae do Riachinho para o Angico, e que segue depois para o Joazeiro.

Ao dizer isto, Juvencio não falava no ar; referia-se ao caminho por onde viêra, e descrevia lugar que bem conhecia. Lembrava-se d'aquelle matto em que entrara, havia dois dias, para beber agua, e via na memoria todo o local : a grande volta do caminho, o trilhosinho por onde viera até o ribeirão, o *passo* que ahi havia, a clareira, e o outro trilho por onde saíra até a estrada.

— E você não foi com elles? — perguntou o fazendeiro.

— D'esta vez, fui. Depois de escolhido o logar para o rancho, elles voltaram para o Angico, e lá esperaram os outros que tinham ido a Villa-Nova. Chegaram no dia seguinte, trazendo dois cavallos :

---

um é o que está aqui, e o outro é um « russo », em que meu tio ia montado. Meu tio, que é o chefe do bando, indicou-lhes bem o lugar em que tinha feito o rancho; separámo-nos, ante-hontem, pela madrugada. Meu tio e o Zé-Mano vieram furtar os animaes d'aqui, enquanto o Pedroso e o Texugo foram ver se arranjavam mais alguns, adiante de Villa-Nova.

— E você?

— Eu fiquei, com os dois cavallòs já furtados, em uma capoeira alta, que ha perto do Riachinho. Meu tio e o Zé-Mano foram ter commigo na noite de ante-hontem para hontem. E iamõs recolher os animaes ao rancho, quando fomos apanhados na estrada...

---

## UM PLANO

— Ah! — exclamou o coronel, interrompendo o rapaz sertanejo — então, não será difficil' en-contral-os reunidos no tal rancho!

Juvencio pensou, comsigo mesmo : « Caiu no laço!... » E disse em voz alta :

— Creio que é quasi certo, sr. coronel! póde pegal-os hoje mesmo!

— Bem! — disse o fazendeiro. — Já sei o que vou fazer! vou mandar reunir uns doze homens decididos, — e você irá com elles, para lhes indicar o lugar.

— Mas, sr. coronel! — exclamou o rapaz, fingindo-se aterrado — o sr. garanta-me a vida, por quem é! Estou prompto a ensinar o caminho, e a fazer tudo para que o sr. possa deitar a mão, não só aos cavallos, mas tambem aos iadrões... Mas não me deixe desamparado, que elles são homens vingativos e rancorosos, e, se me pégam, estou morto!

— Não tenhas medo! vaes com a minha gente, e voltas com ella! E já começo a te proteger, permittindo que não fiques mais no tronco; vou ordenar que te deem comida, e que te curem a ferida da cabeça. Mas, pelo sim, pelo não, ficas aqui preso, até a hora da partida,

E gritou :

— Felipe!

Chegou immediatamente o Felipe, a quem o coronel ordenou :

— Toma conta d'este pequeno! és responsavel por elle. Não é preciso mettê-lo no tronco. Mas tranca a porta, e guarda contigo a chave!

E saiu.

Ficando só com Juvencio, Felipe olhou-o com certa desconfiança e resentimento. Isso mortificou de novo o rapaz, que lhe perguntou, com voz triste :

— O sr. tem filhos?

— Porque é que você me pergunta isso? Tinha um, que está no céu, ha doze annos; e, antes assim! antes morto do que vivo e ladrão de cavallo!

Juvencio continuou :

— Ouça, Sr. Felipe! o sr. tem sido bondoso para mim, e dóe-me muito que me julgue ladrão. Pelo amor que teve ao seu filho, creia que sou innocente! Ainda um dia ha-de saber que eu nunca fui ladrão!

— Sim? — perguntou Felipe, incredulo — e que quer dizer o que você contou ao patrão?

— Estou buscando o meio de salvar-me. Que importa o meio que emprego, se com isso não faço mal a ninguem? O que lhe peço, por tudo quanto possa haver de sagrado para o seu coração, é que não diga que eu menti ao coronel. Deixe-me ver se consigo sair d'esta afflicção!

— Fique tranquillo! eu não sou homem capaz de fazer mal aos outros!

— Outra cousa! — accrescentou Juvencio — peço-lhe que não vá, hoje, com os que vão fazer a diligencia...

— Que diligencia?

— A diligencia dos que vão hoje partir á caça dos ladrões.

— Ah! eu nunca faço parte d'essas expedições: sou criado particular do coronel, e nunca saio de casa.

Juvencio almoçou, e dormiu, á farta, até duas horas da tarde. Quando acordou, ap oximou-se da janella gradeada do quarto, e viu que havia no terreiro um grande movimento de gente, a quem o coronel dava ordens. Compreendeu que já se estava organizando a expedição. Veio sentar-se sobre o tronco, e começou a reflectir, assentando bem o seu plano, combinando bem os recursos de que podia lançar mão.

D'ahi a pouco, entrava o fazendeiro :

— Está tudo prompto! você vae jantar, e partir immediatamente com os meus homens. São doze: quatro irão a cavallo, e os outros a pé; você irá na anca de um dos cavallos. A que distancia fica o tal rancho?

— A tres leguas mais ou menos.

— Então, é preciso não perder tempo. Saindo d'aqui ás tres e meia, podem estar lá ás seis horas. Chegam, param a pequena distancia, esperam que anoiteça, dão cerco, e apanham a canalha. Mas veja bem! tome tento no que lhe digo! Não procure fugir, não arme uma traição, não me queira enganar. porque, se o fizer, está perdido: vem morrer aqui, no tronco, cortado a chicóte!

— Oh! sr. coronel — exclamou Juvencio, — o senhor bem vê que, no estado em que estou, nem posso andar!..

---

## A EXPEDIÇÃO

Juvencio comeu ás pressas, e foi confiado ao Venancio, — que era o mais velho dos homens que o tinham trazido á fazenda.

Montaram, e dispuzeram-se a partir, ouvindo as ultimas recommendações do coronel :

— Sigam sempre pela mesma estrada, por onde vieram com esse pequeno, até a encruzi-lhada, e tomem depois a estrada do Angico. D'ahi por diante, o pequeno ha-de indicar-lhes o caminho, até o rancho. Mas tomem cuidado com elle : não o percam de vista! Se elle fizer alguma negaça, mettam-lhe uma bala na cabeça! E tragam-me aqui os ladrões vivos ou mortos!

Partiram. A's quatro horas e meia, chegaram á encruzilhada. Juvencio ia á garupa do cavallo que o Venancio montava.

— Olha! — disse-lhe este — foi alli que ficamos, de tocaia, para pegar vocês.

E mostrou-lhe um pé de mangabeira.

— Arre! — respondeu Juvencio, — em tom de brincadeira, muito naturalmente, como se estivesse falando a um velho amigo — eu nem quero lembrar aquella noite! que cacetada me deu aquelle seu companheiro! Pois vocês não viram logo que eu era quasi uma criança, que nenhum mal lhes

podia fazer? Se vocês não me tivessem maltratado, eu não teria tomado medo, teria logo contado tudo, e vocês naquella mesma noite teriam agarrado toda a quadrilha... Emfim, vamos ver se a cousa se faz hoje. Olhe que será um allivio para mim : não ha nada peor do que viver dia e noite com ladrões e assassinos! a gente não sabe nunca se está longe ou perto da morte!

— Socegue, que havemos de apanhal-os!

Tomaram a estrada do Angico. Quando Juvêncio viu que tinham chegado perto do logar que indicara, no ponto em que começava a avistar os dous morros pellados —, disse ao Venancio que era bom suspender a marcha.

Pararam todos. Eram quasi seis horas da tarde, mas ainda havia muita luz. Affastaram-se um pouco do caminho, e abrigaram-se por traz de um grupo de arvores um pouco antes do matto grande. Ficaram ahi até quasi as sete horas. Ainda não era bem noite fechada, e o céu estava limpo, mostrando já duas ou trez estrellas, que apenas luziam; a lua só devia sair lá para as oito e meia.

— Podemos seguir! — disse Juvencio.

Tocaram os animaes, e tomaram o caminho; agora, o sertanejosinho ia a pé, e marchava fingindo uma grande attenção aos arredores, enfiando o olhar para um e outro lado. Ficaram todos silenciosos, e, aproximando-se do matto fechado, disse Juvencio, ensurdecendo a voz:

— E' aqui dentro, um pouco para baixo. Assim que elles chegam aqui (e o rapaz apontava para um trilhosinho que mal se via na luz escassa do crepusculo), descem dos cavallos, e entram por esta batida, que vae dar numa abertasinha, junto

do ribeirão que passa ahi dentro do matto; atravessam o ribeirão, num *passo* que fica mesmo ahi, e estão no rancho, que é logo ao pé, um pouco para a direita do *passo*. Os animaes ficam amarrados numa aberta maior, que ha um pouco para lá do rancho.

Então começou Venancio a dar ordens:

— Bem! Chico, você fica aqui fóra com os cavallos; o melhor, até, é ir com elles para aquelle capãozinho onde estavamos, e esperar-nos lá. Os outros vêm commigo, cada um com a sua garrucha prompta.

Dizendo isto, Venancio empunhou logo uma pistola que trazia, e enveredou pelo matto, guiado por Juvencio. Na sombra da matta a noite era completa.

— Se podessemos accender uma lanterna!... mas é arriscado; elles podem ver-nos e fazer pontaria na luz — considerou baixinho o commandante da expedição.

— Não é preciso, — ajuntou Juvencio — eu sei o caminho: é só tomar para baixo, e vamos dar no ribeirão.

E lá seguiram, tacteando, mudos e cautelosos. Uns quinze minutos depois, reconheciam os da frente, pela natureza do terreno e pelo murmurio da agua, que estavam á beira do correjo.

— Vamos seguindo o ribeirão para a esquerda até encontrar a abertasinha, — aconselhou o ser-tanejo.

Na margem do ribeiro, o chão era quasi limpo de folhagens, e os homens caminhavam com maior facilidade. Logo adiante sentiram o terreno coberto de relva; estavam na clareira.

## COMO SE EMBRULHA UM SABIDO

— E' aqui! — murmurou Juvencio com solemnidade.

Pararam todos, e achegaram-se uns para os outros formando um feixe de homens. Venancio falava baixinho, ao ouvido, quasi, dos seus homens.

— Vocês trez: Zé-Pedro, Januario e João-Fazenda, ficam aqui, e, pelo sim pelo não, guardam este laço e esta lanterna. Foice numa mão, e garrucha na outra! E nós, vamos atravessar a agua, — disse para os outros.

— Acho bom tirarmos as calças, porque o *passo* é meio fundo: dá agua até a cintura quasi — aconselhou Juvencio.

— Sim — concordou Venancio; e foi logo, como os outros, safando as calças e atando-as á cintura: mas ainda não tinham elles acabado este preparativo, e já o rapaz entrava na agua.

-- Espera! -- murmurou aspero o Venancio.

— Sim! — acudiu a voz apagada de Juvencio.

Disse — sim — mas continuou. A treva era completa. A sombra espessa do arvoredó, a noite

negra, sobre a superficie tremula da corrente, tornavam impossivel distinguir qualquer cousa com a vista. Venancio, seguido de perto pelos seus homens, dirigiu-se logo para o *passo*, e avançou com o braço estendido, tacteando, á procura do rapaz. Este, porém, não o esperára; entrára na agua até o meio da passagem, e, em vez de buscar a outra margem, tomou pelo leito do ribeirão; a agua chegava-lhe até o peito, quasi, sem o deter. Deu uns vinte passos, e, voltando-se para a margem de onde viera, agarrou-se á primeira raiz que encontrou, e ganhou a terra firme outra vez.

Estava Juvencio desembaraçado dos seus terriveis guardaes, mas ainda não se sentia livre; queria ver-se na estrada. Nisto, ouviu um sussurro de falas; percebeu mesmo a voz de Venancio, que o chamava baixinho, já meio impaciente.

« Preciso safar-me », pensou o rapaz; « eu podia trepar numa destas arvores e passar ahi a noite, que elles não seriam capazes de descobrir-me, e, com a luz da manhã, sair d'aqui; mas, se elles ficam tambem?... Amanhã dão commigo... Nada, o melhor é tirar-me daqui; desde que vá procurando sempre a parte de cima e da direita, hei-de chegar á estrada. Elles hão de buscar á esquerda, porque entraram por lá... »

Juvencio reflectia estas cousas, mas já estava andando, soffrego. Tropeçava, enrolava-se nos cipós, emmaranhava-se nas ramas, caía, levantava-se, tacteava, seguindo sempre para cima.

— Juvencio! — bramiu a voz colerica de Venancio. — Vem já para aqui, canalha, ou varo-te com uma bala !!!

Esta exclamação foi um novo incentivo para o rapaz, que, no seu afan, já não tomava precauções contra os tropeços do matto. Um ramo pegou-lhe em cheio a cabeça, arrancou-lhe o chapéu, e magoou-lhe profundamente a ferida; a dôr foi penetrante e viva, e elle sentiu correr o sangue pela testa a baixo. Mas não se deteve; tirou o paletó, enrolou a cabeça ao modo dos pretos africanos, e proseguiu para cima.

Ao fim de uns vinte minutos, estava na estrada.

---

## XLIII

### LIVRE!

Era já noite fechada; mas a lua ainda não despontara. Havia, apenas, a claridade dos mi-lhões das estrellas, em um céu limpido e profundo. Juvencio pôde divisar bem o vulto dos dois morros pellados, ao outro lado do caminho, e, sem demora, orientou-se, tomando a direcção do Angico. Vestiu as calças, que ainda trazia á cintura, e partiu. Ia tremulo, de susto e de fadiga, mas era todo attenção; não caminhava, voava.

Antes de meia hora de marcha, ouviu, atraz de si, um tropel, parou e agachou-se na sombra de uns arbustos espessos, á beira da estrada. Era um cavalleiro, a galope curto, e seguido de perto por um homem a pé, arquejante, a correr para acompanhar a montada. Falavam, mas Juvencio não percebeu o que diziam. Passaram, e o rapaz, por precaução, deixou-se ficar ainda um pouco alli, a ver se vinha mais alguem. Ao cabo de uns dez minutos, sussurraram vozes, que vinham do mesmo lado; Juvencio desceu o rosto até o chão, olhou na direcção das vozes, e pôde lobrigar, assim, dois vultos de homens. Aguçou então o ouvido:

— « ... dizer ao senhor coronel... amanhã...

Zé-Pedro... » — diziam as vozes, que se aproximavam, tornando-se de todo distinctas :

— « Zé-Pedro e Barroso foram para os lados do Joá, para tirar indagações ; e nós vamos para o Angico, porque eu sou de lá ; minha mãe mora lá, e tenho lá o meu padrinho, o Bento-Função. Se o ladrãozinho partiu para alli, nós o apanhamos. Basta que elle passe por lá, para que eu tenha noticia... »

Juvencio comprehendeu que era d'elle que falavam os homens, e apurou mais o ouvido, arrastando-se, agachado, por entre as moitas, para apanhar mais alguma cousa :

— « D'aqui a duas horas estamos no arraial; vamos para a casa de mamãe, e bem cedo irei procurar noticias. »

O sertanejinho não quiz ouvir mais nada ; deixou que os dois homens tomassem a dianteira, e seguiu-os a uma certa distancia, avistando-os de longe em longe. Chegado ao arraial, viu que seguiam na direcção da venda, e tomou para a casa das lavadeiras, a ver se estas lhe poderiam dar noticias de Alfredo e de Carlos.

Bateu, e foi enorme a surpresa e o espanto de todos, quando o viram entrar, offegante, pallido, com o rosto banhado em sangue.

— Dá-lhe um pouquinho de aguardente, — acudiu o dono da casa.

E era preciso ; Juvencio estava quasi a desmaiar : fraqueza, susto, alegria, canção, dores... Passou o pasmo do primeiro momento, e elle contou a historia toda ; terminou repetindo o que ouvira dos dois sujeitos : que o viriam procurar, alli no Angico.

---

— E' o Thomaz, da comadre Josepha! — exclamou o dono da casa. Ah! então não ha nada; tudo se arranja; o rapaz é meu afilhado de baptismo — eu sou o Bento — Função; você não sabia?... Bem, vamos dormir vamos dormir... Maria das Dores! vae ver um pouco de arnica, ou de agua e sal para lavar a ferida do rapaz...

— E você não tem fome? — interveio a velha.

— Não; só tenho canção; estou caindo...

— Bom, vá dormir! Você dorme aqui mesmo, nesta redinha, — e apontou para uma rede que atravessava a sala em diagonal.

---

## A DESPEDIDA

Pela manhã, Juvencio acordou com o ruído de uma conversa. Saltou da rede, para cair nos braços de Carlos e Alfredo que já o esperavam ansiosos. Ao pé da rede estava o dono da casa, ao lado de um pardo, bem moço ainda, de pelle acabocladada, cabellos annellados, olhos risonhos.

— Está aqui o ladrão de cavallos, — disse sorrindo Bento-Função, olhando para o afillhado, e apontando Juvencio.

Thomaz — pois não era outro — sorriu tambem.

— Bem, — continuou o dono da casa, — você já sabe que não ha aqui nenhum ladrão... Pobres crianças!... E eu vou fazel-os partir sem demora. De qualquer modo, é preciso que o coronel não saiba que o rapaz esteve aqui; é um homem birrento e rancoroso, e não quero historias com elle. Você, Thomaz, vá para onde está o seu companheiro, e diga-lhe que nada pôde saber; e finja fazer indagações para os lados do Joá, porque eu sigo com os rapazes para outro lado, vou com elles ao sitio do mano Tiburcio, lá

arranjo cavallos para os trez, e hoje mesmo podem partir para Jaguary. Amanhã deve haver trem; escrevo uma carta ao meu compadre Martinho, da padaria, e elle recebe os meninos. Pode mesmo arranjar passagem para os pobresinhos; o meu compadre dá-se com os homens da estrada de ferro, e tem muito bom coração.

Foi uma despedida rapida. Alfredo abraçou com ternura a boa velha, que ainda lhe metteu nos bolsos dois ovos cozidos e umas pipócas de milho; abraçou e beijou com effusão a sua carinhosa enfermeira, Maria das Dores, que já não trazia na physionomia a alegria de sempre. Os olhos, negros e puros, contemplavam tristes o menino, e iam de vez em quando procurar os olhos de Carlos, cujo rosto meigo e pezaroso tinha agora um tom de penetrante saudade. Juvencio abraçou a todos; e Carlos, tendo beijado com amoroso respeito a mão da velha, caminhou para a rapariga, quieta e pallida, e abraçou-a silenciosamente. A boa velha viu então rolar uma lagrima nos olhos da filha...

## UMA OFFICINA

No sitio do Tiburcio, separaram-se os trez do Bento Funccão, que lhes entregou a promettida carta para o compadre Martinho. Partiram a cavallo. Mas em Jaguary uma nova decepção os esperava: Martinho estava viajando havia dois dias, e não devia voltar senão d'alli a mais de uma semana. E não havia quem o representasse e pudesse attender aos rapazes...

— Que fazer? — perguntou Juvencio. — Voltar?

— Isso não! — respondeu logo Carlos. — D'aqui, só para diante, e haja o que houver!

Deixaram os cavallos em casa de Martinho, e começaram a andar, tristes e apprehensivos.

Juvencio, que, com a sua providencia, não deixava de pensar em tudo, reflectia. De repente, falou:

— Se eu arranjasse aqui o meio de ganhar qualquer dinheiro trabalhando, estaríamos salvos. Poderíamos ficar uns dois ou trez dias; e não seria inutil esse descanso, depois dos trabalhos e dos commoções que tivemos...

— Arranjar trabalho? ahí está o que nem sempre é facil... — disse Carlos.

Nesse momento, passavam diante de uma officina de ferreiro. Lá dentro era grande a actividade. Via-se flammejar o fogo, e ouviam-se choques violentos e repetidos de metaes. Juvencio murmurou :

— Tenho uma ideia... Vou perguntar alli se não precisam de um ajudante. Se dissérem que não, paciência!

Entraram. O ferreiro, que estava batendo com o malho uma peça de ferro incandescente, que o aprendiz apoiava sobre a bigorna com uma tenaz, não pareceu dar pela entrada dos trez viajantes.

— Desculpe-me, se o interrompo — disse Juvencio, — o senhor não terá por agora necessidade de um ajudante?

O ferreiro interrompeu o trabalho, pousou o martello sobre o cêpo da bigorna, e disse :

— Se tenho! justamente adoeceu hoje o rapaz que tratava do fole, e eu estou atrapalhado com um trabalho urgente. Você conhece alguém que me possa servir, rapaz?

— Conheço, sim, senhor!

— E quem é?

— Sou eu.

O homem examinou-o com attenção, e não pareceu ficar muito satisfeito com a sua pouca idade :

— Você?

— Sim, senhor! não sou muito desenvolvido, mas sou forte, e trabalho bem. Além d'isso, conheço esse trabalho, porque já fui aprendiz de ferreiro.

— Homem! — disse o ferreiro, hesitando — você nessa idade não pode prestar grandes serviços... Depois, vocês todos, quando se querem empregar, pedem tanto dinheiro...

— Eu não! — acudiu Juvencio — olhe! não faço questão de salario. Deixe que durmamos aqui, eu e os meus companheiros; comeremos um pouco do que houver, e, se o senhor, no fim da tarefa, ficar satisfeito commigo, poderá dar-me o que quizer...

— Lá quanto a dormida e comida, estamos entendidos. Não faltam por ahi cantos onde vocês se deem; e comida, graças a Deus, nunca faltou nesta casa... Vá lá! aceito os seus serviços; e, se você fôr tão trabalhador quanto é despachado, sempre ha-de ganhar algum cobre... Mas é bom ficar bem entendido que só o emprego enquanto o outro rapaz estiver doente.

— Não ha duvida! Nós temos necessidade de continuar a nossa viagem, e não tencionamos demorar-nos...

Juvencio foi logo pôr um avental, e começou a trabalhar, com grande divertimento de Alfredo, que achava em tudo aquillo mais uma novidade para sua distracção.

O rapaz sertanejo tomou conta do fogo da forja, e do grande fóle, que era movido por uma grossa corda; ora deitava carvão no brazeiro, ora puxava a corda: o fóle abria-se e fechava-se, expellindo ar para o montão de brazas, e activando as chamas, a que o ferreiro expunha as peças de ferro, até que ficassem incandescentes e promptas para o trabalho.

Carlos, deixando os dois companheiros na offi-

cina, foi dar uma volta pela villa. Alfredo não quiz sair; preferiu ficar alli, admirando a labuta dos ferreiros.

O patrão, ajudado pelo aprendiz, trazia as peças ao fogo, e ia depois batel-as sobre a bigorna. Um outro operario, nos fundos da officina, estava ferrando um cavallo, pregando-lhe nos cascos as ferraduras novas, que alli tinham sido feitas. Um terceiro, com o auxilio de uma grossa lima de aço, estava polindo eixos de carroças.

Alfredo corria, encantado, toda a officina, examinando os objectos que se enfileiravam, encostados á parede : instrumentos, eixos de carros, montes de pregos, argolas de ferro, grades. Havia tambem chaves e fechaduras, porque a officina era, ao mesmo tempo, uma officina de ferreiro e de serralheiro. Alfredo sentia apenas que Juvenicio não pudesse prestar-lhe attenção, para lhe explicar a utilidade de todas aquellas cousas...

Mas o sertanejo não tinha mãos a medir : trabalhava devéras. A forja chammejava. O fóle movia-se, com um ronco surdo. E enchia-se a officina de um barulho metallico e estridente, que ia echoar longe, animando toda o logarejo...

---

## UM ANNUNCIO

Carlos saíra, sem destino, para se distrahir. Deu duas ou trez voltas, e parou na venda da villa, — estabelecimento que era ao mesmo tempo armarinho, hospedaria e armazem de viveres.

A' porta, um pequeno tomava conta de alguns cavallos arreados. Sentado no poial da entrada, um preto velho fumava cachimbo. De lá de dentro vinham vozes de pessoas que conversavam e riam. Carlos entrou para pedir um pouco de agua.

Trez viajantes, aos quaes pertenciam, de certo, os cavallos que estavam á porta, jantavam em torno de uma mesa, ao fundo da venda. Tinham deixado sobre o balcão os chapéos, os rebenques e outros objectos de uso.

Bebendo a agua, Carlos reparou que, entre esses objectos, havia um maço de jornaes dobrados e atados com um barbante, — e reconheceu logo que eram jornaes da Bahia. Immediatamente, surgiu-lhe no cerebro uma ideia : aquelles jornaes traziam noticias que o interessariam.. Reflectindo melhor, não pôde deixar de sorrir d'essa ideia : agora, que o pae estava morto,

que poderia haver de interessante em tal leitura? Mas, apesar d'essa reflexão desconsolada, a ideia voltou a martellar-lhe o cerebro. Não se conteve mais, e perguntou ao proprietario da venda :

— Faça-me um favor : pode dizer-me a quem pertencem aquelles jornaes ?

— São de um d'aquelles viajantes que alli estão jantando.

O menino ainda hesitou. Mas o desejo de ler os jornaes foi mais forte do que o acanhamento; e dirigindo-se aos homens que jantavam, Carlos perguntou-lhes se lhe permittiam passar os olhos pelas folhas...

— Que é que você quer ver nos jornaes, menino? — perguntou um dos sujeitos.

— Tenho parentes na Bahia, e como não vou lá ha muito tempo...

— Pois, leia lá as folhas, comtanto que não as estrague, e torne a dobral-as com cuidado.

O menino abancou-se, perto da porta, sobre um caixão, e começou a desdobrar e a percorrer com a vista os jornaes. Nos dois primeiros que abriu, nada encontrou. Mas, no terceiro, logo na primeira pagina, achou algumas linhas que o perturbaram, fazendo-o empallidecer de commoção.

Era um aviso da redacção, com o titulo : « Meninos desaparecidos ».

Dizia : « Pedem-nos que chamemos a attenção dos nossos leitores e das autoridades d'este Estado e dos Estados vizinhos para o annuncio que publicamos, na secção competente, sobre o desaparecimento de dois meninos, alumnos de um collegio do Recife. »

Carlos procurou anciosamente a secção dos annuncios, e encontrou logo aquelle que buscava, e vinha encimado pelo mesmo titulo da noticia : « De um collegio do Recife desapareceram ha dias dois alumnos, Carlos e Alfredo, o primeiro de 15 annos de idade, e o segundo de 10, filhos do engenheiro Dr. Menezes. Dar-se-à uma boa recompensa a quem os apresentar ou a quem d'elles dêr noticias seguras, ao Sr. Ignacio Mendes, negociante, á rua... n.º..., nesta cidade da Bahia. »

O menino bem disse o presentimento que tivêra ao avistar o maço de jornaes sobre o balcão; tomou nota da rua indicada no annuncio e do nome do negociante, e, depois de dobrar com cuidado as folhas e de agradecer aos viajantes, saiu apressadamente para communicar a noticia ao Alfredo e ao Juvencio.

Na officina cessára o trabalho. Era hora de jantar. Quando Carlos entrou, já estava preparada a refeição, frugal mas boa, a que o ferreiro, os seus ajudantes, e os trez meninos souberam fazer honra. O ferreiro estava satisfeito com o trabalho do Juvencio, e conversava com animação. Juvencio e Alfredo notavam que Carlos estava visivelmente preocupado : e observavam que o seu ar era mais de alegria do que de tristeza.

Terminado o jantar, Carlos chamou de parte o sertanejo e o irmão, e deu-lhes parte do que acabava de ler no jornal da Bahia. Alfredo começou logo a saltar de contente. Mas o irmão mais velho ainda não via o horizonte côr de rosa...

— Tudo está muito bom, mas ainda não sei como havemos de chegar até a Bahia...

---

— Ora! como havemos de chegar á Bahia! — exclamou Juvencio — como chegámos até aqui! Nestes dois dias de trabalho, sempre hei-de ganhar alguma cousa, e poderemos caminhar até Villa-Nova. D'ahi por diante, veremos! Deixe estar que não havemos de morrer de fome!

---

## NUM VALLO...

O dia seguinte ao da leitura dos jornaes passou-se sem novidade. A' tarde, appareceu na officina o aprendiz que tinha enfermado; vinha bom, e prompto para recommençar a trabalhar no outro dia. Carlos chegou a estimar a occurrencia, porque todo o seu desejo, agora, era partir o mais depressa possivel para a Bahia. O ferreiro, que era bom homem, deu a Juvencio dous mil reis, com que elle, antes de se deitar, comprou alguns viveres, carne e pão, para a viagem. Dormiram, e, ao romper da manhã, puzeram-se a caminho. Os meninos carregavam a matalotagem, e Juvencio uma cabaça cheia de agua.

Emquanto marchavam, iam conversando sobre a grande novidade que os preocupava. Quem seria aquelle negociante da Bahia? — que interesse teria elle em conhecer o paradeiro dos dois? qual seria o intuito do annuncio?

— Só pode ser bom! disse Juvencio. — Os senhores não têm parentes na Bahia?

— Não. E' verdade que meu pae devia ter por lá alguns conhecidos... — disse Carlos. — Os unicos parentes que temos estão no Rio Grande do Sul.

— Bem. Mas esses parentes já devem ter

recebido a noticia da morte de seu pae : talvez o negociante da Bahia seja amigo d'elles, e esteja encarregado de procurar os senhores.

— Talvez. Em todo o caso, tiraremos a cousa a limpo, quando lá chegarmos.

Alfredo, que ia um pouco adiante, parou de subito, e inclinou a cabeça, como prestando attenção a um ruido.

— Que é? — perguntou-lhe o irmão.

— Psiu! — recommendou o menino.

E continuou a prestar attenção, voltando-se ora para um, ora para outro lado.

Os outros aproximaram-se.

— Que é? — repetiu Carlos.

— Estou ouvindo qualquer cousa como um gemido... Ouçam...

Carlos e Juvencio afiaram o ouvido. Havia, de facto, alguma cousa. Era um como lamento longinquo...

— E' voz humana! — murmurou Carlos.

— E vem d'alli, de dentro do matto, á esquerda... — accrescentou Juvencio.

Seguiram nessa direcção. Os gemidos accentuavam-se. Chegaram a um vallo, cavado no matto, perto do caminho, e reconheceram que era effectivamente d'alli que partia a voz. Debruçaram-se, e viram lá embaixo um vulto estirado sobre os galhos seccos. Era um velho.

— Está morto, coitado! — exclamou Alfredo.

— Qual morto, *seu* Alfredo! — disse Juvencio — vosmecê já ouviu um morto gemer? Está vivo, e temos de soccorrel-o!

— Está claró! — affirmaram ao mesmo tempo os dois irmãos.

— O que eu não sei é como havemos de tirá-lo d'alli! Vejamos se elle é capaz de nos ouvir...

E falou alto :

— Que é isso, camarada? Que tem?

— Soccorro! acudam-me! — gemeu a voz lá em baixo.

Era uma voz tão fraca, tão abafada, que parecia a de um moribundo.

— Vamos tratar de ajudal-o! espere um pouco!

Os trez rapazes, debruçados sobre o vallo, viram então mover-se vagarosamente, entre gemidos, a face do velho. As suas longas barbas brancas estavam ensanguentadas...

Não longe do logar, ouviu-se logo um relincho prolongado. Entre as arvores, viram os rapazes um cavallo, que pastava tranquillamente.

— Que mysterio será este? — disse Juvencio.

— Agua... tenho... sêde... — sussurrou a voz do velho...

— Eu vou descer! — resolveu o sertanejo.

Apertou bem a corda que lhe atava ás costas a cabaça, e deixou-se cahir, com cautela, pelo declive, agarrando-se ás plantas, apoiando os pés nos troncos seccos. Em poucos segundos estava perto do homem, e reconhecia que elle estava gravemente ferido. Levantou-lhe a cabeça, encostou-lhe á bocca o gargalo da cabaça, e, quando o viu saciado, refrescou-lhe a cabeça e a face com um pouco de agua. O velho, reanimado, pôde então, em phrases entrecortadas, explicar mais ou menos o que lhe acontecera.

Caíra do cavallo, rolára alli, e sentia bem que ia morrer...

— Quem é o senhor? — perguntou Juvencio.

— Chamo-me Ricardo. Móro aqui perto, na villa de Jaguary... Tenho lá a minha familia...

— O cavallo que está lá em cima é seu?

— Deve... ser...

— Bem! tenha paciencia, que eu vou num instante á villa buscar soccorros...

E gritou para cima :

— *Seu* Carlos!

— Hein?

— Veja se pode descer! desça com cuidado! preciso do senhor aqui...

— De mim tambem? — perguntou Alfredo.

— Não! espere por mim...

Carlos desceu, sem grande difficuldade. Quando o viu ao seu lado, o rapaz avisou-o do que ia fazer : montava o cavallo, e ia num momento á villa, enquanto elle, Carlos, ficaria alli, tomando conta do enfermo.

— E Alfredo?

— Vae commigo. Levo-o na garupa.

— Pois, sim! — approvou Carlos — mas não se demore!

— E' um pulo!

E agarrando-se de novo ás plantas e ás pedras, o sertanejo galgou a borda do vallo.

---

## O MORIBUNDO

Ficando só com o mais velho dos irmãos, o enfermo ainda pediu um pouco de agua, e contou difficilmente a sua historia, parando de phrase em phrase.

— Ah! meu menino! estou vendo que não tenho muitos minutos de vida! Eu... já vinha... tão doente!

— Para onde é que o senhor ia?

— Ia a Villa Nova consultar um medico. Sai de Jaguary á noite, porque tinha confiança no cavallo, e conheço bem estes caminhos. Mas, não sei como, rolei da sella... creio que tive uma vertigem... e vim parar aqui... Ai!... e a minha gente, que não sabe o que me aconteceu!

— Socegue! — disse Carlos — o meu companheiro já foi prevenir sua familia, e é impossivel que ella não mande recursos para soccorrel-o!

— Manda... manda, com certeza! — falou o velho, com a voz cada vez mais cançada — no meu sitio... ha bastantes trabalhadores... nós somos remediados... Mas... creio que os soccorros... vão chegar tarde....

— Não! socegue! não fale tanto assim, que se cança inutilmente... O senhor está tão fraco!

— E' que perdi muito sangue... devo ter... as costellas partidas! Succeder uma desgraça como esta... a um homem velho... e doente, como eu!...

— Não fale mais, que isso lhe faz mal! — pediu Carlos.

— Não! — insistiu o enfermo — eu sei que vou morrer... e quero dizer-lhe uma cousa...

— Diga.

— Olhe! metta a mão... aqui, no bolso direito das minhas calças...

Carlos obedeceu, e encontrou um maço de dinheiro.

— Guarde... esse dinheiro, meu menino... Se eu morrer, antes de chegarem os soccorros, pode... ficar com elle... E' seu!

— Não diga isso! — acudiu o menino. — O senhor não ha-de morrer. Guardarei o seu dinheiro, para entregal-o ao senhor, quando chegarmos á villa, ou á sua familia.

— Não! não!... é seu!... guarde-o... — insistia o velho.

— Pois sim! pois sim! — disse Carlos, para não o contrariar... — Mas socegue! não fale mais! socegue!

— O meu socego... é a cova! — gemeu o homem. — Tambem, nesta idade, já é... tempo... de morrer... trabalhei muito, meu menino! Felizmente... deixo a minha gente amparada, e filhos e netos já criados... e encaminhados... na vida... E' tempo de...

A voz ia diminuindo mais e mais, a ponto de parecer apenas um sopro. Carlos passou o braço

por baixo da cabeça do ferido, e levantou-a, derramando sobre ella mais um pouco de agua. O velho fechou os olhos, e não falou mais.

A sua face magra e enrugada tinha já a lividez da morte. Carlos apalpou-lhe as mãos, e achou-as geladas. O peito levantava-se e abaixava-se a custo num estertor.

— Vae morrer! — pensou o menino.

E, aterrorizado, via-se alli, com um cadaver, sósinho, sem saber o que devia fazer.

Mas o velho ainda tinha bastante vida. De quando em quando, abria os olhos, fixava-os no menino, e tornava a fechal-os.

Carlos achava que o tempo custava extraordinariamente a passar. E os companheiros que não chegavam...

Agora, o velho, extenuado, caíra num abatimento, que pouco differia da morte. O menino tomou-lhe o pulso, e viu que as pulsações já quasi não se faziam sentir.

Felizmente, ouviu-se um tropel de cavallos. Era o soccorro esperado que chegava.

---

## XLIX

### MORTE E ENTERRO

Era Juvencio que voltava. Vinham com elle trez homens, empregados do velho, e traziam uma rêde, e alguns remedios.

Apezar da sua pouca idade, Juvencio, na organização dos soccorros, portou-se como o mais velho e o mais experiente de todos. Foi elle quem explicou como deviam, com o auxilio de cordas, içar o enfermo até a borda do vallo, laçando-o pela cintura e pelos sovacos, — o que se fez sem grande difficuldade.

Mas o pobre homem não dava accordo de si. Estava como morto, já quasi sem respirar. Já nem gemia. E, quando conseguiram depô-lo no chão, sobre a estrada, todos tinham a impressão de estar diante de um cadaver... Abriram-lhe a bocca, separando-lhe os dentes á força, e deram-lhe algumas gottas de vinho, que o reanimaram durante poucos minutos. Mas logo depois recommçou aquella somnolencia, que já era, sem duvida, o começo da agonia.

— Creio que não devemos perder tempo — disse Carlos — se queremos entegral-o vivo á familia...

— De certo! — apoiou Juvencio.

Colocado o corpo na rêde, foi esta solidamente suspensa de uma longa vara resistente; de cada uma das extremidades tomou conta um dos homens que tinham chegado com Juvencio. Como tinham trazido animaes, os dois meninos e o sertanejo puderam fazer commodamente a viagem de regresso á villa, escoltando a rêde em que ia o ferido.

Emquanto o prestito se punha a caminho, o terceiro empregado seguiu a galope, em direcção a Villa Nova, afim de trazer um medico.

A viagem foi triste.

Marchavam a passo. De quando em quando, Carlos aproximava-se da rêde, e examinava o moribundo.

O seu estado era o mesmo. Nem sentia o balanço, e apenas um leve erguer e abaixar do peito denotava que a vida ainda não o abandonára.

Entraram na povoação ás quatro horas da tarde. A porta de cada uma das casas, chegavam pessoas curiosas, a quem os dois empregados contavam o que succedera ao patrão. No « sitio » d'este, estavam apenas uma sua filha casada e o marido; numa anciedade terrivel, levaram o velho para uma alcova, e deitaram-n'o, esperando ainda poder salvar-o com o auxilio do medico que tinham mandado chamar a Villa Nova.

Mas, poucos minutos depois, o homem expirava, sem ter voltado a si.

Carlos, quando viu que tinha passado a primeira explosão de dôr, chamou de parte o genro do morto, e entregou-lhe o maço de dinheiro sem se referir á recommendação, que o velho lhe

fizera, de guardar o dinheiro para si : repugnava-lhe aceitar semelhante legado, cuja legitimidade não poderia provar.

A' noite, o cadaver foi velado pela familia e pelos tres rapazes. O genro, chamava-se Oliveira ; quiz conhecer os nomes e a historia dos meninos. Carlos contou-lhe summariamente o que lhes havia acontecido até então. Oliveira, quando soube das precarias condições em que elles estavam realizando a sua viagem, quiz immediatamente facilitar-lhe todos os recursos para o transporte até a Bahia :

— Digam ! digam o que desejam ! digam de quanto precisam ! que tudo quanto eu lhes dér será ainda pouco para lhes pagar o favor que lhes devo !

— Não, senhor ! — protestou Carlos — o senhor nada nos deve. Cumprimos apenas o nosso dever. Qualquer outra pessoa teria feito o que fizemos... E nada podemos aceitar.

— Menino ! — dissé Oliveira, com carinho — porque ha de ser orgulhoso ? E' necessario que todos nós nos ajudemos nesta vida ! Pensa, então, que depois do socorro que prestou ao meu sogro, e da proibidade, de que deu prova, entregando-me o dinheiro, eu hei-de consentir que vão d'aqui até a Bahia, a pé, e sem recursos ? Está muito enganado !

Carlos ia ainda protestar. Mas Juvencio interveio, com bom senso :

— Tudo se pode arranjar, a contento geral...

E dirigindo-se a Oliveira :

— O senhor empresta-nos algum dinheiro com que possamos tomar passagem de segunda classe

até a Bahia. Estes meninos têm parentes no Rio Grande do Sul; e ha na Bahia um negociante, que se interessa por elles; de maneira que poderão pagar-lhes depois esse dinheiro.

Oliveira quiz oppor-se á ideia do emprestimo; cedeu, porém, para não desgostar Carlos, que só nessas condições queria aceitar o auxilio.

No dia seguinte, logo ás primeiras horas da manhã, fez-se o enterro do velho, sendo o caixão acompanhado até o cemiterio pelos trez rapazes.

Oliveira quiz ainda detel-os :

— Não, não vão hoje! devem estar cansados, depois d'esta noite passada em claro...

Mas era tal a anciedade de Carlos por chegar á Bahia, que não houve meio de convencil-o.

Foi ahi que Juvencio veio a saber que o padre, seu conhecido, já não residia mais em Alagoinhas.

Logo depois de almoçar, os trez compraram as passagens, e tomaram o trem.

---

## L

### O JURAMENTO

A viagem até Villa Nova fez-se sem incidentes. No seu compartimento de segunda classe, os trez rapazes não se cançavam de recordar os casos diversos que tinha havido até alli, durante aquella difficil peregrinação.

— Quanta cousa nos tem acontecido! — dizia Carlos — se fossemos contar tudo isso, haviam de pensar que estavamos inventando uma historia...

— E' verdade! — respondia Juvencio. — Eu não lhe dizia ante-hontem que não haviamos de morrer de fome? não lhe dizia? Já almoçámos bem, temos dinheiro para chegar á Bahia... A gente, nesta vida, carece de ter confiança em si mesma. E' preciso não desanimar nunca. O dia da desgraça é a vespera da felicidade.

— O que eu admiro, Juvencio, é a sua calma! — observou Carlos — você é de uma coragem extraordinaria! Depois de tudo quanto tem soffrido, a sua alegria é sempre a mesma. Olhe que bastavam aquellas torturas que você passou em casa do coronel para abater um homem forte!

— Ah! *seu* Carlinhos! a gente do sertão é toda

assim! Nós não somos como muitos desses, das cidades, para quem a vida é facil desde o principio. No sertão, a gente sabe que só deve e pode contar consigo mesma... Depois, esta vida ao ar livre, no campo e na serra, no meio dos mattos, é uma vida que dá alegria e coragem.

Alfredo, que adorava o pequeno sertanejo, e concordava com tudo quanto elle dizia, gritou :

— Apoiado! eu tambem já estou ficando sertanejo, não é verdade, Juvencio? já monto a cavallo sem canção, e não tenho medo de nada! A minha vontade era viver sempre no matto!

Carlos sorria, ouvindo a tagarellice do irmão. Juvencio levantou os hombros, e respondeu :

— Não diga isso! o senhor é um menino de boa familia... O senhor e seu irmão hão-de estudar, hão-de ser engenheiros como seu pae, ou medicos, e nunca mais hão de pensar no sertão, nem em mim...

Carlos, commovido, disse, então, com voz grave :

— Juvencio! não quero que você diga isso! Você então suppõe que nós esqueceremos algum dia estas semanas em que vivemos e penámos juntos? eu e meu irmão não somos ingratos. Olhe! vamos fazer um juramento, aqui : eu prometto que nunca me hei-de separar de você!

— Ah! isso é cousa que nunca se pode jurar!  
— disse o rapaz — d'aqui a pouco, quando chegarmos á Bahia, eu irei para o meu lado, os senhores irão para o seu...

— Embora! — affirmou Carlos com energia — poderemos separar-nos pelas necessidades da vida, mas nunca pela indifferença ou pela inimi-

zade. Nós vamos prometter que seremos sempre amigos. Eu, por mim, juro-o pela memoria de meu pae!

— Eu tambem juro! — exclamou Alfredo com enthusiasmo.

O pequeno sertanejo tinha os olhos cheios de lagrimas, e não sabia o que havia de responder.

O trem corria, a toda velocidade. O dia era lindo. Um sol risonho alegrava a paizagem. E havia qualquer cousa tocante e sublime naquelle grupo de trez creanças, que o soffrimento unira, e que assim promettiam estimar-se sempre, querendo robustecer pela constancia do affecto os laços que as provações da vida tinham criado.

Juvencio, por fim, disse, com a voz tremula de commoção :

— Eu tambem juro que nunca me hei-de esquecer dos senhores, e que hei-de fazer o possivel para, depois de homem feito, ir encontral-os onde quer que estejam!

E continuaram a viagem, alegrados por aquelle juramento de amizade.

---

## NO CATÚ

Ao partir o trem de Villa Nova, Alfredo, com o seu desembaraço de creança, arranjou logo um conhecido. Era um homem de meia idade, que se sentara perto d'elle, e levava comsigo um grande cylindro encapado em panno grosso e pardo, cosido a barbante nas duas extremidades. Alfredo, pelo aroma que se desprendia do cylindro, reconheceu logo que era um rôlo de fumo.

— E' fumo, não é? — perguntou elle ao homem, para entabolar conversação.

— E' fumo, e muito bom! fumo como este não se encontra por ahi em qualquer parte...

— O senhor vae vendel-o?

— E' a minha occupação. Vou levar esta amostra á cidade da Bahia.

— E é um negocio que dá muito dinheiro, não?

— Bastante... — respondeu o homem, lisonjeado pela curiosidade do menino. A Bahia produz muito fumo, e todo de primeira qualidade.

— E é tudo quanto produz?

— Ah! não! no Estado ha muito ouro, ha diamantes, ha ferro. Mas as principaes producções

são o fumo, o café, o assucar, os couros e o cacáu.

D'ahi, a conversa, em que tambem já tomavam parte Carlos e Juvencio, estendeu-se a varios assumptos.

O trem galopava, parando em poucas estações.

— Esta estrada de ferro é nova — explicava o



Uma plantação de tabaco.

negociante de fumos. — Até ha pouco tempo, só havia estrada de ferro da Bahia até Villa-Nova. Agora, ella vae até Joazeiro. São mais de 400 kilometros.

— E' um dia inteiro de viagem? — perguntou Alfredo.

— Da Bahia a Joazeiro, dezeseis horas. Os senhores vão até a Bahia?

— Vamos. — Respondeu Carlos. — Não valé a pena parar em Alagoinha.

— Se estão com pressa, está claro que não

vale, — concordou o homem. — Mas Alagoinha é uma cidade importante. Tem um grande commercio. Além d'esta estrada de ferro, que passa por lá, ha uma outra, que de lá parte, oitenta e tantos kilometros, até o Timbó.

Entretidos com a conversação, os meninos não sentiam passar o tempo. Sem descer do trem, comeram alli mesmo, em companhia do negociante de fumos, que os forçou a aceitar um pouco do seu farnel.

Em Serrinha, o negociante, que dissera chamar-se Trancoso, trocou algumas palavras com um conhecido, que estava na estação. Falaram de fumo e de assucar.

— Fabrica-se muito assucar na Bahia? — perguntou Alfredo, assim que o trem se poz de novo em movimento.

— Algum...

— Ah! como deve ser bonito um engenho de assucar! deve ser uma cousa tão interessante!

— E' realmente muito interessante. Se os senhores quizessem demorar a viagem, eu poderia leval-os a um engenho. Ha um, abaixo de Alagoinhas, na estação do Catú. Tenho de ir lá, amanhã, a negocio. Devo encontrar-me no engenho com um sujeito, que talvez me compre uma partida de fumos.

— Oh! Carlos! — exclamou o pequeno — porque não ficamos um dia no Catú?

— Não vale a pena...

— Mas seria tão divertido visitar o engenho!

— Seria! mas agora já comprámos passagens até a Bahia...

— Lá por isso não! — interveiu o homem —

fazendo as suas declarações ao chefe da estação, os senhores podem interromper a viagem sem perder as passagens.

Carlos, que não queria contrariar o irmão, acabou por acceder ao seu desejo. Ficou decidido que pernoitariam em Catú, visitariam o engenho no dia seguinte, e partiriam á tarde.



Lavoura de canna de assucar.

Quando o trem parou em Alagoinha, os meninos reconheceram que o negociante não exagerara, quando se referira á importancia commercial da cidade. Havia grande movimento na estação. Mas os nossos trez viajantes não desceram. Só desceram no Catú, onde o negociante lhes offereceu pousada até o dia seguinte.

Seriam nove horas da manhã, quando partiram para a visita ao engenho.

A estrada subia uma collina muito suave, de vegetação desigual e emmaranhada : moitas de arbustos e pequenas arvores esgalhadas, gramineas altas, enredadas em trepadeiras e lianas.

— Tudo isto aqui foi roça... — commentou Juvencio.

— Como sabe você que isto foi roça? — acudiu Alfredo.

— Pelo matto... Além d'isso, veja alli as « sóccas », as touceiras de canna...

De facto, de espaço a espaço, via-se o verde alegre da canna de assucar, afogado no capinzal bravio, que coroava todo o alto.

Torcendo o caminho para o outro lado, avistaram logo, na meia encosta da collina fronteira, uma grande casa, baixa, quadrada, com o telhado negro corrido para os quatro lados. Dir-se-ia um enorme barracão, de cujo tecto saía uma grossa chaminé, a despejar fumarada espessa, e acompanhada de um tubo esguio, de onde esguichavam, continua e regularmente, lufadas de vapor branco-roseo, como a nevoa corada pela manhã.

Em baixo brilhava ao sol a agua quieta de um açude, margeado de junco e tabúa, e em cujo centro descancavam largas folhas de nenufar.

— Lá está o engenho! — gritou alegre Juvencio.

— Onde? — perguntou Alfredo.

— Pois não vê a bagaceira?

— Que bagaceira?

— Aquelle chão branco-amarellado! — e apontava uma larga mancha creme, que subia por um lado desde quasi o açude até o alto do engenho.

— E' alli que se espalha o bagaço que sae da

---

moenda; não vê aquelles bois que lá estão? estão comendo bagaço fresco. Não vê aquelle homem com uma vara que está « virando » o bagaço, para que fique bem secco?

— Mas com que fim?

— Para que elle possa ser aproveitado na fornalha do engenho...

---

## O ENGENHO

Ao fazer estes reparos, já estavam os passeiantes quasi ao pé do engenho; o Sr. Trancoso, transpondo a porteira do *pasto*, abandonou a estrada real, que passava á esquerda, e dirigiu-se logo para o lado opposto, que era justamente o lado da bagaceira, e onde o movimento era maior. Com isto, tiveram elles de costear o engenho pela parte de baixo. Esta face era meio fechada por uma parede baixa, uma especie de muralha de dois metros de altura; só no canto, á esquerda, é que a parede se elevava até o tecto. Por cima da meia parede, viam-se os bustos suarentos de quatro homens, movendo-se por entre nuvens de fumaça esbranquiçada, que se derramava para todos os lados.

— Aqui estão as caldeiras e os tachos onde se cozinha o assucar. Esta fumaça vem do caldo de canna fervendo... — commentou Juvencio.

Ao dobrar o canto da direita, em baixo, notaram com espanto os dois meninos uma ribanceira que ia dar a um fosso, no fundo do qual um preto robusto bracejava, movendo grossos toros de lenha; viram tambem, na parede que se levantava

em face d'elle, uma larga abertura mostrando o interior incandescente de uma fornalha.

— E' a fornalha do engenho? — perguntou Carlos, sem hesitar.

— E', sim, — respondeu-lhe Juvencio.

Contemplaram-n'a um instante, e, rodeando-a, penetraram na grande usina agricola. O interior era o de um vasto galpão aberto, excepto para o lado da estrada real, fechado por uma parede que ia até o tecto. Num pequeno patamar, sobranceiro á divisão onde ferviam os caldos de assucar, estava o dono do engenho, um homem já idoso, mas robusto, tez queimada, olhar apagado, e fronte enrugada. Trancoso dirigiu-se logo para elle; os rapazes ficaram de pé, ao lado, attentos ao enorme movimento que os cercava; e mal tinham espalhado o olhar em torno, tiveram de apartar-se, espremendo-se contra o patamar, para dar passagem a um rapazote conduzindo um burro que arrastava um largo couro de boi. Dirigindo-se para a moenda, que se levantava no meio da casa, o rapazote desatrelou o couro que trazia, e prendeu ao peitoral do animal os tirantes de um outro couro que alli se achava, já cheio de bagaço, e retirou-se, depois de bem ajustar o couro vasio para receber o bagaço que saia da moenda.

— Aquillo é a moenda, — explicou Juvencio, apontando com o dedo a espessa engrenagem de ferro, em cuja parte superior se viam trez cylindros, movendo-se em sentido contrario.

Um homem e uma mulher não paravam, apañando as cannas, ás duas e ás trez, encostando-as aos cylindros da moenda, por entre os quaes ellas desappareciam, tragadas em dois ou trez

segundos, para surgir do outro lado, transformadas em bagaço. Os cylindros moviam-se apertadissimos, e as caunas, comprimidas, chiavam e esguichavam longos fios de caldo, que vinham pintar o rosto dos *mettedores* de canna. Duas outras pessoas chegavam a canna para a moenda, indo busca-la a um monte que occupava um quarto do grande galpão — todo o angulo superior e direito. Os carros de bois chegavam alli uns após outros, e deixavam a carga.

Perto da moenda, para o lado de baixo, ficava o motor — a machina a vapor; o volante, alto de trez metros, girava com uma velocidade que o olhar apenas podia acompanhar. O ruido, o *batido* do motor, coincidindo sempre com uma especie de esguicho de vapor, o chiado e o ranger da moenda, o baque das cannas arrastadas e atiradas, o arfar dos tachos de melado fervendo, as vozes do pessoal — tudo isto formava um alarido continuo, uma atmospheria de rumores, onde, para alguém ser entendido, era preciso elevar fortemente a voz.

E ao pé do motor, mesmo por traz do volante, erguia-se uma vasta chaminé, que irrompia no tecto, e do proprio motor subia um tubo de ferro, que tambem varava o telhado.

— Por aquelle canudo, — explicou Juvencio — é que saem as baforadas de fumaça còr de rosa, que vimos, quando chegámos.

— Mas fiquem os snrs sabendo, disse o Trancoso que os ouvia — ha engenhos de assucar cujo machinismo é muito mais complicado do que este, principalmente os aparelhos onde se cose o caldo...

## LIII

### UM ENCONTRO

Quando tomaram o trem, que devia deixal-os na Bahia, eram mais de duas horas da tarde. Carlos respirou. Não deixara de apreciar a visita ao engenho, mas o desejo ardente que tinha de chegar á capital da Bahia não lhe dava margem para qualquer distracção ou divertimento. Estava ansioso por tocar o termo d'aquella vida de aventuras e de expedientes. Emfim, via aproximar-se esse termo, tão fervorosamente ambicionado. D'alli a menos de cinco horas, — que tanto dura a viagem de Alagoinha a Bahia, — ia elle saber o que o esperava, e qual o rumo que devia tomar com o irmãosinho.

O que mais preocupava Carlos não era a sua propria sorte : era a sorte de Alfredo, tão criança ainda, e que d'aquelle modo se expuzera a perigos sem conta, atravessando os sertões, alimentado-se mal, dormindo mal, mal vestido. Felizmente, nada acontecera de muito grave. Mas só em pensar nos perigos passados Carlos estremecia de horror.

Alfredo, esse não tinha preocupações. Encostado á janella do wagon, contemplava a paisagem, divertia-se com o movimento dos passageiros e com

o atropello das bagagens nas estações de parada, e fazia perguntas sobre perguntas a Juvencio, que respondia como podia, ás vezes bem embaraçado para satisfazer aquella inexgotavel curiosidade.

Por volta das quatro horas da tarde, o trem atravessou sobre uma ponte o rio Jacuhipé, de aguas placidas, banhando margens cobertas de abundante vegetação, e, logo depois, parou numa estação. Havia quinze minutos de demora, e os trez rapazes desceram, para, como dizia Juvencio, desferrujar as pernas. Assim que pizaram a plataforma da estação, uma voz gritou :

— Juvencio !

O sertanejo voltou-se, e teve uma exclamação de jubilo :

— Oh ! Manoel !... — e precipitou-se para abraçar um rapaz pouco mais velho do que elle, que lhe retribuiu o abraço com effusão.

Eram conhecidos antigos, filhos da mesma terra, criados juntos. Juvencio apresentou-o aos seus companheiros.

— Para onde vão ? — perguntou Manoel.

— Para a Bahia.

— E eu tambem ! — disse elle.

E começou a contar o que tinha feito, depois que saíra de Cabrobó. O pae mudara-se de lá para uma róça perto da cidade de São Francisco. A mãe fallecera, e o velho ficara muito acabrunhado de desgosto, começára a ficar inactivo e triste, e agora estava doente, numa cama, sem se poder mover. De modo que era elle, Manoel, quem sustentava toda a familia.

— Como, Manoel ?

— Trabalhando. Apesar da minha pouca

idade, sou o homem de confiança do dono da fazenda, em que meu pae se veio empregar. Sou eu, por assim dizer, quem dirige tudo, quem faz as compras, e quem paga as contas. Agora, vou á Bahia receber um dinheiro do patrão, uns trez contos de réis.

— E não tem medo de viajar sósinho, com tanto dinheiro? — perguntou Carlos.

— Não, porque ninguem imagina que um criança como eu ande com os bolsos cheios de contos de réis. Eu sei disfarçar, e até hoje, apesar de sempre andar fazendo estas viagens, nunca me aconteceu cçusa desagradavel. Uma vez... Mas a locomotiva já apitou... Vamos tomar os nossos lugares, que em viagem lhes contarei a historia.

Entraram no wagon, sentaram-se, e Alfredo foi logo exigindo a narrativa.

— O caso é engraçado, — começou Manoel. — Eu ándava fazendo cobranças entre Curralinho e Cachoeira, e tive de pernoitar numa venda, onde achei uns sujeitos mal encarados, que tambem lá deviam passar a noite. Levava comigo quatro contos de réis; e, quando me fui deitar, num quarto pequeno que havia no fundo da casa, tive um presentimento mau : a porta do quarto não tinha chave, e as caras antipathicas dos dois sujeitos nada de bom annunciavam. Mas, como nunca me faltam expedientes, puz o dinheiro em baixo de uma bacia de rosto, que havia sobre a mesa, deitei agua dentro da bacia, e metti-me tranquillamente na rêde, apagando a luz. Dormi; mas, uma hora depois, acordei, ouvindo a porta ranger. Tive o cuidado de não fazer um só movimento : abri um pouco os olhos, e vi que eram os

dois tratantes que entravam pé ante pé. Um d'elles trazia uma lanterna. Aproximaram-se da rêde; fechei os olhos e fingi que resonava. Acreditaram que eu dormia, e começaram a passar revista no quarto; esquadrinharam a minha maleta, remexeram todos os bolsos da minha roupa, espiaram debaixo da mezinha, revistaram até as minhas botas. Depois, um d'elles, veio apalpar-me com toda a cautela, enquanto eu resonava mais alto ainda; quando viram que nada achariam, saíram com o mesmo cuidado com que haviam entrado, — e eu fiquei rindo sósinho... Os idiotas lembraram-se de tudo, menos de levantar a bacia!

— E boa! — exclamou Alfredo — mas olhe que o senhor esteve com a vida em perigo!

— Não ha duvida! mas salvei-me, salvei o dinheiro do patrão, e ainda hei-de salvar-me muitas vezes, graças ao meu sangue frio e aos estratagemas que invento!

Com essa e outras conversas, passava-se o tempo. Ouviu-se um estrondo forte: era o trem que começava a passar uma longa ponte.

— E' a ponte da Plataforma! — disse Manoel — Já estamos sobre o mar.

E, d'alli a poucos minutos, o trem chegava ao termo da viagem. Os dois irmãos e Juvencio despediram-se de Manoel, e foram procurar a casa do negociante, auctor do annuncio.

---

## IGNACIO MENDES

O negociante, cujo endereço Carlos havia guardado, tinha o seu escriptorio commercial na cidade baixa. A'quella hora o escriptorio estava fechado, como quasi todas as casas d'aquella parte da cidade, que sómente durante o dia é animada pelo movimento do commercio. Mas em um armazem, que estava aberto, disseram a Carlos em que rua da cidade alta morava o homem que elle procurava.

— E' muito longe d'aqui ?

— Não ! vão pelo « Parafuso », que fica a dois passos !

Ainda tinham algum dinheiro, e puderam pagar as passagens, no « Parafuso », elevador electrico cujo modo de funcionar foi um grande divertimento para Alfredo.

A casa ficava perto da Praça Duque de Caxias, e não lhes foi difficil encontral-a, graças ás informações que iam pedindo de rua em rua. Era um predio elegante, com um pequeno jardim ao lado. Bateram á porta.

— Diga ao Sr. Ignacio Mendes que estão aqui os filhos do engenheiro Menezes — disse Carlos ao criado que veio ver quem era.

Logo depois, appareceu o negociante, espantado :

— Entrem ! entrem !

Entraram numa saleta de espera, onde o dono da casa começou a examinal-os com curiosidade. Era um homem alto e gordo, de physionomia franca e sympathica, com o bigode raspado, e



BAHIA. — O « Elevador ».

suiças já grisalhas. Esteve um momento calado, a fital-os, e por fim falou :

— São então os filhos do Dr. Menezes ?

— Sim, senhor ; — respondeu Carlos — eu sou o mais velho, chamo-me Carlos, e este é o meu irmão mais moço, Alfredo.

— E este ? — perguntou Ignacio Mendes, apontando Juvencio.

— Este foi o nosso companheiro de jornada, e devemos-lhe muita gratidão pelo auxilio que nos prestou durante a viagem difficil que tivemos de fazer, até aqui.

— Mas como fizeram a viagem ?

— Oh ! — exclamou Alfredo, intervindo — a cavallo, em canôa, em estrada de ferro, a pé...

Carlos, com um gesto, impôz silencio ao irmão, e disse :

— Foi em Jaguary que, por acaso, lendo um jornal, encontrei o annuncio, em que o sr. pro-



BAHIA. — Vista da Bahia de Todos os Santos.

mettia uma recompensa a quem lhe desse noticias de nós.

O negociante continuava a examinar os trez rapazes, com mal contido espanto :

— E como foi essa historia do seu desaparecimento ?

Carlos ia responder; mas Ignacio Mendes, mudando de ideia, disse :

— Bem ! bem, temos tempo !... vamos lá para dentro; vocês precisam ceiar e descansar.

Já tratava os rapazes com familiaridade, e estes

começavam a sentir-se attrahidos e seduzidos por elle, pelo seu ar sympathico e bondoso.

Ignacio Mendes introduziu-os na sala de jantar, onde estava reunida a familia. A mulher do negociante era uma senhora bem conservada, parecendo moça. Estava á cabeceira da mesa; nos outros lugares, estavam as duas filhas, uma de quatorze annos e outra de doze, e o filho, ainda menino. Das duas mocinhas uma cosia, e outra bordava, sobre talagarça, em um bastidor. O menino folheava um livro com estampas.

— Ora aqui estão os heroes de um romance! — disse o negociante, ao entrar na sala. — São os filhos do dr. Menezes, que tinham desaparecido do collegio.

— Jesus! — exclamou a senhora, levantando-se — como foi isso, meninos?

— Tá! tá! tá! — interrompeu o negociante, rindo — por ora, creio que elles não poderão contar como foi, porque devem estar caindô de fome! Vamos dar-lhes de ceiar, e ouvil-os-emos depois.

D'ahi a pouco, servida uma ceia de carnes frias e de doces, Carlos que já se sentia bem naquella atmosphera de familia, começava a contar a sua historia. Disse, summariamente, como soubera da doença do pae, como saíra á procura d'elle em companhia do irmão, como tinha recebido a noticia da morte, e como viera até alli, entre mil perigos e difficuldades. A narração foi succinta, mas, ainda assim, durou mais de uma hora, durante a qual o negociante, a mulher, e os filhos não continham por vezes a admiração e as lagrimas, ouvindo a relação de tantos riscos e tormen-

tos. Carlos, apesar de resumir o mais possível a narrativa, não esqueceu o encontro com Juvenio, nem os serviços que este lhe prestou, nem a doença do irmão...

— Coitados! — diziam compassivamente, de quando em quando, a senhora e as filhas.

Quando Carlos acabou de falar, houve na sala um



BAHIA. — S. Bento.

silencio commovido. O negociante foi o primeiro a rompê-lo dizendo:

— Pois, meninos, eu não conheci pessoalmente seu pae. Os seus tios do Rio-Grande, de quem sou correspondente, escrevendo-me, fizeram mais de uma vez referencias a elle; conhecia-o de nome, e fiquei surpreendido, pois nem sabia que elle tinha filhos, quando recebi, ha mais de dez dias, um telegramma de seu tios, pedindo-me para providenciar no sentido de descobrir o paradeiro de vocês, que haviam fugido do collegio, no Recife, em busca de seu pae, enfermo, na B'Voa ista, São

Francisco. Immediatamente fiz publicar aquelle annuncio, e telegraphiei para Alagoinha, e outras cidades do interior, mas não obtive nenhuma resposta... Imaginem o desassocego em que devem estar os seus parentes do Rio Grande!... Emfim, vocês appareceram, e isso é o essencial. Amanhã, veremos o que se deve fazer... Que caso extraordinario!

— Parece um romance! — disse uma das mocinhas.

— Um romance verdadeiro!

As duas meninas, Maria Nazareth e Georgina, tinham tomado conta de Alfredo, que conversava animadamente com ellas. O filhinho do negociante, Octavio, cahira de bruços sobre o livro, e dormia. Carlos e Juvencio conversavam com o dono da casa, dando-lhe ainda novos episodios da viagem.

Foi Ignacio Mendes quem interrompeu o serão, dizendo:

— Já é quasi meia noite! vamos dormir, que estes meninos, depois da sua viagem tão complicada, devem estar morrendo de somno!

---

## NA BAHIA

No dia seguinte, logo cedo, ainda o negociante, antes de sahir para o escriptorio, conversou com Carlos, acerca do que se tinha passado, e do que convinha fazer.

— Onde teve noticia da morte de seu pae?

— No Joazeiro. Nós vinhamos de Boa Vista, no vaporzinho. Perto do Joazeiro, foi que um homem, que subia o rio numa canôa, nos deu a noticia de que papae fallecera.

— O homem conhecia seu pae?

— Não! nem sabia como se chamava. Mas papae estava doente, era o unico engenheiro que estava em Petrolina... Enterrou-se em Joazeiro, onde nos mostraram a sua sepultura.

— Mas não encontraram em Petrolina alguem que o tivesse tratado durante a molestia, alguem que o tivesse conhecido ainda vivo?

— Não estivemos em Petrolina; e em Joazeiro diziam-me sómente: « o engenheiro, que estava em Petrolina... » Coitado de papae! enterrado numa cova rasa, — sem uma inscripção, sem o nome sequer...

— Emfim, — disse Ignacio Mendes — o que ha agora a fazer é passar já e já um telegramma aos seus parentes. Elles dirão que resolução

vocês devem tomar. Hoje mesmo á tarde devemos ter uma resposta. E vocês venham commigo ao escriptorio : mandarei um empregado mostrar-lhes a cidade, que é bonita.

Depois do almoço, desceram todos. Assim que chegou ao escriptorio, Mendes mandou um caixeiro passar o telegramma, e encarregou um outro, moço intelligente e esperto, de sair a passeio com os trez meninos.

O passeio foi um encanto, principalmente para Alfredo, que se deliciava com o aspecto das casas e da gente, com o movimento dos bondes, com a animação das lojas.

— A Bahia, — explicava Honorio, o caixeiro — tem dois bairros inteiramente distinctos : a cidade baixa, que é apenas um bairro commercial, e a cidade alta, onde se concentra a vida das familias. Conheço bem tudo isto, porque nasci aqui, e nunca d'aqui saí...

Viram a Escola de Medicina, o Palacio do Governo, o Senado, e entraram na praça Duque de Caxias.

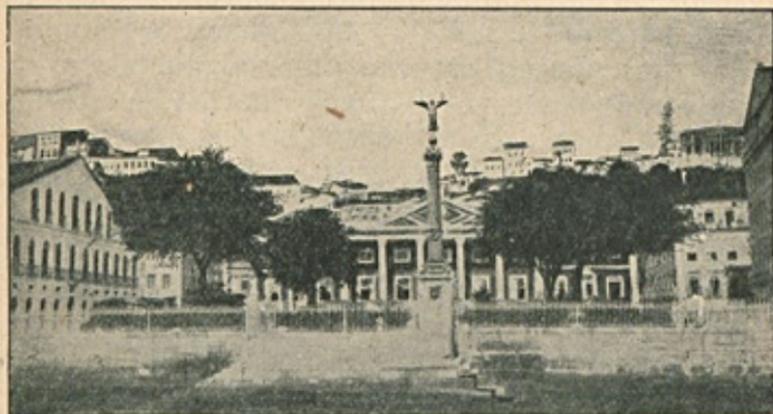
— Que columna é esta ? perguntou Alfredo.

— E' o monumento do Dois de Julho, commemorativo do dia em que se firmou na Bahia a Independencia do Brasil, sendo as tropas portuezes derrotadas pelo general Labatut. O 2 de Julho é a grande data da Bahia : todos os annos, é festejada com grande pompa, organizando-se prestitos civicos, que, depois de percorrer toda a cidade, veem aqui depositar corôas e bandeiras. Vamos ver agora o monumento de Castro Alves !

— Do poeta ?

— Sim! o poeta d'*Os Escravos* e da *Cachoeira de Paulo Affonso* era bahiano. Lá está elle!

Rodearam o monumento, e continuaram o passeio, visitando a velha igreja de S. Francisco, onde admiraram as decorações de madeira esculpida, o Gymnasio, o Passeio Publico; e



BAHIA. — Praça Riachuelo.

percorreram, em bonde, alguns dos suburbios da cidade.

Assim passaram todo o dia. Quando chegaram á casa da familia Mendes, eram mais de cinco horas da tarde, e já os esperavam para jantar.

O negociante, assim que os viu entrar, foi logo dizendo :

— Já temos resposta! aqui está o telegramma!

— Qual é a resposta? — perguntou Carlos, com alvoroço.

— Tenho ordem de embarcal-os no primeiro navio que partir para o Rio Grande, fornecendo-lhes roupa e tudo aquillo do que precisarem...

Ora, o primeiro navio parte amanhã, á tarde... Acho que seria melhor vocês esperarem o outro. Ficavam aqui mais alguns dias, e descansavam, antes de se sujeitarem aos incommodos de uma longa viagem por mar...

No correr do jantar, porém, por decisão de Carlos, ficou combinado que tomariam o paquete do dia seguinte. As duas mocinhas e o pequeno Octavio tentaram em vão obter o adiamento da viagem, apoiados por Alfredo, que tambem tinha desejo de ficar. Mas o mais velho dos meninos foi inflexivel; e Ignacio Mendes acabou por concordar com elle :

— Acho que você faz bem... E' preciso obedecer á determinação dos seus parentes, e o telegramma é bem claro...

— Que parentes são estes? — perguntou Maria Nazareth.

— Conheço-os pouco... — disse Carlos. — Ha minha avó materna, e dous tios, filhos d'ella. Não nos vêem ha uns nove annos...

— Que prazer deve ter a sua avó em acolhel-os! — exclamou a mulher do negociante. — E' uma felicidade para ella, e para vocês. Uma avó é duas vezes mãe.

Generalizou-se a conversa, e Carlos notou, de repente, que Juvencio, sentado a um canto da sala de jantar, nada dizia, conservando-se pensativo e triste.

Aproximou-se d'elle, e indagou o motivo d'aquella preocupação.

— E então, *seu* Carlinhos? como não hei-de estar apprehensivo? Amanhã, partem os senhores, e eu não sei ainda que rumo tomarei na vida...

— Mas você vae comnosco, Juvencio! — exclamou o menino, sem mais reflexão.

— Isso não pode ser, *seu* Carlinhos...

Carlos foi logo entender-se com o negociante. Este reflectiu longamente, e acabou por dizer :

— Sim! elle não pode ir com vocês... não



BAHIA. — Santo Antonio da Barra.

tenho auctorisacão para isso. O que vou fazer é procurar para elle uma occupacão aqui na Bahia.

E, de subito, batendo na testa :

— Oh! tenho uma ideia! Rapaz, você quer trabalhar?

— Não quero outra cousa!

— Pois a occasião não podia ser melhor! Estou encarregado de contractar trabalhadores para grandes obras em Manáos. No Amazonas

ha bastante trabalho, e ganha-se bastante dinheiro. Você, se fôr para lá, activo e intelligente como é, pode muito bem encetar admiravelmente a sua vida de homem!

Juvencio nem discutiu a ideia. Ficou alli mesmo decidido que partiria o mais breve possivel para Manãos, contractado, e recommendado especialmente por Ignacio Mendes.

---

## A PARTIDA

A manhã do dia da partida foi toda empregada nos preparativos da viagem. Carlos e Alfredo ficaram munidos de boa roupa, — porque os parentes haviam recommendado ao negociante que lhes fornecesse todo o necessario. A' sua custa, Ignacio Mendes tambem deu alguma roupa a Juvencio, que devia ficar morando em sua casa, até seguir para Manáos. Um outro telegramma foi expedido para o Rio Grande, annunciando o embarque dos orphãos; e estes, depois de se despedirem da senhora do negociante, de Maria Nazareth, de Georgina, e do pequeno Octavio, desceram para embarcar.

No caes, junto á « Escada de Pedra », esperando o bote que os devia levar ao navio, Carlos e Alfredo sentiram o coração apertado, e disfarçaram as lagrimas que lhes molhavam os olhos. Doía-lhes a separação. Ambos estimavam Juvencio, como se elle fosse verdadeiramente um irmão. Juvencio tambem estava triste : mas o seu bom senso, a sua intelligencia pratica de sertanejo faziam-n'o aceitar como uma fatalidade inevitavel aquelle apartamento.

— Isto não podia durar sempre ! — dizia elle — e, depois, não vae haver uma separação : não se lembram do nosso juramento ?

— E hei-de sempre lembrar-me d'elle! — exclamou Carlos.

— E eu tambem! — accrescentou Alfredo.

— Pois, então? Ainda nos havemos de encontrar, e sempre seremos amigos!

— Sim! — observou o mais velho dos irmãos — mas sempre é uma tristeza que você não venha comnosco... Quando me lembro do que lhe devemos...

— Nem diga isso! — atalhou o sertanejo — que é que os senhores me devem? eu é que lhes devo tudo! se não fossem os senhores, eu não teria encontrado este homem, que me tratou como eu nunca tive quem me tratasse, acolhendo-me com carinho, dando-me trabalho, e encarreirando-me na vida!

E, commovido, beijou a mão do negociante.

— Bem! bem! disse, enternecido, Ignacio Mendes, esquivando-se aos agradecimentos — que é isto? eu, se vou fazer alguma cousa por você, é porque você o merece. E ahí está o bote...

Desceram os degráos da escada de pedra, e tomaram logar no bote, que, logo, impellido pelas remadas fortes dos dois catraieiros, começou a affastar-se do caes.

A bordo, as despedidas foram rapidas e commovedoras. Ignacio Mendes apresentou os meninos ao commandante e ao commissario do paquete, e abraçou-os carinhosamente, repetindo as recommendações que havia feito :

— No Rio de Janeiro, logo que chegar o vapor, irá recebê-los a bordo esse amigo, para quem lhes dei a carta, e a quem vou telegraphar logo que salte. Elle providenciará para que vocês

sigam brevemente e com toda a segurança para o Rio Grande. Hão de ser tão bem acolhidos por elle como foram por mim.

Entre Juvencio e os rapazes ficou combinado que se escreveriam a miudo :

— Quero umas cartas bem compridas, Juvencio! — recommendava Alfredo. — Você ha-de mandar dizer tudo quanto lhe acontecer !

— Prometto ! prometto !

Um ultimo abraço, ainda mais apertado do que os outros, pôz termo ás despedidas. Ignacio Mendes e Juvencio tomaram de novo logar no bote, que lentamente se foi distanciando do costado do navio.

Carlos e Alfredo ficaram por muito tempo agitando os lenços no ar.

Quando o bote se escondeu ao longe, entre as outras pequenas embarcações que enchiam o mar junto ao caes, os dois meninos deixaram-se ficar encostados á amurada, olhando as aguas e a cidade longinqua.

Ao longo do littoral concavo, alinhavam-se as casas immensas do bairro commercial, de quatro e cinco andares, como uma alta muralha, tapando o horizonte, e toda furada de janellas pequenas e symetricas. O sol declinava. O céu tocava-se de leves tons côr de rosa.

Carlos passou o braço pelo hombro do irmão, e beijou-o na testa...

O que mais o consolava era isto : o pae por varias vezes lhes recommendara que fossem sempre amigos, sempre unidos ; e, felizmente, alli estavam elles, ao cabo de tantas aventuras e de tantos desgostos, sempre unidos e sempre amigos.

107 219  
###

## LXVII

### AS JANGADAS<sub>x</sub>

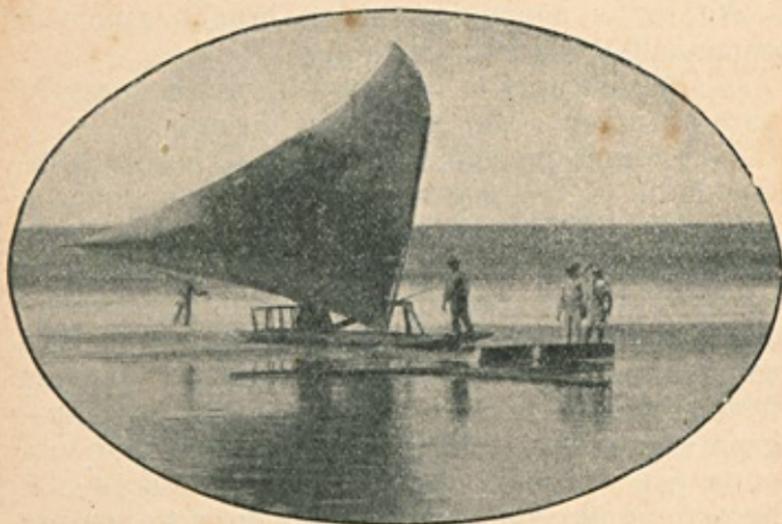
O paquete, em que partiam para o sul Carlos e Alfredo, era novo. Era aquella a sua setima viagem. A bordo, tudo reluzia, limpo e brunido; brilhavam os metaes; os soalhos, lavados todas as manhãs a grandes jorros de agua, estavam de um irreprehensivel asseio.

O commandante, a quem os dois meninos tinham sido apresentados por Ignacio Mendes, e que os havia recebido com carinho, era um antigo official da marinha brazileira, agora reformado. Era alegre e bondoso, amigo de conversar. Logo na tarde do primeiro dia de viagem, viram-no os dois irmãos na tolda, olhando o mar e conversando com um grupo de passageiros. Aproximaram-se d'elle.

Não se via a costa. O mar estava calmo. O sol fulgurava sobre as ondas, dando-lhes uma coloração de seda azul achamalotada. O paquete, deixando na agua um rastro de espumas e no ar um longo penacho de fumaça, conservava uma bella marcha. Carlos e Alfredo notaram que o

commandante e os passageiros olhavam com insistencia um ponto distante, muito ao longe. Firmaram a vista, e descobriram um ponto branco, que oscillava, muito affastado do paquete.

— E' uma jangada! — estava o commandante dizendo aos companheiros.



Uma jangada.

— Mas, assim tão longe da costa?! — não pôde deixar de exclamar o mais velho dos dois irmãos.

— Pois, então?! — disse, sorrindo, o commandante — os jangadeiros não têm medo do mar alto.

— E' uma gente de uma bravura extraordinaria! — affirmou um dos passageiros.

— Se é!... Aqui não é muito commum o encontro de jangadas. Onde ellas apparecem em maior

numero é da Bahia para cima. Ao longo de toda a costa do norte do Brazil, as aguas estão sempre cheias d'essas pequenas embarcações.

— E para que servem? — interessou-se Alfredo.

— Para a pescaria, — explicou o commandante. — Os jangadeiros são pescadores.

Agora, o pequenino ponto branco pouco a pouco ia ficando mais distante.

— Mas sempre é preciso ter muita coragem para affrontar assim os perigos do mar!

— E' uma questão de habito, — disse o commandante. — Essa gente está tão acostumada a arriscar a vida que já nem pensa nisso. Em cada uma d'essas taboas oscillantes, ha sempre um homem, de pé, equilibrado, desafiando e vencendo a morte, manejando o remo fino, ou lançando a linha de pescar. A's vezes uma onda mais forte sobe para o céu como uma montanha; jangada e jangadeiro desaparecem; mas quando a onda cae sobre si mesma, a embarcação e o homem apparecem de novo, a embarcação sempre leve e linda sobre o mar azulado, e o homem sempre firme e sereno, tão calmo como se estivesse pisando a terra...

— Bravo! — exclamou Alfredo; — que gente!

— Em Pernambuco, e em todo o norte do Brazil, ha milhares de criaturas que vivem assim, nessa trabalhosa existencia, expondo-se aos naufragios, para ganhar o pão de cada dia... Esses homens fazem-se ao mar, ao romper da manhã, e vêm o dia todo escoar-se lentamente, na solidão das aguas, e só voltam ao crepusculo da tarde. Mas nem sempre voltam...

— Muitos morrem, não?! — interrogou Alfredo.

— Muitos... O mar também tem fome, — e não é muito raro que a jangada, sorprehendida pelo temporal, fique boiando sósinha, sem o seu jangadeiro, tragado pelas ondas ou devorado por um tubarão.

A jangada tinha desaparecido de todo. Agora, nada mais se via, senão o céu e a água... Desfez-se o grupo dos que conversavam, e os dois meninos ficaram ainda algum tempo contemplando o mar.

— Quantos perigos corre a gente aqui! — disse Alfredo.

— Nem tantos! — tranquilizou-o Carlos. — Hoje a navegação é muito mais fácil, muito menos perigosa do que antigamente...

Ouviu-se um toque de sineta. Era a chamada para o jantar.

---

## LXVIII

### NO MAR

Nessa viagem, da Bahia a Victoria, Alfredo divertiu-se extraordinariamente. Logo cedo, saía do beliche, e vinha, com os pés nús, assistir á baldeação do navio. Depois conversava com os marinheiros, pedia a explicação de tudo, ia á proa, entretinha-se em contemplar as rezes e as aves que tinham de ser sacrificadas á fome dos passageiros, vinha contemplar á ré o sulco de espuma que o paquete deixava na agua, travava palestra com varios viajantes que gostavam da sua vivacidade, — e prestava serviços a algumas senhoras, que enjoavam, estendidas em cadeiras de lona e vime, indo buscar-lhes laranjas e limões.

Carlos, na tolda, olhando a extensão illuminada do mar, não podia deixar de estremecer ao encarar o oceano agitado por onde o navio avançava; tudo agora lhe era desconhecido, como era desconhecida a vida que ia viver... E voltou o pensamento ao passado, e, em turbilhão lhe acudiram á lembrança todas as scenas da vida que desapparecera com a pessoa do pae; os olhos se lhe arrazavam de lagrimas, e o corpo lhe estremecia de pena! « Nunca mais!... Nunca mais o veria! Nunca

mais ouviria aquella voz, nem veria aquelles olhos de penetrante bondade!... » Carlos soluçava opprimido. « Nunca mais!... E, si por um milagre elle apparecesse?!... E, si elle não tivesse morrido?!... » Com este pensamento a fronte se lhe illuminou : « quem sabe? o negociante da Bahia não conhecera seu pae... e não tinha a certeza



VICTORIA. — Porto de desembarque.

absoluta da morte d'elle... A noticia d'essa morte só chegara a Ignacio Mendes por intermedio d'elle mesmo, Carlos... ».

E lembrava-se Carlos de como recebera a noticia, — perto de Joazeiro, a bordo da lancha... O homem da canôa dissera apenas : « Morreu o engenheiro que estava em Petrolina », — e não dissera o seu nome... Em Joazeiro, tambem ninguem lhe dissera o nome do engenheiro fallecido...

O menino levantou-se agitadamente, e começou a passeiar pelo convez, apertando as mãos uma

contra a outra... « Sim! e se o pae não estivesse morto?!... » E, dizendo isso de si para si, uma sensação estranha lhe agitava o peito...

Mas essa exaltação durou pouco. Alguns momentos de reflexão mais calma bastaram para mostrar a Carlos quanto era illusoria a esperança.

Que absurdo! pois elles não tinham seguido a pista do pae, de passo em passo, por assim dizer, — no escriptorio da « Estrada de Ferro de Aguas Bellas » em Garanhuns, em Piranhas, em Boa Vista, em Joazeiro?... O engano era impossivel!

E, tomado de um grande abatimento, deixou-se o orphão cair de novo sobre a cadeira.

D'essa situação, veio Alfredo tiral-o, correndo e gritando :

— Carlos! Carlos! já se vê a costa do Espirito Santo!

Já se via, de facto, mal delineada no nevoeiro longinquo, uma vaga e baixa fita de terra.

— Antes da tarde, estaremos em Victoria! — disse um passageiro, moço ainda, que chegava á tolda com um grande binoculo.

— E poderemos descer? — perguntou Alfredo.

— Certamente! Mas não vale a pena.

— Como não vale a pena?! — exclamou o menino — sempre vale a pena a gente ver uma cidade que nunca viu!

— Não ha duvida! Mas...

— Então, a Victoria — interveio Carlos — é uma cidade tão insignificante, que não mereça uma curta visita?

— Não é isso o que digo! — explicou o moço. — Victoria é, ao contrario, uma linda

cidade... Digo que não vale a pena porque o commandante não quer ficar mais de quatro horas no porto, e tenciona partir ainda hoje. Só temos um companheiro de viagem que se destina á Victoria; e, como o navio não tem de receber carvão nem carga, o commandante prefere apressar a partida para o Rio.

Effectivamente, antes do anoitecer, depois de pouco tempo de parada, o paquete deixou o porto, tendo apenas recebido quatro passageiros : um deputado que ia tomar parte nos trabalhos da Camara e embarcava acompanhado da mulher e de dois filhos.

Alfredo jantou á pressa para ver a sahida do porto. Todas aquellas manobras, — o levantar das escadas, o ranger das correntes de ferro suspendendo a ancora, os primeiros movimentos do navio rodando sobre si mesmo até collocar a proa na direcção do mar largo, — tudo aquillo o interessava...

---

## A TEMPESTADE

No dia seguinte, logo depois do meio dia, o calor apertou. O sol queimava. Quasi não havia viração. Por volta das duas horas da tarde, uma nuvem negra começou a crescer no céu, sobre a proa do navio. Carlos e Alfredo ouviram o commandante dizer:

— Não tarda muito que a encontremos! caminhamos para ella, e ella caminha para nós.

— Ella, quem? — perguntou Alfredo, curioso.

— A tempestade.

— Jesus! — exclamou o pequeno, empallidecendo — uma tempestade?! então, estamos perdidos?!

O commandante passou-lhe a mão pela cabeça, e disse, gracejando:

— Fique socegado, que ainda não chegou a hora da sua morte! A tempestade, que ahi vem, não ha-de passar de uma boa trovoada, com uma boa carga de chuva...

A nuvem crescia cada vez mais. Agora uma viração passava. Ouvia-se longe o ronco do trovão. O navio começou a jogar com mais força. Quasi todos os passageiros de primeira classe estavam

na tolda, ao lado do commandante, admirando o espectáculo do crescer da tormenta.

— Aqui as tempestades nunca são muito violentas. Para um marinheiro velho, como eu, a que nós vamos ter não passa de uma brincadeira! Tempestades terríveis já vi eu!... E no mar largo, longe de todo e qualquer pedaço de terra, longe de todo e qualquer auxilio, durante longos dias seguidos!

— Qual foi a mais terrível tempestade que já viu, commandante? — interrogou um passageiro.

— Foi uma que apanhei no Pacifico, ha uns vinte annos:

Emquanto o commandante falava, amiudavam-se os trovões. Com incrível rapidez, a nuvem crescera e cobrira todo o céu. As ondas avolumavam-se, encrespando-se, e balançando o paquete. Começaram a cair alguns pingos de agua:

— Já ahi está a chuva... D'aqui a pouco teremos o sol de novo, porque a tormenta vae em direcção opposta á nossa. E' bom que vamos para dentro, se não quizermos ficar inteiramente molhados. .

Entraram para a sala de fumar. A chuva desabou com extraordinaria violencia.

— E como foi essa tempestade de que o senhor nos falava, commandante? — perguntou Carlos.

O official contou logo:

— Foi, como ia dizendo, no Oceano Pacifico. Estavamos em viagem de instrucção, a bordo de uma corveta de guerra. Tinhamos atravessado o estreito de Magalhães, e iam para a Australia. Nesse ponto do globo as tempestades são tremendas... Ficámos seis dias sem governo, á mercê

das ondas. A tormenta começou ao amanhecer de um sabbado, e só amainou na quinta-feira á tarde. Logo no primeiro dia, a furia do vento despedaçou algumas velas, e começou a impedir todas as manobras. Era quasi impossivel estar no convez : o vento queria carregar tudo quanto achava no seu caminho, e soprava com uma violencia incrível. Havia ondas, que mais pareciam verdadeiras montanhas, subindo a uma altura extraordinaria, e vindo desabar com fragor dentro do navio. Não havia a bordo um só lugar enxuto. Não comiamos, não dormiamos, estavamos extenuados de fadiga e de fome. No quarto dia quebrou-se o leme... Foi então que nos considerámos perdidos... O navio, sem governo, dançava sobre as aguas ao capricho do vendaval, e de instante a instante estavamos vendo chegar o momento da catastrophe final. Essa situação desesperadora ainda durou dois dias, ao cabo dos quaes, quando já todos contavamos com a morte inevitavel, o tempo melhorou de subito.

— E não morreu ninguem? — perguntou Alfredo.

— Perdemos dois homens, arrebatados das vergas pelo tufão... A bordo, estava tudo quebrado. Além da perda do leme, ainda tivéramos a do mastro grande, lascado por um raio. Foi nessa triste situação que nos encontrou um navio francez, ao qual devemos a salvação. A corveta foi conduzida até Sidney. Felizmente a tempestade levara-nos até perto da Australia...

— Não sabiam que estavam perto? — indagou o pequeno.

— Nada sabiamos, porque estavamos sem bus-

sola, sem sextante. Tinhamos perdido tudo. Foi por um verdadeiro milagre que não perdemos tambem de todo a corveta...

A chuva cessara, como o tinha previsto o commandante. Saíram todos para a tolda.

A tempestade já ia longe. O sol brilhava de novo sobre o mar, e o paquete continuava sem novidade a sua marcha.

— A que hora chegaremos amanhã ao Rio? — indagou alguém.

— Devemos chegar ao romper do dia — respondeu o commandante.

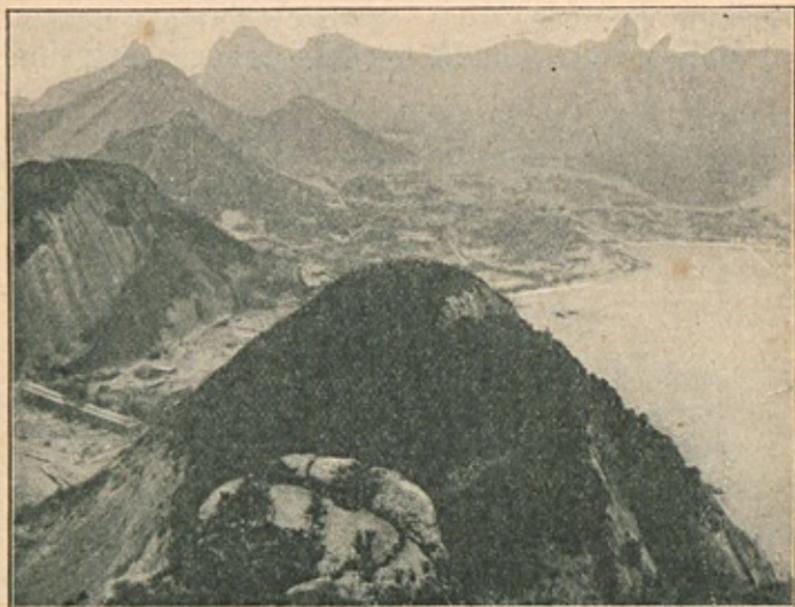
---

## O GIGANTE DE PEDRA

Ainda a noite enchia todo o céu e cobria toda a terra, e já todos os passageiros estavam acordados e na tolda, ansiôso por admirar o espectáculo da entrada da barra do Rio de Janeiro. No escuro, os vultos moviam-se como fantasmas, falando alto e rindo; e todos esperavam com entusiasmo o gozo artistico que a contemplação do panorama lhes promettia. O primeiro luzir da manhã já encontrou Carlos e Alfredo de pé, ao lado dos outros, encostados á amurada, do lado da pròa.

Quando o paquete enfrentou a barra, uma leve cor de rosa desmaiada começava a tingir as montanhas, cujos vultos immensos pareciam defender zelosamente a entrada do porto, como sentinellas de pedra. O paquete diminuiu a marcha. Com o lento clarear da aurora, a luz do pharol da ilha Rasa, que varria intermittentemente as aguas, empallidecia. Uma claridade mais forte cobriu de repente o Pão de Assucar, que se erguia á esquerda do navio, formidavelmente, dominando as aguas. A' direita, tremeluziam esmaecidas as luzes da fortaleza de Santa Cruz. Os dois meni-

nos, calados, e tremulos de emoção, contemplavam embevecidamente o extraordinario espectáculo. Todo o céu parecia agora arder num incendio espantoso; e as nuvens, que se enchiam



Panorama do Rio de Janeiro.

de chammas, reflectiam-se no mar, que tambem fulgurava, coberto de fogo...

Quando o navio lentamente passou entre Santa Cruz e Lage, um enorme leque de varetas de purpura subia do nascente; d'ahi a pouco, essa purpura principiou a dourar-se toda; — e a claridade victoriosa do sol illuminou a bahia.

— Que maravilha! — exclamavam varios passageiros.

Carlos, respondendo a uma das eternas perguntas de Alfredo, teve de lhe explicar que a denominação de « Rio de Janeiro » foi dada, porque os primeiros navegantes que chegaram a essa bahia supuzeram estar diante da foz de um grande rio.

Mais longe, quando os dois rapazes estavam



RIO DE JANEIRO. — Botafogo.

admirando em conjuncto as serras, um passageiro lhes chamou a atenção para o famoso « Gigante de Pedra ».

— Que gigante? — perguntou Alfredo.

— Pois não reparou? quando se enfrenta a barra, parece que as serras formam o vulto immenso de um homem deitado... Vêm-se perfeitamente a cabeça, o peito, as pernas...

— E' verdade! — exclamou o pequeno —

reparei ! é perfeito ! e parece a figura de um indio...

— Justamente ! Já houve um grande poeta brasileiro que cantou o « Gigante de Pedra ».

— Quem foi ?

— Gonçalves Dias. Não conhecem a poesia ?

— Não. Como é ?

— Lembro-me apenas de algumas estrophes :

E lá na montanha, deitado, dormido,  
Campeia o gigante, — não pode acordar !  
Cruzados os braços de ferro fundido,  
A fronte nas nuvens, os pés sobre o mar !

Mudaram-se os tempos e a face da terra,  
Cidades alastram o antigo paul ;  
Mas inda o gigante, que dorme na serra,  
Se abraça ao immenso Cruzeiro do Sul !

Nas duras montanhas os membros gelados,  
Talhados a golpes de ignoto buril,  
Descança, oh gigante, que encerras os fados,  
Que os términos guardas do vasto Brazil !

Porém, se, algum dia, fortuna inconstante  
Puder-nos a crença e a patria acabar,  
Arroja-te ás ondas, oh duro gigante,  
Inunda estes montes, desloca este mar !

---

## O RIO DE JANEIRO

O paquete avançava agora pelas aguas calmas da majestosa bahia de Guanabara.

Ao fundo, estendia-se a cidade, na curva da vasta praia, banhando na luz rosada da manhã ás torres esguias das suas igrejas. Agora o dia triumphante avassalava tudo. O Pão de Assucar, a Gavea, o Corcovado aprumavam-se radiantes. E havia um admiravel contraste entre o espectáculo que se apreciava da prôa do navio e o que se apreciava da pôpa. Atraz ficavam os montes de aspecto temeroso, uns cobertos de espessa vegetação, outros escalvados e nús; na frente, a cidade sorria no seu tranquillo despertar, animada e faceira...

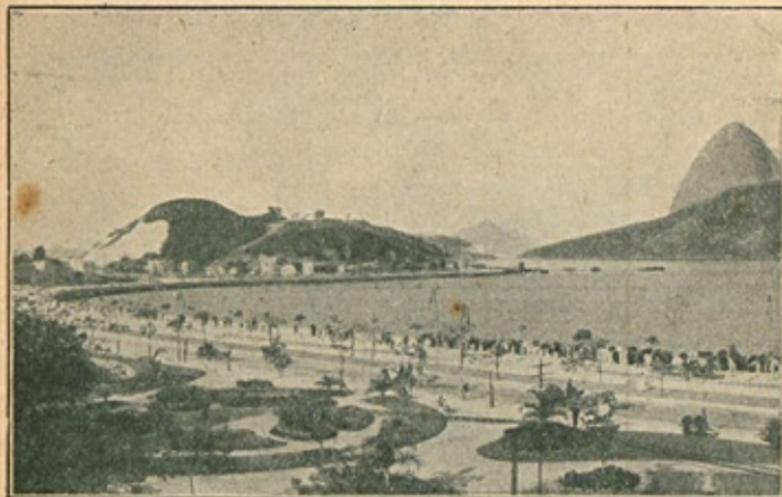
O paquete ladeava a fortaleza de Willegaignon, quando uma voz infantil disse ao lado dos dois irmãos :

— Vocês vão a terra ?

Quem falava era o filhinho mais moço do deputado, D<sup>r</sup> Caldas, que embarcára na Victoria; chamava-se Jorge, e contava apenas oito annos; o irmão, Rodolpho, tinha quatorze. Nessas poucas horas de convivencia a bordo, de Vic-

toria até alli, Alfredo, com o seu genio expansivo, fôra logo travando relações com elles; e Carlos tambem se aproximára dos dois, especialmente de Rodolpho, que vinha ao Rio fazer os seus primeiros exames.

— Sim, vamos saltar, — respondeu Carlos, —



RIO DE JANEIRO. — Avenida Beiramar.

mas temos de esperar por um senhor, negociante aqui, que virá, ou mandará receber-nôs...

— Nós não conhecemos ninguem aqui, — acudiu Alfredo; — e eu tinha tanta vontade de passear pelo Rio de Janeiro, antes de seguir para o Rio Grande!...

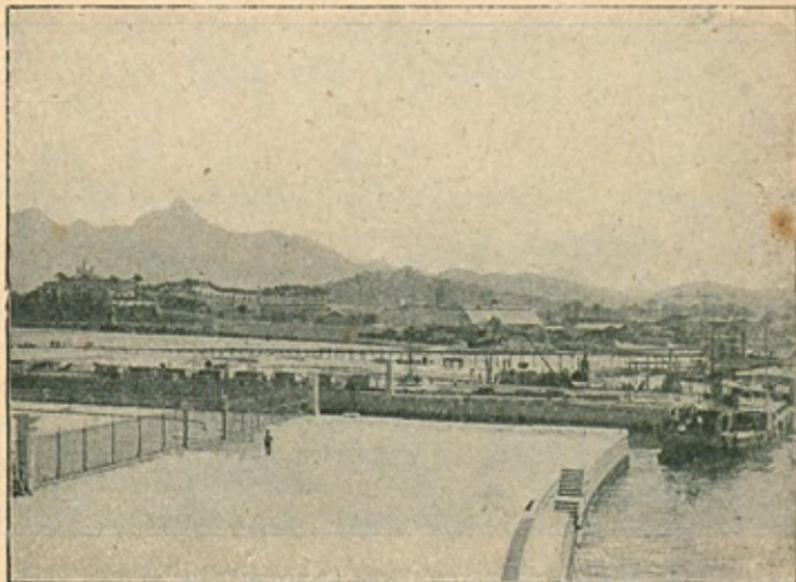
— Pois vão passear connosco...

Os pequenos voltaram-se ao ouvir estas palavras, e estremeceram, si bem que conhecessem a voz. Pronunciára-as o pae de Jorge, que sorra-

teiramente se aproximára do grupo dos rapazes, e, depois de escutal-os, fizera o offercimento.

Os dois pequenos aceitaram com gratidão a companhia que se lhes offercia.

Então, já o paquete havia lançado ferro. A tolda ficára quasi deserta; esperava-se a vinda das



RIO DE JANEIRO. — Novo caes.

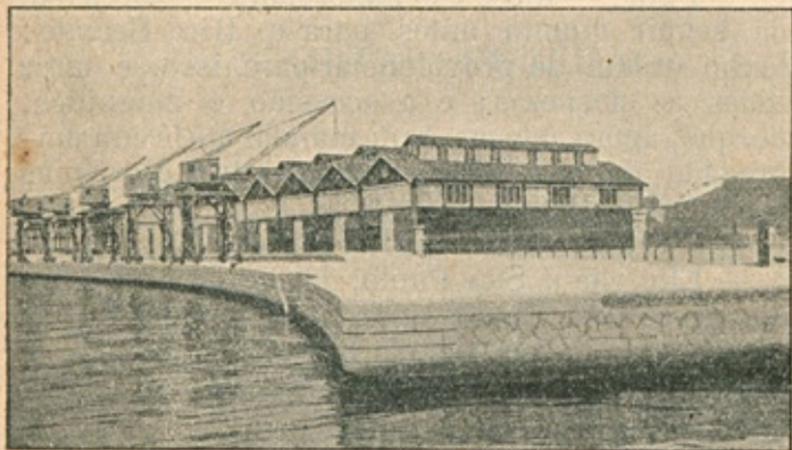
lanchas da Saúde e da Alfandega, e todos tratavam de apromptar-se para o desembarque.

— Por ora, — disse o pae de Jorge — isto ainda é uma balburdia. E' um grande incommodo o desembarque. Mas d'aqui a poucos annos, todos os navios poderão atracar ao grande caes que se está construindo; e acabará este processo aborrecido e dispendioso de desembarque por meio de lanchas e botes.

— Onde fica esse novo caes ? — perguntou Carlos.

— Na Prainha. As obras já estão adiantadas. O caes vai ser monumental. Imaginem que terá 3,500 metros de extensão, desde a Prainha até a Ponta do Cajú!

O mar animava-se de um grande movimento ;



RIO DE JANEIRO. — O novo caes.

dezenas de escaleres, saveiros, lanchas corriam para o navio que acabara de fundear ; dois grandes paquetes, mais ao fundo do ancoradouro, recebiam um maior numero ainda de pequenas embarcações ; grandes barcas apinhadas de gente atravessavam a bahia ; os navios mercantes carregavam e descarregavam mercadorias ; botes, batelões, rebocadores, cruzavam-se em todos os sentidos. Bem no meio do porto, em face da cidade, enfileiravam-se os navios de guerra, pesados, como monstros de aço.

E o desembarque, como sempre, se fez com uma tal balburdia, que atordoava os rapazes.

O negociante, a quem vinham recomendados, foi pessoalmente recebê-los. Desceram todos na mesma lancha, e foi então que o homem leu a carta que Carlos lhe entregara a bordo do paquete.

— Bem! — disse o commerciante — vocês têm de seguir quanto antes para o Rio Grande; tenho ordem de providenciar para isso, e fazer todas as despesas; e a occasião é magnifica, porque, agora mesmo, vou mandar até lá um empregado da casa. Parté d'aqui a trez dias, mas vae por São Paulo...

— E então? — interrogou Carlos.

— Elle vae a São Paulo, dorme lá, e no outro dia desce para Santos onde toma o paquete para o sul; e vocês, ou seguem d'aqui no paquete, e em Santos encontram-se com elle, ou vão a São Paulo...

— Sim — interveio logo Alfredo — vamos a São Paulo...

— Faremos o que o senhor julgar conveniente — ponderou Carlos.

---

## A CAPITAL FEDERAL

Foram dois dias de passeio e contentamento os que Carlos e Alfredo passaram no Rio de Janeiro em companhia dos filhos do deputado. Os quatro rapazes não ficavam em casa senão para almoçar, jantar e dormir : todo o resto do tempo era empregado em percorrer a cidade, visitando os seus pontos mais interessantes, vendo todas as suas curiosidades. Todas, não ; porque, como explicava Rodolpho aos seus pequenos amigos, nem dois mezes bastariam para isso...

— O Rio de Janeiro — dizia elle — é uma cidade immensa ; ou melhor : é uma reunião de varias cidades... Imaginem vocês que a área povoada é de quasi quinhentas leguas quadradas !

— Então é a cidade maior do mundo ! — exclamou Alfredo, com enthusiasmo.

— Não ! não ! — emendou Rodolpho, sorrindo — longe d'isso ! mas é uma das maiores. Em todo o caso, é a maior da America do Sul.

Foram ao Jardim Botânico, ao Corcovado, visitaram todos os parques, passearam pela Tijuca, e

não esqueceram a visita ao Museu Nacional, onde Alfredo ficou pasmado diante do « Bendegó », achando quasi impossivel que uma tão grande massa metallica tivesse podido cahir do céu. No Jardim Botânico, o que mais os enthusiasmo foi a admiravel alameda de palmeiras. E mais enthusiasmos ficaram ainda, quando souberam que todas



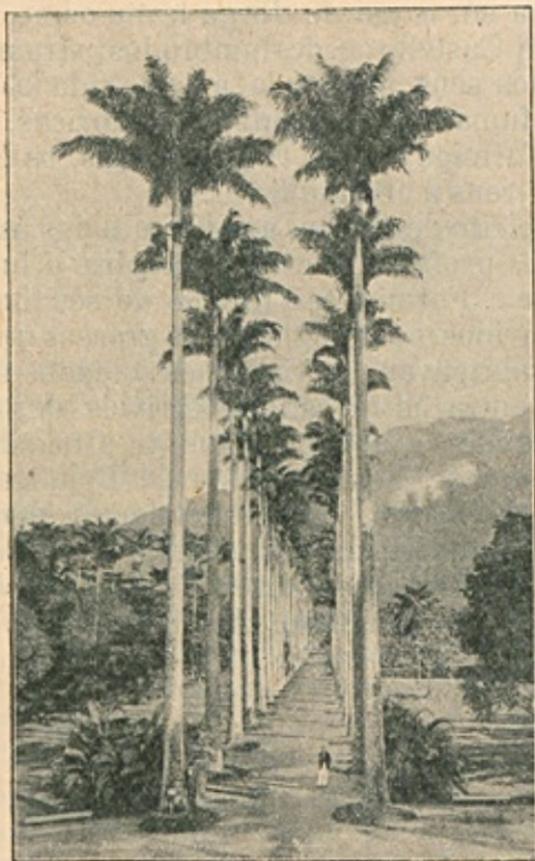
RIO DE JANEIRO. — Avenida Central.

aquellas palmeiras provinham da que foi plantada por D. João VI... Foram visitar essa arvore veneranda, e olharam-n'a com verdadeiro respeito, vendo-a bem tratada, cercada de uma pequena grade de ferro, e conservada como uma reliquia.

Indo para o Jardim Botânico, e de lá voltando, extasiaram-se com o espectáculo da Avenida Beiramar, toda arborizada.

Tudo era novidade para elles, que, no emtanto, no Rio de Janeiro tinham nascido e vivido

os primeiros tempos; mas havia oito annos que o pai se mudára para o Recife; Carlos ainda



RIO DE JANEIRO. — Jardim Botânico.

guardava algumas lembranças, não da cidade propriamente, mas da casa onde nascera, uma grande chacara onde brincava, um horizonte de

montanhas ao fundo... Nem sabia porém onde ficava a velha casa...

Para apresentar-lhes o Rio de Janeiro num panorama só, o pai de Jorge levou-os ao alto do morro do Castello; e, deslumbrados, viram toda a cidade aos seus pés, toda a sua vida e animação : a fumarada que subia das fabricas, a multidão a formigar pelas ruas e praças, os bondes, carros e trens a cruzarem-se...

Ao espirito de Carlos acudiram todas as histórias que o professor lhe contara sobre a fundação da cidade... Foram ver o tumulto do seu fundador, e, commovidos, contemplaram as grossas muralhas onde se abrigavam os vigorosos soldados de Mem de Sá, contra as investidas terríveis dos indigenas. Olhando as aguas calmas de Guanabara, a cercar a cidade, desde a costa de Bemfica até o recanto da Gavea, comprehenderam que razão tinham os indigenas em chamar a bahia de : *Guanabara*, que quer dizer — *agua escondida*... escondida na grandeza das montanhas que as fecham por toda parte.

---

## UM PASSEIO PELA CIDADE

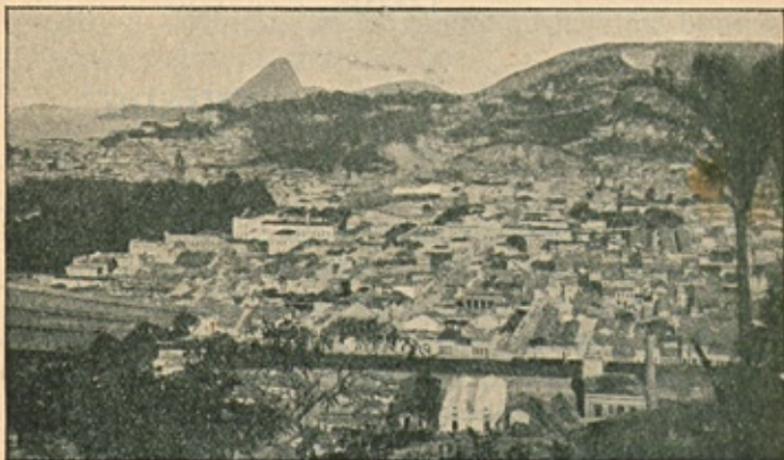
A *Avenida Central* deslumbrou os dois meninos.

A grande e larga rua, com quasi dois kilometros de comprimento, e ladeada de magnificos predios, parecia-lhes uma cousa' ideal, uma fantasia, um sonho. E Carlos pensava, ao contemplar tantos palacios, tantas luzes, tanta belleza, na singularidade das aventuras que lhes aconteciam ha tão pouco tempo, e no contraste entre os deslumbramentos da cidade civilizada e a simplicidade dos rudes sertões por onde tinham andado perdidos.

Alfredo abria a bocca, espantado; e chegou a pensar que o estavam enganando, quando lhe disseram que, para construir a Avenida, fôra preciso demolir 550 predios da cidade!

Um outro ponto do Rio de Janeiro que os interessou vivamente foi a rua do Ouvidor. Por toda a parte haviam ouvido falar d'ella, e Carlos tinha uma grande vontade de conhecê-la. Logo no primeiro dia de passeio, o Dr. Caldas fez-lhe a vontade.

Em certa altura, Carlos, meio atonito, lançou um olhar para a outra extremidade da rua, e estremeceu: a multidão que via diante de si fez-lhe medo. Em outros lugares; já havia visto grandes aglomerações, em procissões, festas; mas era uma gente que não se parecia com



Panorama de Rio de Janeiro.

aquelle turbilhão de pessoas, a agitar-se em todos os sentidos, acotovelando-se, todas apressadas, indiferentes umas às outras, num movimento continuo. Parecia-lhe impossivel atravessar aquelle mundo, onde as pessoas se espremiavam e empurravam; parecia-lhe que o iam esmagar...

Então, já estavam na parte central da rua. O Dr. Caldas, ao mesmo tempo que ia indicando as casas mais importantes e os personagens mais em voga, comprimentava a um e outro, pedia noticias, conversava com os amigos que encontrava, cur-

vava-se em cumprimentos para as senhoras que conhecia. E não faltavam senhoras, a entrar e sair dos armazinhos, todas elegantemente vestidas, de uma formosura muito esmerada.

Passara o susto do rapaz, e agora elle avançava francamente, como os outros, acotovellando, torcendo-se e desviando-se, parando para olhar



RIO DE JANEIRO. — Avenida do Mangue.

quando o interesse era mais forte, mas já senhor de si no meio da multidão. No intimo, Carlos sentia que si ella o quizesse esmagar, elle saberia reagir e defender-se.

Absorvido no que via, não percebeu que o irmão havia desaparecido. Quando o buscou com o olhar, e correu em torno, e não o achou, ficou aterrado. Então, sim, aquella multidão lhe pareceu terrivel, capaz de afogar, consumir e devorar o irmãozinho, que elle com tanto cuidado trouxera desde o Recife, atravez de tantas

difficuldades. Chamou em voz alta, indagou dos companheiros, que, attentos, se entretinham em ouvir o pae discorrer e conversar.

Mas o Dr. Caldas percebeu o que havia, e immediatamente tratou de achar o pequeno desviado. Mandou que os filhos e Carlos descessem a rua, até o princìpio, e lá o esperassem, emquanto elle seguiria em sentido contrario.



RIO DE JANEIRO. — O Largo da Carioca.

Andou uns dez minutos e encontrou o pequeno, acolhido a um desvão de porta, chorando silenciosamente, rodeado de um grupo que já se interessava por elle.

Alfredo vira passar um velho vendendo brinquedos, e instinctivamente o seguira ; quando buscou os companheiros já não os viu.

Apesar d'este incidente, a impressão que a rua do Ouvidor deixou no animo de Carlos foi das que se não dissipam nunca.

## LXIV

### EM VIAGEM PARA SÃO PAULO

O Sr. Ribeiro Gomes, o negociante a quem os rapazes vieram recommendados, providenciara effectivamente para a viagem, e, dois dias depois de desembarcarem no Rio de Janeiro, tomaram Carlos e Alfredo o trem, ás seis horas da manhã, na estação da Estrada de Ferro Central.

O Dr. Caldas, que os guardara sempre comsigo, foi leval-os á estação. Já lá estavam o negociante e o empregado que tinha de seguir. Era este um brasileiro, moço de uns trinta annos, ares decididos.

Fazia frio, mas os rapazes quasi não o sentiam, interessados pelo movimento que viam áquella hora: os trens de suburbios despejavam ondas de povo.

A locomotiva silvou... As despedidas foram commoventes. E Carlos, quando o trem se pôz em movimento, embebido em pensamentos tristes pensava: Nesta longa viagem quantos amigos vamos deixando perdidos! primeiro, papae! depois, Juvencio, Maria das Dores, — e agora, Jorge e Rodolpho... »

Tirou-o dessa prostração o caixeiro :

— Vejam como é bonitoisto! — e apontava pela portinhola do trem.

Effectivamente, era uma belleza o que se via : as serras, ao fundo, envoltas em neblina, e a casaria da cidade em baixo; o trem passava, cortando ruas, margeando jardins, costeando trilhos de bondes... Mas tudo isto se via rapidamente, fugazmente. Depois as casas fizeram-se mais espaçadas : eram quasi todas *chalets*, dentro de jardins...

— Já estamos nos suburbios, — informou o caixeiro — é d'aqui que vai para a cidade toda aquella gente que vocês viram desembarcar. E ha trens especiaes para esse trafego dos suburbios, parando em todas as estações por onde vamos passando...

Alfredo ouvia attento, ao mesmo tempo que examinava a physionomia sympathica e decidida do homem. Chamava-se este Rogerio Cortes.

— Sr. Rogerio, este nosso trem não pára?

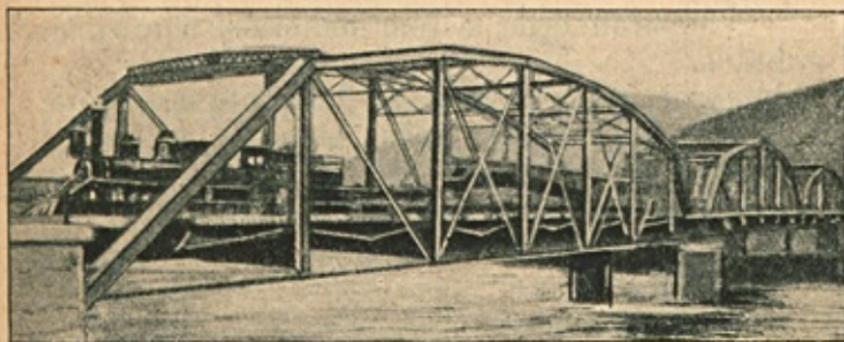
— Pára, sim, d'aqui a pouco, em Cascadura, e depois em Belém, e depois em muitas outras estações...

Depois de Cascadura, a machina bufou, e o comboio partiu por uma baixada regular, salpicada aqui e alli de habitações, que se tornavam cada vez mais raras á proporção que o trem avançava. O horizonte fechava-se ao fundo por uma cadeia de montanhas. Mostrando-as, Rogerio Cortes recommçou a conversa :

— E' a Serra do Mar... Lá adiante, vamos galgal-a, atravessando grotões, cortando despenhadeiros, furando montanhas... Ha quatorze tuneis

neste pedaço de estrada de ferro, de Belém até a Barra do Pirahy; é um trecho que se transpõe em uma hora, sempre em curvas e voltas pela serra acima. Um dos tuneis — o « tunel grande » tem mais de 3 kilometros de extensão; e gasta o trem, para atravessal-o, mais de trez minutos.

Effectivamente, o comboio, desde que saiu da planicie e passou Belém, enfiou pela serra, por



Ponte sobre o rio Parahyba na Barra do Pirahy.

entre cabeços de montes, a bufar ruidosamente, por sobre barrancos, agarrado a penedias abruptas, que pareciam vir esmagal-o. Varava tuneis, e transpunha pontes, parando de vez em quando.

— Barra do Pirahy! — annunciou o chefe do trem.

— Aqui acabam-se os tuneis e a montanha. Tem este nome o local, — explicou o caixeiro, — porque neste ponto desagua o rio Pirahy no soberbo Parahyba. Nesta estação a estrada bifurca-se: a linha do Centro segue para Minas, e a linha de São Paulo vae margeando o Parahyba pelo valle a cima até entrar no Estado de São Paulo. Lem-

bram-se da estação de Maxambomba, que lhes mostrei logo depois de sairmos do Rio de Janeiro?... Foi ahi que entrámos no Estado do Rio de Janeiro; tudo isto é Estado do Rio, e iremos por territorio fluminense até depois de Rezende: ahi entraremos no territorio paulista, cuja primeira estação é Queluz.

Com isto, o trem já havia chegado á Barra do Pirahy.

— Vamos almoçar; o trem demora-se aqui vinte minutos.

Almoçaram e partiram. O horizonte era agora outro: o longo valle quasi plano, e estiradas cadeias de montanhas aos dois lados.

---

## A LINHA DO CENTRO

Rogério Cortes, expansivo, exuberante, falava durante todo o tempo: a principio os rapazes pouco o ouviam, entretidos com as paizagens que se desenrolavam, e com o aspecto de cada estação em que parava o trem: Vargem Alegre, Pinheiro, Volta Redonda, Barra Mansa, Rezendé... Mas nesta successão de estações a viagem, sempre pelo mesmo valle, já se ia tornando enfadonha.

Voltaram-se então os rapazes para o companheiro, e ouviram-lhe as explicações e descrições.

— Conhece a «Linha do Centro», que o senhor disse partir da Barra do Pirahy? — perguntou Carlos — já viajou por ella?

— Oh! muitas vezes, mais até do que por esta; não ha um mez que vim de Ouro Preto...

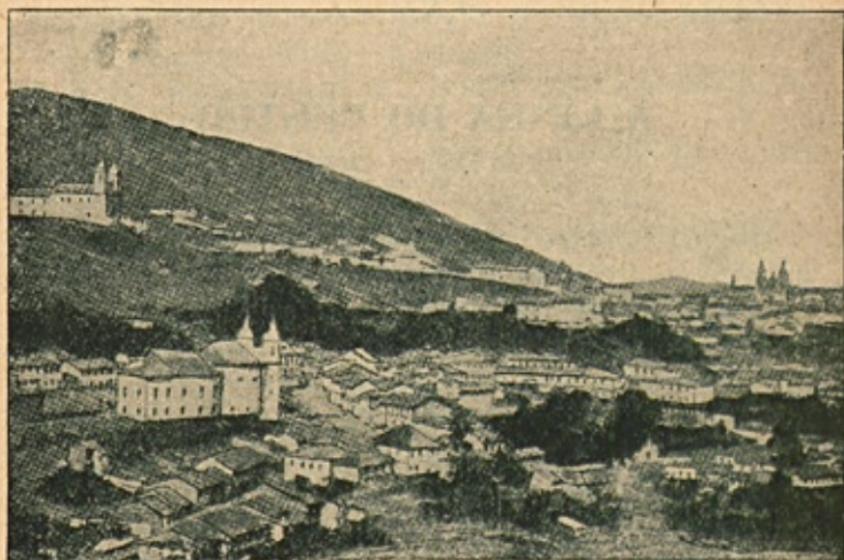
— E porque a chamam «Linha do Centro?»

— Certamente porque é a linha que se dirige bem para o centro do paiz. E' a linha principal. Esta aqui é apenas um ramal, que se continua com a Estrada de Ferro do Norte e vae até São

Paulo. Já percorri toda a linha do Centro, e a minha ultima viagem por ella foi horrivel: quasi morremos todos.

— E a viagem é sempre monotona?

— Não. Ha muita variedade de vistas, de pai-



Ouro Preto, antiga capital de Minas.

zagens. Partindo da Barra do Pirahy, a linha vai margeando o Parahyba até pouco antes do ponto em que este recebe o Parahybuna, um rio que vem do interior de Minas Geraes. Ahi, na estação de Entre-Rios, a linha parte directamente para o interior; um pouco adiante apanha o Parahybuna, e segue-o até para lá de Juiz de Fora, uma das mais importantes cidades mineiras. E' uma questão de duas horas de viagem. Depois

começa-se a subir a famosa serra da Mantiqueira. Já ouviu falar d'ella?

— Sim, — disse Carlos — é uma das mais altas do Brazil.

— Mas ahi a serra tem um aspecto differente da Serra do Mar, por onde passámos; é mais grandiosa, mais fechada, e o trem sobe fazendo



Bello Horizonte.

uma grande curva. Passa em Palmyra, e transpõe o alto da cordilheira na chamada « Garganta de João Ayres ». E' fortissima a ventania ahi; o lugar forma effectivamente uma garganta, e o vento esfuzia terrivelmente.

« Depois a estrada desce suavemente para Barbacena. Antes de chegar a essa cidade, ha um ponto interessantissimo, na chapada da Mantiqueira: de uma certa altura, vêm-se trez corregos que irradiam e partem em direcções oppostas: um leva a agua para o rio Doce, que vem ter ás costas do Espirito Santo; outro vai para o rio

das Velhas e d'ahi para o São Francisco, de onde vocês vieram; e o terceiro vai para o rio das Mortes e d'ahi para o rio Grande, Paraná, Paraguay, rio da Prata... De forma que a agua de um pequeno aguaceiro, caído alli, se divide e vae ter até quatrocentas ou quinhentas leguas de distancia. Sabem porque se chama « Rio das Mortes » este de que falei?

— Sei; — respondeu Carlos — porque ahi se deu a celebre batalha dos Emboabas, entre os portuguezes e os bandeirantes paulistas, que descobriram e exploraram todo este sertão do centro e sul do Brazil, indo até Goyaz e Matto-Grosso.

— Contas-me isso, Carlos? — acudiu Alfredo.

— Depois, quando tiveres conhecido a cidade de São Paulo, de onde partiram quasi todos os bandeirantes.

— De Barbacena para lá — continuou Rogério — o caminho vae cortando cabeceiras de diversos rios. É um terreno que muda de aspecto de momento em momento. São fraldas de serras cavadas pelos rios, e ha grandes grutas. Foi ahi que antigamente mais se desenvolveu a mineração. Chegando á estação de Burnier, depois de muitas horas de viagem, encontra-se um ramal, que vai a Ouro Preto, antiga capital do Estado de Minas. É uma bella cidade, muito montanhosa, e situada num centro de mineração.

— E Ouro Preto já não é a capital? — perguntou Alfredo.

— Não! — explicou Carlos. — A capital é hoje Bello Horizonte, uma cidade admiravel, construida em poucos annos, e que custou cerca de trinta mil contos de réis.

— A linha principal — continuou Rogerio — está sendo continuada. Já chega até Lassance, e brevemente alcançará Pirapóra, no rio São Francisco. Até ahí vêm hoje os pequenos vapores que vocês viram em Joazeiro.

— De forma que — ajuntou Carlos, — brevemente poderá uma pessoa entrar no trem, no Rio de Janeiro, vir tomar o vaporzinho no São Francisco, descer até Joazeiro, tomar a estrada de ferro, e ir até a Bahia?

— Perfeitamente.

— E — perguntou Alfredo — porque é que foi terrível a sua ultima viagem?

— Ah! você não esqueceu o desastre?... Era á noite : em manobra, na estação de Palmyra, soltaram dois carros de passageiros, um de primeira, outro de segunda, deixando-os seguir para baixo. O guarda-chave devia abrir uma chave e fazel-os entrar num desvio, mas não fez a manobra a tempo, e os carros continuaram a descida pela linha principal; o declive já é alli um tanto forte, e os carros tomaram impulso; não foi mais possivel detelos. Felizmente, um guarda-freio corajoso saltou á plataforma de um dos carros e foi gradativamente refreando a corrida. Ao mesmo tempo, de Palmyra, telegrapharam para a estação immediata, Chapéo d'Uvas, e foi possivel fazer parar o comboio, depois de uma corrida vertiginosa que quasi matou de susto uma senhora...

## O OURO E OS DIAMANTES

— O nome de Minas, dado a esta parte do Brazil — disse então Carlos a Alfredo — vem da abundancia de minas de ouro e diamantes que ha no seu solo.

— E ha muito ouro ? — perguntou Alfredo.

Neste ponto da conversa, um homem de certa idade, que viajava no mesmo carro, interveio com bondade :

— Interessa-me muito a curiosidade com que os senhores procuram informar-se d'estas cousas. Venho ha muito tempo ouvindo a sua conversa, e acho muito louvavel o desejo que mostram de conhecer a vida do seu paiz. Eu sou engenheiro de minas e já trabalhei muito em mineração. Em Minas ha muito ouro, muito diamante e tambem muito ferro que ainda é mais util.

— E a extracção do ouro é difficil ? — perguntou Carlos.

— Não é difficil, mas é muito dispendiosa. É verdade que se encontra ouro á flor da terra, mas as maiores quantidades jazem no fundo das mi-

nas, misturadas com outras substancias nas rochas, que é preciso quebrar, triturar e lavar, por meio de muitos machinismos complicados.

— E toda a gente pode apanhar ouro? — interrogou Alfredo.

— Sim — explicou o engenheiro — toda a



MINAS GERAES. — As minas de Morro Velho.

gente pode apanhar o ouro que apparece á flor da terra, no leito dos riachos e correços, e muitas pessoas vivem d'essa industria. Apanham a areia dos correços, deitam-n'a com agua na *batêa*, e passam muito tempo a agital-a, renovando a agua de tempo em tempo. A *batêa* é uma especie de alguidar de madeira. Com o movimento e a lavagem, o ouro pouco a pouco se vae separando da areia e depositando-se no fundo do alguidar. Mas a quantidade do precioso metal recolhido por esse processo é sempre insignificante. A grande ex-

ploração faz-se nas minas, que pertencem a companhias, dispoŕdo de grandes capitaes.

— Que bonita deve ser uma mina de ouro! — exclamou o pequeno Alfredo. — Aquillo até deve fazer mal á vista!

O engenheiro sorriu e desenganou o menino:



Mineração de diamantes.

— Qual! é essa a ideia que muita gente faz de uma mina de ouro; mas não ha ideia mais falsa. O ouro não apparece, porque está misturado com as substancias que constituem a rocha. Uma das minas mais importantes é a de Morro Velho, no arraial de Congonhas de Sabará. Mais de 1200 homens trabalham ahi. Para ir ao fundo da mina, segue-se primeiro a pé, por uma galeria horizon-

tal, e depois entra-se em um grande cesto, chamado *caçamba*, que lentamente, por meio de um jogo de polias e cabos de aço, leva o visitante a uma profundidade de mais de duzentas braças.

— E como é que se faz o trabalho?

-- Os operarios despedaçam a rocha por meio da dynamite, e trazem para cima os blocos de pedra, que são triturados e reduzidos a pó, por immensos pilões hydraulicos; depois o pó é muitas vezes lavado, e submettido a varios processos chimicos, até que d'elles se extráe o ouro puro.

— E os diamantes? o senhor já viu como se extráem?

-- Já. Já estive no Jequitinhonha, que é um dos maiores rios de Minas, e onde se tem achado muitos diamantes. Os exploradores *cercam* um certo pedaço do rio, isto é: desviam d'esse trecho as aguas por meio de processos que não vale agora a pena descrever, e descobrem o leito. Então *cateiam*, isto é: tiram a camada inutil de terras e areias, e encontram o cascalho miudo, onde se acha ás vezes o diamante bruto...

---

## MATTO-GROSSO E GOYAZ

— Quanta riqueza ha no Brazil! — exclamou Alfredo, que ouvira com a maxima attenção o que dissera o engenheiro de minas.

— Ha muita! muita! — confirmou este. — E grande parte d'essa riqueza, para não dizer quasi toda, ainda é desconhecida. Nós todos falamos com assombro das jazidas preciosas que ha no Estado de Minas, e nem pensamos nas que existem completamente ignoradas em Matto Grosso e Goyaz.

— São dois Estados muito grandes, não?

— São immensos. Matto Grosso, entre os Estados do Brazil, é o segundo em extensão territorial; a sua superficie é maior que duas vezes a superficie da França. Goyaz tambem é gigantesco; tem quasi oito centos mil kilometros quadrados. Infelizmente essas duas collossaes porções da terra brazileira são quasi desconhecidas, por falta de vias de communicação facil com o litoral. Quando as estradas de ferro e as linhas de navegação fluvial tiverem estabelecido essa communicação, ninguem pode imaginar a esplendida prosperidade que reinará alli. O solo é fertilissimo, e as pastagens podem ser utilizadas para uma

criação de gado capaz de abastecer grande parte do mundo.

— E ha muito ouro? muitos diamantes? — inquiriu Carlos.

— Não só ouro, não só diamantes, como prata, cobre, ferro, crystaes, chumbo, platina, manga-



MATTO-GROSSO. — Cuyabá.

nez e muitas pedras preciosas. No periodo colonial, era de Matto Grosso que saía a maior parte do ouro expedido para Portugal; houve tempo em que só nos arredores de Cuyabá se extraíam mais de mil kilos de ouro em cada mez.

— E Goyaz?

— Em Goyaz, o solo é tambem opulento. Foi lá que se deram no seculo xvii os episodios mais commoventes das viagens de exploração. Um dos

primeiros exploradores foi Bartolomeu Bueno da Silva, que chegou até o Rio Vermelho, colhendo muito ouro. Os indios deram-lhe o apellido de *Anhangüera*, que quer dizer : *diabo velho*. E o que mais deve interessar os senhores, que são ainda crianças, é saber que o *Anhangüera*, nessa expe-



GOYAZ. — Criação de gado.

dição, levou como companheiro um filho que apenas contava doze annos de idade...

— Era mais moço do que tu, Carlos! — exclamou Alfredo, abraçando o irmão. — Mas tu também és um heróe!

E, voltando-se para o engenheiro, accrescentou com orgulho:

— Nós também já viajámos muito! acabamos de atravessar quasi todo o norte do Brazil!

## A LAVOURA DOS CAFEZAES

Estavam já no Estado de São Paulo. O trem passou por Queluz, Lavrinhas e Cruzeiro. Entre Cruzeiro e Cachoeira, Carlos vendo na fralda da serra uma lavoura toda feita de moitas alinhadas, perguntou :

— Que é aquillo?

— E' um cafezal — respondeu Rogerio promptamente. — Existe alli uma fazenda de café; olhe a casa, lá em baixo !

E o caixeiro apontava um casarão, que se via no sopé do morro.

— Então, é por aqui, Sr. Rogerio, que se cultiva todo esse café que o Brazil produz? — perguntou Carlos.

— Não. A grande lavoura de café de São Paulo se faz hoje no oeste do Estado, na chamada *terra roxa*. Por aqui, houve muitas fazendas importantes no tempo da escravidão; mas, com a continuação, estas terras que não são muito fortes, *cançaram*, quero dizer: já não produzem tanto como d'antes.

« Descobriram-se no oeste umas terras excellentes para o café, as *terras roxas*, e lá então se de-

senolveu a grande lavoura. Depois extinguiu-se a escravidão, e começaram a vir para aqui milhares de colonos italianos. São elles principalmente que trabalham nas fazendas do oeste. Cada fazenda tem a sua *colonia*, que é uma fila de casas, bem arruadas, onde moram esses colonos estrangeiros.

— Então, não é toda a terra que serve para o café?

— Não. O café só dá bem nas regiões serranas, em terras novas, até então cobertas de mattas, e nos climas onde as estações sejam muito regulares. Aquella *Serra do Mar*, por onde passámos, no Estado do Rio, na *matta* de Minas Geraes, e aqui no norte de S. Paulo, já produziu muito café. Hoje ainda produz, mas quasi todas as antigas fazendas estão abandonadas.

— E como se planta o café?

— Derruba-se o matto, nas partes mais altas das serras, limpa-se o terreno, e plantam-se os grãos do café, ou as *mudas*, isto é: pés de café que se criam em pequenos vasos e só são levados definitivamente para a terra do cafezal quando já têm um palmo de altura. Escolhem-se os pontos altos, porque, aqui no sul, nas noites de grande frio, no inverno, costuma cair *geada*, isto é: um gelo miudo, que é mais frequente nos terrenos baixos; a geada mata o café novo, e por isto só servem para as plantações os terrenos altos. A's vezes, a geada é tão forte que alcança até os pontos altos; e então os lavradores costumam cobrir os cafeeiros novos com umas cestas que os protegem.

— E os cafeeiros produzem logo?

— No fim de quatro annos ; então já o arbusto tem a altura de um metro, mais ou menos, e produz os primeiros grãos, poucos ainda. Com cinco annos fica o cafezal carregado e produz francamente.

— E o café dá durante todo o tempo ?

— Não. Aqui, no sul, chove no verão, e faz



SÃO PAULO. — Um cafézal.

estiagem no inverno : esta é a estação da secca. A colheita do café é feita no inverno. Em setembro e outubro, com as primeiras chuvas do verão, florescem os cafezaes. Pelas encostas onduladas, apparece o verde arruado das lavouras, todo salpicado de branco, um branco puro... As longas vergonteas do cafeeiro pendem carregadas de flores, florinhas sesseis, agarradas ao ramo fino, por todo elle, e abrigadas na inserção das folhas; estas flores dão lugar a outros tantos frutos.

## O PREPARO DO CAFÉ

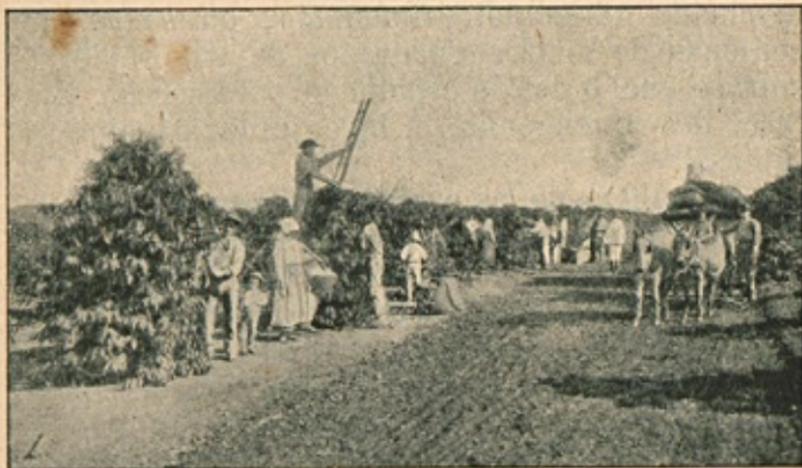
Com a fadiga natural da longa viagem, Alfredo, o mais moço dos dois irmãos, adormecera; mas o irmão, Carlos, continuou attento. Aproveitando um momento em que o caixeiro suspendeu um pouco a conversã, perguntou-lhe :

— Mas, Sr. Rogerio, como póde o senhor, que mora no Rio de Janeiro, conhecer tão bem assim a lavoura do café?

— E' que eu tenho viajado por toda esta região, e já passei muitos dias em fazendas, tanto na epoca da plantaçã como na das colheitas... Em maio, entra a estiagem, os cafés estão maduros, começa a colheita. Um enxame de colonos segue para os cafezaes. Com uma peneira presa á cintura, um *samburá* a tiracolo, pannos e escadas para os cafezaes mais velhos, lá vão elles: são familias inteiras — homens, mulheres e crianças. Cada grupo de trabalhadores segue por uma rua, de arbusto em arbusto, correndo as mãos pelos ramos, e despejando para o *samburá* os punhados de *cerejas* e de folhas. A planta fica núa, as varetas

finas tremem ao vento, como ramalho secco, e a plantação parece, após a colheita, uma roça devastada pelas formigas, ou assollada pelos gafanhotos. Não se pode colher de fruto em fruto; *raspa-se* todo o ramo, e com um só movimento, apanha-se uma mão cheia.

« O serviço é aspero; a haste nodosa do cafeeiro



SÃO PAULO. — A colheita do café.

dilacera as mãos ainda não habituadas e callejadas. Colhida uma certa porção, leva-se á peneira; retiram-se as folhas que ficam em cima, e vão os fructos para os montes. Cada *apanhadar* de café tem o seu *panno*, especie de lençol, que se estende em baixo do arbusto, e onde cae grande numero de frutos; antes de passar adiante, ergue-se o panno, e recolhem-se todas as bagas que sobre elle caíram. Cada trabalhador leva para as grandes ruas do cafezal, para os *caminhos*

*de carro*, — o seu café, e ahí o entrega, medido. Fazem-se grandes montes de *café em cereja*, isto é, do fruto maduro, colhido de fresco, ainda rubro ou alaranjado como a cereja madura. Dois, trez, quatro dias passa ahí o fruto, e os carros de bois o vão conduzindo para os *terreiros* de café, ao pé do engenho.

« Esse terreiro é uma vasta esplanada, de chão nivelado, horizontal, cimentado, ou *batido*, de centenas de metros quadrados de superficie, e sobre o qual o café é espalhado para seccar. Em face, fica o engenho, e, logo junto, o paiol, as tulhas.

« Espalham-se as carradas de *cereja* sobre o terreiro, e allí fica o fruto, até seccar completamente a casca, que toma o aspecto de um pequeno côco, ou de uma pequena avellã, comprida e quasi negra. Dentro, chocalha o grão do café. E' o *café em côco*. Para que elle chegue a esse estado, é preciso ficar por muitos dias exposto ao sol e ao ar livre. Para isso espalham-n'ò sobre o terreiro em camadas muito finas, de menos de uma pollegada : duas, trez vezes por dia é revolvido ; de espaço a espaço, abre-se a camada de café, e formam-se leiras estiradas, deixando a nú compridas faixas do chão do terreiro, para que receba o sol directamente, e para que este enxugue qualquer humidade.

« Secco o fruto, o café em côco é lavado. Lavam-n'ò em grandes tanques annexos ao terreiro, tanques dispostos em declive, tendo em baixo uma grade bastante fina para que o côquillo — o café — não passe. Despeja-se o fruto, e sobre elle cae o forte jorro de agua, que o desembaraca

de todos os elementos estranhos : os gravetos, as folhas, os grãos apodrecidos; tudo isso vem á tona da agua, e escapa-se pelos escoadouros dos tanques. As terras, as pedrinhas mais pesadas, vão para o fundo. O café puro, lavado, é ainda uma vez estendido no terreiro limpo; e, secco de novo, está prompto para entrar no engenho, onde será *beneficiado*; isto é : entra para as machinas, que o descascam por completo, e separam os grãos, pelo tamanho, pelo formato. Estas machinas são : os *descascadores*, os *ventiladores*, os *catadores*. O café sae do machinismo para o sacco. A maior parte das grandes fazendas já têm tambem *despolpadores* — machinas que desembaraçam o fruto, apenas murcho, da casca carnosa, evitando-se deste modo o longo periodo de trabalho no terreiro, e obtendo-se um producto melhor.

---

**SÃO PAULO**

E foi nessa longa conversa, sempre instructiva, que os rapazes fizeram a viagem até São Paulo. Jantaram em Taubaté. Já era noite quando o trem entrou na Estação do Norte, na capital paulista.

Rogério já havia prevenido os companheiros que só passariam em São Paulo aquella noite e a manhã do outro dia, até as nove horas. Durante esse tempo elle trataria dos negocios que ali o traziam; depois tomariam o trem para Santos, onde chegariam ás onze horas, almoçariam, e embarcariam então para o sul, porque o paquete devia sair ás trez da tarde.

O caixeiro tinha um modo simples e decidido de determinar as cousas, o que muito agradou a Carlos.

Descendo do trem, tomaram um carro e foram para um hotel.

De accordo com o seu costume, Rogério, mal começou a andar o carro, entrou a discorrer: — Este bairro de São Paulo, onde está a estação, chama-se o Braz; é habitado quasi exclusivamente

por italianos. Estes têm feito muito pelo progresso de São Paulo : são um povo bom, intelligente, trabalhador.

Com isto chegaram ao hotel, na rua de São Bento :  
— Reparem bem na casa do hotel ; tomem nota, tomem nota do numero .. E' uma cousa indispen-



SÃO PAULO. — Estação da Luz.

savel quando se está em uma cidade inteiramente desconhecida...

Aboletaram-se, Rogerio num quarto, os dois rapazes em outro, e meia hora depois já o caixeiro estava prompto para sair :

— Quem quer sair commigo, para ver a cidade? Mas eu vou tratar de negocios : o mais que posso fazer é deixal-os em qualquer parte e procural-os depois.

Elles aceitaram, e Rogerio recommendou-lhes muito que reparassem na rua por onde vinham,

para que pudessem voltar sósinhos, se quizessem. Desceram a rua de São Bento até o Largo do Rosário. O movimento era grande. Crianças, a correr, annunciavam e vendiam os jornaes do Rio. Só se viam casas de negocio, inteiramente semelhantes ás do Rio... Depois passaram por uma rua mais larga, e onde era maior o movimento.

— Estamos na rua mais importante de São Paulo, a rua 15 de Novembro. E' a rua do Ouvidor desta cidade.

Entraram em um botequim. O caixeiro tomou uma chicara de café ás pressas, e partiu, dizendo aos rapazes que o esperassem ou voltassem sósinhos si não tivessem medo de perder-se.

— Qual perder-me! — tornou Alfredo, muito senhor de si.

— Mas já não te lembras que te perdeste na rua do Ouvidor? — exclamou o irmão.

Ficaram alli os dois, a principio muito entretidos, a contemplar o movimento da casa e da rua. Mas fazia frio, o frio penetrante de São Paulo, e Alfredo, apezar do sobretudo que trazia, começou a tremer, e a pedir ao irmão que se fossem embora. Carlos, por sua vez, passada a primeira impressão de novidade, o que sentia agora era um absoluto isolamento; estava alli como si estivesse numa solidão, não conhecia ninguem; e com isto lhe veio a saudade desesperadora, e com a saudade aquella mesma ideia que já uma vez tivera: « E se o pae não tivesse morrido?... » D'esta vez a ideia voltava mais insistente ainda, e Carlos entrou a examinar as proprias duvidas. Sim! elle sentia duvidas, isto é: não podia ter certeza; e, se bem que esse pensamento o consolasse um pouco, ao

mesmo tempo lhe trazia uma certa angustia. Era uma vaga esperança que anciosamente o atormentava...

Quizera poder voltar atraz, correr de novo aquellas paragens do norte, e trazer de lá a verdade clara... « Mas, não ! — continuava a reflectir, devorado de amargura e saudade — elle morreu!... nunca mais, nunca mais o havemos de ver!... »

Alfredo queixava-se do frio forte, e Carlos resolveu entrar.

## O PROGRESSO PAULISTA

Na sala do hotel, esperando Rogerio, os dois pequenos viajantes já cochilavam, quando a sua attenção foi despertada por uma voz affectuosa :

— Então, já viram toda a cidade?

Era o companheiro de viagem, o engenheiro de minas, que lhes dera tão boas informações sobre o ouro e os diamantes de Minas Geraes.

— Quasi nada pudémos ver; — respondeu Carlos; — e, como devemos partir amanhã cedo...

— Pois é pena. São Paulo possui muita cousa digna de ser vista : magnificos jardins, esplendidas casas, bairros novos já muito animados, e muito boas escolas. O progresso d'esta terra nunca cessou. A immigração italiana tem dado grande desenvolvimento á lavoura, e as cidades do interior desenvolvem-se continuamente.

A um lado, na sala do hotel, alguns outros hospedes conversavam em voz alta. Via-se que eram fazendeiros. Falavam do preço do café e da abundancia da colheita naquelle anno. Um d'elles dizia que a producção ia ser talvez de vinte milhões de saccas de 60 kilos: mais do quadrupelo da producção de todo o resto do mundo...

— Estão ouvindo? — fez notar o engenheiro  
— Mas não pensem que a fortuna de São Paulo é só o café. Ha muitas outras lavouras e tambem muito commercio e muitas industrias.

— O snr. é paulista? — perguntou Carlos.



SÃO PAULO. — Plantação de ananazes.

— Não! sou mineiro, nasci em Campanha e formei-me na Escola de Minas de Ouro Preto.

— Papae tambem era engenheiro! — disse Alfredo. E a sua physionomia ficou triste...

Nisto, porém, entrou Rogerio :

— Vamos dormir! é tarde, e devemos partir muito cedo.

## PARA O SUL...

A manhã da partida para Santos foi toda cortada de peripecias. As seis horas recebeu Rogério um telegramma do patrão : « Envie rapazes Sul, volte Rio », datado da vespera. A's 8 horas, novo telegramma : « Siga Rio Grande ». E por isto, o caixeiro teve de liquidar dentro de uma hora todos os negocios de que ainda devia tratar em São Paulo.

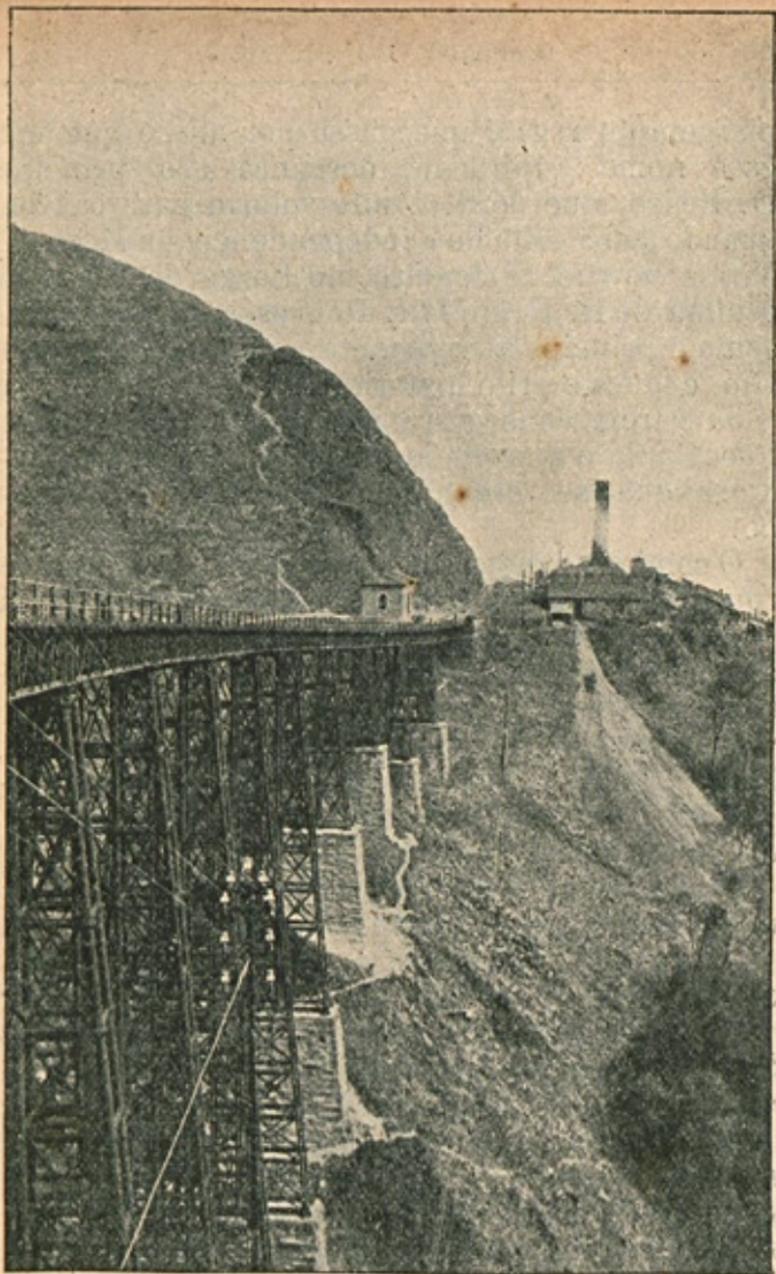
Mas, na hora combinada, partiram.

Os dois rapazes admiraram muito a magnifica estação central da Companhia Ingleza, no bairro da Luz, onde tomaram o trem que os levaria a Santos.

— E a mais bella estação de caminho de ferro que ha no Brazil — observou Rogério. — E esta estrada é importantissima; vae de Santos até Jundiaby.

Poz-se o trem em movimento. Logo ao sair da cidade, notou Alfredo um palacio monumental, sobre uma pequena collina que se erguia no vasto campo. Antes que o menino houvesse perguntado qualquer cousa, acudiu Rogério :

— Aquelle é o monumento do Ipiranga. Á



SERRA DE SANTOS. — Viaducto da Grotta Funda

margem do regato que passa por alli, e que tem esse nome : Ipiranga, descansava o príncipe D. Pedro, que de S. Paulo voltava para o Rio, quando deu o grito de « Independencia ou Morte » ! Viram no Rio de Janeiro, no Largo do Rocio, a estatua de D. Pedro I?... Pois essa estatua representa o príncipe no momento em que parte para o Rio, e lança o grito historico...

Já o trem conseguira vencer a distancia entre São Paulo e a serra do Cubatão, muralha grandiosa que se ergue bem em face do oceano.

O comboio penetrara pelas gargantas da serra, e começara a descer entre os barrancos e sobre as pontes e viaductos, que dominam e transpõem abysmos horrendos, cujo fundo não se vê. A descida é íngreme, e a todo o momento parece que o trem vae despenhar-se por aquelles penhascos a baixo... Alfredo tremia de pavor, e Carlos admirava os homens que conseguiram fazer aquella obra portentosa.

Mas o companheiro Regerio não os deixava ficar muito tempo nessa muda admiração.

— Vejam! vejam isto aqui! — e, com a mão estirada, mostrava-lhes por uma abertura da montanha, em baixo, em face do mar, a cidade de Santos, numa paizagem unica. Parecia uma miniatura de presepe : era lá fóra o oceano, a entrada do porto, o porto, uma larga enseada com seus navios e vapores, e a casaria á margem do rio para onde confluíam outros rios e regatos... Antes, porém, que elles podessem apanhar todos esses detalhes do esplendido panorama, já o trem dera meia volta e tudo desaparecera...

Mais de uma vez o bellissimo espectáculo se lhes offereceu aos olhos.

A's dez e meia estavam na estação do Cubatão, na raiz da Serra, e pouco depois em Santos. Entre os paquetes ancorados, lá estava o *Santos*, que os devia transportar para o Rio Grande. Balouçava-se sereno, nas aguas agitadas por uma forte ventania.

Almoçaram, acompanharam o caixeiro, passaram por trez ou quatro ruas da cidade, muito animadas pela faina dos negociantes, commissarios e corretores de café.

— D'aqui, de Santos, — explicou Rogerio — sae todo o café de São Paulo e grande parte do de Minas.

Montes de saccos de café enchiam os armazens; pelas ruas, as filas de carroças interrompiam o transito. O cheiro do café enchia a cidade, dominava-a.

A's trez horas da tarde, o paquete levantou ferro, e ganhou o mar alto, muito agitado.

---

## O PARANÁ

Quando o *Santos* chegou a Paranaguá, encantou-os a vista da terra. Abria-se aos seus olhos um lindo panorama: o porto, vasto e quieto, cercado de um amplo circulo de montanhas.

Alfredo estava ancioso por descer á terra:

— Vamos, vamos! quero ficar conhecendo a capital de mais um Estado do Brazil!

— Que? — atalhou o irmão sorrindo — então Paranaguá é capital?

— É verdade! — exclamou o pequeno — que tolice a minha! bem sei que a capital do Paraná é Curytiba...

— Curytiba fica a uns cento e dez kilometros d'aqui; — explicou Rogerio — de Paranaguá até a capital faz-se a viagem em caminho de ferro; são umas seis horas, se tanto.

Baixaram á terra, e com elles um homem alto, forte, louro, que se offereceu para lhes mostrar a cidade. Era um allemão, que, apesar de não estar no Brazil ha mais de dez annos, já falava perfeitamente o portuguez. Chamava-se Schumann e era muito conversador e sympathico.

Os quatro viajantes percorreram com prazer a

pequena cidade, conversando. O allemão residia na capital de Santa Catharina, mas conhecia bem o Paraná :

— Os senhores não podem fazer ideia do que é a estrada de ferro que vae d'aqui até a Lapa. É



Os pinheiros do Paraná.

uma maravilha que honra a engenharia brasileira. Tem obras de arte admiraveis, viaductos, tunneis. Em certos pontos, na serra, o trem fica suspenso sobre abysmos, cuja contemplação dá vertigens. Não ha talvez no mundo inteiro uma cousa tão bella!

— E o Estado é muito rico? — perguntou Carlos.

— Muito rico, não é — disse Schumann — mas é prospero, e as bases da sua prosperidade são os pinhaes e o mate.

O pinheiro do Paraná, *araucaria brasiliensis*, dá uma madeira tão boa como a da Noruega; é uma arvore corpulenta, que ás vezes attinge a altura de trinta e seis metros. Ha aqui pinheiraes admiraveis, em grandes florestas que cobrem os planaltos. Li, ha poucos dias, um artigo, cujo autor calcula em mais de 80 milhões os pinheiros que formam essas florestas...

— E o mate?

— O mate de Paraná também é celebre, é o

mais saboroso. Exporta-se em grandes *surroês*, ou saccos de couro, ou então em barricas fabricadas no Estado; a fabricação das barricas é uma das grandes industrias do Paraná.



A colheita da herva-mate.

Assim conversando e passeando, passaram os viajantes cerca de hora e meia em Paranaguá.

Voltaram para bordo. O *Santos* tomou de novo o rumo do sul.

---

## SANTA CATHARINA

Em Santa Catharina foi curta a demora do navio e os trez viajantes não baixaram á terra.

Os dois rapazes viam com prazer approximar-se o termo da viagem, já fatigados de tanto movimento e de tantas mudanças; já não achavam encanto no que viam : só desejavam chegar, achar o aconchego da familia, descansar o corpo e repousar o espirito e o coração no seio d'aquelles que os esperavam no Rio Grande do Sul.

Assim não lhes deu grande pezar a impossibilidade de visitar Florianopolis, a antiga Desterro, edificada na ilha de Santa Catharina, separada do continente pelo Estreito.

— Aqui em Santa Catharina, nasceu uma grande brazileira, grande pelo seu nobre coração, pelo seu valor, e pela ternura e dedicação com que associou a sua vida á vida de um heróe! — disse Rogerio.

— Quem foi? — perguntou logo Alfredo.

— Anita Garibaldi, mulher do famoso cabo de guerra italiano, que, além de entrar nas campanhas da unificação da Italia, tambem no Brazil

serviu a causa da liberdade, tomando parte na revolução dos *Farrapos*.

— E' bonita Florianopolis?

— E'. Muito quieta e pittoresca. Possui lindos jardins.

Nesse momento embarcava uma familia de al-



FLORIANOPOLIS.

lemães com destino ao Rio Grande. Eram oito pessoas : pae e mãe e seis filhos. Gente corada e forte, sadia e alegre.

— Estão vendo? — disse Rogerio — o Estado de Santa Catharina tem hoje uma densa população allemã. E não só Santa Catharina como o

Paraná e o Rio Grandedo Sul... Os allemães preferem, para estabelecer-se, o sul do Brazil cujo clima é muito semelhante ao da Europa. Aqui ha muitos... Algumas cidades do Estado, como por exemplo Blumenau, são quasi exclusivamente habitadas por elles e pelos seus descendentes, já brazileiros, mas ainda conservando o typo germanico.

Quando o vapor saiu do porto, a tarde declinava. O ceu tingia-se de uma còr de rosa desmaiada, com estrias de ouro pallido; e uma funda melancolia se espalhava pela face das aguas calmas.

O *Santos* accelerou a marcha. Carlos e Alfredo, á pôpa, olhando o litoral que se afastava, deixavam-se dominar pela tristeza da hora e da paizagem.

De repente, Carlos rompeu o silencio :

— E Juvencio?...

Alfredo replicou com a voz tremula de commoção :

— É verdade! que será feito d'elle? que estará fazendo a esta hora?

---

## UM VELHO AMIGO

E Juvencio ?

E tempo de saber o que foi feito d'esse bravo sertanejo, que tão amigo se mostrou dos dois pequenos viajantes, durante a sua triste peregrinação pelos sertões do norte.

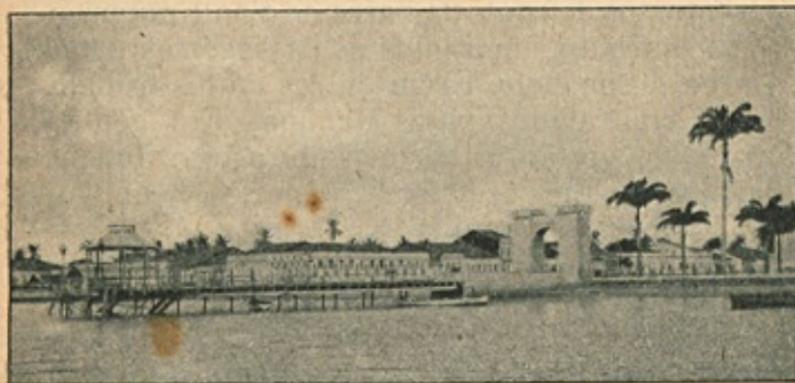
A partida dos companheiros deixara-o desanimado. Sentira mais talvez deixal-os, do que deixar o seu sertão.

Dois dias depois da separação, Juvencio embarcava á prôa de um paquete nacional em viagem para Manáos. Era quasi noite quando o vapor se fez ao largo; e a melancolia da hora, a tetrica solidão do mar, a tristeza e o abandono em que se via o pobre rapaz, quasi o desesperaram. Caiu sobre um rolo de cabos, na prôa do navio, a soluçar. Um marinheiro ainda moço teve pena d'elle, quiz saber o que tinha; tentou fazel-o levantar-se. Juvencio não pôde, estava tonto. Veio o terrivel enjôo.

No outro dia, o ar fresco da manhã, a vista da terra — o vapor seguia a costa á vista — reanimaram-n'o um pouco. Reagiu, ergueu-se: estava bom

Agora tudo era novidade para elle : a faina de bordo, o horizonte sem fim do mar, o revolver incessante das vagas, a vista da costa, — uma linha de dunas alvas, salpicadas de arbustos, e por traz uma fila intermina de coqueiros...

— Que é aquillo? — perguntou Juvencio ao marinheiro que se lhe mostrara amigo.



SERGIPE. — Ponte de desembarque em Aracajú.

— São coqueiros. Toda esta costa, d'aqui até Pernambuco, e mesmo para além, é coberta de coqueiraes. E' a fortuna d'esta gente. Um coqueiro vive mais de cem annos, e, depois de formado, com cinco annos, só dá o trabalho de colher os frutos.

— Qual é o primeiro porto em que entra o vapor?

— Maceió, capital de Alagoas. Passaremos pela costa de Sergipe, d'aqui a quatro horas, estaremos defronte de Aracajú, mas não entraremos. Amanhã cedo entraremos em Maceió, e saíre-

mos amanhã mesmo, á tarde. Depois de amanhã estaremos no Recife.

— Eu já vi a navegação no São Francisco, e em Joazeiro; mas é tão diferente d'esta!...

— Ah! sim! Também já viajei muito em rio, no Cotinguiba, porque sou de Maroim, em Sergipe. Conheço também o São Francisco, em baixo. Já morei em Penedo. Hoje mesmo ao escurecer passaremos defronte da barra do São Francisco...

No outro dia, uma onda de passageiros invadiu a prôa do paquete. Eram outros tantos trabalhadores contratados para Manáos. Era gente do centro do sertão, caboclos vigorosos : Juvencio reconheceu-lhes os gestos, o falar, e ficou satisfeito com a companhia.

Não podia ir á terra, por muito que o desejasse : queria evitar despesas.

Maceió, vista de longe, pareceu-lhe uma cidade encantadora : o porto agitado, a gente alegre, a paisagem pittoresca.

Mal saiu o vapor, formou-se uma roda de pessoas, não muitas, porque a maior parte enjoou. Uma d'ellas tomou a direcção da conversa. Era quem dirigia o grupo — um cearense decidido, que viera por toda a costa a engajar trabalhadores : arranjava as turmas, e mandava-as ; aquella era a ultima, e elle seguia com ella.

Discorria como um professor.

— Então você é de Pernambuco? — perguntou elle a Juvencio. — Boa terra, conheço-a; mas também é muito boa esta, Alagôas : é verdade que agora, em Coruripe, um delegado quiz apoquentarme por causa de um *rôlo*, na feira : não queria que eu procurasse o meu pessoal. Eu, porém,

embarlhei-o : falei do governador, dizendo que era seu amigo, e elle deixou-me quieto. E você para onde vae?

— Para Manáos.

— Para os seringaes ?

— Não, vou trabalhar na cidade.



PERNAMBUCO. — O Recife.

— Venha trabalhar então commigo.

— Já vou recommendado a um senhor de lá.

— Póde ser muito feliz, lá, mas é preciso ter cuidado...

E o falador — chamava-se Gervasio Senna, — desenvolveu as suas theorias sobre o bom modo de viver na Amazonia, ganhando dinheiro e conservando a saúde: « o que é preciso é viver com sobriedade e ter muita actividade ».

Era noite. Juvencio adormeceu embalado no sonho das riquezas que o homem lhe apontara á imaginação.

No outro dia, logo cedo, — Recife. O vapor deteve a marcha, num mar revolto, bem em face da cidade, de que o separava a muralha baixa e negra, contra a qual se quebravam as ondas furiosas; depois, aprou para uma abertura d'essa mesma muralha, e penetrou no porto, — uma especie de doca natural onde os navios se apinhavam uns contra os outros.

A demora foi de dois dias, e Juvencio teve o prazer de passear longamente pelas ruas da capital de sua terra. Achou-a bellissima; admirou muito o Beberibe e o Capiberibe, que a cortam, e as pontes que ligam os diversos bairros separados por esses rios.

Na tarde da partida, quando o navio transpunha de novo a muralha negra, perguntou Juvencio ao marinheiro :

— Mas isto é mesmo um muro?

— Não ! é um recife, isto é : uma muralha natural, de pedra-coral, e que vem assim, mais ou menos parallelá á costa, desde a barra do São Francisco, e se prolonga até a do Parahyba, no Piauhy. Nas boccas dos rios, forma estas aberturas.

A viagem até a Parahyba não teve incidentes. Tristeza e saudade em quasi todos os que deixavam a terra natal... Muitos enjoados... Poucas horas de viagem...

## PROSEGUE A VIAGEM DE JUVENCIO

Na Parahyba, a demora foi curta. O navio deixou alguns generos, recebeu dois viajantes e continuou o seu rumo.

— Tenho pena de não ficar conhecendo a Parahyba! — disse Juvencio ao marinheiro com quem se acamaradára. — E uma grande cidade?

— Não. É pequena, mas bonita. Ha a cidade alta e a baixa. As igrejas são lindas, ha um grande mercado, um bom theatro; e a gente é muito boa, muito affavel.

No dia da chegada ao Natal, havia na cidade uma grande festa. Quasi todos desceram. Juvencio divertiu-se muito.

Na hora do embarque, verificou-se que trez dos engajados por Gervasio Senna não voltaram. Certamente não puderam resistir ás saudades e fugiram...

Este facto irritou o contratador, que dois dias não appareceu quasi.

Mas, ao chegar á Fortaleza, no Ceará, já era o mesmo homem.

— Minha terra ! Minha terra ! Terra da Luz !— exclamava com emphase— Fomos nós que fizemos a abolição; fomos os primeiros a não querer escravos em terras brazileiras!

Não ha propriamente porto em Fortaleza. O vapor ancora em costa aberta; a cidade espalha-



PARAHYBA.

se radiante e alegre, numa planicie baixa. O mar arrebenta forte, e grande numero de passageiros se transporta em jangadas.

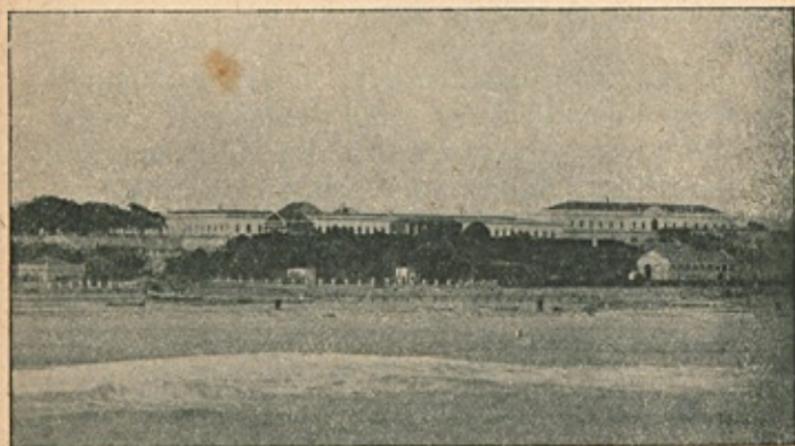
O contratador, que decididamente sympathizára com Juvencio, fez questão de descer com elle:

— Ha aqui uma demora de seis horas; quero fazer-lhe as honras da minha terra!

Desceram, e longamente passearam pela cida-

de, de ruas bem alinhadas, bem edificada e calçada; admiraram as estatuas dos generaes Tiburcio e Sampaio; foram, em bonde, ao Outeiro.

Já todos estavam affeitos á vida de bordo, e Gervasio tinha os ares de um official. E' verdade que, depois de tantas viagens feitas por aquella costa, elle a conhecia como um verdadeiro ma-



CEARÁ. — Trecho da cidade de Fortaleza.

rujo. Por isso, apontando o littoral, ia explicando tudo :

— D'aqui por diante, o feitio da costa muda completamente; até aqui a linha da terra era regular, agora começam a apparecer entradas, pontas, principalmente neste trecho do Maranhão ao Pará. E' um dédalo de bahias, enseadas, ilhas, ilhotas, lagos, canaes, que mudam de aspecto constantemente, de maré a maré. As vagas são violentissimas, e o mar invade a terra dia a dia,

comendo-a. De vez em quando, vê-se em uma d'essas ilhotas um coqueiro isolado, cujo raizame a maré vae corroendo, corroendo até estendel-o na costa...

A demora no Piauhý foi de poucas horas. A cidade não se mostrava quasi; era um dia de forte chuva. Ninguem desceu.

---

## A VIDA NA AMAZONIA

Dois dias esteve o paquete em São Luiz de Maranhão. Os passageiros espalharam-se pela cidade. São Luiz não tinha o aspecto sorridente de Fortaleza, nem a quietude simples do Natal. Era solenne e triste; mas Juvencio não se cançava de passear pelas ruas. Não poderia dizer porque, mas a terra agradou-lhe. Era a belleza geral da cidade, a sincera cordialidade da gente...

No dia seguinte ao da partida de São Luiz, discorria Gervasio, como de costume, falando a Juvencio:

--- Já deve estar cançado do mar, hein?

--- Sim, já me tarda chegar.

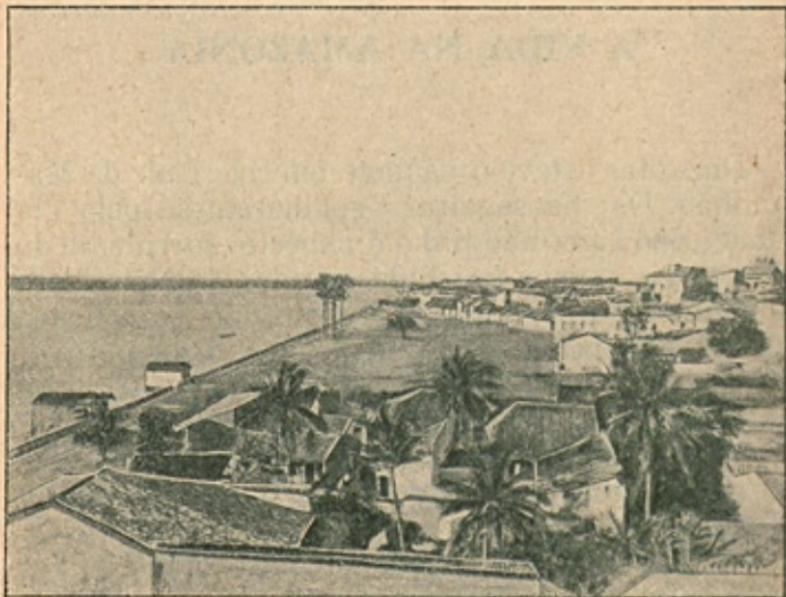
— Amanhã estaremos em Belém, e depois veremos o grande Amazonas: é um mar de agua doce.

— O senhor conhece todo o Amazonas?

— Sim; todo o Amazonas, e muitos dos rios do interior: o Xingú, o Tapajoz, o Madeira, o Purús, o Rio Negro... Todos elles vêm ter ao Amazonas...

— E porque ha tanto dinheiro por lá, e de que é que se vive?

— Da borracha. A borracha é feita com o leite que se extráe de uma arvore, que ha em abundancia pelas mattas extensissimas, ás margens dos rios. A arvore tem o nome de seringueira, e os lugares onde ella se encontra em grande quantidade são chamados seringaes. Eu mesmo



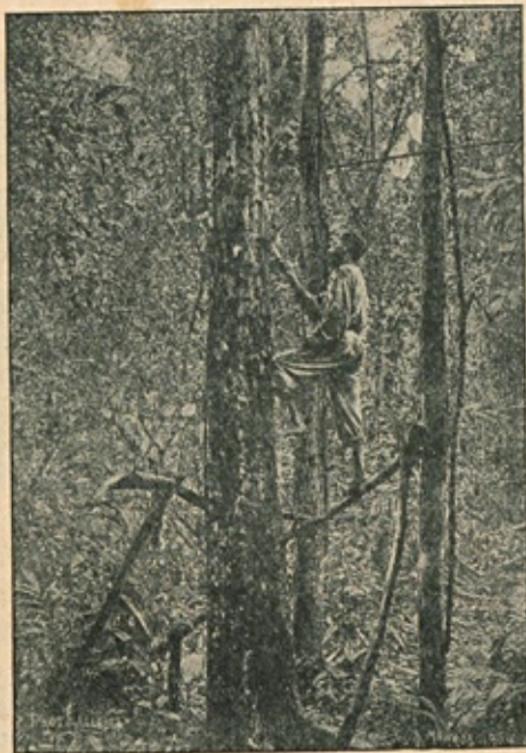
Panorama de S. Luiz de Maranhão.

já tive um seringal. Vendi-o por sessenta contos.

« O seringal é dividido em *ruas*; cada rua — um certo numero de arvores — está a cargo de um trabalhador, um seringueiro, que tem ahi o seu rancho. De quarto em quarto de legua, ou de meia em meia legua, encontram-se esses ranchos. A's vezes, o seringueiro habita completamente só; outras vezes tem comsigo a mulher, ou um companheiro.

São geralmente cearenses, — caboclos do sertão do norte, que vão ganhar a vida na selva amazônica.

« O Amazonas apresenta duas quadras comple-



Borracha no Amazonas. Seringueiro.

tamente distintas; e é por ellas que toda a vida se regula. A primeira é a época da *cheia*, de dezembro a abril, em que os rios transbordam sobre as terras baixas, e em que a extensão das mattas é um alagadiço, todo varado de igarapés. A nave-

gação é franca por toda a parte; descem as embarcações, carregadas de bolas de borracha; sobem outras atulhadas de generos. Toda a gente sáe do interior das selvas, e vem para os barracões altos, nos raros pontos não atingidos pelas aguas, ou dirige-se para a capital.

« Na outra epoca, que é a da secca, os rios affluentes, mesmo caudalosos, tornam-se innavegaveis: cessa toda a communicação dos grandes centros com o interior das terras; a matta está em secco, e os seringueiros entregam-se ao trabalho.

« Logo que a terra enxugou, o seringueiro está no matto, na sua faina. Acorda ás quatro e meia da manhã, e parte pela sua *rua*, levando pendente ao hombro um rosario de *tigelinhas* de folha. Chega á arvore, e vae talhando, á machadinha, a casca do tronco, e logo em baixo enterra o grampo da vasilhasinha, destinada a receber o leite que escorre do córte.

« Em cada arvore vae deixando oito, dez, quinze tigelinhas. As oito ou nove horas da manhã está terminada esta primeira parte do trabalho; e o homem volta, recolhendo o leite, de tronco em tronco.

« As dez horas, chega ao rancho para almoçar, rapida e frugalmente; e trata logo de *fazer a borracha*, isto é: de defumar o leite. Nisto consiste o preparo da borracha. Queima-se num grande fogaréu um certo côco, de uma palmeira abundante alli, muito fumarento, e vae-se expondo á fumaça o leite da seringueira. Para isto despeja-se todo o leite numa bacia ou num caldeirão, introduz-se ahi um pedaço de páu, do tamanho de uma longa bengala um tanto grossa:

retirado o páu, vem adherente a elle uma porção de leite viscoso, que é exposto logo á fumaça, até adquirir a consistência da borracha bruta. Levase esta ao deposito, e junta-se uma outra camada de leite, que é da mesma forma exposta á fumaça :



AMAZONAS. — Extracção da borracha. — O defumadouro.

e assim successivamente, até formar um grosso rolo, uma bola, com um orificio no centro, correspondendo ao páu que serviu de espeto.

« Está, então, prompta a borracha, para ser entregue ao dono, o fornecedor. Assim o seringueiro vae juntando no seu rancho a sua colheita, que dura uns trez mezes na média ».

## A PORORÓCA

Juvencio esperava com anciosa curiosidade o momento de entrar no grande rio. Gervasio explicava-lhe que não era bem no Amazonas que iam entrar desde logo, e sim no rio Pará; todavia, já era majestoso o espectáculo que se offerencia aos seus olhos; não parecia a entrada de um rio, mas uma vasta bahia... No meio da agua agitada, fundeava a barca pharol. O navio avançava; deixava as aguas verdes e crystalinas do mar, e penetrava nas ondas embaciadas do rio.

— Mas é verdadeiramente um mar! — exclamou Juvencio.

— *r!* — disse Gervasio — de uma dás margens não se avista a outra!

— Lá em frente fica a ilha de Marajó, — disse um passageiro — do outro lado fica a verdadeira barra do Amazonas!

— Já entrei lá mais de uma vez; — disse o official do navio.

— Conhece então a pororoca?

— Oh! sim!... Imagine que o Amazonas é

um rio que tem mais de 600 leguas de comprimento. A 500 leguas acima da barra já esse rio tem quasi meia legua de largura; a 100 leguas do mar a sua largura é de trez leguas, e a profundidade é de 120 metros! Na embocadura tem 40 leguas!... Assim, a quantidade de agua que se despeja no mar é portentosa. Nestas condições,



Barca pharol na barra do Amazonas.

quando é a occasião das grandes marés, as aguas do mar avançam pela embocadura do rio colossal, encontram-se com a formidavel massa de agua que d'elle vem, e d'esse choque se forma uma vaga tremenda, de dez e dôze metros de altura, avançando numa corrida impetuosa a que nada resiste: vira as embarcações, despedaça arvores, destroe tudo... E atraz de uma vaga vem outra, outra... com um ruido que se ouve a duas leguas... E' a pororóca!...

## O AMAZONAS

Em Belém, houve um grande movimento. Muitos viajantes desceram, muitos outros embarcaram. A cidade encantou Juvencio pelo seu aspecto e pela sua agitação. Bellos edificios, ruas largas, bem calçadas e arborizadas, muita gente nas praças publicas e na grande avenida da Republica.

A partida de Belém para Manáos foi alegre : havia muitos viajantes novos, e o navio regorgitava.

Poucas horas depois, o Maranhão passava á vista de Breves, pequena povoação, e entrava depois, definitivamente, no Amazonas. Juvencio não se fartava de admirar a portentosa paisagem que se desenvolvia a seus olhos. As aguas desciam placidas como as de um grande lago que se deslocasse por entre florestas. Ora o vapor seguia o meio do rio, ora chegava-se para uma margem, a roçar quasi a ramagem da mattaria que descia até as aguas.

— Admire! Admire! — dizia com ingenuo orgulho o cearense a Juvencio, attento a contemplar o grande rio. E continuava :

— E' tudo assim. Adiante são ilhas e mais ilhas... Vê alli aquelle banco de areia, coalhado de garças?

— E é muito fundo o rio?

— Se é fundo! não tarda que encontremos grandes arvores, arvores immensas, mais altas



BELEM. — Palacio da Intendencia Municipal.

do que uma torre, a descerem pelo rio abaixo como si fossem gravetos; e troncos enormes mergulham nas aguas sem tocar o fundo do rio, e a sua copa, mais vasta do que uma casa, apparece boiando em cima como uma ilha fluctuante. Por vezes encontram-se mesmo verdadeiras ilhas fluctuantes.

— Mas de onde vêm essas arvores e ilhas?

— O rio nem sempre está neste nivel. Ha

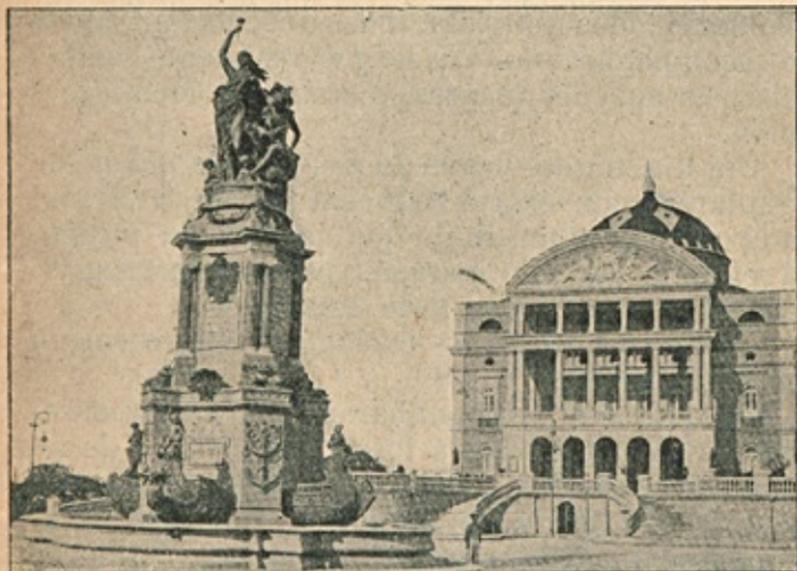
regularmente a época da *cheia* e a outra da *vasante*. Em fevereiro, março, abril... o Amazonas e todos os afluentes começam a encher, e o seu nível sobe mais de quinze metros. Então, todas as ilhas baixas desaparecem; as margens são inundadas, cobertas : todos esses braços do rio,



Margens do Amazonas.

esses « furos », e lagos — porque isso ahi por dentro está cheio de lagos — communicam-se; as aguas invadem tudo, alagam todas as florestas e as canoas podem viajar pelo matto a dentro leguas e leguas... Depois, quando começa a vasante, as aguas, escoando-se para o leito do rio, cavam as terras frouxas e encharcadas das margens, e fazem cahir grandes bancos de terra, arrastando

tudo que alli existe. Os indios d'aqui — porque ainda se encontram muitos indios, quasi todos já domesticados — os indios conhecem bem quando a terra começa a afrouxar, e embarcam logo para não ser arrastados. Assim se somem ilhas inteiras. Nessas destruições, succede que



MANÁOS. — Monumento do Amazonas e theatro.

se entrelaçam grandes arvores, e a ellas se vem juntar então uma herva que nestas aguas se desenvolve muito — a *cannarana*, — formando ilhas fluctuantes, sobre as quaes não é raro encontrar até animaes terrestres...

Estas explicações e longas descripções, Gervasio as fazia para todos : a sua mania era mostrar que sabia tudo, de tudo entendia, e a tudo e a

todos conhecia : que era rico, influente, sabido, vigoroso, valente... sem que entretanto se mostrasse vaidoso ou irritante. A todo proposito explicava que vinha na prôa « porque devia acompanhar os seus homens », mas que poderia vir na ré, se quizesse.

A verdade é que na prôa, era elle o grande homem; todos o ouviam, todos o escutavam, todos o acompanhavam. Via-se que realmente conhecia bem aquelles lugares, e era um homem decidido.

Um dia, muito depois de passarem a cidade de Santarém, conversava Gervasio num largo circulo, a apontar para um indio que na prôa da piroga, á entrada de um igarapé, pescava tartarugas, quando se ouviu um forte estampido.

— Foi um tiro! — exclamou elle, e correu promptamente.

Os outros o acompanharam. Fôra um passageiro, que apanharam a forçar um bahú, e desfechára a garrucha contra o roubado. Antes que chegasse a gente de bordo, já Gervasio tinha prendido o ladrão, e tratava de curar o ferido.

— Vamos deixar aqui em Obidos este assassino...

— Qual! — disse o Immediato — isto viria retardar a viagem, porque teriamos de descer, todos nós, para dar explicações; levemo-l'ô bem atado para Manãos!

E assim se fez.

— Naquelle canôa que passa alli, — disse Gervasio, uma tarde, aos companheiros — vae o dono do seringal por onde passámos hontem...

O cearense conhecia os donos de quasi todos os

seringaes e sitios que se viam pela beira do rio...

— Viemos juntos, eu e aquelle seringueiro, para esta terra, ha doze annos : elle resolveu ficar aqui, mas eu quero deixar os ossos naquellas terras de Icó, de que não me esqueço nunca...

No outro dia, entraram no Rio Negro, e horas depois fundearam no porto de Manãos...

## ENCONTRO COM OS TIOS

Agora, que o nosso bom Juvencio chegou ao seu destino, podemos voltar a encontrar-nos com os outros dois heróes d'esta narrativa, — Carlos e Alfredo.

No sexto dia depois da saída de Santos, estavam em frente á barra do Rio Grande. A vista da terra onde poderiam enfim descançar, e o pensamento dos parentes que iam encontrar, restituiram-lhes a animação. Voltaram-lhes á face o fulgor e a curiosidade dos primeiros dias.

A costa, baixa, parecia-lhes bem differente d'aquellas por onde haviam passado desde Espirito Santo até Santa Catharina. O mar raivoso era mais tetrico, e o frio mais vivo.

— Que tal estará a barra? — era a pergunta de toda a gente.

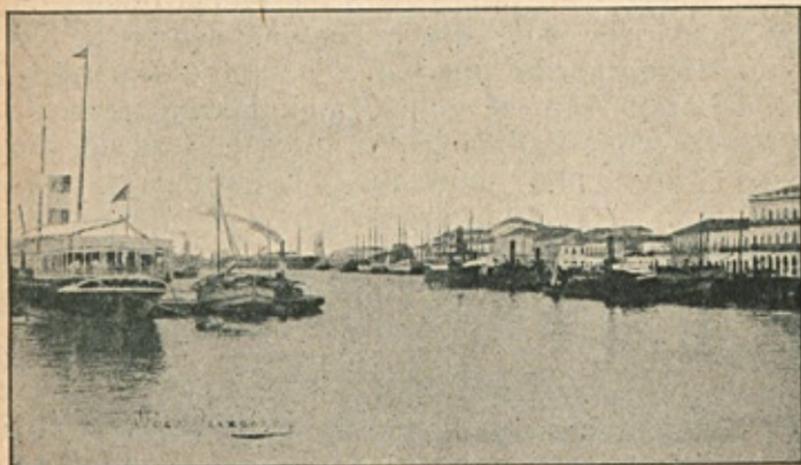
A barra estava boa; o paquete a transpoz serenamente, e logo depois passava perto da pequena povoação de S. José do Norte, para chegar á cidade do Rio Grande, onde esperava Carlos que os tios os viessem receber.

Mas nenhum conhecido appareceu no primeiro momento, o que foi uma forte decepção. Rogerio

procurou distrahil-os, convidou-os a seguir para Porto-Alegre.

— Não! eu sei que os meus tios não podem deixar de vir! — disse Carlos.

Effectivamente, alguns minutos depois de fundeado o navio, appareceram a bordo dois senhores procurando pelos rapazes. Eram elles.



RIO GRANDE DO SUL. — Porto de Rio Grande.

Carlos reconheceu-os logo, principalmente o mais moço, pela sua extrema semelhança com aquelle, cuja imagem ainda guardava nos olhos e no coração.

E os meninos caíram nos braços dos tios, aos soluços, soluços convulsivos, que diziam toda a saudade, todo o desespero, que traziam accumulados na alma. Mas os tios não os deixaram assim por muito tempo.

— Ora! animo! Para que chorar?...

E isto diziam num tom tão natural, tão des-

prendido, que a Carlos pareceu quasi impossivel que assim lhe falassem parentes... O rapaz ergueu a cabeça, e olhou-os sorprendido, quasi indignado. Então, foi maior o seu espanto, ao reparar que os tios não estavam de luto...

— E' verdade! não estamos de luto. Já lhe direi porque. Vamos desembarcar. E não ficamos aqui na cidade, não; vamos para a estancia onde está mamãe. Ella quer que vocês vão descançar lá!

— Mas porque não estão de luto? — perguntou Carlos, sem se conter, mal desembarcaram.

— Porque não podemos ter a certeza de que seu pae tenha morrido... Esperavamos por vocês... Vocês o viram morto?

— Não.

— Alguem lhes disse que elle tinha morrido? alguem lhes deu o nome d'elle, os signaes?

— Não.

— E então?... Precisamos ter a certeza...

O mundo pareceu outro aos rapazes...

— E agora?!...

Foi tudo que puderam dizer.

— Agora, esperemos. Vamos desembarcar, e seguir immediatamente para Pelotas; hoje mesmo iremos para a estancia, onde mamãe nos espera ansiosa.

Despediram-se do excellente Rogerio, e partiram.

D'este modo, nem puderam ver o Rio Grande. Tiveram tempo apenas para almoçar, e partiram. Viram o caes, e duas ou trez ruas principaes.

— Ha povoações inteiras de allemães, aqui; são as antigas colonias, — explicavam-lhes os tios. E' como em Santa Catharina...

As duas horas da tarde estavam em Pelotas. A cidade pareceu-lhes linda, situada numa eminencia, alegre, animada. Mas a ancia de chegar era grande.

Às cinco horas da tarde, estavam na estancia,



Vista de um trecho da cidade de Porto-Alegre.

que é o nome dado no Rio Grande ás fazendas de criação.

A velha avó não se pôde conter : recebeu-os em pranto. Eram ao mesmo tempo lagrimas de prazer e saudade. Beijando-os, parecia-lhe beijar o proprio filho, que vira pela ultima vez havia onze annos. Quanto aos rapazes, esses continuavam naquelle estado incerto de sonho e duvida em que os haviam deixado as palavras dos tios...

## UMA ESTANCIA

Acalmadas as primeiras expansões, Carlos tratou logo de trazer a conversa para a morte do pae, na anciosa curiosidade de ouvir da avó qualquer opinião mais precisa. Ella repetiu-lhe, porém, o que já lhe haviam dito os tios: que não havia certeza; e, enquanto falava, sorria. Reflectindo bem, Carlos desconfiou que « não lhe diziam tudo... ».

— Mas que sabe a senhora a respeito de papae, vovó?!...

Foi um dos tios que respondeu:

— Sabe o que todos nós sabemos. Conte-nos você, outra vez, como tudo isto se passou, e diga-nos como teve noticia da morte de seu pae.

E Carlos recommçou mais uma vez a historia de todos os transes.

A hora do jantar veio alcançal-os ainda a relatar tristezas e peripecias, cuja historia era entrecortada a todo momento pelas exclamações penalizadas da velha estancieira.

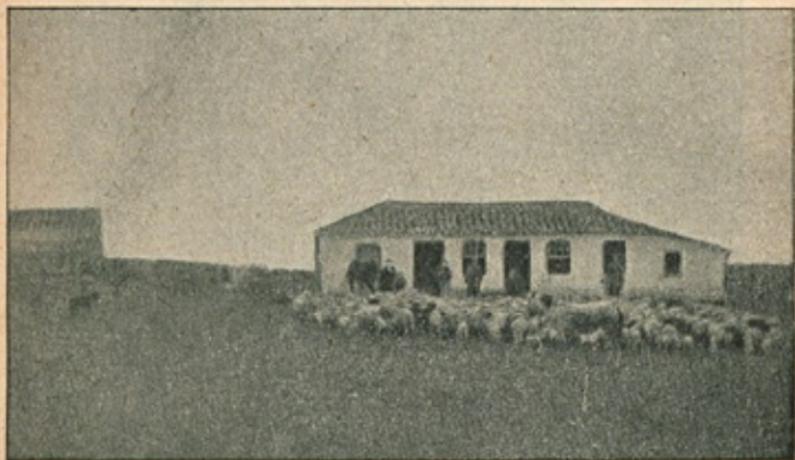
No outro dia, quasi conformados com aquella

incerteza, que entretanto lhes trouxera uma grande esperança, os dois rapazes fizeram tanto, que o tio mais moço lhes prometeu ir á Bahia, se tanto fosse preciso, para ter noticias seguras.

— E agora vamos ver a estancia; porque vocês nunca viram uma estancia, não é verdade?

— Nunca vimos.

A casa principal era um vasto e solido edificio



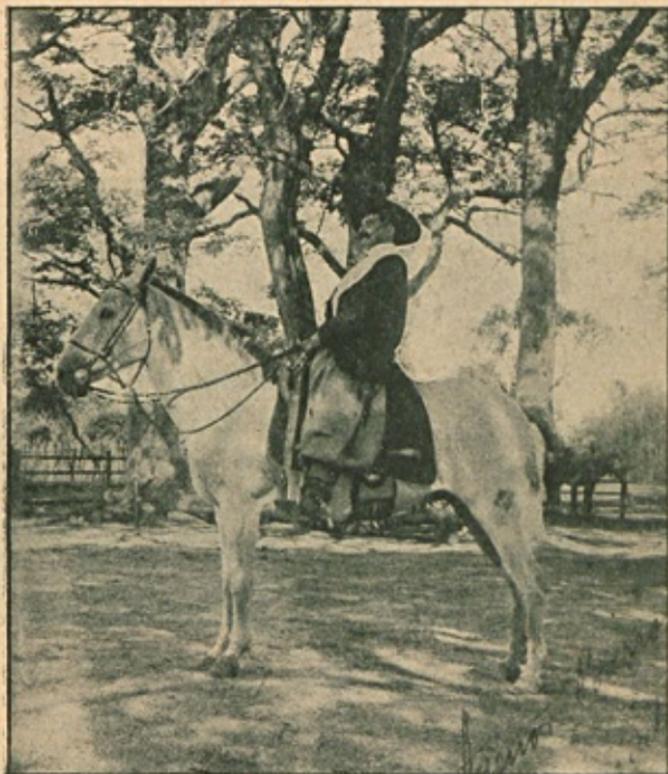
RIO GRANDE. — Creação de gado.

quadrado, de paredes brancas e simples, irradiante de luz qual o sol fulgurava sobre as cochichas. Ficava na eminencia de uma collina suave, em meio de uma vasta campina, levemente ondulada. Um horizonte sem fim, onde o manto verde claro das campinas era de longe em longe interrompido pelo verde forte dos capões, estendia-se ante o olhar de Carlos e Alfredo...

— São as pastagens da estancia, tudo isto que

vocês vêm, — commentavam os tios. — Temos umas quatro leguas de *campo*.

Em torno da casa, estendiam-se as residencias



Gaúcho riograndense.

dos empregados e outras dependencias : paiões de forragem, sala de arreios, alpendre para os carros, e depois, os curraes e potreiros, as estrebarias, tudo fechando a vivenda num vasto quadrilatero.

Em frente, em outro alpendre, estava uma roda de peões, — os empregados da estancia, os que lidam com o gado. Tomavam tranquillamente o seu *chimarrão* : é o nome que os *gaúchos* dão ali ao mate, como usam tomal-o — sem assúcar; a herba perfumada, reduzida a pó grosso, é trazida



RIO GRANDE. — Casa de um colono.

na pequena *cuia*, com a respectiva *bombilha*, que é um tubo com um crivo na extremidade; despeja-se dentro a agua a ferver, e a *cuia* passa de mão em mão, cada um sugando pela mesma *bombilha* o liquido fumegante.

Esse modo de beber, servindo-se todos da mesma *bombilha*, pareceu aos rapazes pouco asseado.

— Mas, é uso da nossa terra... — replicou um dos tios. E continuaram o passeio.

Por traz de um grande *potreiro*, encontraram

um *gaúcho*, de cocoras, a picar fumo para o cigarro. Era um typo de caboclo forte. A' distancia, pastava o cavallo arreado, com o laço pendente da sella.

Os estancieiros apresentaram-lhe os sobrinhos, e contaram-lhe rapidamente a historia da longa travessia dos rapazes. Depois apresentaram-lhes o *gaúcho* dizendo : « E' o mais forte d'estas *cochilhas* no *laço* e na *bola* ».

O *gaúcho* riu, e não tardou a mostrar as suas reaes habilidades. Não longe d'alli, relinchava um potrilho ; e o homem, tendo montado a cavallo, fez girar a longa corda de couro crú, tecida, terminada em trez pontas, cada ponta com uma bola. Segurou a extremidade livre da corda, e agitou no ar as trez bolas, atirando-as depois na direcção do animal, que immediatamente se viu preso ; as cordas emboladas enrolaram-se-lhes em torno das pernas, peando-o completamente. O poldro pinoteava como um furioso, com grande gaudio dos rapazes para quem o espectáculo era inteiramente novo.

Depois, ainda viram com admiração e commoção o *gaúcho* montar em pello um cavallo chucro : o animal corcoveava, relinchava, escouceava, mas não conseguiu deitar ao chão o cavalleiro, que acabou por subjugal-o e reduzil-o á obediencia.

Quando chegaram á casa, a velha avó os recebeu á porta, dizendo :

— Ouçam, meus filhos ! não me contenho mais ! quero dizer-lhes toda a verdade ! não a disse mais cedo, porque sei que a muita alegria tambem faz mal, e receiava que vocês ficassem fulminados pela boa noticia... Ouçam ! seu pae não morreu ! não foi elle quem morreu ! não foi elle quem morreu ! seu pae está vivo !...

## LXXXII

### EPILOGO

## TUDO SE EXPLICA

Effectivamente o engenheiro Menezes não morrera. O homem da canôa dissera : « Um engenheiro que estava em Petrolina morreu... Enterrou-se hontem em Joazeiro ». Era verdade : morrera um engenheiro que estava doente em Petrolina ; mas esse era um engenheiro que trabalhava na estrada de ferro de Alagoinha a Joazeiro, e que viera doente, passando-se para Petrolina na esperança de melhorar, e lá fallecera.

Quanto ao dr. Menezes, viera de Boa Vista com febres palustres, e não chegou a demorar-se vinte e quatro horas em Petrolina : seguiu immediatamente para o interior, sete leguas adiante, onde um abcesso do figado o levou quasi á morte ; mas escapou, no fim de trinta e tantos dias de molestia.

Restabelecido, voltou a Joazeiro, e só então pôde telegraphar para o escriptorio central e

para o director do collegio, dando noticias suas e pedindo noticias dos filhos.

A resposta revelou-lhe tudo: que os rapazes haviam fugido para ir ter com elle, recebendo em caminho a noticia da sua morte; e soube ainda que, como todos o consideravam fallecido, Carlos e Alfredo haviam seguido para o Rio Grande do Sul... Immediatamente telegraphou para a Bahia, para o Rio, e para o Rio Grande, desfazendo o equivoco. Mas os telegrammas não puderam alcançar os pequenos viajantes...

Por isso, ao saltar, os tios os receberam prazenteiros: não lhes deram a boa noticia de choque, para poupar-lhes uma forte emoção; quizeram preparar-lhes o espirito.

Assim se desfez todo o equivoco, e assim teve um desfecho feliz a dolorosa historia dos pequenos heróes, que, considerando-se orphãos, affrontaram, com uma coragem rara, todos os riscos e todas as provações de uma longa viagem atravez do Brazil.

Sabendo por telegramma que os filhos estavam na estancia em Pelotas, o dr. Menezes, com saudade d'elles, e ainda abatido pela doença que quasi o matára, resolveu seguir tambem para o Rio Grande, afim de descansar no seio da familia. Obteve uma licença e partiu.

Na Bahia, o negociante Ignacio Mendes contou-lhe como acolhera os rapazes, e como os encaminhára para o Sul; e falou-lhe tambem largamente de Juvencio, narrando-lhe o auxilio e o carinho com que o sertanejo tratára Carlos e Alfredo durante a triste peregrinação pelos sertões.

— E, justamente, — concluiu Ignacio Mendes,

— acabo de receber um telegramma em que me dizem que esse pobre rapaz está bem doente, atacado de beriberi...

Ouvindo isto, o dr. Menezes logo resolveu mandar buscar Juvencio :

— Preciso passar a'gumas semanas na Bahia, para tratar de negocios da empreza da estrada de ferro, e posso esperal-o.

Assim se fez. E, um bello dia, Carlos e Alfredo receberam em Pelotas, com um contentamento indizivel, este telegramma :

« Parto hoje para ahi. Juvencio vae commigo ».

FIM.

# INDICE

---

	Pags.
I. — Má noticia . . . . .	13
II. — Na estrada de ferro. . . . .	21
III. — A velha africana . . . . .	25
IV. — Garanhus. . . . .	29
V. — A cavallo. . . . .	34
VI. — A vida selvagem. . . . .	39
VII. — Estrada a fora. . . . .	44
VIII. — Na fazenda. . . . .	50
IX. — Piranhas. . . . .	56
X. — A cachoeira de Paulo Affonso . . . . .	60
XI. — Orphãos . . . . .	65
XII. — Sós . . . . .	68
XIII. — Um novo companheiro . . . . .	71
XIV. — O rancho. . . . .	74
XV. — O sertão . . . . .	77
XVI. — Uma historia. . . . .	81
XVII. — Uma cama improvisada. . . . .	85
XVIII. — Continua a historia. . . . .	89
XIX. — Fim da historia de Juvencio. . . . .	92
XX. — A caminho. . . . .	96
XXI. — Um desapiedado e um bondoso. . . . .	100
XXII. — Perdidos . . . . .	105
XXIII. — O primeiro dinheiro . . . . .	108
XXIV. — Scena terrivel . . . . .	111
XXV. — A cruz da estrada. . . . .	115
XXVI. — A historia da cruz. . . . .	118
XXVII. — Uma pescaria. . . . .	122
XXVIII. — As lavadeiras . . . . .	127
XXIX. — Separados . . . . .	130
XXX. — Doença . . . . .	133
XXXI. — Maria das Dores . . . . .	136
XXXII. — A' espera. . . . .	139
XXXIII. — A clareira . . . . .	141
XXXIV. — Uma briga. . . . .	144
XXXV. — Ladrão! . . . . .	144

XXXVI. — Ferido . . . . .	147
XXXVII. — No tronco . . . . .	150
XXXVIII. — Um dia de martyrio. . . . .	153
XXXIX. — Quem não pode, trapaceia . . . . .	156
XL. — Um plano . . . . .	160
XLI. — A expedição . . . . .	163
XLII. — Como se embrulha um sabido . . . . .	166
XLIII. — Livre ! . . . . .	169
XLIV. — A despedida . . . . .	172
XLV. — Uma officina . . . . .	174
XLVI. — Um annuncio . . . . .	478
XLVII. — Num vallo . . . . .	182
XLVIII. — O moribundo. . . . .	186
XLIX. — Morte e enterro . . . . .	189
L. — O juramento . . . . .	193
LI. — No Catú . . . . .	196
LII. — O engenho. . . . .	202
LIII. — Um encontro . . . . .	201
LIV. — Ignacio Mendes. . . . .	209
LV. — Na Bahia . . . . .	215
LVI. — A partida. . . . .	221
LVII. — As jangadas. . . . .	224
LVIII. — No alto mar . . . . .	228
LIX. — A tempestade . . . . .	232
LX. — O Gigante de Pedra . . . . .	237
LXI. — O Rio de Janeiro . . . . .	240
LXII. — A Capital Federal. . . . .	245
LXIII. — Um passeio pela cidade. . . . .	249
LXIV. — Em viagem para São Paulo . . . . .	253
LXV. — A linna do Centro. . . . .	257
LXVI. — O ouro e os diamantes. . . . .	262
LXVII. — Matto-Grosso e Goyaz . . . . .	266
LXVIII. — A lavoura dos cafezaes . . . . .	269
LXIX. — O preparo do café . . . . .	272
LXX. — Sao Paulo . . . . .	276
LXXI. — O Progresso Paulista . . . . .	280
LXXII. — Para o Sul . . . . .	282
LXXIII. — O Paraná. . . . .	286
LXXIV. — Santa Catharina . . . . .	289
LXXV. — Um velho amigo . . . . .	292
LXXVI. — Prosegue a viagem de Juvenio. . . . .	297
LXXVII. — A vida na Amazonia. . . . .	304
LXXVIII. — A Pororóca . . . . .	306
LXXIX. — O Amazonas . . . . .	308
LXXX. — Encontro com os tios . . . . .	314
LXXXI. — Uma estancia. . . . .	318
LXXXII. — Epilogo. — Tudo se explica. . . . .	323

## VOCABULARIO

**Aboletar** (*verbo*), acampar, pou-sar, morar; dar casa, dar hospedagem.

**Abrupto** (*adj.*), escarpado, a pique: aspero, bruto.

**Absoluto** (*adj.*), completo, in-tegral; evidente.

**Acabrunhado** (*adj.*), triste, abatido, succumbido.

**Acanhamento** (*subst.*), timidez, vergonha; embaraço.

**Accentuar** (*verbo*), afirmar, dar relevo, tornar saliente.

**Acerado** (*adj.*), afiado, amolado.

**Achamalotado** (*adj.*), seme-lhante a chamalote: *chamalote*, tecido de seda, de cores cambian-tes.

**Acotovelar** (*verbo*), tocar com o cotovelo; empurrar; abrir cam-minho á força.

**Açude** (*subst.*), construcção de pedra ou madeira, para recolher e guardar grande porção de agua.

**Affabilidade** (*subst.*), delicadeza, amabilidade, carinho; *adj.*: affa-vel.

**Affecto** (*subst.*), sentimento de affeição, de amizade; *adj.*: affectuoso.

**Afogueado** (*adj.*), aquecido; avermelhado pelo calor.

**Agachar-se** (*verbo*), abaixar-se, acócorar-se, encolher-se.

**Agglomeração** (*subst.*), ajunta-mento, reunião, accumulção.

**Aguilhada** (*subst.*), vara com-prida, com um ferrão na ponta, para excitar os bois, picando-os.

**Alameda** (*subst.*), rua, avenida, passeio arborizado.

**Alçar** (*verbo*), levantar, suspen-der.

**Alpendre** (*subst.*), telheiro, va-randa.

**Alveo** (*subst.*), o leito do rio.

**Alvoroço** (*subst.*), excitação, entusiasmo, agitação, pressa.

**Amainar** (*verbo*), acalmar, abrandar.

**Amurada** (*subst.*), borda da embarcação.

**Ancora** (*subst.*), instrumento d ferro, preso a um cabo, que, lan-çado ao mar, segura o navio. Verbo: ancorar.

**Ancoradouro** (*subst.*), lugar onde o navio lança a ancora, para fundear.

**Angulo** (*subst.*), espaço compre-hendido entre duas linhas que se encontram.

**Anelar** (*verbo*), formar aneis, encarcolar.

**Antipathizar** (*verbo*) não gos-

tar, ter aversão natural. Antonymo: sympathizar.

**Anthropophagos** (*subst.*), selvagens que comem carne humana.

**Apadrinhar** (*verbo*), proteger, amparar, defender.

**Apartamento** (*subst.*), separação.

**Apinhado** (*adj.*), cheio, empilhado, amontoado.

**Apprehensivo** (*adj.*), preocupado, meditabundo.

**Aprendiz** (*subst.*), o que aprende, o que se exercita em um officio.

**Approar** (*verbo*), dirigir a prôa para um certo ponto.

**Aprumar-se** (*verbo*), endireitar-se, alçar-se.

**Apupar** (*verbo*), vaiar, perseguir com escarneos ou assobios.

**Apuro** (*subst.*), dificuldade, situação critica.

**Arapuca** (*subst.*), armadilha para apanhar passaros.

**Area** (*subst.*), superficie plana limitada.

**Argueiro** (*subst.*) grão de poeira, qualquer objecto insignificante.

**Arraial** (*subst.*), pequena povoação.

**Arranchar** (*verbo*), pousar, acampar em viagem, para comer ou dormir.

**Arreata** (*subst.*), correia com cabresto, com que se conduzem bestas.

**Arriscado** (*adj.*), perigoso, incerto.

**Arruivascado** (*adj.*), ruivo, tirante a ruivo.

**Assolar** (*verbo*), destruir, estragar, queimar.

**Assomar** (*verbo*), apparecer, mostrar-se.

**Aterrar** (*verbo*), amedrontar, espavorir.

**Atiçar** (*verbo*), avivar, excitar.

**A'toa** (*loc. adv.*), sem destino, sem proposito certo.

**Atropellar** (*verbo*), calcar, passando por cima.

**Attonido** (*adj.*), espantado.

**Atulhado** (*adj.*), cheio, repleto.

**Aturdido** (*adj.*), tonto, atordado.

**Axilla** (*subst.*), sovaco.

**Baga** (*subst.*), pequeno fruto carnudo.

**Bagaço** (*subst.*), residuo de frutos espremidos.

**Bagagens** (*subst.*), objectos que os viajantes levam para seu uso; malas, caixas, etc.

**Bairro** (*subst.*), cada uma das partes principaes de uma cidade.

**Baldado** (*adj.*), improficuo, feito em vão.

**Baldeação** (*subst.*) lavagem do navio, com o auxilio de baldes cheios de agua. Em outro sentido, passagem de viajantes ou bagagens de um para outro vehiculo.

**Bandeira** (*subst.*), dizia-se, no Brazil, da expedição armada para explorar os sertões. Os que viajavam em *bandeiras*, chamavam-se *bandeirantes*.

**Barbicho** (*subst.*), cabresto.

**Barra** (*subst.*), foz; entrada de de um porto.

**Barranco** (*subst.*), quebrada, despenhadeiro, ribanceira.

**Bazofia** (*subst.*), vaidade, fanfarronice.

**Bastidor** (*subst.*), especie de caixilho, em que se estica o panno no qual se executam bordados.

**Batida** (*subst.*), trilho estreito no matto.

**Beliche** (*subst.*), camarote ou quarto do navio, em que dorme o viajante.

**Bifurcar** (*verbo*), separar, dividir em dois ramos.

**Bigorna** (*subst.*), utensilio de ferro, sobre o qual se batem os metaes com o malho.

**Bitola** (*subst.*), padrão, medida; largura de uma via-ferrea.

**Borborinhante** (*adj.*), que produz som confuso.

**Borda** (*subst.*), beira, orla, margem.

**Borrifar** (*verbo*), molhar, aspergir com agua.

**Bravata** (*subst.*), ameaça arrogante, fanfarronada.

**Bravio** (*adj.*), rude, selvagem.

**Braça** (*subst.*), medida de extensão; corresponde a pouco mais de dois metros.

**Bracejar** (*verbo*), agitar os braços.

**Brunir** (*verbo*), polir, alizar, tornar brilhante.

**Buril** (*subst.*), instrumento de aço para gravar em pedra ou metal.

**Bussola** (*subst.*), caixa contendo uma agulha magnetica, cuja direcção indica o ponto norte.

**Cabaça** (*subst.*), vasilha feita do fruto secco e óco de uma planta cucurbitacea.

**Cabeceira** (*subst.*), nascente de rio.

**Caboclo** (*subst.*), individuo de pelle acobreada; indio, ou descendente de indio.

**Camarada** (*subst.*) companheiro; diz-se especialmente do criado que acompanha o viajante.

**Campear** (*verbo*), sobresair; fazer ostentação.

**Cangalha** (*subst.*), armação que se colloca no dorso do animal, para sustentar a carga.

**Capão** (*subst.*), pequena porção de matto.

**Capoeira** (*subst.*), matto roçado.

**Caravana** (*subst.*), rancho de pessoas viajando juntas.

**Carecer** (*verbo*), precisar, necessitar.

**Carrada** (*subst.*), quantidade que um carro pode carregar.

**Carrascal** (*subst.*), matto de arbustos silvestres.

**Carreiro** (*subst.*), conductor de carro de bois.

**Catadupa** (*subst.*), cachoeira, cascata.

**Catadura** (*subst.*), semblante, apparencia.

**Catastrophe** (*subst.*), desastre, desgraça.

**Catinga, catingal** (*subst.*), matto de arvores pequenas, enfezadas.

**Catraia** (*subst.*), pequeno barco, tripulado por um ou dous homens.

**Catraieiro** (*subst.*), o tripulante da catraia.

**Cerrar** (*verbo*), fechar, apertar.

**Cerro** (*subst.*), monte, outeiro.

**Chamuscar** (*verbo*), queimar ligeiramente, crestar, passar pelo fogo.

**Chapada** (*subst.*), planicie, planalto.

**Chóça** (*subst.*), cabana, casebre.

**Chóque** (*subst.*), embate, encontro violento. Verbo : chocar.

**Cilada** (*subst.*), emboscada, traição.

**Cívico**, (*adj.*), relativo a cidadão; patriótico. **Civismo**: patriotismo.

**Clareira** (*subst.*), espaço sem arvores, dentro de um bosque.

**Clavina, clavinóte** (*subst.*), pequena espingarda.

**Clima** (*subst.*), condições atmosphericas de uma certa região. Verbo : aclimar.

**Cochilha** (*subst.*), cordilheira baixa, escavada.

**Coévo** (*adj.*) contemporaneo, que vive na mesma época.

**Cogitação** (*subst.*), reflexão, raciocínio, meditação. Verbo: cogitar.

**Coivára** (*subst.*), fogueira.

**Colonização** (*subst.*), estabelecimento de *colonias*, isto é: de agrupamentos de individuos da mesma nacionalidade, em paiz estrangeiro. Es-es individuos chamam-se *colonos*. Verbo: colonizar.

**Comedia** (*subst.*), chama-se assim no sertão a pastagem do gado.

**Comboio** (*subst.*), serie de vagões, puxados pela mesma locomotiva.

**Combustível** (*subst.*), lenha, carvão, ou qualquer substancia com que se faz fogo.

**Cometa** (*subst.*), astro errante, seguido de uma larga faixa luminosa, que se chama *cabelleira* ou *cauda*. Figuradamente, dá-se no Brazil o nome de *cometas* aos caixeiros viajantes.

**Communicativo** (*adj.*), expansivo, franco, que conversa facilmente.

**Compacto** (*adj.*), denso, es pesso, apertado.

**Complicado** (*adj.*), difficil, atrapalhado, confuso.

**Concavo** (*adj.*), cavado. Antonymo: convexo.

**Condoer-se** (*verbo*), compadecer-se, ter pena.

**Conforto** (*subst.*), commodidade, bem-estar.

**Constancia** (*subst.*), firmeza, perseverança.

**Contraparentes** (*subst.*), parentes affastados, parentes por affinidade.

**Convéz** (*subst.*), a área da coberta do navio.

**Copiar** (*subst.*), alpenare, te lheiro, varanda.

**Córar** (*verbo*), dar côr. *Córar a roupa lavada*: branqueal-a, expondo-a ao sol.

**Cordilheira** (*subst.*), cadeia de montanhas.

**Corpo de delicto**, exame feito pelas autoridades para comprovar o delicto.

**Corredeira** (*subst.*), parte do rio, em que as aguas, por causa de uma differença de nivel, correm mais velozes.

**Corrego** (*subst.*), riacho.

**Costear** (*verbo*), beirar, marginar.

**Crepitar** (*verbo*), estalar com o fogo.

**Crepusculo** (*subst.*), claridade que precede o nascer do sol (*crepusculo matutino*), ou que se segue ao cair da tarde (*crepusculo vespertino*).

**Criação** (*subst.*), gado. **Criador**, o que vive da criação do gado.

**Critico** (*adj.*), difficil. Ex.: uma situação critica.

**Crivo** (*subst.*), qualquer objecto, que tem muitos furos pequenos e muito aproximados.

**Cruzeiro do Sul**, constellação do hemispherio austral, formada por quatro estrellas em fôrma de cruz.

**Curió** (*subst.*), especie de passarinho.

**Curandeiro** (*subst.*), aquelle que cura, sem ter diploma de medico.

**Curtir** (*verbo*), endurecer, enrijar, seccar.

**Cylindro** (*subst.*), corpo alongado e roliço, de diametro igual em todo o comprimento.

**Debíl, debilitado** (*adj.*), fraco, enfraquecido.

**De bruços** (*loc. adv.*), deitado no chão, sobre o ventre.

**Decepção** (*subst.*), desillusão, malogro de uma esperança.

**De chofre** (*loc. adv.*), repentinamente.

**Declinar** (*verbo*), cair, baixar, enfraquecer-se.

**Dédalo** (*subst.*), labirinto.

**Defrontar** (*verbo*), enfrentar, ficar d'frente.

**Deliciar** (*verbo*), agradar, encantar, maravilhar.

**Delinear** (*verbo*), desenhar, marcar, indicar.

**Desatrelar** (*verbo*), desprender (os animais do carro).

**Desenferrujar** (*verbo*), tirar a ferrugem; figuradamente, desentorpecer.

**Desfechar** (*verbo*), atirar, disparar.

**Despenhar-se** (*verbo*), cair, precipitar-se, arrojar-se.

**Despenhadeiro** (*subst.*), precipício, alcantil.

**Despontar** (*verbo*), nascer; começar a surgir, a apparecer.

**Desvão** (*subst.*), canto, recanto.

**Diagonal** (*subst.*), linha recta que vae de um angulo ao angulo opposto.

**Dilacerar** (*verbo*), romper, rasgar, ferir.

**Disco** (*subst.*), qualquer peça circular e chata.

**Discorrer** (*verbo*), discursar, falar.

**Disseminar** (*verbo*), espalhar, distribuir.

**Dissipar** (*verbo*), desmanchar, apagar, fazer desaparecer, gastar.

**Dissuadir** (*verbo*), despersuadir, fazer mudar de opinião.

**Divergencia** (*subst.*), desacordo, desharmonia no modo de pensar. *Verbo*: divergir.

**Divisa** (*subst.*), fronteira, limite.

**Dóca** (*subst.*), dique, caés.

**Domesticado** (*adj.*), tornado culto ou civilizado; amansado.

**Domestico** (*adj.*), relativo á casa; familiar.

**Duna** (*subst.*), accumulção ou monte de areia á beiramar.

**Efusão** (*subst.*), expansão, abundancia; sentimento affectuoso.

**Embevecidamente** (*adv.*), enlevadamente; attentamente.

**Embocadura** (*subst.*), fóz ou bocca de rio.

**Embrenhar-se** (*verbo*), internar-se na brenha, no matto.

**Emphase** (*subst.*), maneira pomposa de falar ou escrever.

**Encachoeirado** (*adj.*), semelhante a cachoeira ou cascata.

**Encarrear** (*verbo*), encaminhar.

**Enceptar** (*verbo*), começar, iniciar.

**Encharcar** (*verbo*), molhar muito, ensopar.

**Encruzilhada** (*subst.*), ponto em que se cruzam varios caminhos.

**Enfadonho** (*adj.*), monotono, aborrecido.

**Enfardar** (*verbo*), juntar em fardo, embulhar, entrouxar.

**Engeitado** (*adj.*), abandonado; diz-se especialmente do filho que foi abandonado pelos paes.

**Engenho** (*subst.*), fabrica de aguardente ou assucar.

**Engrenagem** (*subst.*), disposição de rodas dentadas, nas machinas, encaixando-se os dentes de umas nos dentes das outras.

**Entabolar** (*verbo*), preparar, estabelecer, iniciar.

**Enveredar** (*verbo*), encaminhar:

**Enxaguar** (*verbo*), passar por agua; lavar repetidas vezes.

**Episodio** (*subst.*), incidente, factó notavel.

**Equívoco** (*subst.*), engano, confusão.

**Erupção** (*subst.*), emissão violenta, saída rápida.

**Escaler** (*subst.*), pequeno barco, de remos, sem cobertura.

**Escalvado** (*adj.*), calvo, pelado.

**Escarpa** (*subst.*), declive, encosta íngreme.

**Escasso** (*adj.*), pouco abundante, diminuto.

**Escoltar** (*verbo*), acom; anhar para defender ou guardar. Substantivo : escolta.

**Esconderijo** (*subst.*), lugar onde alguém se esconde; tóca.

**Esfuziar** (*verbo*), sibilar, zunir.

**Esguio** (*adj.*), fino, delgado.

**Esmerado** (*adj.*), apurado, aperfeiçoado, correcto.

**Espadunar** (*verbo*), sair em borbotões, jorrar.

**Espraiar** (*verbo*), lançar á praia; expandir-se, alongar-se.

**Esquadrinhar** (*verbo*), pesquisar, indagar, examinar com minúcia, remexer, procurar.

**Estacar** (*verbo*), parar, deter-se repentinamente.

**Estampa** (*subst.*), desenho, gravura.

**Estertor** (*subst.*), a respiração dos moribundos; agonia.

**Estiagem** (*subst.*), tempo secco, depois de longa chuva.

**Estirado** (*adj.*), longo, comprido, esticado.

**Estrada real**, caminho principal.

**Estrebuxar** (*verbo*), agitar-se convulsivamente, na agonia.

**Estridente** (*adj.*), que produz som agudo e aspero.

**Estratagem** (*subst.*), artil, astúcia, manha.

**Estrophe** (*subst.*), cada uma

das partes em que se divide uma poesia.

**Exaltação** (*subst.*), fervor, entusiasmo.

**Excursão** (*subst.*), passeio, viagem.

**Expedição** (*subst.*), viagem em commum, organizada para um certo fim.

**Expedido** (*adj.*), activo, diligente, desembaraçado.

**Experiente** (*adj.*), experimentado, habil, acostumado.

**Extenuado** (*adj.*), cansado, abatido, sem forças.

**Exterminio** (*subst.*), morte, destruição.

**Extremo** (*adj.*), final, ultimo; (*subst.*), fim, termo.

**Exuberante** (*subst.*), rico; expansivo.

**Fado** (*subst.*), destino, sorte.

**Fagulha** (*subst.*), faísca, chispa.

**Falda ou fralda** (*subst.*), o sopé, a aba do morro.

**Familiaridade** (*subst.*), intimidade, sem cerimonia.

**Farnel** (*subst.*), provisão de alimentos para curta viagem.

**Faro** (*subst.*), olfato.

**Fatalidade** (*subst.*), caracter do que é fatal, do que não se pode evitar.

**Favorito** (*adj.*), preferido; o que agrada mais.

**Feira** (*subst.*), mercado publico.

**Fervoroso** (*adj.*), ardente, vehemente.

**Fisga** (*subst.*), arpão com que se espeta o peixe.

**Fluminense** (*adj.*), relativo a rio; diz-se especialmente do que se relaciona com a cidade ou o Estado do Rio de Janeiro.

**Fluvial** (*adj.*), relativo a rio.

**Fóle** (*subst.*), utensilio que serve para produzir vento.

**Fórja** (*subst.*), fôrnalha de ferreiro.

**Formidavel** (*adj.*), immenso, gigantesco, temeroso.

**Forquilha** (*subst.*), vara com pontas separadas.

**Forragem** (*subst.*), alimento para o gado.

**Fóz** (*subst.*), a embocadura do rio.

**Fragor** (*subst.*), estrondo violento.

**Frugalmente** (*adv.*), sobriamente, com moderação.

**Fulminar** (*verbo*), ferir, matar instantaneamente, como o raio.

**Galgar** (*verbo*), subir, trepar, transpôr.

**Galpão** (*subst.*), construcção formando um só vasto compartimento, com telheiro corrido.

**Garróte** (*subst.*), novilho ou boi muito novo.

**Garupa** (*subst.*), as ancás do cavallo.

**Garrucha** (*subst.*), bacamarte; pistóla grande.

**Gauchos** (*subst.*), campinos do Rio Grande do Sul.

**Gaudio** (*subst.*), alegria, jubilo.

**Gibão** (*subst.*), casaco de couro, curto, usado pelos vaqueiros.

**Globo** (*subst.*), a esphera; a Terra.

**Gradativamente** (*adv.*), gradualmente, pouco a pouco.

**Gramineas** (*subst.*), familia de plantas, á qual pertencem o milho, o trigo, o arroz e os differentes capins.

**Granito** (*subst.*), especie de rocha, pedra.

**Graveto** (*subst.*), cavaco, pedaço de lenha miúda.

**Grota, grotão** (*subst.*), gruta, cova; abertura feita pelas aguas na terra.

**Haveres** (*subst.*), bens, propriedades; fortuna.

**Horizonte** (*subst.*), extensão, ambito que o olhar abrange.

**Hospitalidade** (*subst.*), qualidade de quem é hospitaleiro, de quem hospeda e acolhe com carinho.

**Hydraulico** (*adj.*), relativo á agua; que é movido pela agua.

**Igarapé** (*subst.*), canal estreito, entre duas ilhas, ou entre uma ilha e o continente.

**Ignoto** (*adj.*), desconhecido.

**Illusorio** (*adj.*), falso, enganador.

**Implorar** (*verbo*), pedir, supplicar.

**Improvizar** (*verbo*), organizar ou acabar promptamente alguma cousa que de ordinario exige preparo demorado.

**Impulso** (*subst.*), força que produz um movimento, ou leva a praticar um acto.

**Incandescente** (*adj.*), em braza.

**Indecisão** (*subst.*), incerteza, duvida.

**Industria** (*subst.*), profissão, officio; conjunto dos trabalhos necessarios para a transformação e aproveitamento das materias primas.

**Inesgottavel** (*adj.*), abundantissimo, que não se pôde esgottar.

**Inflexivel** (*adj.*), rigoroso, tenaz; inabalavel.

**Ingenuo** (*adj.*), simples, innocente.

**Inhóspito** (*adj.*), selvagem; improprio para a vida humana.

**Inscrição** (*subst.*), distico; emblema; explicação escripta ou impressa.

**Injuriar** (*verbo*), offender, maltratar.

**Internar-se** (*verbo*), penetrar, entrar.

**Intrincado** (*adj.*), enredado, emaranhado.

**Investida** (*subst.*), assalto.

**Jangada** (*subst.*), reunião de troncos leves ligados entre si, formando uma embarcação chata.

**Jornada** (*subst.*), viagem.

**Labuta** (*subst.*), trabalho, labor, faina.

**Lapa** (*subst.*), gruta, cova, em monte ou rochedo.

**Leira** (*subst.*), canteiro; sulco na terra, onde se depositam as sementes.

**Legado** (*subst.*), herança.

**Lépido** (*adj.*), ligeiro, lésto; jovial.

**Lianas** (*subst.*), cipós.

**Lidar** (*verbo*), porfiar, combater, pelejar.

**Lima** (*subst.*), ferramenta de aço, que serve para polir, desbastar, cortar.

**Litoral** (*subst.*), costa, praia.

**Lividez** (*subst.*), cor cadaverica.  
*Adj.*: lívido.

**Lobrigar** (*verbo*), ver, entrever, perceber.

**Lóte** (*subst.*), porção que tóca a cada um, em partilha.

**Lufa-lufa** (*subst.*), grande movimento, pressa, azafama.

**Malho** (*subst.*), pesado martello de ferro ou madeira.

**Maltrapilho** (*adj.*), mal vestido, esfirrapado.

**Martyr** (*subst.*), pessoa que soffre muito, que é victima de máus tratos e torturas.

**Matalotagem** (*subst.*), provisão de mantimentos; alimentos que se levam em viagem.

**Melancolia** (*subst.*), tristeza.

**Meliante** (*subst.*), malandro, vadio, patife.

**Melopéa** (*subst.*), canto muito cadenciado, e triste.

**Mineiro** (*adj.*), relativo ao Estado de Minas Geraes; o que trabalha nas minas.

**Mineração** (*subst.*), exploração de minas.

**Minguado** (*adj.*), pouco, escasso, insignificante.

**Minucioso** (*adj.*), feito por miúdo; narrado com todos os pormenores.

**Moenda** (*subst.*), mó, moinho.

**Moirão** (*subst.*), estaca de pau ou ferro.

**Moita** (*subst.*), massiço de arbustos.

**Mólho** (*subst.*), feixe.

**Montada** (*subst.*), cavalgadura, animal montado.

**Moquear** (*verbo*), passar a carne pelo fogo; assar ligeiramente.

**Moroso** (*adj.*), lento, vagaroso.

**Mortificar** (*verbo*), affligir, torturar, magoar.

**Mugido** (*subst.*), a voz do boi; som que se assemelha a essa voz.

**Negaça** (*subst.*), engano, logro.

**Nenúfar** (*subst.*), planta aquatica, de grandes flores.

**Nivel** (*subst.*), estado de um plano horizontal.

**Novilho** (*subst.*), bezerro; boi de pouca idade.

**Obstaculo** (*subst.*), difficuldade, impedimento.

**Occurencia** (*subst.*), acontecimento, caso, circumstancia.

**Offegar** (*verbo*), respirar com difficuldade e ruido; arquejar.

**Orphão** (*subst.* ou *adj.*), que não tem pae ou mãe.

**Paiol** (*subst.*), compartimento em que se guardam provisões, mantimentos ou munições.

**Paizagem** (*subst.*), extensão de territorio que se abrange com um golpe de vista.

**Paliçada** (*subst.*), barreira, estacada, cercado.

**Palhoça** (*subst.*), choupana; casebre coberto de palha.

**Palpitar** (*verbo*), pulsar.

**Palustre** (*adj.*), relativo a pantano.

**Paradeiro** (*subst.*), lugar onde alguém está, ou parou.

**Parque** (*subst.*), terreno de certa extensão, onde ha arvoredo abundante, e que serve para recreio ou passeio.

**Patamar** (*subst.*), espaço mais ou menos amplo, no topo de uma escada.

**Paúl** (*subst.*), pantano, atoleiro, charco.

**Paulista** (*adj.*), relativo a São Paulo.

**Peão** (*subst.*), individuo que anda a pé.

**Peleja** (*subst.*), luta, batalha, briga.

**Penoso** (*adj.*), difficil, fatigante.

**Percurso** (*subst.*), caminho, trajecto.

**Peripécia** (*subst.*), incidente, episodio.

**Perito** (*adj.*), habil, adestrado, conhecedor.

**Permanecer** (*verbo*), ficar, demorar-se, aquietar-se.

**Perneira** (*subst.*), especie de polaina de couro, que abriga toda a perna.

**Pernoitar** (*verbo*), passar a noite.

**Phase** (*subst.*), período, época.

**Physionomia** (*subst.*), conjunto das feições do rosto.

**Piabanha** (*subst.*), peixe de rio.

**Pino** (*subst.*), o ponto mais alto; zenith.

**Piróga** (*subst.*), pequena canôa, feita de um tronco de arvore escavado.

**Pittoresco** (*adj.*), relativo á pintura; figuradamente, variado, accidentado, interessante, original.

**Plataforma** (*subst.*), estrado corrido, em frente ás estações das estradas de ferro.

**Poial** (*subst.*), banco fixo, de pedra ou madeira.

**Polido** (*adj.*), delicado, aperfeiçoado; bem educado.

**Politica** (*subst.*), arte de governar; conjunto dos negocios do Estado.

**Pólos** (*subst.*), as duas extremidades do eixo da Terra.

**Pompa** (*subst.*), luxo, ostentação, majestade.

**Portentoso** (*adj.*), admiravel, solemne, soberbo.

**Potreiro** (*subst.*), lugar cercado, onde se guardam os potros.

**Potro** (*subst.*), poldro, cavallo novo.

**Purpura** (*subst.*), cor vermelha.

**Prancha** (*subst.*), táboa grossa e larga.

**Precario** (*adj.*), difficil, minguaço.

**Preliminar** (*adj.*), preparatorio; que precede e prepara.

**Prestito** (*subst.*), sequito, procição.

**Probidade** (*subst.*), honra, honestidade.

**Prostração** (*subst.*), abatimento, canção, tristeza.

**Provação** (*subst.*), infortunio, difficuldade de vida.

**Providente** (*adj.*), que resolve, que dá providencias.

**Provir** (*verbo*), descender, ter origem.

**Quarto de rez**, quadril, anca.

**Ralo** (*adj.*), pouco espesso.

**Ramal** (*subst.*), linha secundaria de estrada de ferro.

**Rampa** (*subst.*), ladeira, declive.

- Rancor** (*subst.*), odio, raiva.
- Rasto** (*subst.*), pista; vestígio que homem ou animal deixa no chão, andando.
- Rasteiro** (*adj.*), que rasteja, que se arrasta pelo chão.
- Reagir** (*verbo*), resistir, exercer acção contrária; lutar.
- Rebenque** (*subst.*), chicóte.
- Recemchegado** (*adj.*), que acaba de chegar.
- Recursos** (*subst.*), faculdades, dotes, meios pecuniarios; facilidades.
- Reflexão** (*subst.*), raciocínio, meditação, pensamento. *Verbo*: reflectir.
- Refrear** (*verbo*), moderar, conter, reprimir.
- Regalo** (*subst.*), prazer, delicia.
- Regelado** (*adj.*), muito frio.
- Região** (*subst.*), porção de territorio, zona, paiz.
- Relento** (*subst.*), orvalho, sereno, humidade nocturna.
- Relincho** (*subst.*), a voz do cavallo.
- Reliquia** (*subst.*), restos respeitaveis, ruínas dignas de veneração; objecto antigo, que se conserva com respeito.
- Resentimento** (*subst.*), lembrança maguada de offensa recebida.
- Restaurante** (*subst.*), estabelecimento em que se prepara e vende comida.
- Reverberar** (*verbo*), reflectir luz ou calor; brilhar, resplandecer, reflectindo-se.
- Revezes** (*subst.*), contrariedades, difficuldades de vida, afflicções.
- Riba** (*subst.*), praia, margem.
- Ribanceira** (*subst.*), riba, margem elevada de rio.
- Rixa** (*subst.*), briga, disputa.
- Romance** (*subst.*), narrativa de aventuras imaginarias.
- Ruminar** (*verbo*), mastigar, tornar a mastigar.
- Rythmo** (*subst.*), cadencia musical.
- Safanão** (*subst.*), empurrão, puxão.
- Safar** (*verbo*), tirar, retirar, livrar.
- Salario** (*subst.*), pagamento de um trabalho ou serviço.
- Samba** (*subst.*), bailado popular do Brazil.
- Samburá** (*subst.*), cesto de vime.
- Sapê** (*subst.*), palha; folhas seccas de plantas gramineas, de que se fazem tectos para choupanas.
- Saveiro** (*subst.*), barco que se emprega na carga e descarga de generos.
- Sedentario** (*adj.*), que são pouco, que fica quasi sempre em casa, que não gosta de viajar e passear.
- Sequaz** (*subst.*), o que segue ou acompanha assiduamente; o que faz parte de um bando.
- Sequioso** (*adj.*), sedento; que tem sede.
- Séquito** (*subst.*), acompanhamento, comitiva, multidão.
- Serão** (*subst.*), trabalho á noite; reunião familiar á noite.
- Serenidade** (*subst.*), calma, tranquillidade.
- Serralheiro** (*subst.*), aquelle que faz fechaduras, chaves, e outras obras de ferro forjado.
- Serrano** (*adj.*), relativo a serra, a montanha.
- Sertanejo** (*adj.*), que vive no sertão.
- Sertão** (*subst.*), matos, campos, no interior do paiz.
- Sévo** (*adj.*), deshumano, cruel.
- Sextante** (*subst.*), instrumento

que serve para marcar os angulos e as distancias.

**Sezões** (*subst.*), febres intermitentes.

**Séssil** (*adj.*), diz-se, em Botanica, da folha ou flor, que se insere directamente no eixo.

**Sítio** (*subst.*), lugar; quinta ou fazendóla.

**Soalheira** (*subst.*), grande ardor do sol.

**Soffreguidão** (*subst.*), desejo ardente, ancia, pressa.

**Solicitude** (*subst.*), cuidado, zelo attento e carinhoso. Adjectivo: solícito.

**Sorrateiramente** (*adv.*), disfarçadamente, caladamente, á socapa.

**Soturno** (*adj.*), sombrio, tristonho.

**Suburbio** (*subst.*), arrabalde.

**Succinto** (*adj.*), breve, resumido.

**Summariamente** (*adv.*), resumidamente.

**Sussuarana** (*subst.*), especie de onça.

**Symetria** (*subst.*), disposição de partes semelhantes, collocadas de igual modo no conjunto.

**Sympathico** (*adj.*), agradável, que inspira affecto e confiança; o contrario de antipathico.

**Tactear** (*verbo*), apalpar, tocar, procurar conhecer pelo tacto.

**Tagarella** (*adj.*), falador, linguarudo.

**Taipa** (*subst.*), parede feita de ripas de madeira e barro amassado.

**Talagarça** (*subst.*), tecido de fios espaçados, em que se executam bordados.

**Tapióca** (*subst.*), farinha de polvinho puro, que se extráe da raiz da mandióca.

**Tanger** (*verbo*), tocar.

**Tapuios** (*subst.*), nome generico dos indios do Brazil.

**Temeroso** (*adj.*), que dá temor.

**Tenaz** (*adj.*), teimoso, porfiado.

**Terminantemente** (*adv.*), explicitamente, de modo claro e definitivo.

**Término** (*subst.*), termo, limite.

**Terreiro** (*subst.*), espaço de terra plano e largo.

**Tétrico** (*adj.*), triste, funebre, medonho.

**Tirantes** (*subst.*), rédeas.

**Titubante ou titubeante** (*adj.*), cambaleante, vacillante.

**Titan** (*subst.*), gigante.

**Tolda** (*subst.*), a primeira coberta da embarcação.

**Toldar** (*verbo*), embaciar, escurrecer, perturbar.

**Tortura** (*subst.*), supplicio, soffrimento, martyrio.

**Torvo** (*adj.*), sombrio, sinistro, pavoroso.

**Tosco** (*adj.*), rude, ordinario, mal feito, grosseiro.

**Tombadilho** (*subst.*), convez, tolda.

**Tóro** (*subst.*), pedaço de tronco de arvore.

**Touceira** (*subst.*), reunião de pés de canna de assucar.

**Toureiro** (*subst.*), o que lida com touros, nas touradas.

**Tráfego** (*subst.*), commercio; movimento de passageiros ou bagagens; transporte de pessoas ou mercadorias.

**Tragar** (*verbo*), engulir.

**Transeunte** (*adj.*), o que passa; viandante, caminhante.

**Tranzido** (*adj.*), repassado, penetrado.

**Trave** (*subst.*), viga, barrote de madeira.

**Trecho** (*subst.*), pedaço, porção, secção.

**Tremeluzir** (*verbo*), brilhar com luz tremula.

**Trinado** (*subst.*), gorgoeio, o canto dos passaros.

**Tribu** (*subst.*), aglomeração de famílias ou povos.

**Tripulantes** (*subst.*), marinheiros; os encarregados da navegação.

**Triumpho** (*subst.*), victoria, alegria, jubilo, apothéose.

**Trópa** (*subst.*), multidão; diz-se especialmente de grande porção de gado ou bestas de carga em viagem.

**Tropego** (*adj.*), que tropeça, que mal pode andar.

**Tropeiro** (*subst.*), conductor de tropa.

**Trova** (*subst.*), cantiga, canção.

**Tufo** (*subst.*), porção de plantas, flores, ou outros objectos muito aproximados.

**Tulha** (*subst.*), casa ou quarto onde se depositam cereaes, frutos, etc.

**Tunel** (*subst.*), galeria subterranea, por onde passam os trens.

**Turbilhão** (*subst.*), vento tempestuoso, que sopra girando. Figuradamente, tudo quanto se accumula e succede rapidamente.

**Tutor** (*subst.*), o encarregado da direcção e educação de um individuo menor.

**Ululante** (*adj.*), queixoso, lamentoso, uivante, vociferante.

**Uniforme** (*adj.*), igual, monotono.

**Urgente** (*adj.*), que não se pode adiar ou demorar.

**Usina** (*subst.*), fabrica.

**Vaga** (*subst.*), onda de mar ou rio.

**Vagar** (*verbo*), andar sem rumo certo.

**Vago** (*adj.*), indeterminado, impreciso.

**Valle** (*subst.*), espaço entre duas montanhas.

**Vallo** (*subst.*), fôssco, barranco.

**Varar** (*verbo*), furar, atravessar.

**Vareta** (*subst.*), vara delgada; cada uma das hastes do leque.

**Vargem** (*subst.*), varzea, planície.

**Vasante** (*subst.*), o refluxo da maré; o contrario de cheia ou enchente.

**Vendaval** (*subst.*), vento forte, furacão.

**Vergontea** (*subst.*), galho tenro de arvore; vara.

**Vertigem** (*subst.*), tontura de cabeça, desmaio.

**Vertiginosamente** (*adj.*), rapidamente, impetuosamente, provocando vertigem.

**Vexar** (*verbo*), envergonhar, acanhar.

**Viaducto** (*subst.*), ponte construida sobre um valle ou sobre uma estrada.

**Vigilia** (*subst.*), privação ou falta de somno.

**Vivacidade** (*subst.*), intelligencia, esperteza, enthusiasmo.

**Viveres** (*subst.*), generos alimenticios; mantimentos.

**Volante** (*subst.*), roda pesada, que serve para conservar a uniformidade do movimento nas machinas.

